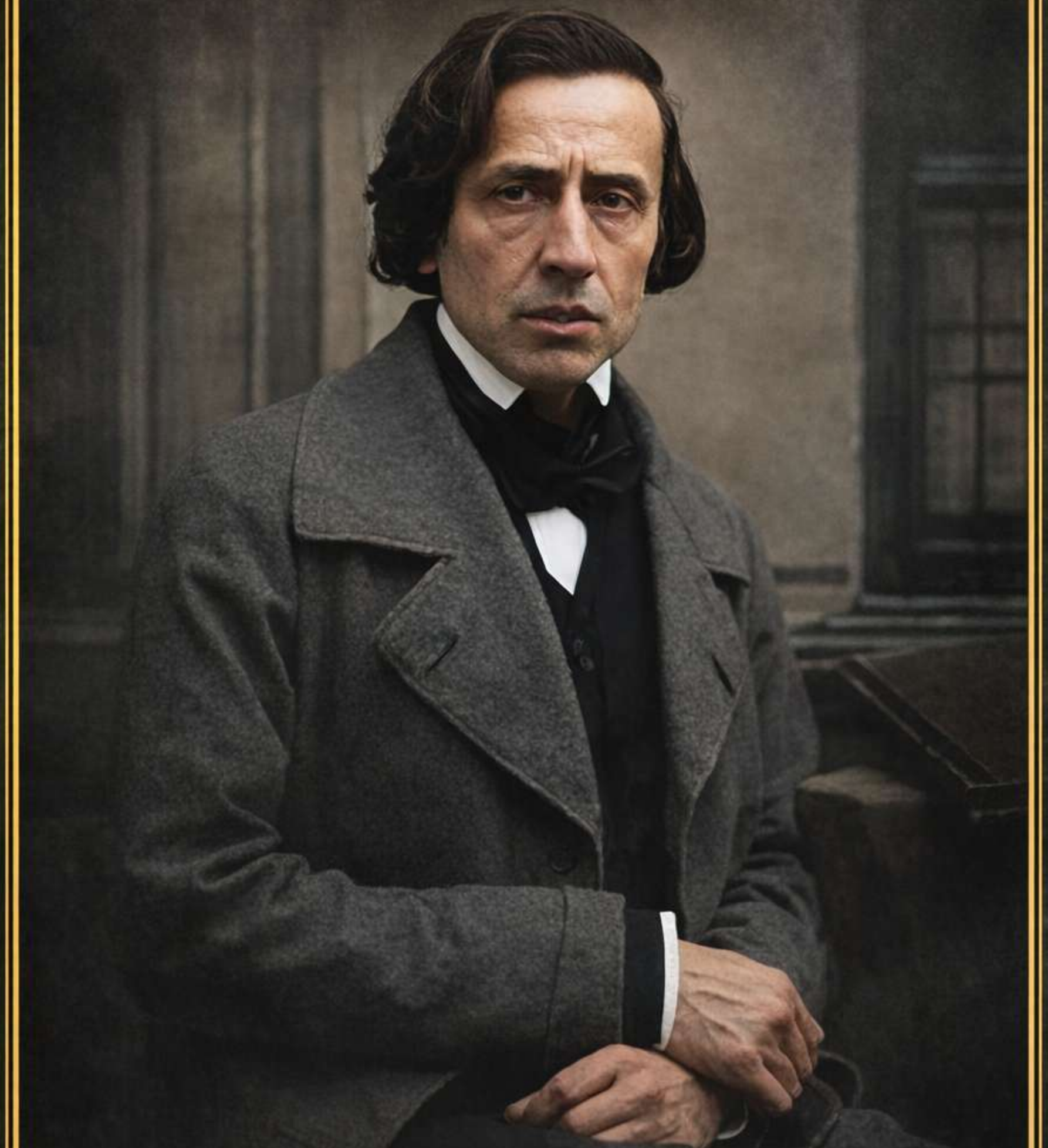
FREDERICK CHOPIN
FALA
NAS SESSÕES DE VOZ DIRETA
DE LESLIE FLINT



Tradução: Amadeu António

FRÉDÉRIC CHOPIN E O PÓS-VIDA

Frédéric Chopin nasceu a 22 de fevereiro de 1810 na Polónia, um prodígio do piano. Viveu uma vida relativamente curta. No entanto, é hoje considerado um dos eternos grandes mestres do piano e da sua composição. Famoso pelas suas obras românticas, era descrito por aqueles que lhe eram mais próximos como um homem difícil e quase assexual. Contudo, foi sempre profundamente apaixonado pela música, fosse a ensinar, a escrever ou a tocar, mesmo quando tal se tornou doloroso devido à doença que o impediu de atuar publicamente. Lutou contra a tuberculose durante toda a vida e acabou por perder a batalha em Paris, em 1849, quando tinha 39 anos.

Entrevistador: Não sei, bem, vem apenas da sua mente, do seu carácter, e por vezes ficamos confusos, mas isso é algo importante. Na verdade, enviaram-nos uma boa quantia. Bom dia. Eu sou sobretudo... hoje é outra coisa, como está a tentar fazer, sabe. Tem muita ambição, diria eu, em propagar estas provas, sabe. Construí esta máquina com um colega; você chama-lhes interessantes.

Chopin: É algo magnífico, creio eu. Apenas desejaria que fosse possível no meu tempo que assim fosse. Tínhamos isto na missa, mas depois, claro, era diferente. Não conheci nada assim, não, já foi há muito tempo. O meu nome é Chopin.

Entrevistador: Oh, Chopin. Chopin é Chopin.

Chopin: Que coisa fantástica seria ter isto para fazer gravações, música. Teria sido tremendo, digo eu, sabe, imagine só; claro que vocês têm tudo. A ciência criou memórias, as descobertas do vosso mundo mudaram tudo além de qualquer reconhecimento, as pessoas têm tantos benefícios hoje em dia. Frequentemente vemos pessoas no vosso mundo a queixarem-se da era moderna, mas ela tem tantas coisas, tantas coisas. É verdade que, em certos aspetos, têm muitas coisas que causam dano e preocupação, ou que os fazem sentir muito infelizes, mas existem compensações. Veja, estamos a contar tudo sobre si. Qual é a pergunta habitual que fazem? Como confio neles, e como me encontro, e o que estou a fazer agora?

Entrevistador: Tem perguntas para mim? Sobre como passei, como fiz a passagem?

Chopin: Quer dizer, como morri? Então... fiquei muito surpreendido. Eu provavelmente tinha muito pouco, como se diz, conhecimento. Não tinha conhecimento nem qualquer relação particular. No que diz respeito à religião, era considerado religioso, mas não muito bom, receio bem. Estive lá mal. Não tinha ideias sólidas sobre nada. Quando cheguei aqui, foi apenas uma surpresa.

Encontrei tantos amigos, pessoas que conhecera anos antes, amigos que conhecia quando era um rapazinho.

De tudo isso, apenas me lembro de que estava muito doente, deitado na minha cama. Os meus amigos, alguns dos meus amigos, estavam a ouvir. E, gradualmente, tudo parecia afastar-se cada vez mais de mim. Até que as coisas pareceram quietas; já não ouvia, pois não? Já não tinha consciência de nada. Era como se estivesse à deriva, a afastar-me de tudo, nada parecia real. As coisas que existiam já não me pareciam reais. E então comecei a ver a vida. Como se não fosse uma vida normal. Como se fosse um sonho profundo e minúsculo. Depois tornou-se brilhante, mais e mais brilhante. E comecei a ouvir canções. E era música. Começou a crescer e a tornar-se mais alta. E era como se houvesse uma velha, velha orquestra, magnífica. E eu tentei ouvir. Como se diz, tentei ouvir que melodia era aquela. Parecia haver um tema que me fascinava. E eu não poderia saber. Não, não reconheci. Não era a música a que eu estava habituado. Estava além da minha compreensão. Era muito mais profunda do que qualquer coisa que eu já tivesse ouvido.

E então pareceu que subitamente fiquei consciente de estar num edifício magnífico. Era um lugar tremendo. E todo o auditório, o lugar inteiro, estava cheio de gente. E havia uma cor magnífica. O lugar todo podia ser confundido com cores magníficas. E, no entanto, era transparente. Eu conseguia ver através desta cor. E parecia que a estava a respirar. E toda esta cor envolvia-me. E estava a tornar-se, por assim dizer... não sei como explicar isto. Era tudo tremendo. Era matéria viva. E, contudo, havia tanta beleza. E era tudo harmonioso. Era difícil, impossível de descrever.

Vejo este edifício magnífico, vivo com cor, vibração e música. Gradualmente, distingo indivíduos no meio da massa de gente. Alguns que eu conhecera. Alguns que tinham sido muito próximos de mim na minha juventude, a minha gente. Foi maravilhoso. E então a música começa. E a cor começou a tornar-se mais intensa. Mais difícil. Porque antes tinha sido tão suave e maravilhosa. E depois as cores pareceram fundir-se e tornar-se numa cor bela de... não sei como dizer, mas era como azul. Mas era um azul diferente. De todos os que alguma vez vi. Houve muitas cores. Pareceu mudar tudo. E era tudo um azul perfeito. E tudo parecia refletir-se nesta luz. E as pessoas começaram a vir em minha direção. E eu disse para comigo mesmo: amei e amei e amei. E quantos indivíduos me acolheram.

E eles mostraram-me, gradualmente. Não sei como o fazem, mas gradualmente foram capazes de iluminar a minha mente, suponho. E eu conseguia ver além das paredes deste edifício; parecia que, se eu me movesse com eles numa só massa a partir daquele edifício, as paredes pareciam desaparecer. E eu estava num lugar magnífico, que era como os terrenos de uma casa magnífica. Mas eu conseguia ver ao longe uma casa maravilhosa. Bela, com terraços. Cores belas. E um lago cheio à frente desta casa. Lembrou-me um

pouco de um signo. Encontrá-lo-ão nos nascimentos. Os animais, vi alguns. Ao longo de uma grande avenida, árvores. Eu parecia estar a passar por estas pessoas ao meu redor. Por vezes sinto como se estivesse a ir a algum lado, como se fosse ser ouvido, não sei. Mas essa foi a impressão. Estava a ser transportado para este edifício.

E lembro-me de que, ao chegar lá, havia muitos degraus. E pensei para comigo: "que quantidade de degraus para subir". E não me lembro de o pé tocar no degrau de todo. Ou era como se eu fosse transportado um a um. E, no entanto, não era necessário qualquer esforço. Essa foi uma das coisas que mais me impressionou. Senti que nada era um esforço. Ao passo que, no tempo em que estive na Terra, tudo o que tinha de fazer exigia tal esforço, era terrível. Não conseguia fazer grande coisa durante muito tempo. Tinha de descansar. Mas aqui sinto-me tão leve, tão diferente, tão cheio de vitalidade. Nada era um esforço. E, no entanto, na minha mente, ao ver aquele degrau enorme, pensei: "oh, que quantidade de degraus para subir". Era ainda, suponho, a vitalidade da minha Terra.

Lá, comecei a perceber que já não era afetado pela doença ou por problemas com o meu corpo. Era um corpo diferente. Mas eu não o tinha visto. Sentia que era diferente. E estava ansioso por ver como era a minha aparência. É estranho como pensamos nestas coisas. E pensei: "ah, sinto-me diferente. Já não tenho esforço nenhum. Pergunto-me se pareço diferente". Nesta fase, começo a perceber que a mudança se deu em mim. E, ao chegar a este patamar, subo e subo os degraus. E chego a um grande edifício que vira à distância. À minha frente, havia um grande pátio. Com um enorme arco. E atravesso este arco. E sigo em frente para dentro deste edifício. E era enorme, com tetos muito altos. E o chão era como se fosse pedra bela, mas altamente polida e de muitas cores. E havia belos quadros de pessoas por todo o lado. E olho à medida que avanço. É como se estivesse a ser dirigido. Contudo, ninguém me mostra o caminho. Mas eu pareço saber por que caminho tinha de ir.

E enquanto percorro esta grande sala, esta galeria, vejo estes quadros. E pensei: "esta pessoa, creio que a conheço". E reconheço várias pessoas nestes quadros que tinham feito a passagem há muito tempo. E penso que há espaço. Ainda não percebo totalmente tudo o que me aconteceu. De qualquer modo, vou andando e, por fim, chego a uma sala muito grande. E vejo muitas pessoas. E no fim desta sala havia algo como uma divisão em anfiteatro. No topo, degraus pequenos. E então, vi a figura de um homem. E ele estava vestido com vestes belas, um manto de ouro e púrpura. E o seu cabelo era belo. Era preto azeviche, muito ondulado e cortado curto até ao ombro. E ele tinha belos olhos castanhos, grandes e luminosos. E eu disse: ele está na presença de alguém muito importante, um ser maravilhoso. E aproximei-me. E senti-me como se estivesse a ser recebido, como se fosse por um Papa ou algo parecido.

E esta pessoa veio à frente e cumprimentou-me, acolheu-me e disse-me que eu tinha sido trazido para esta esfera de miséria. E que aqui seria a minha casa, um anfitrião, que me estava a acolher em nome de todas estas pessoas, e que me seriam mostrados os arredores e seria apresentado a várias pessoas. Mostrar-me-iam a minha casa, que seria nos terrenos deste palácio. E ali eu continuaria a fazer música e a estudar. Era como se eu estivesse a ser iniciado numa grande sociedade que, claro, de certa forma era; era uma sociedade de artistas e músicos. Conheci todas as grandes pessoas, os meus netos, tanta gente que tinha sido grande, Cellini, muita gente.

Sabe, o que é extraordinário é que não sabemos nada sobre nós mesmos, mas somos simpáticos. Somos muito profundos, como se diz. Há algo que, de certa forma, é importante: não nos é permitido saber demasiado, talvez seja sensato. Sabe, conheci pessoas deste lado agora. Isso era tão sério comigo quando eu estava na Terra, numa encarnação anterior. Lembro-me de há muito tempo, quando estava na Terra, costumávamos discutir a possibilidade da reencarnação. Não era uma teoria popular, não era algo considerado importante. As pessoas não discutiam isto. As pessoas que conheço são religiosas, ou não religiosas; tinham aceitado o Cristianismo completamente como lhes tinha sido ensinado ou não eram de todo religiosas, eram homogenias, ou judeus ou algo assim. Mas depois havia grupos em Paris, sabe, em que eu estava interessado em todos estes "ismos", todas estas coisas ocultas; estava interessado até certo ponto, mas não tive muito tempo para me aprofundar nisso. Sabe, não participei muito, mas os meus amigos em Paris costumavam discutir estas coisas.

Mas agora sei que todos eles não são almas novas. Gostamos, talvez por vezes, de pensar que somos almas novas. Gostamos de pensar que nascemos e depois morremos, e que vivemos novamente numa esfera mais elevada e estamos com Deus. É demasiado simplificado, mas a vida é muito mais difícil num sentido, mais complexa, o que eu acho que a torna muito mais interessante. Estivemos cá muitas vezes, antes de eu descobrir; vivi muitas vezes, de formas diferentes. Vê, a minha vida, como a de algumas pessoas, tem sido uma progressão de estágio em estágio, de mar em mar, e por vezes tem sido necessário regressar. Tenho de ganhar mais conhecimento, ou fazer algum trabalho especial, sabe, ou encontrar algumas pessoas para as ajudar no seu desenvolvimento. Não sabemos o quanto contribuímos, uns para os outros.

Chopin: — É fundamental percebermos que não vivemos sozinhos; vivemos uns pelos outros, para os outros e uns nos outros. Somos todos o mesmo espírito, habitando corpos diferentes, e estamos todos a contribuir com algo, uns para os outros. Na minha vida, na minha última encarnação, dei o meu contributo na música, mas noutras vidas contribuí de outras formas. Não lhe posso contar tudo isto agora, mas sei que quanto mais velhos, mais progredimos, e é essencial aprendermos através da experiência. O mundo terreno é uma escola na qual nos é permitido aprender e também contribuir para a aprendizagem alheia; por vezes, somos vistos novamente como mestres.

Agora terminei com a arte do ponto de vista... quero dizer, da forma como o corpo físico a vê. Mantenho a ligação porque sinto que posso ser útil. Tento também ajudar vários músicos no vosso mundo que estão a lutar, que se esforçam, que têm talento e que penso que talvez possam vir a ser grandes, na medida em que podem contribuir muito para a vida, para a beleza da vida. E também, claro, tentamos através da música sugerir e dar algumas impressões e ideias que talvez não pudessem ser postas em palavras; a música diz por vezes mais do que as palavras.

A religião é algo que está profundamente dentro de cada um; há muitas coisas que não se podem pôr em palavras, não se podem descrever, não se podem ler numa parte; as pessoas não sabem como descrever o âmago. A verdadeira religião é algo que vem da alma e do homem interior, que não pode ser descrito ou analisado. É algo que se faz, que exprime aquela parte de nós que é divina, que é Deus; algo que não pode ser destruído, que é eternamente vivo. Através de toda a humanidade, através do tempo, esta é a verdadeira religião, esta é a verdadeira realização, este é o verdadeiro desenvolvimento da alma e a sua compreensão. Não é algo que algumas pessoas pensam que se pode pôr num livro, sendo esse o princípio e o fim, e que nada existiu antes ou depois; isso é a ignorância que faz as pessoas dizerem tais coisas. A verdadeira religião, a verdadeira compreensão da religião, a verdadeira realização de si mesmo e da sua unidade com o divino e com o plano público — todas estas coisas estão além do espaço e do tempo, além dos livros, além do que o homem pode dizer; são coisas que, em si mesmas, estão profundamente escondidas no interior, mas que podem ser expressas com o tempo e a experiência. Não o podemos fazer tudo numa só vida ou numa só era.

Entrevistador: — O uso que dão à música deve chegar para fazer compras nalgum lado, não é verdade? Bem, de certa parte dela eu não gosto, e de outra não desgosto. Penso que há muitos aqui e ali a tentar sugerir, a tentar reproduzir coisas que são, em muitos casos, muito mais um produto da época. A música muda, embora haja um número limitado de notas; é espantoso o que se pode fazer com elas. Pode-se reproduzir muitos sons e experiências da alma interior, e pode-se reproduzir também muito da condição de uma vida ou da experiência de uma era.

Chopin: — Não gosto da maior parte da vossa música moderna, mas, no entanto, respeito alguns que são sinceros e se esforçam por reproduzir algo que sentem intensamente, o que representa para eles o seu tempo e a sua era. Isso tem música verdadeira, música grande. É algo que está além do vosso mundo. Brota do aspeto espiritual do homem, da perceção da grandeza da unidade com o divino. A grande música é algo que nasce no espírito e é reproduzida, talvez muito mal, no vosso mundo. Os grandes génios da música, seja de que época forem, estão apenas a reproduzir certos aspetos do "eu" superior através do som.

A aspiração do homem... ia dizer que isto é algo importante. Sim, não é muito diferente da Terra, diria eu.

Muito mais avançado, claro, é muito diferente. Por exemplo, temos muitos incidentes que vocês não percebem. Além disso, no plano superior, num plano de nível muito elevado, podemos criar música, ou esse exemplo, pelo mero esforço do pensamento. O pensamento é criativo. Um grande músico, por exemplo, pode completar e ver toda a obra sem o uso de qualquer instrumento. Ele pode, por assim dizer, criar todos os sons dentro de si mesmo. Consequentemente, aqueles que estão sintonizados com os seus pensamentos e com ele próprio ouvirão a reprodução daquilo que o compositor criou.

Sabe, vocês tornaram-se muito naturais, mesmo num mundo material, e é difícil para vós compreenderem o contrário; habituaram-se a que tudo tenha de ser material. Precisam de uma pá para cavar um buraco, precisam de um corpo para tocar um concerto. Mas o ponto fulcral é que estes instrumentos são, em si mesmos, mecânicos. São coisas que foram construídas e controladas pelo homem para criar certas coisas para certos fins. Aqui, percebemos que o pensamento é tão real que, se soubermos como usá-lo, controlá-lo e fazê-lo, ele torna-se algo fundamental e poderoso; pode-se criar algo sem o auxílio de um instrumento. Pode-se criar a partir do interior, pode-se vibrar a harmonia e a atmosfera, pode-se criar música sem instrumento. Afinal de contas, vocês pensam antes de falar; o vosso pensamento está lá antes da palavra, antes do som. E aqui, esse pensamento pode ser percebido por aqueles que estão em harmonia connosco, na nossa vibração.

Afinal de contas, podem fechar os olhos e haver escuridão, e ainda assim podem ver imagens. Podem reconstruir ou construir coisas na vossa própria imaginação. Alguém já respondeu à pergunta: "o que é a imaginação?". Ela é a realidade daquilo que imaginam, que é muitas vezes mais real do que aquilo de que estão conscientes. O homem no vosso mundo, de certa forma, embora tenha os pés no chão, em muitos aspetos ainda é tremendamente ignorante do poder do espírito e do poder que é profundo; ele não pensa nisso. Isto tem de vos ser dito agora, e deveria estar aberto para vós, mas poucas pessoas se dão ao trabalho de saber. Contentam-se com o que lhes foi dado. Muitas vezes, aqueles que estão mais ansiosos por ver e saber estão na ignorância, porque não percebem o poder que reside dentro de si mesmos. Contentam-se, em muitos casos, em aceitar o que lhes foi ensinado ou o que leram, e não procuram por si mesmos. Não sabem. Há muitos no vosso caminho que são muito bondosos, pessoas muito boas, muito honestas, muito felizes, mas são muito infantis.

Entrevistador: — Creio que é uma pergunta um pouco tola, mas qual foi a sua impressão de um piano quando viu pela primeira vez o que há do outro lado?

Chopin: — A minha impressão de um piano aqui nunca muda: senti que estava em casa. Suponho que porque, sem um piano, eu era uma pessoa perdida.

Mas quando encontrei um piano aqui e pude tocar, fiquei feliz. Bem, a diferença é fácil de conhecer. Não, parece exatamente o mesmo, mas ao mesmo tempo parece ter um tom mais rico, mais belo, e não parecia tão restritivo ou limitado como parecia sem isso. Mas, claro, isto foi apenas nas fases iniciais da minha vinda para aqui, para me fazer sentir feliz, para me fazer sentir em casa. Mas, gradualmente, à medida que comecei a perceber as possibilidades e capacidades aqui, comecei a emergir, poder-se-ia dizer, e a tornar-me capaz de fazer coisas maiores.

Repare, nós limitamo-nos pela falta de conhecimento; à medida que ganhamos conhecimento, tornamo-nos menos limitados, e aquilo que começamos a fazer torna-se mais possível e, consequentemente, torna-se muito maior. Oh, é maravilhoso. Não percebe o quão maravilhoso é? Este mundo não tem limitações, apenas as limitações que nós próprios impomos; nada é impossível. Tudo o que é bom é possível e torna-se maior por causa da nossa luta. Sabe, o vosso mundo é restritivo, mas apenas porque o homem o fez assim; na sua ignorância ele não vê, não percebe as capacidades e as possibilidades no vosso mundo. Ele limita-se pelo pensamento e pela ação material e, em consequência, sofre. Mas não há limite para o que o homem pode alcançar se procurar profunda e certamente aquilo que vem do espírito. Essas coisas que parecem ser restritivas não o são; não há nada impossível se o homem tiver fé no Criador. Estou muito feliz por poder vir aqui falar convosco. Estou feliz por poder vir aqui.

DIFICULDADES E APERFEIÇOAMENTO

7 de Maio de 1956

Chopin aqui fala acerca daqueles que sobre ele escrevem, e Rose Creet fala-lhe do livro de Wodzinski. Chopin refere que vive só no Além mas que se acha mentalmente ligado a muita gente. Mais tarde discute as limitações do piano, mas explica como podemos criar sem limites nos domínios espirituais...

(Música)

Flint: Tenho que fazer alguma coisa de definitivo àquela luz. Não reparei nela antes, e tu, reparaste?

Rose Creet: No quê?

Flint: Nunca notei aquilo antes.

Creet: Ah, foi esteve assim.

Flint: Pois - é em definitivo a chaminé.

Creet: Bom, espero que sejam capazes de se manifestar.

Flint: Eu espero que sim.

Mickey: Será preciso mais do que isso para me impedir.

Creet: Também acho que sim, querido. O bom velho Mickey, o “guerreiro”.

(Param a música)

Mickey: O quê?

(Rose Creet ri)

Mickey: Guerreiro?

Creet: Nada detém um guerreiro.

Mickey: Bem, não diria que seja um guerreiro.

Creet: Uma espécie de guerreiro.

Mickey: Se eu sou um guerreiro, tu és uma aflita.

Creet e Flint riem.

Flint: (Tosse)

Creet: Mickey?

Mickey: Sim.

Creet: Que me dizes do Rudolph Valentino se ter mostrado ontem ao Mamoose (Flint)?

Mickey: Pois é, foi só para vos mostrar o que conseguimos fazer.

Creet: Eu sei.

Mickey: Na noite passada, no cinema, como vós lhe chamais, estava escuro o que era conducente ao fenómeno, por causa da atenção que lhe estavam a prestar na tela e o interesse que lhe estavam a dirigir. E como era aniversário, suponho que tudo tenha conduzido justamente a isso.

Creet: Mmm.

Flint: Quisera poder tê-lo visto de uma forma mais distinta, Mickey. Por outras palavras, se ele tivesse ficado um pouco mais de tempo.

Mickey: Bem, foi só para lhe dar uma ideia. Em todo o caso, há mais por detrás dessas coisas do que pensam.

Creet: Ele hoje andará por aí?

Mickey: Não.

Creet: Não nada?

Mickey: Não.

Creet: Então está aqui às Quarta-feiras?

Mickey: Por vezes.

Creet: Porque será que ele não vem e fala connosco? Com o Mamoose, pelo menos?

Mickey: Há uma razão para isso. Mas sempre tens que saber das razões de tudo, não é?

(Flint ri)

Creet: Eu gosto de conhecer a razão, querido, por nos elucidar quanto à razão das coisas, sabes.

Mickey: Pois. Mas há uma boa razão para isso. Ele virá quando se sentir inclinado a vir.

Creet: Quando se sentir inclinado a vir... ou quando pensar que precisa vir?

Mickey: Quando há algo de importância vital a dizer. Mas precisas ser paciente, Rosie.

Creet: Não é por mim, querido é...

Mickey: Eu sei que não é por ti, mas há razão para não te contar tudo.

Creet: Bem, só posso perguntar, mas se não me puderes contar só precisas dizer "Não, lamento mas não te posso revelar isso."

Mickey e Creet desatam a rir.

Creet: Só perguntando poderemos aprender as coisas...

Mickey: “Pede e receberás.”

Creet: Pois é! Que é que isso tem? (Ri) Vá lá! (A rir)

Chopin: Há muita coisa que te podemos revela-te...

Creet: Ah! Frédéric!

Chopin: Mas é bem verdade. Se tu soubesses de tudo isso não seria bom. Há certas coisas que preferimos não te contar. Por vezes gostamos de te deixar a adivinhar.

Creet: Mas porquê, Frédéric?

Chopin: Bem, há muito boas razões que na altura talvez não percebas, mas que passado um tempo se evidenciam, sabes. Da mesma forma que nem sempre é bom que saibas certas coisas antecipadamente.

Isso destrói o elemento surpresa e além disso nem sempre nos é possível termos a certeza de podermos fazer certas coisas a que nos entregamos de corpo e alma, e nós não gostamos de fazer promessas e depois desapontar-te, sabes.

Creet: Esse é o seu elemento terrestre a evidenciar-se. Quando você estava na Terra, você era uma caixinha de surpresas para todos.

Chopin: Bem, claro, minha música é cheia de surpresas...

Creet: Sim, eu sei.

Chopin: ...e a minha personalidade... Eu recordo muita vez, quando tinha que compor certas coisas. As pessoas têm a ideia, quando tocam pela primeira vez, sabes, quando os primeiros bares começaram...

Creet: Sim!

Chopin: ...e então, de repente, algo saiu do nada: diferente, absolutamente diferente, que as pegou de surpresa. Elas dizem: “Ah! Quem teria pensado nisso? É a forma é... tudo é diferente, sabes. Eu gosto... muitas vezes, eu toco uma coisa muito doce e muito bonita, sabes, que as deixa animadas e, de repente, zás!'

Creet: Fogos-de-artifício!

Chopin: Sim.

(Creet ri)

Chopin: (Ininteligível)... fazer algo de extraordinário.

Creet: (Ininteligível)

Chopin: Eu procuro nunca fazer o óbvio. Deixo isso para os outros compositores.

Flint e Creet riem.

Creet: Ah, mas ele está certo, sabes. Ele está bem certo.

Chopin: Eu compus um grande número de peças em diferentes momentos, sabes, que não cabiam no meu... como é que eu digo, no meu padrão. Eu penso: "Ah, não, deixa essa coisa. Não. Eu destruo-a, não gosto disso. Eu preciso refazer isto de novo."

Eu trabalho, e trabalho e depois penso: "Não, a ideia original não era boa, descarta-a," sabes, e então, talvez, muito tempo depois, eu penso: "Eu lembro, acho que aquela coisa em que penso onde eu consigo... " sabes... eu tento de novo e construo de uma forma diferente.

Creet: Ah sim, sim, eu li... Eu li sobre tudo isso.

Chopin: Eu sei. Bem, as coisas que tu lês sobre mim, não?

Creet: Pois.

Chopin: Bem, algumas delas estão completamente erradas.

Creet: Alguns delas, suponho que estejam.

Chopin: Sim, algumas coisas estão certas, mas eu tenho um enorme prazer, sabes, com toda a discussão, que por vezes eu tenho com aqueles que têm a intenção de escrever sobre a minha vida, sabes. Eu penso comos meus botões: "Ah, espera até vires para aqui, meu safado," sabes, e eu castigo... castigo-os, sabes.

Creet: Ai sim?

Chopin: Bem, eu tenho-o feito.

Creet: Bem quem? Quem foi que já castigou?

Chopin: Mas eu aprendo com os anos, como vocês dizem...?

Creet: Quem?

Chopin: Eu aprendi a ser um pouco mais discreto. Mas às vezes acho difícil travar a minha língua.

Creet: Você conhece o livro que eu estou a morrer por encontrar e não posso por não estar traduzido? O do conde Wodziński.

Chopin: Por que é que não consegues?

Creet: Eh?

Chopin: Por que é que não consegues?

Creet: Bem, por estar escrito em Polonês.

Chopin: Bem, mas pode traduzi-lo.

Creet: Mmm, não estou certa.

Chopin: Ah, achas que não...?

Creet: Eh?

Chopin: Eu não sei. Vocês têm livros que chegam. Afinal, posso contar muito mais do que os livros.

Creet: Ah, pode? Eu não acredito.

Chopin: Você... ora, eu já te conheço! Está a tentar levar-me a dizer certas coisas.

(Creet ri)

Chopin: Pensas contigo própria: "Ah, dei-lhe coragem para enfrentar o desafio. Conta algumas coisas, vá lá. Conta-me lá." Mas eu não sou idiota. Não esqueças que eu já te conheço.

Creet: Ah. O quê?

Chopin: Não te esqueças que eu já te conheço há muito e tu não mudaste assim tanto. Em alguns aspetos és muito parecida, sabes.

Creet: Sou?

Chopin: Oh! Mulheres. Não acho que as mulheres mudem muito de uma geração para a outra. Eu acho que os homens sim, mas não as mulheres.

Creet: O que é?

Chopin: Eu não sei. Eu acho que elas têm demasiado... bem...

Creet: As mulheres supostamente são quem muda, sabe?

Chopin: Ah, mudam em certos aspetos, mas fundamentalmente eles são as mesmas que eram há 2000 anos atrás ou mais.

Creet: (A rir) Este... de Wodziński é... "Les Trois Romans:" os seus três romances.

Chopin: Que é que têm?

Creet: Mmm? Esse é o livro que eu queria pegar.

Chopin: Ah! Três romances! Eu tive mais de três.

Creet: Você teve mais... mas esses três foram os principais.

Chopin: Isso é o que o público pensa.

Creet: Então conte-me sobre todos os outros, Frédéric.

Chopin: Não, eu não tenho intenção de passar do meu passado sujo em revista.

Creet e Flint riem.

Creet: Você vê-as por aí agora?

Chopin: Às vezes.

Creet: Ai sim?

Chopin: Mas não estou a viver com nenhuma pessoa.

Creet: Não está?

Chopin: Não.

Creet: Você está a viver sozinho.

Chopin: Não. O que eu quero dizer é que não estou com nenhuma mulher.

Creet: Oh, estou a entender. Agora não pode estar com nenhuma mulher, não é?

Chopin: Queres dizer que nenhuma mulher aguenta estar comigo.

Creet e Flint riem.

Creet: Você já tentou, Frédéric?

Chopin: Não, não pretendo tentar.

Creet: Não pretende tentar? Mas você...

Chopin: Não. Estou muito feliz livre.

Creet: Livre?

Chopin: Mas não me entendas mal. É que eu faço piada de tudo, mas o que tento transmitir é que aqui, graças a Deus, não há o dar e receber do casamento.

Creet: Não? Não é uma maravilha?

Chopin: Somos todos - pelo menos, quando digo "todos" - todos nós que estamos num único plano ou ambiente, em harmonia... mas não há nenhum aspeto físico ou material como casamento. Aqui é um casamento da mente e do espírito. É algo completamente diferente. Eu não consigo explicar por palavras. Mas eu sou livre e ainda assim estou, de certo modo, ligado a muitos, sabes.

Creet: Ai sim?

Chopin: E não há mesquinhez, nem amargura, nem ciúme; apenas amor, compreensão e tolerância.

Creet: Não é maravilhoso, Frédéric?

Chopin: E um músico como eu pode trabalhar em paz.

Creet: Pode?

Chopin: Oui. Trabalhar em paz.

Creet: Eh?

Chopin: Trabalhar em paz. Não tenho distrações; embora muitas vezes das distrações que tinha na Terra me vinha melhor música, mas isso é outra história. Existe uma vasta diferença entre a música que é composta na Terra - por mais maravilhosa que seja - e aquela que é composta aqui.

Aqui podemos ver o reflexo, por assim dizer, como olhar-nos no espelho da humanidade, e podemos compor ou criar ou recriar exatamente o que vemos e o que sentimos sem ter que tocar, de certo modo, no original, estás a entender? Como quando te olhas no espelho, e vê tudo refletido numa sala perfeitamente...

Creet: Sim.

Chopin: ...mas não precisamos fazer parte do que vemos no espelho.

Creet: Ah, entendo.

Chopin: Nós vemos o mundo e todas as pessoas como num espelho, tudo; torna-se-nos claro, mas estamos separados do que vemos. Nós somos o outro lado do espelho, vendo tudo e ainda assim sem sermos contaminados ou influenciados por isso. Por exemplo, quando eu venho aqui para falar contigo ou para manifestar - como espero fazer de outras maneiras em breve - a minha volta não está de forma alguma a afetar-me enquanto pessoa, nem o meu trabalho ou os meus interesses. É algo que é importante, mas que não é de forma alguma ruim nem me pode afetar.

O infinitesimal período de tempo que passo na Terra aqui contigo é tão diminuto no próprio tempo, que não tem qualquer consequência, exceto que eu gosto de vir. Eu gosto de estar de serviço e tentar ajudar; acho-o bom. Por tu poderes ajudar através da minha vinda, assim como outros, ajudar e influenciar o vosso mundo.

É difícil explicar exatamente, mas se conseguires puder perceber que podemos fazer parte do vosso mundo sem estarmos nele e sem sermos afetado por ele, terás uma vaga ideia. Mas podemos influenciar o vosso mundo, ao passo que o vosso mundo não pode realmente influenciar o nosso. O único efeito que o vosso mundo pode ter é nas esferas inferiores, que se encontram mais próximas da Terra e, em consequência, quase fazem parte dela. Na verdade, elas se fundem, poder-se-ia dizer.

Creet: Pois. Entendo.

Chopin: Fiquei um pouco desapontado por não poderes vir falar comigo no fim-de-semana, mas entendo a razão.

Creet: Ah, no fim-de-semana?

Chopin: Oui.

Creet: Bem, eu não... eu acho, uh... bem, o Mamoose tem que ter um sábado de folga, sabe, Frédéric. Ele trabalha...

Chopin: A propósito, a minha música não se enquadrou nesse filme.

Flint: O quê?

Creet: A minha música... a sua música?

Chopin: Ah, eles usaram um excerto da minha música para uma parte desse filme e eu pensei comigo mesmo: "Ah, o homem não faz ideia nenhuma."

Flint: Hah!

Creet: Ai sim?

Flint: Ah, céus!

(Creet ri)

Flint: Eu acho que ele usou uma gravação de... hum...

Creet: Oh, pobre Chopin! (A rir)

Chopin: Ah, eu não me importo, mas hmm... foi divertido.

Creet: Mas Frederik, ele viu... ele viu o Valentino.

Chopin: Eu sei, eu estive igualmente aqui, ontem à noite. Pensei que tu talvez também aqui estivesses, mas hmm, estavas no andar de cima.

Creet: Pois.

Chopin: Eu venho, ocasionalmente, a este apartamento...

Creet: Sim.

Chopin: Às vezes eu venho aqui para ver se tu estás aqui, mas se não estiveres aqui, eu subo.

Creet: Você é muito forte, eu espero que você seja muito...

Chopin: Não, eu gosto de te fazer sorrir. Eu gosto de ver o teu rosto iluminado e ver os teus olhos brilharem e gosto de te ver feliz, por eu saber que

no vosso mundo, a felicidade é uma coisa muito rara. As minhas experiências, que foram tantas nos últimos anos da minha vida...

Creet: Hmm.

Chopin: ...Percebo que a felicidade é algo tão fugaz que agarrar-nos a ela o máximo que pudermos é muito precioso.

Creet: Você não tem ataques de depressão nem nada assim, como costumava ter?

Chopin: Não. Tudo isso é passado.

Creet: Está acabado?

Chopin: Mas lembra-te...

Creet: Sim?

Chopin: ...que qualquer artista, ou até mesmo, digamos, um artista mais pobre, não poderia ser um artista sem o efeito da infelicidade do vosso mundo. Sabes que é uma coisa extraordinária, nós deste lado estamos sempre a orar, estamos sempre a contar com a felicidade da humanidade e é verdade que todos nós estamos a trabalhar para isso.

Mas, apesar disso, às vezes me interrogo se, da felicidade perfeita que esperamos que exista no vosso mundo, virão as grandes obras. É claro, suponho que estou a abordar isso de um ponto de vista estranho, mas, hmm, eu só penso em mim e penso apenas noutras pessoas que conheço - e as suas maiores obras foram frequentemente compostas nos seus momentos mais infelizes e tristes.

Creet: Pois.

Chopin: Mais uma vez, às vezes a tristeza tem uma certa doçura, que chega mesmo a ser tão importante quanto a alegria infinita. Mas suponho que aqui é que podemos sentir ou podemos ter consciência de todos os modos e condições contraditórias da humanidade, e que podemos reagir de acordo e compor ou fazer o que for preciso, num sentido artístico e depositá-lo no nosso trabalho e, ainda assim não sermos afetados por isso - isto é, não temos que o suportar. Eu acho que é, que se deve olhar para a Terra como uma vida de experiência, não importa o que ela possa conter ou trazer ou não importa o que possa ter para nós, que entretanto é importante.

Eu sei que tu estás constantemente a dizer a ti própria: “Ah, esta é uma existência desperdiçada” e eu sei exatamente como te sentes, como tu pensas e como, nos teus momentos de tristeza e de pesar, sentes teres sido enganada e que

a tua vida tenha sido desperdiçada, mas eu não vejo assim. Eu sei de um ponto de vista artístico, de um ponto de vista musical, seja assim, mas eu não vejo a tua vida como tu a vês.

Eu sei que é difícil para ti; ainda existes no mundo, ainda estás a viver a tua vida, ainda estás a desempenhar o teu papel no mundo... mas a questão está em que eu percebo que isso foi necessário, numa medida de que não tens conhecimento. Porque quando para aqui vieres, virás para aqui completamente experiente e poderás ver com clareza, muita da razão que fez com que a tua vida fosse como é. Tu tinhas que ganhar experiência, tinhas que acabar por completo com o mundo.

É essencial que uma pessoa venha para aqui e que saiba que a sua existência terrena está acabada de vez; não há necessidade, não há propósito algum em voltar a ela, passar por muitas coisas uma e outra vez.

É verdade que algumas pessoas retornam muitas vezes, como de facto tu tens e eu e outras almas têm feito. Mas chega um ponto em que nós... é como se nós... tivéssemos uma laranja e a apertássemos, apertássemos e apertássemos e tudo saltasse para fora - todo o suco e tudo e não houvesse mais nada a não ser a casca; é inútil, não tem mais vida, acabou. E é assim que muitas pessoas... são constantemente como laranjas que foram espremidas e espremidas até doer. E, ainda assim, disso vem toda a bondade e essa bondade é envolvida, e por aqui, percebemos que era essencial ser, de certo modo, como a laranja; ser espremido e sucado até que não reste mais nada, senão a casca - e esse é o corpo que está acabado e que morre.

Mas o espírito, a essência, a vitalidade, a vida; a parte importante do homem - a alma - eleva-se para se tornar uma alma aperfeiçoada e angélica. É tão difícil quanto isso, mas quero que saibas que, apesar de tudo, apesar de todas as desilusões e infelicidades, apesar de todos os momentos que tenham sido importantes para ti e das alegrias que te prenderam por um curto espaço de tempo, tempo - de todas as condições de vida como a conheces - tu emerges e surges triunfante. E isso é o importante.

Porque então vens para aqui, com pleno conhecimento de teres sido testada e não te será apontada qualquer falta, por teres deixado para trás para sempre tudo o que é rude e a materialidade da Terra e o espírito aperfeiçoou-se, até certo ponto, para poder passar adiante, e aprender e absorver todas as belezas de uma vida eterna com tudo o que ela reserva - e, especialmente no teu caso, como no meu e no de muitos outros, a música desempenha um papel vital e importante.

A música aqui é de tal forma formidável em si mesma que, quando eu chego à vossa Terra e tento encontrar palavras para a descrever, não consigo. Quando ouço a tua música, eu aprecio-a, pois sei o que está por trás disso e sinto e entendo, porventura, mais do que uma pessoa comum pode perceber no vosso

mundo quando a escuta, por eu estar "em contato" com a música, com o compositor e a sua conceção da vida e das coisas que são vitais e importantes.

Mas mesmo assim, a mim parece-me... bem, não vazio, não posso dizer isso, mas como que inacabada. É algo que não está verdadeiramente formado, não se acha completo - não é vazio, mas falta-lhe algo. Porque aqui, nos mundos espirituais existe tal ambiência musical de tremenda beleza e poder, que tudo o que pudermos ouvir no vosso mundo - por mais bonito que seja para os vossos ouvidos e, até certo ponto, para os nossos, ainda é apenas, digamos... bem...

Creet: Bem, é claro que as vibrações são completamente diferentes no seu lado, do que são aqui...

Chopin: Mas tu entendes, o escopo no vosso mundo é tão pequeno.

Creet: Sim.

Chopin: Aquilo que o ouvido humano consegue ouvir é, de facto, um aspeto muito limitado da música; há tanto que se encontra além do vosso alcance. Aqui há a possibilidade de um alcance tão formidável, que qualquer músico quando chega aqui, quase se sente desnorteado. Eu sei como isso me afetou quando cheguei aqui. Foi de tal modo magnífico, tão... bem, abrangente, na medida em que apresentava tremendas possibilidades; percebi então que, pela primeira vez, eu poderia realmente me tornar um músico. Na Terra eu costumava sentir-me descontente.

Eu costumava sentir: “Ah, que poderia eu fazer com isto? Eu não posso fazer muito, eu não posso fazer mais do que fulano de tal.” E eu costumava pensar: “Ah, o pequeno escopo que eu tenho aqui, é impossível,” e eu costumava fazer as coisas mais ridículas; truques, as pessoas... como algumas pessoas chamavam a isso. Truques. Eles diziam: "Ah, esse homem é um pianista trapaceiro!"

(Creet ri)

Chopin: “...Ele faz coisas que não podemos tocar...” e eles ficavam irritados e diziam: "Ah, ele escreve isso, mas eu não acho que não poderia sequer tocá-lo, se ele fosse mesmo convidado a tocá-lo!” Mas eu costumava mostrar a algumas pessoas que eu poderia tocar para provar que era exequível, sabes?

Creet: Sei.

Chopin: Oh!

Creet: Ha! (Ri)

Chopin: Por aqui existe um escopo tão vasto e espantoso - em tais proporções que a tua imaginação gira só de pensares nisso.

Creet: Sim Frédéric, mas se esse escopo estiver a iluminar e a iluminar, não existirá um certo limite...?

Chopin: Bem, se houver um limite eu ainda não o descobri, graças a Deus!

Creet: Não?

Chopin: Não.

Creet: Mas à medida que continuamos a progredir, há um certo limite, até prosseguirmos e há [Ininteligível] escopo.

Chopin: Eu suponho que eventualmente cheguemos a um limite, eu não sei. Mas, quando você pensa nas enormes possibilidades; por exemplo, o piano - o tremendo alcance ainda está no piano, a escala é tão grande que...

Creet: Pois, mas Frédéric...

Chopin: ...Quer dizer, você pode compor e compor e compor e ainda assim não incluir... bem, tudo.

Creet: Mas quantas notas tem uma escala no seu caso? Suponho que tenha um número incontável, não?

Chopin: É incontável.

Creet: Como vocês chamam à escala aí?

Chopin: Eu não sei, eu só usei isso como um termo terreno para dar uma ideia...

(Creet ri)

Chopin: Eu não sei - perguntas-me em que consiste uma escala...

(Creet ri)

Chopin: ...tudo que é uma escala de certo modo aqui não é... mas eu só tentava colocar isso de uma maneira que pudesses entender.

Creet: Pois, claro.

Chopin: Mas você sabe, as limitações do piano, eu não o achei, talvez, isso tão limitado. Mas descobri que por vezes era limitado, eu costumava sentir: “Ah, tem que haver mais notas daquele lado e mais notas deste, e algumas acima e algumas abaixo.” Sanes, eu costumava ficar furioso.

Creet: Ha!

Chopin: Mas aqui, parece não haver limite - e estás a ver, mas aí novamente, tu não entendes. Imaginas que, hmm... tens um trecho até certo ponto e não mais além. Isso é uma limitação da carne, mas aqui não existe.

Creet: Hmm...

Chopin: Não há limite para...

Creet: Bem, você deve ter-se sentido muito à vontade quando aí chegou, no que diz respeito aos seus trechos de qualquer modo... (Ininteligível)

Chopin: Eu sei, mas, ah... huh! Oh, vão-se dar algumas coisas muito engraçadas quando tu aqui vieres.

Creet: Huh!

Chopin: Eu consigo ver-te a alongar-te assim e assado...

(Creet ri)

Chopin: Vais ser como um boneco de plasticina...

(Creet ri)

Chopin: Hás de dizer: "Eu não consigo fazer isso." Eu direi: "Consegues. Pense apenas que consegues fazer isso, imagina que é possível. Não estás mais limitada pelo corpo físico que era tão limitado. Agora podes fazer isso, podes alongar isto e aquilo.” Mas tu dirás:“ Olhe para mim, como poderei eu? Sou pequena e gorda. Mas eu vou dizer: "Mas não és mais pequena nem gorda não, isso foi quando estiveste na Terra... Agora és magra e alta e graciosa e bonita e os teus dedos; consegues um alongamento maior, consegues fazer isto.” Mas eu quase preciso hipnotizar-te para te levar a fazer as coisas!

(Creet ri)

Chopin: Eu não sei... quando as pessoas vêm para aqui pela primeira vez, elas só conseguem imaginar-se e visualizar-se a si mesmas e às capacidades que têm pelos padrões terrenos que tinham, entendes?

Creet: Sim.

Chopin: E uma das primeiras coisas que temos a fazer é ensinar às pessoas que não há mais padrões terrenos. De facto, num certo sentido, não existem padrões - apenas os padrões que definimos. E se estabeleceres um padrão muito elevado, como, por exemplo, quando eu comecei aqui, estabeleci em um padrão ilimitado, um padrão formidável; e gradualmente eu realizei e alcancei esse padrão, e depois eu quis mais e experimentei... conseguir mais.

É tudo uma questão de mente e não me refiro a uma mente física, a uma mente material. É a perceção no âmago da nossa alma de que conseguimos fazer determinadas coisas, que é possível fazer isto ou aquilo - e começamos a mudar consequentemente. Um homem é como ele pensa; se ele tiver pensamentos grandiosos, ele será um grande homem. Se ele achar que consegue tocar boa música, eventualmente ele poderá tornar-se num músico. Mesmo na Terra é possível...

(Quebrar na gravação)

Eu sei que todo artista precisa dar uma interpretação sua. Eu sei que há alguns artistas que não tocam aminha música muito bem, mas, no entanto, de certo modo, eles são artistas por direito próprio. Pode não ser a ideia que tenham de um grau, mas pode não ser a minha. Mas lembra-te que eles conseguiram algo poro terem trabalhado...

Creet: Sim.

Chopin: ...por eles o terem praticado. Eles podem não necessariamente sentir sempre a minha música como eu gostaria que eles a sentissem, mas pelo menos tecnicamente, até certo ponto, eles executam-na.

* * * * * *

7 de Julho de 1955

Os tópicos discutidos incluem livros contemporâneos sobre a sua vida, e outros que tocaram a sua música - incluindo Anton Rubinstein e Arthur Rubinstein. Chopin também menciona a amizade que teve com Felix Mendelssohn.

Chopin: Boa tarde.

Creet: Boa tarde. Frédéric? É você?

Chopin: Olá. Eu não sei se me consegues ouvir.

Creet: Consigo ouvir, sim.

Chopin: Ótimo.

Creet: Agora posso ouvi-lo. Eu fiz umas perguntas sobre um livro maravilhoso seu que saiu em Varsóvia.

Chopin: Um livro?

Creet: Um livro.

Chopin: Sobre a minha vida de novo.

Creet: Sim.

Chopin: As diferentes vidas que levei, uh?

Creet: Ah, isso eu não sei. Contém algumas fotografias e coisas; está cheio de fotos.

Chopin: Bem, deve ser muito interessante. Esperemos que seja pormenorizado. Mas como alguém pode escrever sobre a vida de uma pessoa quando ela não a conheceu nem estave com a pessoa o tempo todo? Eles juntam alguns factos e, em seguida, enfiam-lhes muitas coisas que não são verdadeiras.

Creet: Pois, eu sei, eu percebo isso. Eu não me preocupo com o que eu leio, eu...

Chopin: Eu fui difícil e temperamental.

Creet: Sim.

Chopin: Ah, mas... para mim houve apenas uma coisa que realmente importa muito e essa coisa foi a minha música.

Creet: Uh, o quê?

Chopin: A minha música foi a única coisa que realmente importou para mim.

Creet: Sim.

Chopin: Eu tive momentos, momentos fugazes de felicidade.

Creet: Sim.

Chopin: E algumas das minhas melhores músicas foram compostas por essa altura. Mas às vezes penso que talvez o meu melhor tenha sido composto quando eu me senti mais infeliz. Mas foram as lembranças do passado que...

Creet: Por que razão se sentia tão infeliz, Frédéric?

Chopin: Ah, por eu saber que não podia deixar de ser...

Creet: fazer o quê?

Chopin: Eu não poderia ser (como vocês dizem)... Mmm... Eu não poderia viver uma vida normal. Eu não consegui encontrar a felicidade. Eu sabia que não poderia viver muito tempo.

Creet: Você sabia disso?

Chopin: Ah, eu sabia, mas não o diria. Eu sempre soube que a minha saúde não tornaria possível que eu levasse uma vida longa. Eu sempre escrevi ou compus febrilmente, sabes?

Tinha tanta coisa que eu queria fazer e tão pouco tempo para o fazer. E havia muitas distrações e apesar de eu dar o concerto, era principalmente por precisar do dinheiro.

Creet: Pois. Ah céus...

Chopin: E muitas vezes eu não recebia pelo meu trabalho, sabes?

Creet: Não.

Chopin: Era preciso ter um patrono.

Creet: Você não teve um... Oh sim, você teve muitos, em Paris.

Chopin: Oui mas, uh...

Creet: Você teve Rothschild e Radziwiłł.

Chopin: Sim, eu sei mas, uh, eu digo que precisamos ter um patrono por ajudar a vender a música e ajudar a tornar possível um... futuro, mas, hum...

Creet: De qualquer forma, acabou tudo, Frédéric.

Chopin: Está tudo acabado. Eu não me preocupo com isso a menos que...

Creet: Você encontra-se mais feliz agora.

Chopin: Eu falo sobre isso por saber que te interessa.

Creet: O quê? Pois. Não o deixa triste nem nada, deixa?

Chopin: Não. Por que deveria isso deixar-me triste? Isso está acabado.

Creet: Bem, fale-me sobre você agora...

Chopin: Faz parte da minha vida...

Creet: Pois.

Chopin: ...Importante. Diferente. Agora não há necessidade de me preocupar com nada. Eu tenho um controlo completo e perfeito e tenho tudo que alguém poderia desejar. E eu sou, a meu próprio modo, mestre de mim mesmo e, hum... eu tenho o meu próprio salão, como vocês dizem, mas vocês... não. Eu tenho grande... um... lugar...

Creet: Tem?

Chopin: ...e muitos músicos se reúnem a discutir a música e, oh, nós compomos e tocamos composições uns para os outros; faço comentários e às vezes também pedimos conselhos uns aos outros.

Creet: Pois.

Chopin: Não que isso interfira no nosso próprio esforço pessoal, mas temos ideias novas. E vamos juntos por vezes em grupos visitar vários lugares e ouvir música composta em diferentes esferas. É uma grande revelação. Pois cada esfera tem a sua própria música de acordo com a sua própria condição e o que é correto numa esfera não será correto na outra, pois não seria correto: não pareceria correto. Entretanto, é interessante.

Creet: Oh, deve ser muito interessante.

Chopin: É extraordinário como não se pode... a nossa própria música, por exemplo, não pode ser ouvida mesmo em certas esferas, pois está além da compreensão das pessoas que habitam essa condição. Está quer acima delas, ou completamente além deles - eu não sei como explica-lo... Por exemplo, algumas das músicas que eu quis escrever na Terra que eu não era capaz de conseguir, uma das razões pelas quais eu costumava ficar tão impaciente comigo mesmo, era por a minha mente, por eu poder ouvir sons dentro da minha mente que o ouvido normal não podia ouvir, eu tentava extrair coisas no piano, mas era impossível. É por isso que por vezes a minha música é, talvez, um tanto difícil para muita gente. Não só me senti e pensei de forma diferente como -- mais diferente que qualquer outro músico -- não há... nenhum dos meus trabalhos, ou

muito pouco do meu trabalho é comparável ao de qualquer outro músico. É completamente diferente como, no seu... no seu... um...

Creet: Na sua forma e em todos os sentidos.

Chopin: Oui. Por ser... uma técnica bem diferente na execução, que ninguém, que eu saiba, jamais havia tentado. É completamente único. Embora eu o diga, é sem orgulho, sabes...

Creet: Sim e você destacou o uso dos pedais. Você foi o único, não foi?

Chopin: Bem, eu usei os pedais talvez mais que qualquer outro anteriormente. Eu percebi a importância dos pedais. Os pedais, é claro, nos primeiros pianos não eram exatamente os mesmos do piano actual. E eu tive meu próprio piano alterado... hum... ah, como te hei de explicas estas coisas? Eu não sei, hum... além disso, sabes, é muito importante que, quando tocas a minha música tenhas o piano aberto para conseguires o tom correto.

(Ruído de tráfego no exterior)

Creet: Pois.

Chopin: Isso talvez não te seja possível a ti.

Creet: Oh sim, você quer dizer bem aberto: a tampa aberta?

Chopin: Sim. Exatamente. Sabes, os pianos como tu sabes variam no tom.

Creet: Pois.

Chopin: É muito difícil às vezes até para grandes pianistas do vosso lado, que foram muito experientes e excelentes expoentes, obter o tom correto no piano. Que se um músico for muito ... uh ... hum ... eu não consigo encontrar palavras para isto.

Creet: Eu acho que tudo depende, principalmente de como eles tocam com os dedos e a diferença. Agora vou-lhe dizer uma coisa: esse Arthur Rubinstein, que é suposto ser um pianista maravilhoso. Ele é-o, mas eu o ouvi a tocar o seu Scherzos e o outro em Si bemol; Eu não sei como é que ele faz. Ele parece usar o pedal o tempo todo, é tudo confuso e é muito rápido. É como um tornado. Eu não gosto nada disso.

Chopin: Talvez essa seja a impressão que ele tendo meu trabalho, como deve ser tocado. Mas eu concordo que não está correto.

Creet: Sim, Frédéric, mas o seu trabalho precisa ser muito, muito claro, não é?

Chopin: As notas precisam ser claras.

Creet: E é aí que o...

Chopin: E não é bom colocar as notas uma por cima da outra. Cada nota é individual.

Creet: Bem, eu acho que é... o pedal dele está errado nisso.

Chopin: Poderia ser o seu pedal. Talvez seja uma gravação ruim. Eu não sei. Não estou tão interessado em Rubinstein, embora saiba que ele tenha sido, conforme disseste, um grande expoente; pelo menos ele era considerado um grande expoente do meu trabalho e ele foi um bom amigo para mim.

Creet: Quem?

Chopin: Mas... uh... na medida em que tentou fazer certas coisas para mim.

Creet: Quem, Frédéric?

Chopin: Eu estou referir desde que eu passei.

Creet: Ai sim?

Chopin: Desde que eu passei para aqui, o interesse e amor que ele teve pela minha música. Ele às vezes executa muito bem, sabes. Especialmente nos seus primeiros anos.

Creet: Você está a falar sobre... de quem está a falar?

Chopin: Do Rubinstein.

Creet: Ah, não desse Rubinstein. Esse foi o Anton, não é o que você quer dizer?

Chopin: Exato, exato.

Creet: Ah sim. Ah, sim, ele foi um pianista maravilhoso, não foi?

Chopin: Oui.

Creet: Deve ter sido.

Chopin: Tu não sabes, não é?

Creet: Eu nunca o ouvi.

Chopin: Há muito tempo atrás.

Creet: Pois. Esse é o Arthur.

Chopin: Eu não me estou a referir a ele.

Creet: Não.

Chopin: De qualquer forma, sobre o que vamos falar?

Creet: Você tem muito a contar-me, estou certa. Eu estou à escuta com os meus ouvidos bem abertos... Você sabe alguma coisa de Liszt por aí, Frédéric?

Chopin: Somos bons amigos.

Creet: Ai é?

Chopin: Mas ele não é mais membro da Igreja.

Creet: Não. (Riso)

Chopin: E em consequência, a sua música é muito melhor.

Creet: Pois.

Chopin: Não é tão pesarosa.

Creet: è muito dramático e cheio de...

Chopin: Ele foi uma pessoa maravilhosa. Ainda é uma pessoa maravilhosa...

Creet: É?

Chopin: ...mas a musica dele desenvolveu-se. Não está tão confinada como costumava estar. Pelo menos eu costumava pensar que era confinada, sabes. Talvez eu tenha sido preconceituoso. Acho que não, mas não sei. Mas Mendelssohn é um grande amigo meu também.

Creet: Mmm?

Chopin: Mendelssohn.

Creet: Ah sim.

Chopin: Ele é um grande amigo meu.

Creet: Ah, ele costumava vir muito até mim, sabe, certa vez.

Chopin: Isso não me surpreende. Ele abriu caminho... caminho para mim, como é que dizem? Eu o enviei, embora de certa forma tenha estado contigo. Eu estive em contacto contigo por muitos e muitos anos. Mas, bem, ele foi mais capaz de estabelecer o contacto numa primeira instância. Foi ele quem me abriu a porta.

Creet: Pois.

Chopin: Se você passares as tuas anotações em revista, verás que é assim.

(Quebrar a gravação)

Creet: ...em muitos dos livros que li eles dizem que você foi o mestre absoluto. Ninguém... ninguém foi capaz de lhe chegar aos pés em composição ou na execução.

Chopin: Eu fui o mestre, mas o piano nunca foi a amante.

Creet: Bem, fico tão empolgada quando leio todas essas coisas. (Riso)

Chopin: Eu sei... mas eu vou fazer de ti uma excelente pianista...

Creet: Eu... oh, Frédéric, eu ...

Chopin: ...e tu irás executar o meu trabalho, e o que é mais importante, irás executar os meus novos trabalhos.

Creet: Eu vou?

Chopin: Quando vieres para aqui.

Creet: Ah, quando eu chegar aí.

Chopin: Oui. Ah, o que você achas? Que ias fazer isso do seu lado?

Creet: Oh...

Chopin: Não minha filha, não é possível.

Creet: Não.

Chopin: Mas muitas coisas são possíveis...

Creet: Receio bem...

Chopin: Mesmo agora dizes a ti própria: “Ah, eu estou acabada,” sabes. Mas eu digo-te: “Não, não é assim. Está apenas a começar.”

Creet: Eu conto que venha a ser muito rigoroso comigo, não?

Chopin: Não, eu não sou rigoroso porque nada pode ser obtido de valor se houver demasiado rigor. É preciso usar sempre de gentileza e simpatia. Afinal de contas, é a tua grande paixão e o teu desejo poder tocar música - a minha música - e se eu não o pudesse alcançar pelo amor, qualquer outra forma teria sido impossível. Essas crianças que são ensinadas de forma tão estrita e levadas a fazer coisas; elas podem tornar-se excelentes técnicos, mas não têm alma, porque a música precisa vir de dentro. Sem isso não pode haver progresso.

Creet: Isso é exatamente como você era quando estava na Terra com os seus alunos.

Chopin: Eu sei. Sempre é preciso ser gentil e se a inclinação, o amor e o desejo não estiverem presentes, então eu não me incomodava com eles.

Creet: Isso mesmo. Sim, está certo.

Chopin: Eu afastava muitos alunos e dizia aos pais: 'Não, eu não quero que você desperdice o seu dinheiro, por mais que eu possa estar necessitado. Leve o seu filho. Deixe-o tornar-se um pintor ou algo assim, mas não músico. O coração dele não está na música.

Creet: Sim, está certo... Mmm.

Chopin: " Mmm"? Por que dizes " Mmm" assim?

Creet: Ah, adoro receber estas provas, Frédéric.

Chopin: Suponho que de certa forma sejam provas. São provas. É por isso que estou tão ansioso, sabes, que não deixes que este médium volte costas, sabes, sem ficar a saber nada sobre nós... sobre mim... sabes.

Creet: Não, ele não... uh...

Chopin: Ele é ignorante, graças a Deus.

Creet: O quê?

(Flint ri)

Creet: Ele é o quê?

Chopin: Ignorante.

Creet: sim. Ele não sabe nada sobre você, a sério.

Chopin: Como é bom às vezes conseguir alguém tão ignorante.

Creet: (Ri) Sim, mas ele é muito amável, sabe.

Chopin: Claro que ele é muito querido, mas eu não quero que ele não tenho conhecimento nenhum de música, especialmente em relação à minha música.

Creet: Não. Ele não conhece nada.

Chopin: E quando ele for a Maiorca, isso vai ser uma pequena revelação para ele... Eu acho que ele voltará com um maior entusiasmo e interesse ao nosso pequeno grupo sentado, sabes, aqui ao nosso pequeno trabalho conjunto. É algo de que eu não posso falar. É algo que eu espero e devo... irá acontecer à sua maneira. Eu só queria que fosses com ele para partilhares. Mas no próximo ano espero que venhas a ter oportunidades especiais. Mas, huh, todas essas coisas, elas hão de vir. Mas precisamos ir passo a passo. É como criar uma grande sinfonia. Cada bocadinho, sabes, é importante e cada parte ajuda a criar o todo. Mas quando é que vens falar comigo de novo? Terça-feira, segunda-feira? Segunda-feira?

Creet: Eh? Segunda-feira.

Chopin: Ótimo.

Creet: Você virá?

Chopin: Claro, eu não te abandonaria. Mas, se eu não pudesse vir, não seria culpa minha.

Creet: Pois.

Chopin: Mas eu venho. Eu preciso ir. Au revoir.

Creet: Tudo bem. Muito obrigado.

CHOPIN FALA SOBRE A VIDA

Abril 1963

Rose: Olá. Estas a falar comigo...?

Leslie: Sinto-me muito bem aqui sentado.

Chopin: "Sinto-me muito bem, aqui sentado..." (Riso geral) Ele sente-se muito bem ali sentado e eu sinto-me muito feliz por aqui vir.

Rose: Ah, ele veio... Estupendo.

Chopin: É claro que eu viria esta noite. Achas que não cumpriria a promessa que te fiz?

Rose: Não, mas por vezes não conseguirá, entende?

Chopin: Ah, por vezes não é possível, por vezes temos... ideias sobre determinadas coisas a fazer, que nem sempre é possível gerir, mas mesmo que assim seja, eu virei; eu prometi que vinha e aqui estou. Como estás tu hoje?

Rose: Ah, eu estou bem, obrigado.

Chopin: Ótimo!

Rose: De que vai falar?

Chopin: De que gostarias que eu falasse?

Rose: Vocês...

Chopin: Você, você, você...

Rose: Fale você comigo, que à medida que for prosseguindo, se tiver alguma coisa a perguntar, perguntarei.

Chopin: Tu queres perguntar-me alguma coisa. Vais perguntar-mo? Não consegues pensar em nada para me perguntar, é por isso que me pedes para prosseguir de modo a que te suscite alguma coisa.

Rose: (Ri) Não, não é truque nenhum desses.

Chopin: Que é então? Só queres ver o que eu venha a dizer, não?

Rose: (Ri)

Chopin: Por vezes és muito ardilosa! (Riso geral) Ah, bom, espero não perder essa astúcia quando passar para o seu lado.

Chopin: Estou plenamente convencido de que não perderás a arte. (Rose ri) A arte de seres tu própria. É sempre importante. Certas pessoas parecem pensar que o progresso aqui signifique perder-se; creio que por vezes essa pergunta tenha vindo à baila, o que em certo sentido contém uma certa verdade, só que nós sempre permanecemos indivíduos, sempre temos o nosso tipo de perspetiva e o nosso aspeto, sabes. É quando aprendemos a perder a pior parte, quando nos amalgamamos com muitas outras pessoas. Por outras palavras, é quando nos tornamos abrangentes e damos de nós próprios em amor e serviço pelos outros. Quando nos fundimos, tornamo-nos num certo sentido mais...

Rose: Que é que quer dizer com o termo "fundir"? Quer-me explicar isso?

Chopin: Bom, creio que "fundir," no verdadeiro sentido significa perdermos o egocentrismo da natureza, perdermos para nós próprios todos os piores aspetos que nos impedem de nos tornarmos numa pessoa excelente, digamos. Quando começamos a compreender que a única maneira para realmente nos desenvolvermos no verdadeiro sentido é misturando-nos com os outros, compreender os outros, simpatizar com os outros, querer estar coim os outros, tornar-se parte dos outros na medida em que sentimos vontade de partilhar e queremos aprender com eles, queremos dar-lhes de nós próprios tudo quanto pudermos dar de nós próprios em amor. Misturamo-nos de forma mais completa, sabes...

Rose: Não temos qualquer tentação... É mais fácil...

Chopin: Não, não, não... Não temos ideia... bom, depende, uma vez mais, precisas lembrar-te de que.... Ah, não, tu não compreendes. Dizes que é mais fácil por pensares que seja mais fácil, por provavelmente não perceberes... Claro que não é o mesmo tipo de tentações. Mas precisas ter em mente que, em certas esferas próximas à terra, para as quais um grande número de pessoas vai, quando inicialmente para aqui passa, existem formas de tentação, só que não são do mesmo tipo de tentação da terra. É quando o indivíduo possivelmente toma consciência de si próprio com uma maior clareza - o que evidentemente depende do próprio indivíduo - mas algumas pessoas retém durante um tempo, em certas esferas tanto de si próprias onde vivem nesse tipo de estado mental, e consequentemente, embora não tentadas da mesma maneira que na terra, por não padecerem do mesmo tipo de tentações, mas ainda têm a tentação, se quisermos, para se tornarem ou para reterem a possessividade ou para reterem o desejo pessoal. Claro que me estou a referir às esferas próximas à terra.

Precisamos aprender a sacudir-nos...

Rose: ...a personalidade que assumimos na terra, suponho bem.

Chopin: Bom, é. Mas precisas lembrar-te e perceber, entendes, que quando para aqui vêm... uma das primeiras coisas que percebem, segundo creio, é que pela primeira vez podem ser completamente vistos conforme realmente são, mas toda a gente... Por outras palavras, não podem mais erigir a falsa máscara ou o fingimento, não podemos manter a dissimulação que a terra permite. Por exemplo, uma pessoa na Terra poderá parecer, por todas as aparências externas, uma excelente pessoa, e isso poder ser parcialmente falso, por poder ser algo completamente diferente aqui.

Não conseguem fazer isso, por aqui serem verdadeiramente vistos pelo vosso eu verdadeiro, e é causa de enorme apreensão e de um grande choque para a pessoa quando ela começa a perceber que as pessoas conseguem perceber-lhe o íntimo, e conhecê-la como ela verdadeiramente é. Em consequência a pessoa comum em breve começa a perceber que tem muita necessidade de mudança, e começa a ver-se de forma mais clara, e torna-se mais consciente te si mesma.

Bom; uma pessoa pode ser consciente de si mesma do ponto de vista de querer ser diferente por desgostar ou se sentir infeliz com aquilo que tenha visto. Ou a pessoa poderá sentir-se muito satisfeita com aquilo que vê em si mesma. Assim, em algumas esferas encontram pessoas que não se sentem perturbadas de todo consigo próprias e que gostam de si próprias. E têm pessoas no vosso mundo que se conhecem muito bem, e que se sentem bastante agradadas consigo próprias, e que não têm qualquer vontade particular de ser diferentes. Sabem que em muitos aspetos são más, mas não desejam necessariamente ser diferentes. Creem que seja uma boa coisa, por vezes, ser como são. Pensam que seja uma proteção delas próprias, contra os outros, que tirariam partido delas. Orgulham-se de ser duras em si mesmas, sabes, e temos pessoas que quando aqui chegam ainda retêm essa atitude, em certas esferas próximas à Terra. E por vezes não se alteram durante muito tempo, levam muito tempo a perceber que precisam mudar se quiserem avançar.

As pessoas vivem numa espécie de mundo que é criado por elas próprias, o que em larga medida se aplica ao vosso mundo. É verdade que vivem num tipo de mundo que foi criado por gerações de pessoas, pelo que sofrem em consequência de todos os erros de todos quantos tenham sido injustos ou desonestos. Quero dizer, as circunstâncias da vossa vida terrena são como são por causa das pessoas que as criaram assim, e o inocente sofre mais do que o culpado em consequência, porque quanto mais sincera for a pessoa, quanto mais sensitiva a pessoa for, quanto mais amável a pessoa for, obviamente mais difícil se tornará para ela própria ser feliz e compreendida.

Aquelas pessoas que são assim, aqui automaticamente, devido à sua própria natureza, e à intensidade de sentimento que têm dentro delas pelos outros, pelo bem da humanidade, em si mesmo, poder-se-á dizer, representa o começo, se quisermos, de uma existência mais feliz.

Elas automaticamente isso torna-lhes possível encontrar para si uma existência mais feliz, por entrarem num estado de existência que é tão idêntico a si mesmas, que o quererão, o desejarão, por virem de um mundo de crueldade e de um mundo de intolerância, onde as coisas materiais são consideradas como mais importantes do que as coisas da mente e do espírito e do coração. E em consequência, entrarão automaticamente numa condição que elas próprias teriam desejado que a terra albergasse e que não albergavam. Mas entrarão aqui numa condição que elas próprias terão criado, e que terão desejado no seu íntimo.

Tudo depende inteiramente do indivíduo, com respeito à receção que venha aqui a ter e em que condições de vida venha a penetrar. É por essa razão que te disse, não só para ti mas para muita gente como tu. Virá a surgir uma condição de vida que será extremamente feliz, por não existir nenhuma das coisas terríveis, depressivas e infelizes com que vocês se deparam na terra. Por vocês serem demasiado conscientes dessas coisas e sentem aversão por elas os deixarem tão tristes e infelizes por causa delas na terra. Mas elas automaticamente deixarão de existir aqui para vós, por vocês viverem numa condição de vida em que tais coisas não se farão presentes, e só as coisas boas permanecerão.

Rose: Dou graças a Deus por isso.

Chopin: Tu não sabem como terão que ter feito por isso. Por vezes pensam que não fazem nada. "Os tempos são para os números," ouço-os eu dizer. "Eu não faço nada," dizem vocês como." "Os nossos assistentes não fazem nada um perfeito tolo," e vários tipos de coisas que dizem acerca de vós próprios. Mas não sabem, não é só nesta vida, mas noutras vidas tenham realizado muito. E talvez nesta agradável existência talvez tenham feito muito mais - de facto eu sei que fizeste muito mais do que creditas a ti própria, muito mais.

Haverias de ficar surpreendida com o tanto que conseguiste. Não tens consciência, porque quando se faz algo e se tem muita consciência disso - não estou a dizer que não seja bom, porque sempre é bom fazer o bem - mas quando fazem as coisas de forma automática como se fossem as coisas mais naturais do mundo, isso é ótimo, muito bom, mas se fizerem alguma coisa que achem que deviam fazer por ser o correto a fazer, um tipo qualquer de incómodo, digamos, que fazem por pensarem que o devam fazer, aí já não é tão bom entendes?

Isso é humano, e afinal de contas precisamos considerar toda a sorte de coisas. Eu sei que vocês fazem muitas coisas. Não quero dizer apenas as coisas rotineiras do costume que vocês fazem, por essas são naturais com relação a vós, evidentemente, mas outras coisas que não sabem muito bem o que fazem. Por vezes é fazer no mais recôndito da vossa alma, de um modo que parecem não estar a fazer nada no sentido material. Mas é mesmo o amor intenso, e o sentimento intenso de desejo de alcançar e de fazer coisas que são boas para as pessoas que têm mais importância.

Por vezes não fazem nada em termos materiais, não é possível. Mas isso não é tão importante. É claro que há muitas coisas que podemos fazer de natureza

material que são importantes, caso se chegue a ser capaz de as fazer, mas a maioria das coisas boas - coisas mesmo boas - são feitas pelo querer nos recônditos da alma, da intensidade do amor que se verte enquanto efeito disso - não veem os resultados, por vezes. Por vezes pensam: "Oh, de que serve?" À semelhança de muitos, pensam para si mesmos "De que serve? Não posso fazer nada." Só que a própria intensidade de tal sentimento, da alma mais íntima, tem um efeito espantoso, um grande efeito, mais do que poderão alguma vez perceber, na vossa humanidade, assim como nos indivíduos em particular com que se preocuparem ou que considerem ou amem.

Vocês falam, por vezes, sobre as coisas estupendas que nós fazemos. Bom, nós somos grandes filósofos, é claro, mas muitas das coisas por que nos atribuem crédito, embora num certo sentido em parte sejamos responsáveis, não poderiam ser conseguidas não fora pelo amor formidável daqueles interessados, como no teu caso, dispensam, e a fé que possuem. E, por exemplo, de momento tens esta tua amiga que se encontra muito doente, que conseguiu uma recuperação miraculosa do ponto de vista material, mas é claro que, com todo o amor do mundo que possas dar mais todo o amor e toda a cura que te possa chegar da parte de fontes afastadas aqui.

Só podemos agir até determinado ponto; nós fazemos tudo quanto nos é possível fazer, e diria mesmo, e creio que é verdade afirmar isto, que resulta de uma força combinada de amor e uma combinação... uma interligação de todo o nosso esforço, que tornou tudo isso possível. O que não quer necessariamente dizer que nós possamos curá-la, embora talvez prolongar. Mas o que acharmos que puder ser alcançado poderá ser alcançado pelo indivíduo envolvido, a paciente doente por exemplo, que neste caso, porventura sem que o perceba por completo o que está a ser feito deste lado. Não se pode culpar a paciente, quero dizer, isto aplicar-se-ia a muta gente e não só a esta paciente.

A questão está em que o indivíduo que tentamos assistir ou ajudar, é a ela que concedemos todo o nosso amor e todo o nosso poder, mas ela precisa retribuir, sabes. Não estou a dizer que esta paciente não retribua; acho que possivelmente ela não perceberá de todo, mas nós estamos a fazer tudo... mas conforme o Francisco te disse, se não me engano, ou talvez tenha sido o Marshall a contar-te, não estou certo, que em meio ao que poderia ter lugar, que de certo modo teve lugar, mas quando isto pode continuar, não seríamos capazes de dizer no momento.

Sabes... ai, como hei de dizer isto? Sabes, é um pouco assim, se pegares num balão e lhe bombeares o ar para dentro, o ar o fará inflar. Agora, desde que não lhe metas demasiado ar, não sucederá nada de mal, mas se bombeares demasiado ar, ele rebentará. De modo que não há muito que possamos agir até determinado ponto, e se tentarmos fazer demais tornar-se-á insensato. Mas sabes que mais, muito depende dessa força, ou seja, o indivíduo.

Penso que ela só poderá aguentar, mas ela pode lutar e aguentar a partir do seu eu interior, e possivelmente ele poderá assistir-lhe mental e fisicamente, que assim acho que ela possa ser ajudada de uma forma considerável durante um tempo, uns quantos anos no máximo, mas é uma coisa muito difícil por me parecer que a pobre mulher contraiu diversas coisas...

Rose: Pois foi, complicações...

Chopin: E isso torna-se difícil, entendes? Não sei com toda a franqueza, não sei se deveria dizer isto mas, pelo que consegui apurar, ela negligenciou-se terrivelmente, e fez muitas coisas... não direi que tenham sido coisas más, não é isso que quero dizer, mas penso que ela tenha sido uma mulher muito tola, com respeito à sua saúde. Ela não a considerou o suficiente. Em definitivo, por aquilo que me foi contado, ela soube durante muito tempo que não devia fazer tal coisa como comer, etc. Ela devia ter tido mais cuidado de modo a ajudar-se a ela própria. Mas ela simplesmente estragou tudo ao se desleixar.

Rose: Sim, é bem verdade, Frédéric.

Chopin: E isso é uma grande lástima, sabes, porque, na vida... não suponho que de um modo isto seja o mesmo, mas... se quiserem fazer algo de realmente importante, precisam fazer sacrifícios. Precisam considerar cada aspeto e pensar em tudo, é verdade, mas devem colocar tudo no respetivo lugar. Mas se fizerem algo grandioso, muito importante, a que dediquem todo o vosso tempo, toda a energia que tenham. Não há muito que possam fazer, não podem continuar, por isso ser mau.

Mas mais uma vez, tomando o meu exemplo, é claro que eu também fui um tolo, percebi a doença de que padecia e percebi a possibilidade de eventualmente vir a ser muito mau para mim, e de certo modo poder-se-á dizer que por vezes eu tentei cuidar de mim, mas era sempre de acordo com o estado do meu humor ou das circunstâncias. Caso se mostrasse possível e não houvesse nada de mais atraente que me captasse a atenção, eu olhava calmamente por ela. Mas comigo só durava um tempo muito curto. Não suportava ficar sozinho durante muito tempo e por vezes também me sentia muito confuso. Em certa medida receava-me - não era receio - a mim próprio. Tive alturas em que me sentia melancólico e afundava-me de tal modo que precisava que alguém... por vezes, quando não se encontrava ninguém por perto... quer dizer, quando o tempo estava terrível, eu forçava-me a sair, quando sabia e todos os meus sentidos apelavam a que ficasse no calor junto à fogueira, e eu saia, por precisar ver gente e por precisar ouvir as suas vozes, tinha que estar com as pessoas.

Claro que nesses dias não era como hoje, em que vocês dispõem de uma máquina chamada telefone e conseguem dizer: “Olha, por amor de Deus, anda conversar comigo, estou cansado de morte,” sabes. Nesses dias tal coisa não era possível. Porventura gozávamos de muitas vantagens, em muitos aspetos, mas também enfrentávamos enormes desvantagens, de modo que por vezes me sentia desesperadamente só, e já noutras alturas em que me sentia desesperadamente só

e procurava comboios. E talvez de forma insensata, conforme agora o vejo, bebíamos, e ia com alguém a qualquer parte, ou ficávamos em casa...

Rose: Ah, no seu caso foi isso. Eu sei.

Chopin: Eu sei! Mas sabes que uma coisa que valha o esforço, quero dizer, para alguns mais do que para outros, para os estritamente artistas, aqueles que vivem muito no seu íntimo, para os estritamente sensíveis, até mesmo a coisa mais terrível pode ser... têm a terrível sensação de... por vezes, não sempre, mas às vezes, quando gostava de ficar a sós... mas tinha alturas em que não conseguia suportar e era como se as paredes se estreitassem ao meu redor, e eu precisava fazer alguma coisa como se não conseguisse respirar... talvez tivesse vindo a tentar e me sentisse perdido na minha música, e de repente sobrevinha uma sensação, um pressão, e eu sentia o mutismo, a estupidez, mas não quero despender muito tempo com isso.

Rose: Eu sei...

Chopin: E precisava fazer algo por me sentir a sufocar e a perder a minha (...) Ia até à janela, abria-a para trás, inclinava-me no parapeito e tentava respirar o ar. Mas por vezes encontrava-me em tal estado mental que precisava fazer alguma coisa, e por vezes fazia uma coisa grave, percebo-o agora. Sabes que tinha alturas em que caminhava sem parar e não fazia mais nada senão observar as pessoas e pensar e por vezes não dizia palavra – dependia do estado de humor em que me encontrasse.

Por vezes vagueava num pequeno barco... Não sei se tens conhecimento de alguma coisa dessas mas tive uma ocasião em que tive um pequeno amigo, um homem que tinha um barco, mas eu nunca me interessei muito pela água. Não me interpretes mal, mas eu nunca gostei do mar, mas ele era um homem interessante. Por vezes ele era muito divertido e levava-me a vaguear pelas águas até à outra margem. Isso era quanto bastava para mim, porque nunca gostei de estar demasiado tempo na água... E eu caminhava e caminhava, e às vezes ia visitar alguns amigos nessa margem. Mas sabes, eu costumava fazer esse tipo de coisa.

Certa vez lembro-me de ter caminhado até ficar cansado, e não parecia haver onde chegar, nem café nem coisa nenhuma. Pareceu-me que me perdera. Mas vi uma igreja e lá entrei e sentei-me simplesmente a ouvir a música do órgão. Sabes, nunca me interessei muito pelo órgão mas mostrei-me complacente. Mas nunca quis saber muito dele, mas por vezes pensava comigo próprio: "Talvez um dia destes componha alguma coisa." Porque havia um amigo meu que sempre me dizia que eu devia fazer um trabalho de órgão e não só de piano.

Quando tinha mau gosto e costumava dizer-me que permitia um maior compasso. Eu não conseguia entende-lo porque para mim o órgão era... não sei bem, era apropriado para aquilo que era, mas para mim não dava a mesma sensação. Mas lá está, eu não me conseguia expressar-me desse modo; para mim

era... não sei que termo empregarias, mas nunca teve um tom claro... Para mim nunca foi claro, por uma nota passar para outra... Eu quero contar-te...

Rose: Oh, perdoe-me Frédéric, mas é maravilhoso de ouvir...

Chopin: Certa vez fiquei muito zangado com um homem que me cortava o cabelo...

Rose: (Ri) Porquê?

Chopin: Bom, ele era um tolo. Mas, acho que foi mesmo depois que ganhei uma grande calvície e deixava crescer o meu cabelo mais do que o habitual, e eu queria-o asseado sabes, e ele cortava-mo muito mais curto, e eu na altura estava em conversa com uns amigos, embora não me recorde exatamente daquilo que falávamos e não estava atento ao cabelo, e o homem ia cortando e dando atenção à nossa conversa e quando acabamos eu tinha o cabelo espetado; tinha desaparecido na parte de trás. Eu fiquei muito zangado com isso, por ter muito orgulho no meu cabelo.

Rose: Eu sei. Eu apreciava uma certa barba. (Ri)

Chopin. O quê?

Rose: Não era barba mas patilhas.

Chopin: Ah, referes-te a isso. Eu costumava usar barba.

Rose: Não, não era uma barba, eram patilhas.

Chopin: ...Eu usei um bigode.

Rose: Não...

Chopin: Ah, tu não tens conhecimento disso, mas era muito engraçado. Quando pela primeira vez vim ao Poulain, eu deixei crescer um pequeno bigode, só que não durou muito tempo. Eu não gostava muito de me ver com ele, sabes, de qualquer modo não me parecia bem, de modo que me livrei dele...

Rose: (Ri) Aquelas patilhas, a de um lado parecia crescer mas a do outro lado parecia não crescer.

Chopin: Não conseguia cortá-las por igual de modo que a cortava mais curta.

Rose: (Ri) O doutor Marshall contava-me que certa vez o viu, você tinha um nariz reto, e que você não suportava o nariz que tinha, e que se vestia maravilhosamente, em tons de lavanda e de cinza. Lembro-me de mo ter contado um dia. E que cortava o cabelo curto, muito curto. Seria isso verdade?

Chopin: Era, mas consigo entender a razão por dele pensar isso. Sabes, por vezes... não deves nunca pensar que, por termos... que é que chamam a isso... progredido, não sejamos assim tão humanos, porquanto possuirmos, por exemplo, o bom senso do humor e gostamos de rir, o que é ótimo e constitui uma grande dádiva. E às vezes gosto de brincadeira, e por vezes gosto de passar rasteira, quando não mesmo aos meus amigos, sabes. Por vezes gosto de pensar que gostava de envergar esta vestimenta nova, e talvez pense com os meus botões: "Oh este nariz! Quem dera que fosse direito." (Rose ri) Mas pelo mero pensamento e desejo sou capaz de o alterar...

Rose: É capaz de o alterar, olha só!

Chopin: Mas lá está, não tem importância, entendes? Não passa de um capricho do momento. Por exemplo, se eu quisesse ter uma aparência diferente, não tem realmente nada disso de: "Porque o deveria querer usar isto ou aquilo?" Precisas lembrar-te que basicamente todas as coisas são mentais. Mas uma vez mais, claro que quando percebemos que é uma pequena vaidade, se quisermos, percebemos que não passa de uma fraqueza que não permanece necessariamente. Afinal de contas... mas lá está, e precisas ter isto em mente, que se tivermos tido muitas encarnações, obviamente que os corpos físicos dessas encarnações não eram necessariamente idênticos na aparência. E em muitos casos em diversas encarnações poderemos ter sido do sexo diferente ou podemos per passado dessa vida numa idade muito mais avançada.

Os corpos físicos podem variar a ser diferentes, mas aqui, o corpo espiritual pode ser uma reconstrução, de acordo com a forma como nos sentirmos.

Rose: Sim, sim. É estupendo, Frédéric!

Chopin: Claro que se quiseres ser aqui uma mulher gorda, podes ser uma mulher gorda. Se quiseres ser uma mulher jovem magra e elegante, poderás ser uma mulher jovem magra e elegante.

Rose: É isso que eu quero!

Chopin: Quando para aqui vieres sem dúvida que serás muito bela, tu já és muito bela, mas aquilo que não percebes – e isto é o que mais importa – as pessoas sempre dizem, em relação aos rostos e tudo isso: "Ah, eu gostava de ser alta e bela; gostava de ser capaz de usar vestidos e de ser uma criatura com um aspeto magnífico." Mas o que as pessoas não percebem é que, se fossem assim, não seriam necessariamente tão bonitas. Por vezes arruínam-se por dizerem que são gordos... por não saberem que são muito melhor assim. Fisicamente poderá não ser o melhor, por sentirem o desconforto, mas o importante não é o formato da pessoa. Eu descobri isso muito rapidamente, por eu costumar ser uma pessoa muito vaidosa. Descobri que afinal de contas não é a aparência, quer dizer a forma física do corpo nem a elegância da costura... o que importa é o que a pessoa é em si mesma.

Rose: Isso é bem verdade, só que quando nos encontramos na Terra, as pessoas julgam-nos pela aparência.

Chopin: Ah! Mas julgam por não compreenderem.

Rose: É isso!

Chopin: Afinal existe uma grande beleza na fealdade. Mas não estou a sugerir que sejas feia! (Rose ri a bandeiras despregadas) Não me interpretes mal. Existe uma enorme beleza na fealdade, coisa que as pessoas não entendem. É por isso que por vezes na música, algumas pessoas não compreendem, não valorizam, ou talvez não percebam a música e digam: "Adorei aquela parte, era tão bela e tão suave e romântica," e tudo mais. Mas claro que era, e tinha a intenção de o ser, só que por vezes não entendem que certas partes têm que ser dissonantes por ser importante e necessário. Precisam incluir todos os aspetos em tudo; precisam considerar os opostos, as diferenças, as nuanças; precisam ter toda a sorte de mudanças.

Rose: Mas a discórdia em certa música... se posso empregar o termo "misturam-se" no objetivo comum.

Chopin: E eu penso que deva, por achar que deva ser parte integral do todo, caso contrário será inútil e não terá propósito ou intenção. É por isso que os músicos de hoje, tentam ser inteligentes mas não têm sentimento, carecem de profundidade, de realismo, são uma coisa superficial. É do mesmo modo que no vosso mundo de hoje onde há tanta coisa que é aceite como arte, até mesmo pelas autoridades que acham que sabem. Só que muito disso é muito falso e não possui profundidade nem realidade; não passa de uma fachada falsa que tanta gente presume ser a realidade. As pessoas são aceites no trabalho com base na fachada que apresentem, mas até que realmente cheguem a conhecer profundamente a pessoa...

Rose: Suponho que as pessoas se debatam...

Chopin: Eu sei; não penses que não sinto empatia. Só que aquilo que penso é que, muitos daqueles que são aceites hoje enquanto artistas nos diversos campos, realmente debatem-se, é verdade... mas em si mesmos não se acham preparados, não possuem suficiente profundidade nas suas vidas, não viveram... não me refiro só a esta encarnação, mas em outras. Não possuem a sensibilidade, não têm a compreensão da vida de modo a serem capazes de expressá-la na arte. Todos tentam ser simples, só que de uma estranha maneira; tentam ser simples e não percebem – que é exatamente aquilo que estou a tentar transmitir. Tantos artistas dizem que precisam ser complexos...

Rose: (Falando ao mesmo tempo)...ser simples e tentam...

Chopin: Usemos por exemplo o caso que têm hoje do escultor, que cria algo a partir (35:30) muito tosco, e se o observarem pensarão convosco próprios:

“Que será isto?” Mas talvez ele lhes diga, e aí pensarão que não se pareça com aquilo que ele lhes diga que deve parecer-se. Mas a questão está em que, houve uma altura em que o escultor era perfeito, tão perfeito quanto as mãos humanas o permitiam, e o que esculpia era uma reprodução perfeita, uma imagem da realidade. Mas hoje um homem tenta simplificar demais as coisas para o rebaixar a um nível simples, a um nível infantil se quisermos, mas para mim isso não chega a ser verdadeira arte, por ser indolente... (Falam ao mesmo tempo)

No meu tempo, sabes, os artistas verdadeiros viviam em constante luta; num certo sentido estavam constantemente em luta consigo próprios, não só com o mundo exterior, ou mesmo com aqueles que superficialmente se diziam nossos amigos. É verdade que felizmente tive alguns bons amigos sinceros, mas também tive muita gente que em muitos aspetos eram gentis comigo e talvez mesmo compreensivos, e suponho mesmo que de certo modo seriam meus amigos, mas por vezes, e sem que o percebessem, não eram meus amigos porque embora aceitassem as coisas, diziam certas coisas sobre o meu próprio trabalho que eu sabia intimamente não ser verdade. Eu sabia quando tinha criado algo que era realmente importante e vital, algo que era uma verdadeira contribuição para a música, algo digno de nota. Mas havia muitas coisas que eu precisava fazer, por eu saber que era necessário ter dinheiro, em consequência do que, por vezes eu compunha todo o tipo de coisa, mas nunca me satisfazia com isso por saber que a música devia conter algum germe de verdade, em certas peças de música, que devia trabalhava durante meses a fim de criar algo de verdadeiramente importante. Esse germe ou ideia por vezes não era desenvolvido, mas as pessoas diziam: "Ah, isso está perfeito, maravilhoso." Mas eu sabia que tinha feito essa coisa particular por precisar desesperadamente do dinheiro nesse momento.

Por outras palavras, tentei introduzir alguma música que nem minha era. E as pessoas diziam: Ah, quão fabuloso! Ninguém poderia ter feito isso para além de você." "Ah!" dizia eu, "por ser nisso que se engana, porque não fui eu que o fiz." Eu dizia às pessoas que não era obra minha, mas de um aluno meu, mas elas não acreditavam em mim. Mas aí diziam que o aluno era como o mestre e que ele me imitava tão bem que se tornava impossível distinguir. Isso poderá ter sido verdade, eu não sei. Mas sabes que mais, eu ria-me muitas vezes das pessoas, porque com essa gentileza, por supor que elas tentavam ser gentis, elas não eram verdadeiras com eles, e é mau as pessoas não serem verdadeiras com um artista, porque por vezes podem passar a um artista ideias falsas, quero dizer, podem passar ideias falsas em que passa a trabalhar, e em consequência destruir-lhe a verdadeira arte.

Por vezes um artista, muito embora seja muito sensível e sincero, por vezes pode ser induzido em erro. Eu percebo que desperdicei muito do meu tempo, olhando agora em retrospeto e percebo que podia ter conseguido muito mais. É claro que nem tudo se perdeu, isso é verdade, mas por vezes penso que podia ter conseguido muito mais do que consegui.

Rose: Pois é, Frédéric, foi uma grande pena; você era tão aficionado pela ópera, mas nunca chegou a compor uma ópera, compôs?

Chopin: Ia compor; eu interessava-me muito pela ópera e ia criar, mas em determinados aspetos queria que fosse diferente do tipo de ópera a que me acostumara a ver. Por um lado, eu sentia uma enorme ansia por criar; se alguma vez viesse a compor uma ópera - quero dizer, para além da música - as pessoas precisavam ser reais; deviam ter alguma realidade na vida. Não deviam assemelhar-se aos personagens artificiais que nos meus dias possivelmente eram mais comuns. Mas claro que isso é muito difícil.

Rose: O Elsner teria o maior interesse em que o fizesse. (Józef Elsner)

Chopin: O Elsner interessava-se por que eu fizesse todo o tipo de coisas por ser Elsner. Mas era um bom amigo.

Rose: Alguma vez o terá encontrado aí?

Chopin: Ah, claro, por sermos bons amigos. Mas claro que sempre estarei grato a Elsner. Mas sabes, o Elsner... deverei dizer isto? Não creio que o venha a perturbar; o Elsner foi um grande amigo para mim, mas ao mesmo tempo foi um grande amigo de Elsner. (Leslie e Rose riem) mas ele era sincero e valorizava...

Rose: Ele era-lhe muito afeiçoado.

Chopin: Eu sei que me era muito afeiçoado, ele ajudou-me mais do que uma vez, à exceção de que certa vez me deu o pior piano que se possa imaginar em que tive que tocar. (Riso geral) Houve certa vez uma loja, em Paris - claro que não existe mais - a que eu costumava ir muita vez a certa altura, que costumava vender... como é que lhe chamam? Doces de Fondant, de que eu era muito aficionado. Percebes que eu era tão grande consumidor de doçuras quanto tu?

Rose: (Riso geral) Eu sei que nunca fumou...

Chopin: Não, eu costumava comer doces. Eu não me entregava ao tabaco por causa do meu peito. Mas era muito apaixonado por Fondants, e havia uma pequena loja a que habitualmente eu ia. E havia lá uma pequena mulher que era proprietária dela que era uma mulher encantadora. Ela costumava fingir que era aficionada pela música, mas não creio que o fosse...

Rose: Era aficionada por si!

Chopin: Bom, por vezes ela mostrava-se generosa comigo. Por vezes quando estava com pouco dinheiro ela costumava dizer-me: "Ora, não tem importância. Mais tarde. Nós somos bons amigos, você e eu." Foi há muito tempo atrás. Ela chamava-se Hortense.

Rose: Hortense!

Chopin: Não creio que... não, tu não conheces nada...

Rose: Não, não. Mas já que o Frédéric está com disposição para conversar, talvez me possa dizer quem foi a Fanny. Lembra-se de uma Fanny, que veio conversar duas ou três vezes?

Chopin: Fanny... E não foi ela que te contou, foi?

Rose: Não.

Chopin: A Fanny era uma grande amiga de um amigo, que estava sempre disponível para nós. Era uma mulher muito amável que por vezes se interessava, que tinha amigos na música e que sempre fornecia montes de comida, razão porque era muito popular.

Rose: Ah, ela disse-mo! Ela disse-me: "Devia tê-lo visto, ele comia e comia..."

Chopin: Ela era muito amável para muitos músicos que passavam dificuldades, nesse tempo, e promovia esses pequenos encontros, cuja desculpa passava sempre pela música, o que nem perto da verdade chegava. Mas ela dava-nos tanto de comer e de beber, sabes, por saber que os artistas - e não eram só os músicos, mas todo o género de artistas – que geralmente viviam com fome e com grandes necessidades, e ela era muito generosa. Não era um carinho de pessoa nem nada disso, era simplesmente... Na realidade cheguei a ser-lhe introduzido por um amigo meu que era músico na ópera, fazia parte da orquestra.

Rose: O Amaury era amigo dela, não?

Chopin. O Amaury, é verdade, mas lá está... Torna-se-te muito difícil... estás a entender? As pessoas no meu tempo, embora não reinasse uma frieza estrita, como vocês dizem, havia uma separação entre as classes. Havia certas pessoas que eram capazes de ultrapassar a barreira; a Fanny era uma pessoa assim, a Fanny era uma mulher muito rica, e nesses dias o dinheiro falava mais alto, o que possivelmente ainda acontece nos dias de hoje. E ela era aceite, sabes, por o marido ter sido oficial e gozava de uns antecedentes. Mas ela, Fanny, não era nenhuma dama; isso era o que a questão tinha de divertido. Uma coisa que a Fanny tinha de engraçado era fingir que era uma dama, só que ela não enganava ninguém. Mas ela era doce por ser Fanny. Ela falou contigo?

Rose: Falou. Ela apareceu umas duas ou três vezes, e nós discutimos acerca de chapéus...

Chopin: Ah, ela discutira acerca de todo tipo de coisas e não só de chapéus. Ela discutia acerca dos homens, ela altercava sobre todo tipo de coisa. Ela tinha um pássaro, ela disse-te? (Rose: Pássaro? Não, não.) Ela tinha uma ave muito rude e que repetia todo tipo de coisa. E a Fanny, sabes, nem sempre percebia que repetias coisas conforme nós fazemos, sabes, sem pensar, e o pássaro imitava-a.

E por vezes, quando íamos a casa dela, o pássaro lá dizia alguma coisa, o que nos deixava surpreendidos, por ser sempre algo que a Fanny tinha dito, acerca de alguém.

Era muito divertido e todos o víamos como piada e dizíamos: "Vamos ver o que o pássaro dirá esta noite!" Ela era muito engraçada. Ela teve esse pássaro durante muitos anos. Ela tinha uma bela casa, que foi belamente retratada, mas conforme dizia, ela cultivava a sociedade, e certos membros da sociedade iam a casa dela, mas em determinados segmentos da sociedade não era aceite. Ela era uma mulher muito doce e amável, muito boa para os artistas.,

Rose: Ela foi muito amável em vir conversar comigo, e fê-lo duas ou três vezes.

Chopin: Ela não te contou acerca da Nanine?

Rose: Quem? Nanina?

Chopin: Nanine! Não, provavelmente não te terá contado.

Rose: Não. Quem era ela?

Chopin: Nanine foi uma criada que ela teve durante muitos anos; ela era tão amável com todos. Ah (...) o que aconteceu, o que nós fizemos, do que por vezes claro que riamos, mas ela era sempre tão amável e compreensiva. Por vezes quando ela sabia que os artistas tinham discutido, ela deliberadamente convidava-os, de forma que ela tentasse apaziguá-los.

Rose: Você tinha-me contado que teve uma discussão terrível, a determinada altura...

Chopin: Sabes, isso é verdade, mas... por vezes as discussões levam-nos a vicejar, durante um tempo, porque quando amamos muito alguém e admiramos muito a pessoa, por vezes não o conseguimos evitar por o revelarmos abertamente possivelmente mais do que o devíamos, e por vezes essa franqueza deixa alguém um tanto aborrecido, e a pessoa fica perturbada e chateada e talvez se revele infantil e ficar uma pilha e deixar de falar connosco. Mas a Fanny frequentemente juntava-nos. Ela era muito boa e reunia muita gente. Sabes, acho que lhe devo muito. Mas depois, ao examinar de novo a última encarnação que tive, eu devo muito a diversas mulheres. De facto, acho que não poderia ter existido... mas claro que não poderia ter existido não fora pelas mulheres que foram boas para mim, mas as mulheres sempre foram boas para mim.

Rose: Elas ainda o são.

Chopin: Elas foram-no sempre, mas por vezes eram más.

Rose: Ah, como as mulheres que mandavam... (Falam ao mesmo tempo) Espere lá, você era apenas um homem que concedia atenção e que olhava pelas... delicadas.

Chopin: Ah, eu sei. Eu tive disso até ao fim.

Rose: Onde estava essa Nanine quando faleceu? Não estava por perto, estava?

Chopin: Não. Não estava... não era possível. Tão pouco a Fanny.

Rose: A Fanny não estava consigo...

Chopin: Muita gente tinha morrido e muita gente tinha partido e muita gente tinha perdido o contacto que tinha comigo. A Europa era um sítio diferente, e era mais difícil lá chegar. Hoje não há nada... Em duas ou três horas vocês podem pôr-se em qualquer parte. Mas nesses tempos levava-nos diversos dias de carruagem...

Rose: Vocês costumavam chamar-lhe... Que é que lhe costumavam chamar?

Chopin: Chamar o quê?

Rose: Às viagens que costumava fazer. Esqueci como lhes chamavam, o nome especial que vocês davam às viagens que faziam de coche, etc... Deixe lá, não importa.

Chopin: Era algum nome engraçado, ou uma piada?

Rose. Não, não era piada nenhuma. Era o nome por que tais viagens eram chamadas. Não tem importância. Não se lembra. Fale apenas daquilo que recordar.

Chopin: Sabes por vezes gosto muito quando consigo vir e ser eu próprio...

Rose: É adorável, Frédéric.

Chopin: Também me divirto muito com isso, por pensar nas coisas conforme elas por vezes nos chegam ao conversar contigo, que esqueci, essas pequenas coisas que (talvez de algum modo ainda tenham mas...) mas que não têm mais influência na minha vida atual. Na altura eram coisas importantes e muitas vezes coisas muito felizes. E sempre me sentirei grato... mas embora pareçamos esquecer as coisas (e de certo modo esquecemo-las obviamente, porque ao progredirmos esquecemo-las) mas no íntimo da nossa alma temos sempre consciência de todos os momentos e do bem e do amor que recebemos das pessoas.

É como se isso se tenha tornado... eu não sei... isso carrega-nos em frente, somos levados nas asas do amor. Decerto que nenhum de nós pode conseguir nada ou tornar-se o que quer que seja a menos que seja pelos esforços de outros e dos seus pensamentos – nem sempre pelas coisas materiais, mas pelos pensamentos e pelo amor que as pessoas nos dão

Sabes, eu fui afortunado. Por vezes poderão, ao lerem acerca da minha vida, conforme fizeram tanta vez, pensar que eu tenha sido o homem mais infeliz. Em muitos aspetos fui muito feliz por ter feito as amizades e por ter tido os companheiros que tive. É verdade que tive os meus desgostos e que tive desilusões, mas isso é humano, e é a vida. Mas eu estou agradecido pelo pouco que tive ocasionalmente, e em muitos aspetos tive muito. A minha saúde constituiu o meu maior problema. Suponho que se a minha saúde tivesse sido mais forte, talvez a minha vida se tivesse estendido mais e eu tivesse conseguido muito mais. Mas depois, talvez tenha sido melhor assim. Quem, sabe? Tudo quanto sei é que estou grato por tudo quanto experimentei em cada encarnação, não só nessa mas em todas. E por toda a gente que fez parte da minha vida, de todas as vidas, e por tudo quanto contribuíram para mim e eu para eles.

Acho que de certo modo o número de anos não tenha importância. As pessoas sempre dizem: "Ah, quem dera que fosse jovem de novo," ou "Tenho receio de envelhecer. As pessoas fazem todo o tipo de coisas," dizem, mas na realidade o que importa não é a idade que se tem nem o número de anos que possamos viver, mas o que somos no nosso íntimo, o que tivermos alcançado – não por nós próprios mas pelo bem dos outros. O amor que tivermos dado, isso é que importa. Não é com o tempo que isso venha a ter importância, mas com a qualidade, o empenho. Não sei colocar muito bem, mas sinto-o muito forte.

Tu e eu, por exemplo. Tu não conheces isto em pleno, porque se não compreenderes não acreditarás. Tu és uma tola, não consigo evitar dize-lo, mas sabes, tu e eu estivemos muitas vezes estreitamente interligados. Mas quando aqui vens, conforme já te foi dito, compreendes o que possivelmente podes compreender. Nós estamos unidos por vários laços de amor que resistiram a todo tipo de gosto e a todo tipo de tensão, e consequentemente nós possivelmente alcançamos mais do que aquilo que eu próprio suponho - que não sabes.

O que importa é que estamos juntos. Tu não sabes como, talvez não o consigas perceber. Não podes nem compreender o milagre que envolve - por num sentido ser um milagre. Suponho que não o compreenderás adequadamente por causa disso. Mas a questão há algo que sempre sentiste e que sempre soubeste no mais recôndito da tua alma que deve ser... Tu talvez não o aceites mas é verdade. Esta unidade que partilhamos, este laço que é tão forte que nada pode quebrar... Eu estou a tentar explicar isto, mas não é somente por se dever a esta encarnação mas por se dever a muitas outras anteriores.

Quando nos reunirmos aqui será no sentido perfeito, e não haverá nada do tipo de infelicidade nem descrição alguma por ninguém sofrer por minha causa,

entendes? No vosso mundo, muita vez quando parece haver uma união perfeita, nem sempre será porventura tão perfeito quanto parece. Certamente que muitas vezes a felicidade de uns é granjeada às custas de outros, mas aqui isso não acontece. Aqui reina a completa felicidade por haver completa compreensão, completo conhecimento, completa realização, e por não sermos egoístas nem possessivos.

Nós damos de boa vontade e aceitamos de boa vontade. Não existe vergonha nem desonra nenhuma na aceitação. No vosso mundo por vezes as pessoas fazem uma ideia errada da aceitação, por vezes as pessoas não têm vontade de gostar de aceitar, e não me refiro somente ao amor, porque em diversos sentidos acharem que seja menos digno ou errado. Na realidade deviam perceber que é tão bom aceitar quanto é dar. E em tantos aspetos aqui percebemos que o amor apropriado, a união apropriada, a realização apropriada sucede quando as pessoas conseguirem ser completamente livres em si mesmas, nessa dádiva e nessa aceitação.

Aqui reina uma harmonia perfeita e completa por se verificar uma combinação tão natural em si mesma que nada a pode afetar por ser um amor perfeito. Isso é tudo quanto tem importância e é algo que tu e eu partilhamos com um número incalculável de pessoas. E eventualmente tu alcançarás a perfeita compreensão disso.

Rose: Porque é que lhe chamam "único"? Quando o Valentino veio, mas o Liszt também e mesmo o doutor Marshall. Todos eles disseram que é deveras singular.

Chopin: Eu creio que eles referem que seja único na medida em que, embora isso suceda com outras pessoas, leva muito tempo... Aqui existem muitos estágios de evolução e muitos estágios de desenvolvimento entendes? Porventura serão somente uns quantos - de que possamos ter conhecimento, evidentemente - que o tenham alcançado. Mas o que estou a tentar dizer que há milhares e milhares de pessoas no estado de evolução que estão a acercar-se e a trabalhar para esse objetivo. Mas elas poderão conhecer muito poucos que o tenham alcançado. O que não quer dizer que não haja milhões que o tenham atingido, para além do seu conhecimento, entendes?

Lá está, isto é algo que te poderá parecer um pouco confuso, mas ao mesmo tempo não devia ser confuso, porque afinal nós, que podemos viver numa certa esfera da evolução, podemos não ter conhecimento de certos indivíduos ou de gente que possa ter alcançado um estágio mais elevado de existência. Sabemos que existem, mas não os conhecemos necessariamente; não sabemos qual o seu estado de existência, por nós próprios não termos alcançado esse estado de perfeição.

E assim é que evidentemente as pessoas que chegam (...) e dizem: "Sabe, fulano ou beltrano, é deveras único!" Mas poderá ser único para elas por não saberem como o terá alcançado, mas não altera o facto de milhões de outras

pessoas... Provavelmente terá consciência de que não o terá alcançado, mas do ponto de vista de não te encontrado o parceiro certo. Pensaria encontrá-lo na ilusão terrena, mas mais uma vez, poderá ser que não seja uma alma assim tão antiga. Penso que terá alcançado muito ao passar pelas diversas fases da evolução

FALA SOBRE A VIDA

(SEGUNDA PARTE)

02-02-59

Chopin: ...Na vida é muito difícil. Eu compreendo muito mais do que aquilo e sinto empatia. Nós nem sempre sabemos valorizar ou perceber, por vezes, quando as coisas nos são dadas, como diversas pessoas fazem grandes sacrifícios para nos fazer felizes. Devíamos esforçar-nos por apreciar - porventura fazemo-lo, mas nem sempre o valorizamos, talvez, ou algo assim, conforme o devíamos...

Rose: Talvez as pessoas por vezes pensem que valorizar seja coisa que para elas seja impossível.

Chopin: Não, talvez seja o tipo de humildade que por vezes precisemos respeitar. Mas ao mesmo tempo precisamos perceber que dentro de nós se encontra algo tremendo, algo tão grande, tão absolutamente maravilhoso, que se tivermos fé e trabalharmos - e isto importa perceber, a fé em si mesma não é alcançável, mas com fé e perceção desse poder que temos dentro de nós podemos subir às alturas e alcançar as coisas que importam. Nada é impossível quando percebem o potencial inerente à vossa alma individualidade, porque essa parte de nós que é indestrutível, que é divina, possui um tremendo poder que é de tal modo vital e poderosa que nos dá a oportunidade de exercermos e de mostrarmos a nós próprios... Não, não existe coisa alguma como "não pode alcançar," ou "não consegue fazer," assim que o perceberem. Mas é verdade, precisamos ser felizes, mas humildes no sentido correto, e não no errado.

As pessoas que não alcançam êxito, qualquer que possa ser aquilo que querem fazer, deve-se ao facto de não terem Deus. Podem ter fé suficiente mas não têm Deus de forma suficientemente forte para desejar trabalhar suficientemente duro para o tornar possível; nada vem com facilidade, e tudo quanto vale a pena ter é árduo e muita vez uma luta, em consequência do que por vezes destruímo-nos mesmo a nós próprios com um tipo de processo desses de conquista, mas existe uma coisa chamada satisfação.

Quando percebemos que criamos e que trouxemos à existência algo que era maravilhoso e que vale a pena, algo que venha do nosso coração, das profundezas da nossa alma até que se torne algo belo. Mesmo que a vossa saúde seja arruinada para além da cura, mesmo que não alcancemos a idade madura, conforme o mundo o entende, ou jamais cheguemos sempre como que ao auge,

pelo menos terão alcançado um certo nível de sucesso que terão atingido para vossa satisfação, bem fundo no vosso íntimo, independentemente do que esse sucesso seja.

Mas o sucesso virá a ser alcançado por o terem tornado possível, por terem lutado por ele, por o terem desejado, por terem feito tudo quanto estava ao vosso alcance por isso, para que se torne numa verdadeira realidade. E então sucede uma tal alegria e uma tal realidade e satisfação... Quando para aqui vieres verás de um modo mais claro aquilo que quero dizer. Aqueles que alcançaram a grandeza, não acharam fácil o quanto sofreram pelo caminho.

Rose: Pois. Obrigado por este discurso...

Chopin: Mas é verdade que nós nem sempre pensamos que o êxito, conforme provavelmente saberás, seja sinónimo de felicidade, ao passo que a realização da conquista, esse esplendor interior, se quisermos, do sucesso, (muita vez no sentido material) comporta uma grande felicidade e amargura - talvez não amargura, mas uma sensação de... não de fracasso porventura, mas de desilusão. O maior dos artistas que se sinta satisfeito consigo próprio e com os outros mentirá. Nós combatemos os defeitos em nós próprios e vemos as fraquezas nos outros, e eles vêm para o nosso mundo e para a nossa música, mas ao mesmo tempo serão porventura essas mesmas coisas que compõem a grandeza, caso exista coisa alguma como "perfeição." Mas não o compreendemos, por vezes, por causa das fraquezas, em nós e nos outros.

Por podermos "pintar o retracto da verdade," como Shakespeare disse: "Porque teria o espelho que mentir? Será isso verdade?" Eu sempre tentei trazer à minha música vida, gente, amigos - existem múltiplas descrições de gente que trouxe à música e de locais que visitei, de facto acham-se aninhados em mim. Quando me sentia profundamente infeliz e triste, era quando por vezes alcançava os meus maiores trabalhos.

Não devemos recear a escuridão ou as sombras; devemos enfrentá-las e ser fortes e perceber que são o nosso desafio. Se o fizermos, de tudo isso resultará o nosso maior trabalho, a nossa maior conquista. Se não tiver sido com alegria e felicidade e contentamento, então não teremos alcançado muito. Muita da música que possui muito brilho, muita pura e alegria (...) muito pura e muito agradável, mas não possui alma nem lhes dá nada de satisfatório mas momentâneo.

É somente na música que se acha repleta da tristeza da vida, e as sombras negras, as rainhas, são profundas na sua realização e ajudam... Eu sei disso porque muitas vezes quando me sentia mais triste o descobria não só na minha própria música mas na música dos meus amigos e de outros, uma grande fonte de força. Por saber que não sofria sozinho mas junto com o mundo, todo o mundo sofre de um jeito ou de outro, e alguns parecem sofrer mais do que outros.

Mas nesta associação, nesta realização de que somos todos UM, estamos todos juntos na alegria e no sofrimento, De algum modo isso muda tudo. E

percebemos que a música é universal e representa a humanidade, com toda a grandeza, beleza e energia, toda a felicidade e tristeza e fraquezas e provações e tribulações. Todas essas coisas são a vida, e na minha música penso que tentei expressar essas coisas.

Mas foi quando me senti mais infeliz e triste que os meus maiores trabalhos foram conseguidos. Não me arrependo absolutamente nada pelas infelicidades que tive na vida, nem pela doença nem pelas desilusões e desapontamentos que tive em relação a mim próprio e aos meus amigos, por perceber que foi isso que me fez, assim como te fará a ti e a outros. Não devíamos recear essas coisas, mas aceitá-las como um desafio e saber que são boas para nós. É como os remédios que o doutor prescreve que não sabem bem mas que fazem bem; por vezes não, mas muita vez auxiliam.

Por outras palavras, nós somos todos pacientes, todos estamos doentes, todos somos fracos. Todos necessitamos de forças, mas precisamos lembrar que a força provém dessa fonte, dessa fonte divina. Em nós reside uma grandeza por ser alimentada por Deus, e por Deus nos dar este vigor estupendo que jamais nos deixará ficar mal, se tivermos fé n'Ele e na Sua vontade e no Seu poder e na Sua bondade e no amor que tem por nós. Nada se perde.

Um dia virás para cá e saltarás de alegria e não caberás em ti de excitação e animação por tudo quanto vires e por aqueles que conheceres, a música a que assistires, será como ser transformado num mundo que se tornou numa realidade estupenda. Mas aceita o teu mundo, aceita a tua vida, aceita os teus amigos, aceita tudo quanto conheces e percebe que por trás de todas as coisas e em toda a gente existe esta centelha do divino, e que existe desapontamento, e desilusão e fraqueza. Não obstante, essas coisas existem em ti tanto quanto neles.

Embora ninguém seja perfeito nós viremos a ti na perfeição, com perfeição de traços, todos nós. Mas gradualmente aperfeiçoar-nos-emos através do amor e na transmissão do amor, pela compreensão do amor, como que pela vivência da palavra, do amor e na manifestação do amor em todos os nossos pensamentos e ações, em todos os nossos modos. Estas coisas levar-nos-ão para mais perto e tornar-nos-ão mais Deus. Estas coisas são o nosso direito de nascença, as nossas dádivas naturais, a nossa herança natural. Tentei fazer todas essas coisas de forma insignificante porventura, na minha música e na minha vida, por frequentemente ter falhado. Mas nos fracassos da minha vida descobri o meu verdadeiro ser, e tu e outros também o descobrirão.

E se a minha música sobreviver, como sobrevive, indefinidamente, ela ajudará de algum modo a mostrar ao mundo que, aquilo que eu senti durante o meu tempo de vida, que pode ter sido há centenas de anos atrás, existe na mesma, e que tem sido procurado desde o começo dos tempos. O homem precisa encontrar o seu próprio Eu e ser forte e ter fé, e saber que consegue superar, e que na realidade pode tornar-se verdadeiramente num filho digno do divino,

pelos próprios esforços e pelos sacrifícios que deve fazer, que com esse sacrifício se poderá esperar chegar a alcançar.

Um grande músico só conseguirá tornar-se num grandioso músico se ele sentir intensamente a tristeza da alma dos outros tanto quanto da sua, e depositar tudo quanto possui de si mesmo e dos outros na sua música, e estiver preparado para trabalhar, dia e noite, e para se esforçar e lutar pela perfeição, ciente de que nunca alcançará essa perfeição, mas que atingirá algo que passe pela perfeição, pelo menos por um tempo. Porque ao nos tornarmos mais conhecedores, mais desenvolvidos, mais compreensivos, percebemos que aquilo que tivermos achado grandioso antes não era realmente tão grandioso, por termos alcançado uma grandeza maior, ou seja por estarmos sempre à procura, sempre a descobrir, sempre a encontrar grandeza em várias formas.

E aquele que disser que conhece todas as coisas, ou que tenha descoberto isto ou aquilo, ou uma realização insuperável, não passa de um tolo, por compormos um pouco mais e descobrirmos um pouco mais, sabermos um pouco mais e por sermos um pouco mais. Tu conseguiste progredir e virás a conseguir um progresso muito maior. E eventualmente encontrarás a felicidade que tiveres aprendido no devido tempo. Sê paciente contigo própria; sê paciente com a tua música, sê paciente com os teus amigos, e busca somente aquilo que for bom em cada um e serás muito mais feliz. Não que sejas infeliz mas, eu sei que tu (12:25) por um coração; por vezes…

(Fim da gravação)

SOBRE O QUE TORNA A PESSOA COMPLETA

26 Março 56

Rose: Frederick, estou para aqui sentada completamente impaciente.

Chopin: Tu estás sempre impaciente; esse é o teu maior problema. (Riso) Porque deverás estar impaciente?

Rose: Ah, bom, por causa de certas coisas que disse da última vez, que me deixaram tão empolgada.

Chopin: Contudo, torna-se muito difícil explicar, por precisarmos recuar e recuar no tempo e ressuscitar todas as memórias que em certa medida se estão a

tornar ofuscadas, mas o problema, os aspetos principais posso contar; mas muita coisa se perdeu.

Rose: Pois, mas do que quer que tenha conseguido reter, Frédéric, conte-nos.

Chopin: Torna-se muito difícil fazer com que as pessoas percebam o que torna uma pessoa completa.

Rose: Bom, creio que estou a perceber agora, por dispor destas gravações.

Chopin: São tantas as pessoas no vosso mundo que não compreendem os aspetos essenciais que tornam a pessoa completa! Há tantos aspetos, como o carácter, a individualidade, a personalidade; cada aspeto torna-se importante em relação ao todo. A completa unidade é algo que só pode ser alcançado depois de séculos de experiência em muitas vidas, em muitos corpos. O corpo é unicamente como que a concha, conforme sabes. É somente o veículo que sente e está habituado a expressar. Aquele que pensa que uma só vida é suficiente para conhecer e desenvolver a personalidade e para desenvolver a integridade, é tolo. Há tanta gente que pensa que a vida de um homem se ache circunscrita ao período de vida que vai do berço à sepultura... Isso não passa de um aspeto, uma única parte dessa totalidade.

Rose: Quando a pessoa se achar completa e deixar a terra por completo, que personalidade adotará, já que viveu tantas vezes na Terra e teve tantas vidas?

Chopin: Eu tentei explicar-te que o corpo físico é de pouca importância, embora seja necessário para se expressarem enquanto seres humanos que são, enquanto se encontram na terra, mas constituiu apenas o aspeto externo e não a realidade; é apenas a concha, e isso aqui não tem qualquer importância, por a carne e o osso aqui não poderem existir mas tão só o espírito. E o revestimento exterior desse espírito pode assumir muitas formas.

Enquanto no vosso mundo só podem assumir uma forma, ou seja a forma que lhes tiverem dado à nascença, forma essa que se desenvolve e cresce, tal como a Rose Creet que conheces enquanto Rose Creet fisicamente. O espírito não é assim tão, digamos, inibido, atrasado no seu desenvolvimento. Aqui podemos assumir muitas formas de acordo com o capricho, embora ao se desenvolverem para mais alto, para além das coisas materiais e do pensamento condicionado... por outras palavras, onde o corpo ou cobertura possui muito pouca importância. Podemos tornar-nos completamente invisíveis.

Por outras palavras, não precisamos de uma forma externa; na forma mais elevada do desenvolvimento não é necessário ter a concha ou a cobertura, mas podemos sempre assumir... Por exemplo, eu invariavelmente assumo a aparência exterior física do Chopin, conforme vocês me conheceram, mas se eu quiser - quer dizer, se concentrar o pensamento o suficiente - posso regressar a vós, não

como o Chopin em absoluto, mas como um dos corpos que assumi anteriormente.

Rose: Estou a entender. Sabe, aquela fotografia sua com o formato no teclado. Ora, porque terá isso aparecido dessa maneira? Que seria suposto que fosse?

Chopin: Bom, não se acha completo; é um processo mental que adotamos. Por exemplo, nós temos leis... sim, nós temos método, adaptamos mais ou menos, e podemos utilizar completamente certas leis a fim de criarmos. Afinal de contas a vida é criativa. Aqui aprendemos a criar. Por outras palavras, por exemplo, se quiser desenvolver uma imagem de modo que me consigas ver, posso mentalmente utilizar o meu poder - aquilo a que chamariam de concentração - com recurso à utilização da condição atómica ou poder da vibração, de que vocês de momento não têm conhecimento mas que os cerca a toda a volta. Por outras palavras, posso desenvolver não só uma forma - que até agora não consegui ser bem-sucedido nas tentativas que tenho feito por a edificar mas...

Por exemplo, não temos que aproveitar-nos apenas do corpo humano, por podermos fazê-lo a partir da natureza, que constitui um grande recurso de abastecimento em todos os tipos de manifestação. Por exemplo, quando usam um compartimento como este por um tempo indefinido e por longos períodos, para experiências especiais, a sala fica impregnada de uma força tremenda, que podemos utilizar, e que se torna essencial, por exemplo, à reprodução da voz. Mas mais tarde espero edificar a cobertura externa física do corpo de modo a que possas ver uma semelhança. Por vezes não resultará, digamos, completa, e só veem uns contornos indefinidos ou uma ideia indistinta daquilo que tentamos construir, tal como na fotografia.

Somos, por exemplo, capazes de, a partir do ambiente... Por exemplo, peguemos no caso desta sala. Até agora não obtiveram qualquer resultado bem-sucedido com a fotografia. Mas lá a cela em que eu vivi contém um poder tremendo. Essa é a razão por que não quero que vás a Maiorca, por ter sido usada durante muitos séculos para fins de oração, por parte de homens de bom viver cuja aspiração e pensamento no seu todo eram muito elevados.

Foi subsequentemente usado por diversas pessoas desde então, o que deixou para trás uma força espantosa, que, devido à elevada altitude, a natureza goza de uma condição de clareza e consegue-se retirar uma grande força dos arredores, para além da beleza real do mosteiro* assim como da música, que eu compus como o meu melhor trabalho, que se deve em parte, não só ao meu estado de espírito emotivo da altura, como também ao proveito tirado da força psíquica muito forte e potente.

**(NT: Possivelmente tratar-se-á do mosteiro de LLuc, em Maiorca, Espanha)*

Foi isso que me tornou possível, a curto prazo, o experimento com a imagem. Da próxima vez que fores (desta vez) espero que consigas alguma coisa em termos de fotografia, além de outras coisas que tenho em mente, espero bem. Mas quando a foto foi tirada não ficou bem formada, mas seja como for mostra a quantidade de poder que foi gerada em particular na zona do quarto, e que pode ser utilizada em certas alturas em especial para criar... Infelizmente desde a última vez que to contei, a atmosfera tem sido muita vez perturbada por muita gente estranha, de forma intermitente... e esse é o grande problema.

Quando sugeri que lá fosses na Primavera, pensei para comigo que talvez fosses menos perturbada por tanta gente, mas precisamos de o conseguir pelo melhor que pudermos. Mas o facto é que eu ter-te arranjado maneira de ires é algo que... normalmente ter-te-ia sido impossível ir lá este ano, a menos que o fizéssemos da forma que fizemos. Mas seja como for, vamos ter - espero bem - oportunidade assim que as pessoas saírem, e desaparecerem, sabes.

Eu tenho planos, coisas estranhas como querer que tentes, no jardim... não sei como encontrar palavras... as pessoas de Valdemossa, para além de um certo número de pessoas, é claro, que suponho serem muito materialistas, mas a vasta maioria é simples e assemelha-se bastante a crianças naturais, sabes. Mas por lá existe uma grande força da parte de espíritos elementais... Não sei como colocar isto. Sabes, algumas pessoas no vosso mundo acham que isso seja tudo uma tolice, mas precisamos ter em mente que o criador, ou que na criação, existem muitas formas de vida.

Se existe vida conforme a conhecemos, nos mais diversos aspetos da natureza, tal como nos arbustos, nas flores, nas árvores, na formação rochosa, se existir vida conforme a concebemos por toda a natureza, existe toda a razão para acreditarmos que exista o que eu sei ser um pequeno reino formado de gente pequenina que é pouco desenvolvida mas que são almas da natureza e que fazem parte do plano da natureza - eu sei que certas pessoas não compreenderão isto - mas no meu pequeno jardim existem espíritos desses, muito pequenos, suponho que lhes chamarão espíritos, mas não são travessos nem perigosos.

Rose: Fadas?

Chopin: Sim, são aquilo a que chamam Reino das Fadas. A minha música atraiu-os há muito tempo atrás, mas... isto poderá parecer-te tudo uma tolice.

Rose: Não, não, não é tolice, é maravilhoso. Eu vejo Fadas desde que me lembro.

Chopin: Não sei se as virás a ver, mas elas exercem um grande poder na natureza. Sabes, elas trabalham sob instrução, e podem ser usadas pelas almas deste lado, para fazer determinado trabalho, mas... creio que tudo isto te pareça uma rematada patetice...

Rose: Não, Frédérique, não me parece patetice nenhuma, de todo.

Rose: Quando sobes aos montes, quando chegas a Valdemosa sentes uma diferença, penso eu; se não o sentires isso deixar-me-á surpreendido, por ser uma parte do mundo que é muito abençoada e infelizmente está a ficar estragada, e torna-se difícil dizer por quanto tempo ela reterá essa naturalidade e esse poder. Mas eu quero... ah, tanta coisa... mas eu quero fixar esse local. Foi por isso que te disse no ano passado para lá ires este ano. Eu quero que vás breve, em breve, e não daqui a vários anos, porque agora que está a tornar-se tão popular o poder poderá diminuir, estás a entender?

Chopin: Preciso ir. Adeus.

Rose: Ah, adeus, e muito obrigado por vir, Frédéric.

Chopin: Ah, não é preciso. É uma alegria para mim aqui vir. Adeus.

FALA SOBRE O QUE TORNA A PESSOA COMPLETA

(2ª PARTE)

17 Dezembro 1962

(ESTA SESSÃO É DO INTERESSE PESSOAL DOS MEMBROS DO GRUPO-ALMA)

Chopin: Como estás esta noite?

Rose: Estou muito bem, obrigado.

Chopin: Ótimo. Eu também estou, e estou muito feliz por aqui vir esta noite de novo conversar contigo.

Rose: Frédéric… Frédéric… É você Frédéric?

Chopin: Estás a ter alguma dificuldade de momento em relação a quem está a falar-te, não madame? Não dês cabo da cabeça, com esta pequena provocação, certo, Rosa?

Rose: Rosa?!

Chopin: Ah, eu chamo-te Rosa, chamo-te madame. Como gostarias que te tratasse esta noite?

Rose: Frédéric, é você?

Chopin: Claro que sou eu! Só que eu gosto de pregar a minha partida.

Rose: (Riso) Ah, você é o máximo.

Chopin: Eu sou sempre o máximo. Sempre me interesso por tudo que esteja a acontecer, sabes, pelas diferentes pessoas que possam aqui vir. Posso não falar sempre, mas interesso-me por tudo quanto sucede.

Rose: Foi invulgar, o Valentino ter vindo e falado…

Chopin: Não, não é tão estranho quanto isso. Afinal de contas, ele é parte intrínseca deste trabalho, conforme já deverias saber. Afinal, ele esteve associado connosco, conforme já deverias saber, razão porque em diversas ocasiões... Afinal houve um tempo em que ele e eu fomos muito chegados. Mas não sabes nada acerca disso, sabes?

Rose: Eu sei.

Chopin: Ah, não sei, eu não te contei tudo, contei?

Rose: Não me contou tudo, mas outros falaram-me A propósito...

Chopin: Eu e o médium (Leslie Flint) e o Valentino fomos certa vez irmãos, há muitos séculos atrás, e o Valentino e eu eramos muito chegados.

Rose: Em que aspeto?

Chopin: Ah, éramos tão chegados que te seria perceber como.

Rose: Terá sido quando você foi o Benvenuto Cellini?

Chopin: Não consegues perceber como duas pessoas podem chegar a ser uma pessoa. Não compreendes como a combinação das almas e a mistura do espírito pode ser tal que possamos temporariamente partilhar um corpo físico. Quando subsiste uma grande unidade, quando subsiste um enorme desejo de empreender determinado trabalho mundano por um certo tempo, ou numa determinada coisa que seja importante, por vezes duas pessoas fundem-se e tornam-se durante um tempo, num certo sentido, do ponto de vista material, uma só. Mas que será que responde por todas as peculiaridades que ocorrem no ser humano?

Rose: Ah… Pois, pois...

Chopin: Esses casos de personalidade dupla, além daqueles que não são em masculinos nem femininos, aquelas mulheres que mais se parecem com homens, etc.? Tudo isso é devido a encarnações, ou grande parte disso é devido à encarnação, e muito se deve a certos aspetos do Eu, que se afirma muito mais do

que porventura as pessoas poderão compreender. Por vezes uma pessoa pode comportar-se de forma estranha e por vezes do ponto de vista material pode parecer muito normal durante uns anos, e então de súbito parecer que se opera uma mudança e quase se transforma numa personalidade diferente. Que será isso senão a personalidade dupla, ou aquilo a que chamam personalidade dupla, em que entidades deste lado se fundem e trabalham de determinada forma, porventura sem que ela por vezes o perceba, e criam uma reação física peculiar?

Nem sempre isso é possível, claro, por vezes as pessoas que estão a utilizar o corpo... mas trata-se de uma pessoa ou possivelmente até mesmo duas. Mas uma vez mais, é claro, ocasiões há em que deste lado nós imprimimos coisas na pessoa e usamos o indivíduo de tal modo que ele se torna quase...

Ia utilizar o termo obcecado, porém, não quero dar a impressão errada. Mas a questão está em que por vezes, por exemplo, quando o médium nem sequer está a trabalhar, quando por uma razão qualquer ele nem sequer o percebe, por vezes quando ele nem sequer está a pensar neste tipo de coisa, quando menos o espera eu surjo para fazer uma observação qualquer, da minha autoria, só que ele nem dá pelo facto de o ter feito.

Rose: A sério? Ah, entendo o que quer dizer. Mas, Frédéric, terá sido da vez que era o Benvenuto Cellini e o Valentino à mesma?

Chopin: Foi, mas precisas procurar entender, conforme eu o tentei, e nós tentamos, se é que vos podemos levar a entendê-lo, que por vezes se verifica uma fusão de mentalidades, uma fusão de indivíduos, uma fusão da força do espírito, uma fusão das vibrações. Por vezes um corpo tem... mas precisamos antes de mais esclarecer em que consiste o corpo. O corpo é algo que é animado pela vida, mas por trás do corpo encontra-se o temperamento, a individualidade, a personalidade, o carácter, mas por trás de tudo isso estão as forças do pensamento.

Mas por vezes dois indivíduos podem fundir-se e trabalhar num certo corpo e consegui-lo na perfeição, ou dar-lhe vida por detrás disso. Mas depois, quando o trabalho nesse corpo particular termina, os indivíduos poderão separar-se, embora não vão exatamente por caminhos distintos, mas então tornam-se indivíduos de novo. Quisera ser capaz de te explicar estas coisas.

Rose: E vocês descem da vossa esfera de vida, suponho, e habitam o corpo ao mesmo tempo que...?

Chopin: Não existe isso de um espírito habitar um corpo – essa é uma outra falácia dos tolos que procuram explicar as coisas. Nós na realidade não habitamos o corpo no sentido em que algumas pessoas parecem pensar, de estarmos no corpo no mesmo sentido. As pessoas pensam que quando uma pessoa morre a sua alma lhes saia do corpo. Bom, não é assim. Não se pode explicar isso dessa forma.

Aquilo que precisam ter em mente é que existe um corpo etérico que constitui um duplicado do corpo material, que por sua vez é animado pelo espírito, o qual não possui corpo nesse mesmo sentido. E ele não se encontra necessariamente dentro do corpo físico mas constitui a força que o anima que se encontra por trás do corpo etérico e do corpo material. E quando o corpo físico morre o corpo etérico ainda retém a forma e o contorno, e é essa parte do homem que é reconhecida como o indivíduo. É com essa parte que as pessoas comunicam.

A comunicação, por exemplo – seja qual for a forma que adote, quando alguém vem deste lado da vida, é o corpo etérico que utiliza, o qual é registado no plano mais material ou próximo da condição terrena, de qualquer forma. Mas é a força que anima ou mente espiritual por detrás disso que lhe dá vida. A questão toda tem que ver com o facto de se falar demais sobre esses corpos. Esses corpos são meros veículos na sua expressão da mentalidade e da mente e do espírito... da vitalidade e da vida... a força revitalizante que é a própria vida em si mesma.

Mas o corpo etérico é uma parte importante do homem, de que vocês não têm conceção nenhuma. As pessoas falam livremente do espírito, mas o espírito em si mesmo é algo de indefinível na medida que não tem forma nem contornos. É o corpo etérico quem possui forma e contornos. Mas, é claro, quando se entra na condição mais rarefeita ou atmosfera ele adquire uma forma mais pura e mais rarefeita. Mas, num certo sentido ainda é o corpo etérico que passa por esse tipo de mudança, que se transforma no corpo espiritual.

Só que esse corpo etérico é aquilo com que nos fundimos e usamos quando entramos no corpo físico para estabelecermos contacto, por causa da mente do indivíduo, do espírito, da força revitalizante da vida, tudo quanto tem lugar fundamentalmente na forma superior do homem é a coisa que se manifesta por detrás de toda a aparência da vida. A questão está em que o corpo e si mesmo - podes-lhe chamar um nome - tem uma forma e contornos, mas isso em si mesmo não passa de um mero veículo do homem, uma expressão do espírito, e é possível que dois espíritos animem o corpo físico, e o corpo etérico por intermédio do corpo físico. Mas o etérico assume uma réplica, conforme já disse, do corpo material. Mas, aquele que é importante, e a mente e o espírito que são a força motivadora por trás da vida. (Gravação cai subitamente)

Rose: Sim, estou a entender, Frédéric.

Chopin: Não sabes que há quem, sob todas as aparências, leve uma vida simples de um indivíduo no vosso mundo, e que subitamente passa por uma experiência, em que acontece algo e fica mudada. As pessoas não entendem isso. É claro que explicações surgem que por vezes correspondem à verdade. Por vezes o corpo é assumido por uma entidade deste lado, que se encontre apegada à terra, ou poderá dar-se o caso de certas pessoas que sejam motivadas pelos mais sublimes motivos e se tornem muito espirituais no seu desenvolvimento. Elas

passaram por uma fusão, o espírito do indivíduo funde-se com o espírito de uma entidade superior e gera-se uma fusão.

Se ao menos conseguissem livrar-se da importância que dão ao corpo físico, entendes? Por exemplo, se eu for o Cellini, e alguém mais o for igualmente, num certo sentido, o Cellini, estamos a falar de um corpo físico e de um corpo etérico, mas o que tem importância é que a força motivadora por trás da pessoa, ou do que parece ser um indivíduo, pode muita vez envolver vários. Mas não há necessidade de dizer que esse indivíduo tenha perdido a sua personalidade ou carácter. De facto, é apenas através da fusão e das mudanças graduais que sucedem ao longo das diversas encarnações e experiências que o espírito evolui e se torna, em si mesmo, livre de todos os impedimentos das condições material e astral.

As forças motivadoras que se encontram por trás de toda a vida, são, em si mesmas distintas, mas ao mesmo tempo acham-se misturadas. Quando nos livrarmos dessa ideia de que uma pessoa possa ser completa e absolutamente um indivíduo. No sentido mais elevado não existe coisa alguma como um indivíduo. Existe a forma e os contornos externos que, em todos os aspetos parecerão formar o indivíduo, mas quanto mais progredirmos, mais percebemos progressivamente mais que fazemos parte de uma enorme mistura de almas e do espírito, e que contribuímos por alguma forma para isso. Mas nos estágios iniciais do crescimento e do desenvolvimento, antes de atingirmos um determinado ponto no nosso desenvolvimento, digamos, muitas vezes há duas ou três forças ou espíritos a animar a pessoa. O que pode parecer resultar num corpo ou num duplo etérico. A questão está em que há muitas formas de vida, e durante um tempo todas essas formas de vida têm a sua perceção, o seu sentido e o seu propósito, mas à medida que progredimos começamos a perceber que fazemos parte de toda a espécie de outras coisas e de pessoas e de condições.

Não devem admitir nunca o facto de, por uma pessoa se chamar fulano ou beltrano, lé por todas as aparências ela possa ser fulano de tal, ela seja necessariamente completa e absolutamente essa pessoa. Num certo sentido estão unicamente a ver um pequeno aspeto somente dessa pessoa. Não veem a pessoa completa, nem podem. Vocês encontram-se num mundo de três dimensões. Quando saírem das três dimensões para uma quarta dimensão, quando perceberem a imensidão que é, perceberão que por vezes é estúpido tentar situar a pessoa no corpo e depois dizer que seja essa pessoa. Vocês só percebem um aspeto da pessoa, não estão a ver a pessoa completa, não percebem toda a contribuição que foi feita por toda a sorte de gente e por toda a espécie de forças deste lado. E num só corpo podem estar a manifestar-se várias forças, todas as operar para o bem comum, todas em harmonia, todas as esforçar-se por expressar e por criar uma personalidade maior, aquilo que conseguem visualizar no corpo material.

O corpo material restringe. No próprio trabalho que levei a cabo no vosso lado eu vi-me demasiado restringido pelo corpo material, mas a toda a hora tinha

consciência do facto de outras forças operarem em mim e ao meu redor. Eu não o compreendia, nem o percebia, mas esforçava-me por dar tanto e conseguia tão pouco, por causa da falta do piano, por exemplo, na minha música. Mas havia tanto que queria descobrir, tanta coisa que queria realizar, tanto que queria expressar, só que existiam muitas forças limitativas no sentido material.

Assim que me consegui evadir do corpo material e penetrei uma compreensão maior e mais plena das coisas e da verdade, aí comecei a assimilar um conhecimento e uma experiência cada vez maiores, ao mesmo tempo mais em sintonia e mais habilitado a perceber e a ver e a ser capaz de o fazer. Aqui não existem restrições. Não nos encontramos confinados às três dimensões, e encontramo-nos livres dos corpos.

Rose: Quando esteve vivo na terra, será que alguma vez... terá tido outros corpos etéricos a influenciá-lo? Deve ter havido.

Chopin: Tive, mas eu não o compreendia conforme agora o compreendo. E é por isso que acho importante que tentemos perceber que, embora possamos reter uma forma e contornos, e ser reconhecidos - sempre que quisermos ser reconhecidos pelas pessoas em determinadas alturas como determinada pessoa e não por outras, evidentemente - podemos ser reconhecidos e baixar, num certo sentido, as nossas vibrações, se me for permitido usar essa expressão, de modo que, as pessoas que nos amam e a quem amarmos sejam capazes de dizer:

"Ah, este é fulano de tal, este é aquele que eu amei." Mas quando também elas se tiverem desenvolvido e expandido os seus conhecimentos, e tiverem progredido, elas perceberão que não são os indivíduos que importam, mas a compreensão de que por alguma forma miraculosa somos todos do mesmo espírito, e que quando ao amarmos uma pessoa, porventura sem que o entendamos inicialmente, estamos igualmente a amar as outras. Quer dizer, estamos a amar tudo quanto tem que ver com a vida, tudo quanto se acha ligado a nós. Por estarmos a toda a hora não só a expressar-nos a nós mas a expressar outras facetas da natureza, outros aspetos da verdade, outros aspetos das pessoas que conhecemos e que parte de nós, entendes?

É por isso que falamos sobre esta família, falamos sobre este grupo e sobre as pessoas e as vidas individuais, e o que certa vez fomos, e o que possamos ter realizado. Também estarmos relacionados e sempre esperarmos levar a entender que somos todos responsáveis uns pelos outros, e por aquilo que somos e por aquilo em que poderemos tornar-nos. Não estamos a avançar, não estamos a tratar, como quem diz, da nossa própria salvação. Estamos sempre a prestar auxílio, e inconscientemente porventura, nas fases iniciais, a prestar auxílio àqueles que se encontram a tratar da sua. É por isso que essa coisa maravilhosa se dá. Estamos todos tão em sintonia e tão misturados e quanto mais nos desenvolvermos, quanto mais nos tornamos, mais percebemos isso. É por isso que quando falamos de encarnações, isso comporta um vínculo importante evidentemente, mas estamos sempre a tratar do nosso próprio desenvolvimento.

E ao fazermos isso também estamos a influenciar consciente e inconscientemente outros e a ajudá-los a resolver a sua, sabes. Quem dera que te pudesse explicar isto.

Rose: Mas está a fazê-lo muitíssimo bem, de facto, e muito rápido.

Chopin: Bom, estás a ver, há coisas que creio já te ter dito, há algum tempo atrás, que pode causar confusão, e por vezes poderia ser um tanto difícil de apreciar e compreender, mas o que importa é compreender que estamos todos em sintonia. Penso que quando se puder perceber que fazemos todos parte do compasso, que fazemos todos parte da harmonia, fazemos todos parte da construção, se quisermos, que uma só nota isolada é inútil, e que precisa existir uma mistura de notas, precisa gerarmos uma harmonia e sintonia.

Por vezes as notas podem ser vagas por não serem tocadas em sintonia e em harmonia, do que resulta a desarmonia e vocês veem isso por entre as pessoas, até mesmo do nosso próprio grupo. Por vezes gera-se um tilintar um balouçar e uma desarmonia, uma dessintonização, mas isso deve-se a que esse membro particular ainda não ter sintonizado as nossas vibrações, por ainda não ter sido levado a determinado nível superior para que possa ficar em harmonia e possa contribuir para tudo quanto tentamos expressar e fazer.

Conhecemos a importância de cada um de nós, mas ao mesmo tempo percebemos que não podemos nem devemos esperar ser capazes realizar, ou fazer, ou tornar-nos completa e absolutamente um só até que o resto tenha alcançado uma certa elevação. Devemos procurar esquecer-nos de nós próprios, e por vezes repetimos isto, temos que nos esquecer de nós próprios. Mas ao mesmo tempo, à medida que nos esquecemos de nós precisamos perceber que ao fazermos isso estamos a desenvolver-nos.

Quando nos esquecemos de nós, é-lhes dito repetidamente, estamos no caminho certo do progresso. Estamos no caminho do progresso espiritual e da consciência espiritual, por nos desdobrarmos no nosso íntimo em expressão, mais do que alguma vez conseguiríamos. E menos egoísta a pessoa se torna. É por isso que é tão errado que tanta gente pense que o mundo do progresso espiritual esteja no retiro do mundo, que esteja em se desligarem, e que esteja em viverem para vós próprios e que devam como que estar a toda a hora em harmonia, mental e espiritualmente, com Deus. Esse não é o caminho, não é o verdadeiro caminho. O verdadeiro caminho está em perceber as faltas e as falhas da humanidade (ruído de tosse) perceber a imensidão da tarefa e sair pelo mundo e decidir-se a combater isso. A lutar com todas as coisas que os assediam. Porque quando se contribui para a vida e a felicidade das pessoas, estão inconscientemente, mas ainda assim, a motivar-se a desenvolver-se a vós próprios.

Rose: Sim, estou a entender Frédéric.

Chopin: É a única forma, entendes. Quando nos encontramos na terra como indivíduos, porventura na nossa consciência não temos noção da tremenda

importância das existências anteriores, quando temos uma conceção de vida limitada e frequentemente andamos tristes e infelizes e sentimos por vezes que somos... bem, que levamos uma existência porventura sem sentido. Por vezes sentimos não ter realizado nada, ou então sentimos que a nossa vida não faz qualquer sentido. Não vemos nem compreendemos que possivelmente o que parece ser um fracasso, no sentido espiritual não seja necessariamente assim.

Terá sido um total e absoluto fracasso, se quisermos, em termos materiais, tal como veem as coisas em termos materiais. Por vocês julgarem grande parte daquilo que fazem, e muita gente julga as coisas a um nível material. Mas mesmo vós, por vezes dizeis: "Ah, não fiz nada. De que valerei eu?" etc. Mas quer dizer, vós não sabeis, não percebeis em absoluto que terão contribuído imenso por muitas formas para outros. Por vezes conscientemente e outras vezes inconscientemente. Mas nós somos todos veículos, entendes. Quando estamos na terra em corpos, somos veículos da expressão e do desdobrar do Espírito.

Nós temos, se preferires, o que por vezes é verdade, que parecemos estar limitados, no entanto, de certo modo há muita coisa que podemos realizar, que podemos fazer, se percebermos no nosso íntimo, que não existe limite, mas tão só aquele que definimos, se formos suficientemente tolos para o fazermos. Mas quando lançarmos fora os preconceitos e abrirmos o nosso espírito para recebermos e nos dispusermos a trabalhar e a deitar mão à obra, em prol das coisas que soubermos que sejam para o bem ou excelentes, ou venham a beneficiar não só a nós próprios mas a outros... Quando nos misturamos, quando nos entregamos, quando expressamos, quando fazemos as coisas que são imperativas que nos incitam através a nossa renúncia do espírito que constitui a força divina, a força que flui através do nosso ser. Quando damos a nossa verdadeira expressão.

Passei por alturas em que fui capaz de receber uma inspiração dessas, esta força de grande intensidade e eu trabalhava horas seguidas e esquecia tudo o mais, esquecia de comer, esquecia tudo. E depois ficava exausto e precisava dormir. Mas no dia seguinte percebia que o que tinha realizado era realmente grandioso. Tive alturas em que conheci a minha grandeza, mas mais uma vez percebia que no fundo de mim mesmo não era eu, embora colhesse os louvores à semelhança de tantos outros que colheram os louvores pelo muito que tinham conseguido, embora num certo sentido, não fosse necessariamente apenas pelo trabalho.

Percebemos o imenso poder, o amor, a força e a vitalidade espantosa que flui, que chega como algo que cai sobre nós. É algo que sucede de uma forma estranha. Sabemos que está presente, sabemos que é altura de trabalharmos, o momento de realizar. Nós artistas sempre conhecemos quando o momento adequado chega, quando conseguem e quando não conseguem. É por isso que um artista não pode trabalhar pelo relógio. Não podem dizer a um artista: "Senta-te e compõe," que ele não o fará. Os artistas não o conseguem funcionar assim. É sempre o espírito que está presente, que irrompe, que se expressa. E então, o

corpo físico não suporta mais e precisa render-se por um tempo, precisa relaxar, precisa permitir-se ficar tipo tranquilizado e que precisa como que ser capaz de se reajustar.

Se ao menos eu conseguisse explicar esta coisa que o mundo chama obra de génio. É uma coisa que o mundo jamais entenderá. Porque será que um homem pode ser um génio e outro pode ser um fracasso? Porque será que um homem possui uma grande habilidade e parece nunca conseguir nada? No entanto há estas almas que parecem realizar coisas notáveis na sua vida. Há tantos que se pode apontar, grandes artistas, grandes compositores, e grandes poetas, todo o tipo de grandeza por diferentes formas e modos. Mas eles são todos vítimas, se quisermos usar o termo, daquilo que vocês designam por "inspiração," que afinal não passa do espírito que se move e que anima, que vem não só de nós próprios mas que vem de fora de nós, que vem das diversas forças, das forças do indivíduo, da força das pessoas. É tudo expressão da tentativa que empreendemos por nos expressarmos a toda a hora, e por que não podemos esperar que os corpos terrestres serem coisas desajeitadas e nem sempre serem fáceis de usar e fáceis de comandar.

Se pelo menos eu conseguisse explicar-te como estas coisas podem acontecer, com podem suceder mesmo no caso da pessoa mais extraordinária que não pensem possa fazer coisa alguma, que superficialmente se sinta satisfeita e que nada tenha a oferecer. Essa pessoa de súbito fica animada por algo de obviamente não vem dela e que a leva a fazer alguma coisa de formidável, que leva a que o mundo a aclamá-la com um grande poeta ou uma grande escritor, um grande músico, seja o que for. Se conseguirem perceber que é essa grandiosa força viva, que nos anima no mais elevado dos níveis, quando isso nos sobrevém então de facto estamos a conseguir um progresso, uma evolução formidáveis e necessários no nosso desenvolvimento, mesmo que não o compreendamos.

Rose: Mas essa gente que de repente consegue uma grande inspiração e depois vem a tornar-se famosa, não terá em si mesma alguma coisa que encoraje outras entidades...?

Chopin: Claro que sim, têm algo, mas ao mesmo tempo trata-se muita vez de almas antigas que renascem no mundo com um propósito. Não digo que seja em todo os casos, mas em muitos casos são almas velhas que regressam à terra no corpo físico. Por vezes são escolhidas, e outras vezes são enviadas de volta com um trabalho específico. Mas por vezes devido às limitações ou o que parecem ser limitações corporais elas parecem não conseguir realizar muito durante um tempo. Mas de repente o espantoso poder do Espírito faz-se presente e aí descobrem que começa a romper com as ataduras, começam a ter uma prestação dessas. Torna-se-me extremamente difícil fazer com que entendas o que estou a procurar dizer, mas estou a esforçar-me arduamente.

Rose: Sim, eu sei, eu mais tarde vou reproduzir isto três ou quatro vezes. Isso irá entrar-me de alguma forma.

Chopin: Penso que quando as pessoas se conseguirem livrar da ideia de por causa de terem nascido, e terem sido batizadas, e de crescerem e desenvolverem uma certa personalidade e determinadas características, isso constitua a pessoa. Isso é apenas um aspeto, apenas uma parte. Não é a pessoa completa... é unicamente um aspeto, apenas um exemplo, uma parte. É o que é revelado - deixa que o ponha nestes termos - revelado através das condições limitadas do corpo terreno. Mas por detrás disso há toda a sorte de influências que exercem influência, até mesmo toda a sorte de indivíduos.

Não conseguis entender essa combinação do que o compõe; como podem estar em diferentes níveis e ainda assim achar-se em profunda sintonia e a focar gradualmente a sua atenção e as suas ideias e as suas inspirações; gradualmente como que a emitir todas essas coisas que compõem o indivíduo na medida em que o corpo humano permite as circunstâncias da vida que o rodeia, para se tornar alegremente um grande artista mas igualmente grande por muitas outras formas.

O corpo humano é um veículo. Devemos encará-lo assim; podes-lhe chamar o que quiseres, podes chamar-lhe Rosie, podes chamar-lhe Frédéric, mas é um veículo. É um veículo que passa a ser alvo do amor das pessoas e que, por amarem naturalmente o indivíduo que resplandece através do corpo e do espírito que nele se manifesta, amais, mas a questão é que em si mesmo não passa de uma concha.

Provavelmente conseguirás perceber como o corpo etérico é tão belo e tão brilhante e ainda assim nem mesmo isso constitui uma realidade. É apenas a concha num nível superior. E quando se chega ao verdadeiro espírito do indivíduo, quando se fica em completa harmonia e sintonia com isso, percebe-se que se é uno. Quem dera que fosse capaz de explicar esta coisa espantosa...

Rose: Mas, este nosso grupo, Frédéric, agora há muitos de vós desse lado e muitos de nós deste nosso lado. Quando todos passarmos para aí, que sucederá?

Chopin: Bom, eu penso que eventualmente quando o grupo se encontrar todo em harmonia, completamente em sintonia, aí, não só por causa da mistura das nossas personalidades e dos nossos caracteres individuais e do nosso desenvolvimento da alma e da experiência, formaremos um todo unificado. Ponho-o nesses termos por entrarmos num ritmo diferente e num estado de existência diferente, num plano de existência muito mais elevado, e evoluiremos mais.

Rose: Estou a entender. Mas então aí não possuiremos qualquer forma.

Chopin: Não estou a sugerir que não venhas a ter qualquer forma, as se unicamente conseguisses apreciar a necessidade de entendermos isso. Por alguma forma deves compreender, por não podermos realmente dizer, quando se ama uma pessoa, que se conhece essa pessoa. Por conhecermos determinadas coisas sobre a pessoa, determinados aspetos do seu carácter, como que tocas certas

partes dela e tens consciência dela. Mas ao mesmo tempo há coisas que permanecem um mistério, que se pressente e sente mas que não se pode tocar.

Na realidade não se consegue tocar o âmago de uma pessoa; pode-se tocar o corpo físico e passar pela expressão do amor físico mas, que coisa espantosa será essa que quando o corpo da pessoa deixa de funcionar, essa coisa formidável que é a realidade? Quando deixa de funcionar no corpo, ele fica inanimado e sem vida, e de certa forma sem sentido. Estás a entender, precisas começar a perceber que são as nossas almas que se misturam, são as nossas almas que se reconhecem umas às outras, são as nossas almas que são responsáveis por tudo e são conscientes de todas as coisas. O corpo é aquilo que é acessório e útil, que nos foi dado por um tempo, mas não é a realidade.

Rose: Pois, mas o que me confunde não são os corpos, mas é o corpo etérico, o corpo espiritual e sabe Deus que mais, porque num certo sentido, quantos mais corpos haverá?

Chopin: Bom, há o corpo terreno, o corpo etérico, que é apenas a atmosfera etérica e que constitui a réplica do corpo físico num nível mais elevado, e isso é a força animadora que revitaliza, e que é o espiritual. Não lhe chamarei corpo por ser a força espiritual que anima. Mas, estás a entender, sempre que quisermos ser reconhecidos, sempre que nos quisermos dar a conhecer, animamos e usamos o corpo etérico.

Rose: Ah, estou a entender. Como é que o utilizam?

Chopin: Pelas forças do pensamento, pelo poder da perceção pessoal, estás entender? Regressamos, num certo sentido, a nós, por não o podermos evitar quando falamos disso a partir do ponto de vista da linguagem humana. Mas sempre que quisermos ser reconhecidos pensamos em nós; não no sentido egoísta, mas pensamos em nós conforme desejamos ser reconhecidos. É por isso que podemos assumir, é por isso que eu assumi, por um prolongado período, diferentes aspetos do meu ser.

Rose: Pois. Gostava de saber quantos eus já foi até agora, Frédéric.

Chopin: Ah, não sei, talvez uns vinte ou trinta, não me lembro. Mas talvez aqueles que são menos importantes tenham sido reduzidos, porque quando uma coisa deixa de ser importante e deixa de ter qualquer influência ou sentido, quando a coisa tiver perdido o propósito também terá deixado de existir. Mas enquanto pensarmos, enquanto recordarmos, e tivermos desejos relativamente a um determinada vida ou a uma certa forma, ou o que quiseres, porque não se restringe a uma pessoa; pode tratar-se de qualquer coisa, uma peça de vestuário, um móvel, um certo tipo de piano.

Quer dizer, aqui possuo vários pianos, diversos instrumentos, mas como te disse, no meu mais elevado plano de desenvolvimento e de evolução, não necessito de qualquer piano. Mas se baixar a uma condição etérica, aí possuo

uma réplica de diversos pianos que eu aprecio. De acordo com o plano em que me manifesto, em que porventura esteja a dar um concerto, se quisermos. Nessa vibração há um piano acertado para mim e preparado para cada particular recital, nessa atmosfera particular. (falam ao mesmo tempo)

Rose: Mas é justamente feito para si ou é apenas pensamento? Como é que o obtém?

Chopin: Não, é fabricado… depende. Se for num plano muito baixo, é construído. Mas se for num nível ligeiramente mais elevado, é conseguido pelo próprio poder revitalizador do pensamento. Afinal de contas, o pensamento constitui a coisa criativa que se encontra por detrás de toda a vida. Desse modo, se os nossos pensamentos forem suficientemente elevados e suficientemente reais, suficientemente sólidos, se quisermos, então a solidez dos nossos pensamentos poderá criar coisas sólidas, a partir do que designais como "o nada." Mas é a nossa realidade e o poder do nosso pensamento e do desejo que tornam possível essa substância criativa.

Quando vimos conversar contigo, concentramos os nossos pensamentos e pensamos... pensamos num nível etérico, que ao mesmo tempo também pode ser bastante limitativo em relação ao que podemos fazer passar-te. Esse tem sido o problema com que há muito nos confrontamos, o de sermos capazes de vibrar num nível terreno baixo, digamos, ou próximo à terra e ao mesmo tempo pensar no nível mais elevado. Por ser como duas coisas contrárias ao mesmo tempo. Mas é com isso que me tenho debatido, e para o que temos vindo a conjuntar esforços. É por isso que penso que agora conseguimos muito mais. Verás o desdobramento gradual do conhecimento que vos endereçamos ao nível etérico, só que a partir de um plano do pensamento espiritual próximo a mim. Deixa isso por minha conta.

Não posso ficar mais tempo. Voltaremos a falar disto na próxima quinta-feira à noite. Mas não te preocupes caso uma ou outra pessoa venha falar, porque todos quantos vierem terão algo de bom a dizer; podem não ser bem-sucedidos, mas têm boas intenções.

Rose: Ah, isso sei eu, eu acolho toda a gente…

Chopin: Quer dizer, não te preocupes com nada, que correrá tudo bem. Descobrirás que todas essas pequenas peças encaixarão todas e que acabarão por fazer sentido. O que te pareceu obscuro na semana passada tornar-se-á claro na próxima semana ou no mês que vem; deixa isso a meu cargo. Preciso ir, o poder está a falhar. Vemo-nos na próxima quinta-feira. Boa noite.

Rose: Boa noite.

26 de Novembro de 1956

Michey: Eu sabia que virias hoje

Rose: Ah, é claro que sabias.

Flint: Claro que ele viria. (Ri)

Rose: Como poderia deixar de saber? Vais fazer alguma coisa excitante? Mamoose parece pensar que vamos ter uma noite muito emocionante.

Michey: A sério? Gostava de saber porquê.

Rose: Esteve em transe na noite passada?

Michey: Transe?

Rose: Ele diz que esteve - e que acordou e que eu por si a falar numa língua qualquer estranha.

Michey: Ah. Eu não sabia nada disso. Já tenho muito que fazer com a mudança diária - já para não falar da mudança noturna.

Flint e Rose: (Riem)

Chopin: ...Eu estive lá na noite passada.

Rose: Você esteve, Frédéric?

Chopin: ...Experiências.

Rose: Oh, eu... eu... Não me ouviu dizê-lo?

Chopin: Eu sei. Eu estou sempre lá a tentar fazer alguma coisa, sabes. Eu estou sempre a experimentar sempre que consigo ter uma oportunidade, sabes. E muitas vezes acho que a melhor altura é quando o médium se encontra completamente inconsciente e não sabe. Mas ocasionalmente eu tento ver se consigo estabelecer algum contacto no estado de sono, sabes.

Rose: Sim, e sei o que estava a fazer: a praticar o seu Polaco.

Chopin: A falar no meu próprio idioma, sabes.

Rose: Sim.

Chopin: Eu quero tornar-me proficiente em transmitir os meus pensamentos por sons através do médium, entendes?

Rose: Sim.

Chopin: Eu acho que vamos ter que o deixar inconsciente nas sessões.

Rose: Sim, essa é uma ideia muito boa, Frédéric. Está a praticar para o meu amigo?

Chopin: Bem, eu não sei. Estou só a praticar.

Rose: Para quem?
Chopin: Qualquer um. Não apenas uma pessoa em particular.

Rose: Oh, eu gostaria de saber Polaco.

Chopin: Por quê?

Rose: Por que não pratica agora, se pode? Não vai tentar?

Chopin: Não, eu prefiro falar em Inglês, caso contrário, tornar-se-ia ininteligível para vocês. Além disso, é muito mais difícil e eu quero fazê-lo à minha própria maneira.

Flint e Rose: (Riem).

Rose: Você sempre tem a sua própria maneira, não?

Chopin: Por o meu jeito ser o acertado. A minha maneira é a sensata.

Rose: Estou a entender. Tudo bem, senhor!

Chopin: Em todo caso, não teremos qualquer oportunidade de falar com alguém na minha língua por algum tempo.

Rose: Não?

Chopin: Em todo caso, eu tenho as minhas próprias razões.

Rose: Por quê?

Chopin: Eu quero ser capaz de ser proficiente. Eu quero ser capaz de dominar a situação.

Rose: Ah, pois.

Chopin: Não quero que ninguém possa dizer: 'Ah, bom, ele não falou muito bem o Polaco,' ou algo assim. Além disso, não te esqueças de que o Polaco de há 150 anos atrás não é o mesmo de hoje.

Rose: Ah, não é?

Chopin: E consequentemente eu tenho que aprender a falar o mais moderno.

Rose: Ah. Tudo bem, Frédéric. Como é que pronuncia o seu nome? Você diz que é Chopin, Chopin.

Chopin: Shou-pan.

Rose: Chopin ou Shu-pan?

Chopin: “Shou.”

Rose: Ah.

Chopin: Por que você entoa o 'Oh' assim?

Rose: Bom. Eu pensei ter ouvido você dizer "Shu-pan" ou algo parecido. Pode ter sido um deslize.

Chopin: Não.

Rose: Eh?

Chopin: Ora, ora, ora, o que é? O que ias dizer?

Rose: Seria maravilhoso se eu trouxe o meu amigo e você falasse Polaco fluente por ele ter dito que: "A única coisa que me levaria a acreditar, seria se o Chopin falasse comigo em Polaco."

Chopin: Bom, vamos ver, vamos ver. Mas de momento não estou tão preocupado com o sobre o teu amigo em particular.

Rose: Não.

Chopin: Estou preocupado com outras coisas.

Rose: Bom, eu estou muito interessada em saber tudo sobre o Egipto antigo, se me quiser contar algo sobre isso.

Chopin: Estás interessada em saber sobre o Egipto antigo.

Rose: Sim.

Chopin: Eu deveria ter pensado que há coisas muito mais importantes a discutir do que o antigo Egipto.

Rose: Há montes de coisas importantes, mas você vê, o início, quando estivemos ambos no Egipto antigo. Se pudéssemos ir subindo pouco a pouco, você entende? Do antigo Egipto e o passo seguinte, para a frente. Você não acha?

Chopin: Não, eu não.

Rose: Bom, eu - você sabe tudo sobre isso, Frédéric, e eu não, entende. E o antigo Egipto sempre me atraiu muito.

Chopin: Isso não é de surpreender. Mas muitas coisas te têm apelado em diferentes alturas.

Rose: Sim, mas você está em posição de me esclarecer, não é?

Chopin: Eu sinto vontade de te provocar.

Rose: Tudo bem, então provoque hoje. Faça o que quiser hoje. Estou preparada para qualquer coisa.

Chopin: Esse é o teu problema, estás sempre preparada.

Rose: (Riso) Bom, você está de humor. Eu não quero estragar-lhe o humor. Eu consigo lidar com isso, espero bem.

Chopin: Eu achei que irias conseguir lidar comigo.

Rose: (Ri).

Chopin: Bom, no trono do Egipto encontrava-se um rei chamado Aquenáton. Ele foi um governante muito sábio e muito bondoso, mas muito impopular no âmbito dos sacerdotes, da religião do seu tempo. Ele tinha ideias, um 'Novo Pensamento,' como poderia designá-lo, o que não agradou a determinadas pessoas posicionadas em lugares cimeiros. E eles esforçaram-se bastante por tentar complicar-lhe a vida e a atitude que ele tinha para com as pessoas. As pessoas gostavam de Aquenáton, mas os sacerdotes estavam a perder terreno, estavam a perder força, por causa das novas ideias dele, das ideias religiosas do rei. Sabes, durante muito tempo, nós, tu e eu fomos, como é que chamam a isso, fomos buscadores. Sentíamo-nos ansiosos por descobrir a verdade.

Fomos criados num círculo religioso. Fui criado numa casa religiosa. Além disso, desde muito cedo na infância, fomos legados à Igreja para ser o que tu chamarias de uma servos da Igreja da época. Mas nós vimos os trabalhos internos dos sacerdotes que não aprovávamos, mas não foi possível fazer nada sobre isso. Fundamentalmente tínhamos uma grande fé, mas essa fé foi abalada por indivíduos do sacerdócio e nós passamos a interessar-nos, sabes, pela doutrina,

pelo novo pensamento de Aquenáton. Mas, eventualmente, passamos a ser vistos com suspeição pelos sacerdotes e tivemos que proceder a uma fuga para salvar as nossas vidas. Já te contei algo disso antes.

Rose: Sim. O que, você e eu escapamos?

Chopin: Nós escapamos... por um tempo, mas fomos apanhados.

Rose: Oh. E então o que aconteceu, Frédéric?

Chopin: Ah, fomos condenados à morte.

Rose: Condenados à morte!

Chopin: Secretamente. Ele não teria resultado os sacerdotes darem a entender que eles estavam a condenar pessoas à morte por causa das suas crenças religiosas, pois não teria sido muito popular junto das pessoas; especialmente as pessoas que pertenciam à própria Igreja. Mas... ah bom, não fomos autorizados a viver. Esse foi o nosso primeiro contacto, tanto quanto a minha memória não me falha.

Rose: E depois o que aconteceu após a morte?

Chopin: Oh após a morte estivemos aqui algum tempo juntos, mas apenas por um curto período de tempo. Em seguida, voltamos a Roma, à Roma antiga da época de César.

Rose: Ah, sim.

Chopin: Éramos Cristãos. Estávamos sempre em busca, como eu já disse antes, da verdade. Mas aí de novo as nossas crenças religiosas não foram populares. A nossa busca da verdade meteu-nos em muitas dificuldades. Mas nós eram irmão e irmã.

Rose: Irmão e irmã? Oh.

Chopin: E assim, eventualmente, tivemos que fugir de Roma na época em que os cristãos estavam a ser perseguidos. Mas vivemos e estabelecemo-nos no que hoje eu acho que chamarias de sul da Itália onde vivemos em paz e em tranquilidade numa pequena aldeia. Os nossos pais tinham morrido muitos anos antes. Nenhum de nós casou, o que não é de surpreender, pois, embora nós não percebêssemos isso (que éramos irmão e irmã, é claro), houve algo que nos impediu, na nossa própria maneira de ser, de desejar procurar a felicidade noutro lugar. Nós contentámo-nos em ser deixados em paz. Eu era - eu sei que te vais rir disto - mas eu era um carpinteiro. Muito bom.

Rose: Um carpinteiro?

Chopin: Um bom carpinteiro.

Rose: Ah, sim.

Chopin: Você sabe, até mesmo na minha última encarnação, embora eu fosse um músico, eu era habilidoso com os dedos noutros sentidos. Eu podia criar: fazer coisas. Eu costumava divertir-me fazendo coisas de madeira na minha última encarnação. Isso é algo que provavelmente nunca apareceu em nenhum livro que versasse sobre mim, mas...

Rose: Não.

Chopin: Eu gostava de esculpir, como vocês dizem, de fazer, de criar coisas, sabes.

Rose: Sim.

Chopin: Mas isso é outra coisa.

Rose: Sim, mas continue, Frédéric. Você era...

Chopin: Tu também eras muito artística. Eras capaz de costurar e de bordar na perfeição. Era desse modo que levávamos a vida nessa encarnação romana. Eu fazia o meu trabalho como carpinteiro fazendo várias coisas e tu com a costura e o bordado, por seres muito esperta. Mas, sabes, entre nós tivemos uma enorme felicidade. Eu vivi até me tornar num homem muito velho. Tu passaste quando te encontravas nos teus quarenta e eu vivi muitos mais anos depois de ti.

Rose: E o que foi que eu fiz, entretanto, depois de eu morrer?

Chopin: Depois que tu morreste, ah, ainda estiveste aqui comigo.

Rose: Onde?

Chopin: Aqui.

Rose: Aí?

Chopin: Nenhum de nós se tornou músico. Tu ainda estás no processo de te tornares um, é claro. Mas eu não fiz nada no que diz respeito à música, exceto no Egipto onde eu tive uma certa educação musical, mas é preciso lembrar que existiam poucos instrumentos. Principalmente eles eram o que chamarias de um tipo de lira.

Rose: Pois.

Chopin: ...em que eu era bastante proficiente. Esse foi o primeiro instinto que tive para a música. No entanto, curiosamente na minha segunda encarnação eu não tive qualquer lembrança da música de todo - de criar ou tocar qualquer

instrumento. Mas, foi na minha terceira encarnação que eu comecei a minha carreira artística musical.

Rose: Isso foi em...

Chopin: Isso foi no tempo da família Borgia...

Rose: Ah, pois.

Chopin: ...de que provavelmente já deves ter lido e ouvido falar muito.

Rose: Mil quatrocentos e qualquer coisa...

Chopin: Foi nesse período que a arte se encontrava em florescimento. Foi apreciada provavelmente mais nesse período, do que foi apreciada antes ou depois. Os instrumentos musicais estavam a tornar-se mais, digamos, compreendidos. Eles estavam a ser criados e as pessoas que tinham alguma experiência e conhecimento estavam a avançar e eram capazes de tocar e de compor. Nesse período particular, é claro, a música tinha avançado em certa medida, em comparação com os tempos antigos e eu tinha muitos dons na medida em que eu sabia pintar e conseguia tocar e compor. Algumas das minhas composições desse período inicial, presumo bem, podiam ainda estar por surgir, isto é, podem ainda existir vestígios da música que deixei.

Rose: Isso foi o tempo em que você era... como se chamava nome, então? Er... ah caramba... Qual era o nome que tinha na altura, Frédéric?

Chopin: O nome que eu tinha... Eu tive muitos nomes. Como todas as crianças Italianas foram-me dados muitos, muitos nomes.

Rose: Não, mas no tempo que esteve a compor na época dos Borgia.

Chopin: Giuseppe.

Rose: O que?

Chopin: Giuseppe.

Rose: Giuseppe. Ah.

Chopin: (Ininteligível) e foi aí que nos ligamos com o [Rudolph] Valentino e a sua família.

Rose: Ah, pois.

Chopin: Por a família dele estar relacionada com a nossa família.

Rose: Ah sim, e o Mamoose entra aí, não?

Chopin: Ele entra em cena aí pela primeira vez.

Rose: Ah. Eles eram irmãos - eram dois irmãos, não eram?

Chopin: Eles eram irmãos, séculos atrás nesse período específico. A família Guglielmini. A família Guglielmini.

Rose: Eh?

Chopin: Eu tento pronunciar para ti o nome da família. A família Guglielmini (Giovanni Battista Giuglielmini)

Rose: Gugliel...

Chopin: Família Guglielmini.

Rose: Família Guglielmini. Pois.

Chopin: Forjaram-se algumas ligações aí nesse período, que foram repetidas por sucessivas encarnações posteriores. Sabes, foste desposada, como se diz, prometida?

Rose: Desposada, sim.

Chopin:... quando era uma criança muito pequena e eu lembro-me da nossa cerimónia de casamento, ou serviço - lembro-me muito bem das vidas que levamos nesse período; provavelmente mais desse período do que talvez de qualquer outro. Por provavelmente, em parte, termos sido marido e mulher pela primeira vez e também por a minha música e por ter sido quando o teu interesse pela música surgiu primeiro, pelo menos, quando se evidenciou, sabes.

Rose: Ah.

Chopin: Se alguma vez fores a Itália, coisa que provavelmente farás um dia, vai a Roma... verás alguns traços do meu trabalho.

Rose: Do seu trabalho?

Chopin: Alguns.

Rose: Mmm. Não pare, Frédéric.

Chopin: Houve uma família muito antiga chamada família Bellini.

Rose: Vallini?

Chopin: Não, não: Bellini.

Rose: Oh, Bellini.

Chopin: ...que era a casa a que pertencíamos. Ainda existem pessoas dessa família hoje e ainda existe trabalho dos irmãos Bellini, pois éramos uma família

numerosa e eu e o meu irmão éramos ambos artistas. O meu irmão em particular. Ele era um artista muito talentoso e fazia muitas obras excelentes e eu também pintava, mas não tão bem, conforme penso ou creio. Mas o meu interesse pela música avançou nessa época nessa encarnação e eu compunha várias músicas para celebrações especiais e serviços da Igreja. Também para - também para, o que vocês chamam, suponho eu... (Ininteligível) para dança, como vocês dizem: pavanas, coisas dessa natureza.

Rose: Será que tivemos algum filho Frédéric?

Chopin: Não.

Rose: Não?

Chopin: Não. Não tivemos filhos. Tu sempre pareceste ter o hábito de morrer jovem - apenas por uma única razão é que desta vez morres mais velha.

Rose: Entendo.

Rose e Flint: (Riso)

Rose: E acerca do Valentino? O que... ele entra de novo em cena?

Chopin: Ele entra em cena várias vezes. Ele é, claro, uma alma muito antiga. Ele é um grande psíquico. Ele sempre esteve interessado no ocultismo. Nesse período específico era perigoso mexer com o oculto - isto é, caso a Igreja ficasse ciente disso. A Igreja sempre foi muito poderosa. Eu também me interessava pelo ocultismo e tu também. Mas nesses dias não tínhamos um grande conhecimento, mas tínhamos tido alguma experiência. Tínhamos uma grande crença na vida após a morte e na comunicação, mas a nossa oportunidade de aprofundar o assunto não era muito expressiva; não era muito significativa.

Mas Valentino era um personagem extraordinário. Ele sempre foi muito emocionante e, às vezes, quando ele estava connosco ou nós com ele, quando viajávamos, íamos a Nápoles. Permanecemos algum tempo nesse lugar e gostaríamos onde aprendíamos muito sobre as coisas psíquicas da parte dele. Mas tínhamos todos um pouco de receio disso. Por naqueles tempos a magia negra ser muito abundante e ser considerado muito imprudente ter algo que ver com qualquer coisa dessa natureza. Além de que era mais do que isso - era perigoso. Havia muitas bruxas, embora percebamos agora que elas não eram necessariamente pessoas más em absoluto. Mas naqueles dias éramos muito supersticiosos.

Rose: Sim. O Mamoose também lá se encontrava?

Chopin: Ele estava também se encontrava. Ele era um dos irmãos do Valentino nesses dias. A família Valentina é uma família muito antiga. Havia dois grupos - é muito difícil de explicar. Na Itália naqueles tempos havia casas, havia famílias que eram muito poderoso. E armaram-se enormes contendas entre

essas famílias, entre as várias seitas e povos, e o país era governado em secções pelos nobres.

E gerou-se um enorme antagonismo entre certas famílias e uma série de incidentes desagradáveis em que eu não estive envolvido, mas ele sim. Ele foi morto num duelo com outra família. Muito parecido com o de Romeu e Julieta, os Capuleto e assim por diante. Mas isso era comum nesses dias.

As famílias governavam vastas áreas de terra. Sabes, não foi senão em 1700 que eu realmente desenvolvi a minha música, de qualquer forma ou sentido, da forma que eu achava que a música devia ser desenvolvida. Foi nesse período que eu fiz uma grande quantidade de trabalho e compus, mas nunca me tornei no que vocês chamam famoso. Mas eu compus uma grande quantidade de obras, algumas das quais, possivelmente ainda hoje em dia ainda são tocadas, mas principalmente para a Igreja.

Eu sei que não aprecias música de igreja, mas naqueles dias a maioria da música era composta para a Igreja. Recebíamos apoio da Igreja. Também era essencial viver nesses dias. Agora estou a falar de uma encarnação posterior.

E na Itália e na Espanha e em alguns outros países do continente a música era muito apreciada e muito apoiada pela Igreja e muita gente que tinha inclinação musical recebia uma grande ajuda da parte da Igreja. A Igreja, em certos aspetos era, por assim dizer, o amparo da música. Eles - nós devemos muito à Igreja, do ponto de vista do desenvolvimento da música.

Alguns dos monges, por exemplo, eram muito psíquicos e eram muito inspirados. Eles não eram, talvez eu devesse chamá-los de médiuns, no mesmo sentido em que vocês os entendem hoje. Mas, nas suas meditações e orações e no tipo de vida que viviam e levavam elas trouxeram-lhes muito, de natureza mental. Eu acho que a maioria das pessoas que se encontrava nos mosteiros e afetos à Igreja -- onde tinham muito tempo para meditar e para se entregar à oração e ao pensamento -- eles eram muito mais sensitivos em relação às coisas do espírito, em consequência do que recebiam uma grande inspiração. E alguns dos monges eram muito musicais e deram um grande contributo à música e ajudaram ao seu desenvolvimento.

Mas não foi senão na minha última encarnação que eu realmente me tornei num músico de pleno direito e acho que todas as experiências e conhecimentos anteriores que eu tinha aferido e acumulado, sabes, ao longo de séculos de tempo e... tanta coisa surgiu nessa encarnação, que eu acho que foi na minha última encarnação que eu realmente consegui o que eu tinha a intenção de fazer, o que me propus aprender, o que eu tinha desenvolvido dentro de mim enquanto pessoa e carácter. Toda a minha vida passada, em certa medida, pode ser rastreada na minha música. É por isso que quando eu era muito, muito jovem, costumava surpreender as pessoas com o que eu conseguia fazer com o piano, com o que eu

conseguia sacar do piano.
Mas, como sabes, quando eu era jovem as aulas que eu tinha eram muito superficiais.

Eu tinha muito pouca formação musical para dar no que quer que fosse, sabes, até eu atingir uns doze anos.

Rose: Eu sei disso Frédéric, Elsner não poderia ter conhecido aquele Żywny, lembra-se do Żywny?

Chopin: Lembro, sim...

Rose: Do seu primeiro professor? Ele não conseguia ensinar-lhe mais quando você era - ele iniciou-o quando você tinha cerca de seis ou sete...

Chopin: Eu sei...

Rose: ...mas ele não conseguiu fazer mais nada de si, disse ele.

Chopin: Não.

Rose: E assim você começou a compor muito cedo. Você compôs - começou com a idade de oito anos. Eu consegui algumas dessas composições.

Chopin: Eu comecei - foi um instinto natural, comigo.

Rose: Pois.

Chopin: Sabes, é uma coisa extraordinária que eu quase não tenha tido qualquer ensino, quaisquer lições, com respeito a tocar piano.

Rose: Hmm. Não, eu sei.

Chopin: Tudo por instinto. Vinha-me naturalmente.

Rose: Pois.

Chopin: Quando eu era muito jovem eu sentava-me ao piano apenas a dedilhar, como vocês dizem, a colocar os meus dedos sobre as teclas. De qualquer forma, vinha-me automaticamente.

Rose: Sim. Ah, que interessante. Continue, Frédéric, se puder.

Chopin: Você sabe que há uma pequena coisa que eu compus: Em Dó Menor.

Rose: Dó Menor? Qual foi?

Chopin: Eu não acho que já a tenhas ouvido. Eu não poderia ter tido mais do que sete ou oito anos quando eu comecei a tocá-la.

Rose: Eu gostaria que você a cantarolasse.

Chopin: Eu não sei se consigo cantarolá-la. Mas mais tarde, muitos anos mais tarde, eu usei essa melodia simples e curta, esse tema, num trabalho posterior. É composto apenas por três notas.

Rose: Hmm. Um improviso em três notas, disse você?

Chopin: Em três notas.

Rose: Qual foi, Frédéric? Diga-me... (Silêncio)

Flint: Ele está a brincar contigo.

Rose: Hmm.

Flint: Está a tentar fazer com que descubras por si própria.

Rose: Eu sei. (Ri) Estou a esforçar-me por pensar muito. (Silêncio)

Chopin: (Muito calmamente) Dum, dum, dee, dum, dee...

Rose: O que?

Flint: Ele está a cantarolar alguma coisa, não?

Rose: Está.

Chopin: [Continua a cantarolar em voz baixa]

Rose: Eu não consigo ouvi-lo.

Flint: Tão pouco eu, é tão débil.

Rose: Dum, da, da, da, da, da, da, da...?

Chopin: Três notas.

Rose: É o que que está a sair em seu hmm... terceiro movimento de sua... hmm... Sonata?

Chopin: Tu lembras-te. Você descobriste-a.

Rose: Eh?

Chopin: Eu estava a ver quanto tempo te iria levar.

Rose: (Riso) Eu tinha pensado nisso, mas não tinha a certeza.

Chopin: Vês? O básico.

Rose: Eh?

Chopin: Você conduziste isso exatamente ao básico, vês.

Rose: Sim. Foi isso?

Chopin: Eu improviso com base nisso, sabes. Lembro que uma vez aconteceu uma coisa muito divertida quando eu estava a compor uma coisa. Foi num piano muito antigo. Eu estava longe da minha própria casa. Foi nalgum lugar onde o piano se encontrava em que tinha apanhado humidade e as notas, algumas notas ficavam presas, sabes.
Mas não obstante eu pensava: "Ah, não importa. Isto é um teste ou algo assim," sabes. Eu dizia a mim próprio: 'Ah, vou ver o que posso fazer com as notas que não prendem," e compunha alguma coisa com aquilo, entendes.

Rose: Sim. O que é que foi?

Chopin: Um pedaço de minha música, onde parece que há algo em falta, algo que falta - como se fosse bastante óbvio que algo estivesse errado e, no entanto, não é errado. Está musicalmente certo. Mas qualquer um que fosse muito esperto diria para si mesmo:
"Hmm. O que é este homem está a fazer aqui? Há algo de incomum. A que se deverá esta falha?" É quase como se houvesse algumas notas em falta. Na verdade, em certas cópias da minha música, mesmo em vida, eles colocavam certas notas que eu tinha tido a intenção de deixar de fora.

Rose: Ah!

Chopin: É um prelúdio.

Rose: A Prelúdio?

Chopin: Hmm. (Silêncio) Deixa pra lá.

Rose: Ah não, não, eu preciso entendê-lo.

Chopin: Já o entendeste.

Rose: Entendi? À primeira?

Chopin: É muito estranho, pelo menos na ideia de certas pessoas. Mas eu compus isso num piano muito antigo, onde um monte de notas não tocavam e onde os pedais não estavam a funcionar corretamente. Foi, de certa forma, uma espécie de teste para mim e eu encontrei uma enorme diversão com isso. É um trecho divertido de composição.

Rose: Hmm. Se é divertido deve ser um dos seus Scherzos.

Chopin: Não, não. É divertido para um músico.

Rose: Ah, bom. Não sou músico, infelizmente. O seu primeiro Prelúdio é bastante peculiar.

Chopin: Eu estou a fala de um prelúdio peculiar.

Rose: Sim. O primeiro?

Chopin: Ré, ré, ré, ré.
Rose: Hmm.

Flint: Ele disse qualquer coisa sobre o Ré.

Rose: Sim.

Flint: é em Ré, seja o que for?

Rose: Você está a dar-me alguma lição ou a tentar descobrir... está a testar-me?

Chopin: Não, não. Eu não estou a tentar testar-te. Por que deveria eu tentar testar-te? NO que toca à minha música poderias passar um monte de testes. Não a tocar, mas chegares a saber sobre ela. Tens diversas cópias dos meus Prelúdios. Eu quero dizer... uma repetição.

Rose: Sim, eu tive, mas dei-as...

Chopin: Ah, bom, eu estava a querer saber se nesse Prelúdio particular estaríamos a falar... se vários dos que passaram essa música também terão feito essas alterações.

Rose: Mas toda a sua música está alterada, Frédéric.

Chopin: Bom, não devia haver...

Rose: Um bom volume delas encontra-se alterada e os pedais estão completamente no lugar errado, acho eu.

Chopin: Você acha. Isto é mais que provável, mas o original...

Rose: Sim.
Chopin: ...o original, publicado durante a minha vida, é o correto... mas mesmo assim existem erros em algumas, é claro.
Rose: Os editores alemães foram os melhores para você: 'Hottoff' ou algo assim.

Chopin: Eles dão bons copistas.

Rose: Sim. Mas esses são impossíveis de obter agora.

Chopin: Não é impossível para ti. Nada te é impossível no que toca a mim.

Rose: Não, por você estar comigo. Você levou-me a consegui-las. Deverei tentar consegui-las?

Chopin: Tu vais consegui-las.

Rose: Vou?

Chopin: Não te preocupes, irás conseguir mais coisas do que percebes em conexão comigo próprio. Nos próximos dez anos...

Rose: Ah Deus...

Chopin: Não diga 'Ah, Deus' assim. Nos próximos dez anos vais ter muitas surpresas e passar por experiências interessantes no que diz respeito a mim e à minha música e às vidas que levamos juntos. Mas eu não estou pronto ainda e eu não quero ser incomodado com outras pessoas.

Rose: O que quer dizer, com: "não querer ser incomodado com outras pessoas"?

Chopin: Eu quero fazer o meu próprio trabalho à minha maneira. E eu te quero fornecer experiências, testes, mas quero fazer diversas coisas.

Rose: Estou a entender.

Chopin: E não posso fazer isso se precisar concentrar-se em outras pessoas. Mais tarde, quando o tempo estiver pronto e eu estiver em posição de voltar-se para ti e dizer, 'Bom, olha fizemos isto e conseguimos aquilo juntos, então estaremos em posição de ajudar a convencer certas pessoas que poderão render

algum serviço ou ser úteis. Mas de momento de nada servirá tentar agradar ou convence as pessoas que, em todo caso, ou não estão preparadas para isso ou poderão não estar em posição de falar ou de ajudar por qualquer forma que seja. Acho que devemos ser pacientes, como eu já te disse. Eu sei que tens ideias e planos. Eu plantei-as na tua cabeça, é verdade, mas, ao mesmo tempo, tem que se dar o tempo acertado para essas coisas.

Rose: Pois.

Chopin: Tu vais voltar para Maiorca novamente.

Rose: Vou.

Chopin: Para estabelecer uma ponte - isto é, como é que dizem, metafórica.

Rose: Sim.

Chopin: Estabeleces uma ponte de modo que torne possível certas coisas que devemos fazer. Há certas pessoas que vais conhecer, como eu já disse no passado. Certas amizades a ser forjadas e fortalecidas.

Rose: Pois.

Chopin: O professor é um deles. Ele virá a ser muito importante na tua vida.

Rose: De que maneira, Frédéric? Ele irá dar-me aulas, eu sei, por o Frédéric mo ter dito...

Chopin: Ele vai ensinar-te. Ele vai ajudar-te com a tua música, é claro. Esse é um pequeno prazer que eu quero que tenhas e a amizade do camarada. Mas eu também quero trabalhar com ele e usá-lo um pouco mais, a ele próprio, sabes.

Rose: Sim, sim, sim...

Chopin: Há certas pessoas entendes, é preciso perceber isso, que existem médiuns em várias direções. Há médiuns que eu posso usar, como este que te fala e que espero poder usar noutros sentidos. Mas também há músicos, que eu posso usar de um ponto de vista musical, que eu possa usar como instrumentos para o seu próprio bem, é claro. Mas também por ti, para te demonstrar, para te provar - não que precises muito de provas - mas eu tenho tantos planos.

Rose: Sim.

Chopin: Precisas lembrar-te de que estas coisas devem ser feitas por etapas. Elas podem levar uma série de anos. Eu aponto para dez anos. Isso é o que eu digo. Talvez um pouco menos, talvez um pouco mais, mas em dez anos, o que eu

acho que tens que fazer - permanecer na Terra - poderemos fazer um grande trabalho. E eu quero deixar para trás um registo por teu intermédio, para o trabalho, para aqueles que forem inteligentes o suficiente e compreenderem o suficiente. Mas vou esperar conseguir certas coisas que em si virão a ser prova tão surpreendente que ninguém, a menos que eles tenham muita, muita dificuldade em acreditar - precisará acreditar para sair convencidos, sabes.

Rose: Sim.

Chopin: Eu sei o que estou a fazer, mas não me coloques muita dificuldade até que eu estar preparado.

Rose: Não, não ponho.

Chopin: Quando eu estiver preparado eu dir-te-ei.

Rose: Tudo bem, Frédéric, tudo bem. Fico feliz que o tenha mencionado mas não vou.

Chopin: É por isso que quando me fazes tantas perguntas, eu por vezes me mostro bastante tímido, como vocês dizem, a responder, por não querer que corras muito rápido, quando eu sei que a melhor maneira de alcançar todas estas coisas é por um processo gradual. Nós temos tempo. Temos tempo de sobra. Tu ainda tens muitos anos, dez anos pelo menos, para fazeres um grande trabalho. Talvez em seis meses, talvez num ano, talvez menos ou mais, eu venha a conseguir certas coisas que me propus fazer.

Mas isto é apenas o começo, porque não só envolver uma pessoa, mas muitas, entendes. Não só a ti, nem só o médium, não só o círculo, como lhe chamam, que aqui se reúne, mas pessoas como o professor, pessoas como o Malcuzynski, pessoas como George Sand, todos os tipos de pessoas internacionalmente famosas do mundo. Pessoas musicais vão ser conduzidas a isto, mas para fazer isso eu tenho que me tornar proficiente, como vocês dizem, em comunicação. Eu tenho que ser proficiente noutros sentidos, para que eu possa demonstrar, de tal forma que uma pessoa como Malcuzynski, por exemplo, não possa voltar-se e dizer: “Isso não poderia ser Chopin.” Devo estar em posição de lhe transmitir uma convicção 100%. Entendes?

Rose: Sim.

Chopin: Seria impossível provar algo assim a um homem que ainda se encontra despreparado. Mas ele estará mais preparado talvez dentro de cinco anos mais ou menos, do que poderia estar agora. Do mesmo modo que o professor; nós temos que quebrar barreiras, temos que romper preconceitos religiosos. Temos muitas coisas, mesmo em relação à tua pequena amiga que toca tão bem. Ela acha-se envolvida neste processo.

Rose: Ela também?

Chopin: Hoje, ela é uma católica fervorosa.

Rose: Pois.

Chopin: Amanhã, quem sabe?

Rose: Hmm.

Chopin: Tu vais ver, tu vais ver.

Rose: O que irá acontecer com ela na vida, Frédéric?

Chopin: De que forma, que queres dizer?

Rose: Eu quero dizer, ela parece... Será que ela virá a ter algum futuro ou...?

Chopin: Todo mundo tem um futuro, por existir vida após a morte.

Rose: Sim, eu sei.

Chopin: E todo mundo tem um passado - oh ho, se tem!

Rose: Sim. Quer dizer, enquanto ela está na Terra irá ela continuar como ela está a prosseguir agora?

Chopin: Eu não vejo quaisquer mudanças na sua vida pessoal.

Rose: Não vê.

Chopin: E eu certamente não acho que se possa esperar isso.

Rose: Não.

Chopin: Ela tem conseguido tudo o que ela tem esperado alcançar, infelizmente.

Rose: Tem? Hmm.

Chopin: Mas é preciso lembrar, que se pode ser útil. Pode-se ser de enorme ajuda em pequenos aspetos e ela tem sido de uma grande ajuda para muitas pessoas. Ela tem sido muito gentil e atenciosa. Ela tem negligenciado a sua própria saúde para ajudar outras pessoas. Há muito na sua natureza e caráter que eu admiro. E é preciso também ter em mente que, apesar de não concordar com a

sua religião, a sua religião tem sido uma grande ajuda para ela e ajudou-a a exibir muito bem no seu caráter. Portanto, nunca devemos ser preconceituosos.

O preconceito que eu tenho e os preconceitos que tantas pessoas têm é a contra tacanhez de espírito da doutrina da Igreja, que, por vezes, impede uma pessoa de se tornar numa pessoa muito melhor. Não quero unicamente dizer em caráter, mas melhor pessoa também no que diz respeito à sua arte, também; no que diz respeito à plenitude que eles poderiam atingir nas suas vidas.

Enfim, eu não quero entrar nisso, mas eu só quero que saibas que tenho os meus planos e que cada um dos meus planos é um bom plano e não só algo que eu tenha concebido. Uma grande dose de conversa e de ajuda me foi dada por outros aqui. Alguns tu conheces. Alguns tu não conheces. Há muitas coisas que queremos alcançar, mas essas coisas apenas só poderão ser alcançadas se formos pacientes, um com o outro; que trabalhemos em completa harmonia e cooperação e que não tentemos fazer muito, rapidamente. Tu vais ver, conforme eu já te disse. Processo, desenvolvimento gradual comigo. Gradual, muito gradual, mas ele irá fazer-se presente e quando chegar a hora de eu fazer as coisas que tocam a outras pessoas, eu vou fazê-las. As sementes já foram lançadas em Maiorca.

Rose: Ai sim?

Chopin: E quando você voltar irás até certo ponto ver o resultado da semente que foi lançada. Serão feitas perguntas. Vais tornar-te mais íntima: mais amigável. Vais conhecer novos amigos, novas caras. Os elos serão estabelecidos. Esta próxima visita será muito mais importante do que a primeira. A primeira foi importante; a segunda será vital.
Rose: Oh!

Chopin: De qualquer modo não te posso revelar mais nada hoje.

Rose: Tudo bem, Frédéric. Bom, nós estamos a pensar em ir lá por meados de Maio. Será que faz diferença?

Chopin: Isso não deverá fazer diferença.

Rose: Pois.

Chopin: Vocês vão me meados de... bom, quando lhes for possível.

Rose: Sim.

Chopin: Não o deixem para muito tarde no verão. Não vão no pico do verão. Vão quando a ilha se encontrar sossegada.

Rose: Sim.

Chopin: Quando o professor tem mais tempo.

Rose: Ah, pois.

Chopin: Tu vais ver. Tu vais ver. Faz com que saiba saber que vais.

Rose: Sim. Eu faço.

Chopin: Eu voltarei a falar de novo contigo se for possível quarta-feira.

Rose: Oh sim, por favor. Muito obrigado...

Chopin: Mas... tu vais ver. Tu vais ver. Eu preciso ir.

Rose: Muito obrigado por tudo o que você me disse.

Chopin: ...e não deixes a tua cabeça confusa demais. Anda contente.

Rose: (Riso) Tudo bem.

Mickey: Bye bye Rosie.

Rose: Bye bye.

Mickey: Bye bye.

Rose: Bye bye, querido.

Entrevista feita a Chopin

por Betty Greene e SG Woods

Certas fontes dão a data desta sessão como 19 de dezembro de 1959, mas parece-me ter sido anterior. Não tenho certeza do ano em que a Sra. Greene e o Sr. Woods começaram a fazer estas gravações. O texto indica que a sessão ocorreu perto do Natal. No site de Flint a data é dada como "desconhecida."

Até há uns dois anos atrás, era a única sessão de Chopin disponível para audição pública. É a única da qual possuo uma transcrição completa; A qualidade de gravação foi um pouco melhor do que a das sessões com Rose Creet, na sua maior parte. A voz de Chopin esforça-se um pouco mais com a linguagem, no entanto, especialmente quando se tenta descrever questões que seriam difíceis ou impossíveis de empregar na língua nativa.

Depois de discutir a experiência de encontrar-se no outro mundo, a entidade retoma o assunto que é comum a grande parte do material de Flint, o da preeminência da realidade espiritual, embora apenas por um curto período de tempo. É notável que o grupo Flint tenha estado tão ativo durante o auge da Guerra Fria, e as mensagens muitas vezes terem tido que ver com a necessidade de uma maior consciência e compaixão, na esperança de que os seres humanos vivos não rebentem com o planeta.

A data de hoje tem um quê de incerteza. De acordo com a certidão de nascimento de Chopin, o seu aniversário foi a 22 de Fevereiro, o que o levaria a fazer 200 anos hoje. Mas o próprio Chopin pensou em 1 de março como o seu aniversário, assim como os seus pais, que deveriam saber. Assim, a maioria dos estudiosos de Chopin aceita essa data. Mas, que diabos, podemos celebrar mais de uma vez, não? De qualquer forma, depois de dois séculos, o legado deste homem continua tão forte como sempre.

"...mas nesta fase começo a perceber

que uma grande mudança se abateu sobre mim… "

Um *especial "Viva"!* Para os meus amigos no mundo do Piano.

Entidade: Bom dia!

Woods: Bom dia!

Entidade: Eu não sei se é realmente de tarde ou de manhã, o tempo é sempre uma coisa muito complicada para termos a certeza. Quando chegamos junto das condições terrenas, sentimo-nos sempre inclinados a ficar confusos com certas coisas - o tempo é sempre um problema. Por vezes não sabemos - é muito difícil dizer se é terça-feira, ou segunda-feira, sabem. Nós não sabemos. Isso brota da vossa mente, ou do vosso calendário, e aí nós por vezes ficamos confundidos. Mas isso não é importante. De qualquer forma, eu desejo-lhes um bom dia!

Woods: Bom dia.

Entidade: Estou mais interessado em tudo quanto estão a tentar fazer, sabem. Você têm ambição, como vocês dizem, de propagar esta verdade, sabem. Vocês fizeram essas gravações mecânicas, como vocês lhes chamam -- é muito interessante -- é uma coisa magnífica, acho eu. Eu só queria que nos meus dias isso fosse possível, termos esses instrumentos. Mas depois, naturalmente que era diferente, não tínhamos nada disso, não. Já faz muito tempo.

Greene: Posso saber o seu nome?

Entidade: O meu nome é Chopin.

Greene: Ah, Chopin! [Emocionado]

Chopin: Frédéric Chopin. [Ele dá um certo assento da pronunciação polonesa usual do seu sobrenome, mas a versão francesa de seu primeiro nome.]

Greene: Ah, que adorável!

Chopin: Que grande coisa isso teria sido para fazer gravação de música. Teria sido um trunfo enorme, sabem. Imaginem tão só! Agora, claro, vocês têm tudo - a ciência fez descobertas maravilhosas. O vosso mundo mudou até se tornar irreconhecível. As pessoas hoje têm tantos benefícios. Muitas vezes vemos pessoas no vosso mundo a reclamar sobre a era moderna, mas gozam de tanta bênção! Oh, tanta bênção! Ah, é verdade que em alguns aspetos você têm muitas coisas que causam alarme e preocupação, e podem, oh, levá-los a sentir-se muito infelizes, mas há tanta compensação.

Greene: Por favor, vai contar-nos tudo sobre si? Mas a pergunta usual que nós fazemos é: como passou desta vida, e como deu por si, e o que você está a fazer agora?

Chopin: Tem perguntas a fazer-me... como foi a minha passagem... a minha passagem… quer dizer, quando morri?

Greene: Sim.

Chopin: Oh, fiquei muito surpreendido. Eu provavelmente tinha muito pouco, como vocês dizem, conhecimento. Eu não tinha qualquer conhecimento. Eu não tinha nenhuma religião em particular. Suponho que realmente fui católico, mas... Não muito bom, receio bem! Eu fui um mau católico. Eu não tinha convicções acerca de sobre coisa nenhuma. Quando aqui cheguei foi surpresa para mim. Encontrei-me com tantos amigos, pessoas que conheci anos atrás, amigos que eu conhecia quando eu era um garotinho, estavam todos lá.

Só me lembro que me encontrava prostrado na minha cama, muito doente. Meus amigos - alguns dos meus amigos - estavam comigo, e gradualmente tudo parecia afastar-se cada vez mais para longe de mim, e então tudo pareceu imóvel. Já não ouvia vozes, já não tinha conhecimento nem me encontrava consciente de nada, era como se eu estivesse à deriva, à deriva e longe de tudo. Nada mais parecia real. As coisas que tinham sido reais já não pareciam reais para mim. Mas então comecei a ver a luz, como se houvesse uma luz enorme. [No início] era como um pequeno vislumbre minúsculo, mas então tornou-se mais brilhante e mais brilhante e mais brilhante, e eu comecei a ouvir sons. Era música.

Começou a inchar e tornar-se mais alta, e foi como se houvesse toda uma... toda uma orquestra - magnífico! Eu tentei ouvir, como é que vocês dizem, eu tentei ouvir essa melodia. Parecia haver um tema que me fascinava, mas eu não podia saber, não reconhecia... não era a música a que eu estava acostumado, estava além da minha compreensão. Era diferente, muito mais magnífica do que qualquer coisa que eu ouvira antes. E então pareceu que de repente eu me tornei

consciente de estar num edifício magnífico. Era um lugar tremendo, e todo o auditório, todo o lugar parecia estar cheio de gente.

E havia uma cor magnífica; Todo o lugar parecia achar-se impregnado de cores magníficas, e no entanto era transparente. Eu conseguia ver através daquela cor, e ainda assim parecia que eu a estava a inalar, como se toda aquela cor me estivesse a envolver, e estava a tornar-se, por assim dizer, viva. Eu não sei como explica-lo. Foi tudo uma coisa espantosa. Era... era uma matéria viva, e ainda assim reinava tal beleza, e tudo era... Harmonia. Foi difícil, impossível de descrever.

E eu via aquele edifício magnífico, vivo com cor, vibração e música. Pouco a pouco eu vi pessoas que se destacavam daquela massa de gente - algumas que eu conhecia, algumas que me tinham sido muito próximas a mim, na minha juventude, a minha... gente. Oh, foi maravilhoso! E então a música parou, e a cor começou a ganhar uma maior definição mais, como vocês dizem, por antes ter sido tão suave e tão... maravilhosa. E então as cores pareciam fundir-se e tornar-se numa cor bonita, eu não sei dizer mas era como um azul, mas era um azul diferente de qualquer coisa que eu tenha visto antes. Em vez de ser muitas cores, tudo parecia mudar, e tudo era de um azul perfeito, e tudo parecia achar-se refletido nessa luz. E as pessoas começaram a vir até mim, e eu senti-me cercado por amor, cordialidade e harmonia. E muitas pessoas que eu conhecera cumprimentaram-me e mostraram-me gradualmente - não sei como o fazem - mas gradualmente puderam iluminar-me a mente, suponho, por eu poder ver além dos muros daquela construção. Parecia que eu saia com eles deste edifício, em massa.

As paredes pareciam desaparecer, e eu encontrava-me num lugar magnífico que se assemelhava ao terreno de uma casa magnífica. E eu podia ver à distância uma casa maravilhosa, bonita, com torres, e belas cores, e um belo lago em frente à casa. Lembrou-me um pouco Versalhes, as fontes, os pássaros e os animais. Eu vi alguns veados. Eu parecia percorrer uma grande avenida de árvores, com todas aquelas pessoas ao meu redor, como se... E durante todo aquele tempo eu senti como se fosse a algum lugar, como se fosse ser recebido, não sei, mas foi essa a impressão que tive, de estar a ser transportado para aquele edifício.

E lembro-me que, quando lá cheguei havia muitos degraus. E eu pensei para comigo próprio, que estranho - oh, quantos degraus a subir, sabem. Mas não me lembro de os tocar com os pés - dos pés tocarem os degraus, de qualquer modo. Era como se eu fosse transportado um a um, e ainda assim aquilo não requeria qualquer esforço. Essa foi uma das coisas que mais me impressionou – uma sensação como se nada constituísse mais um esforço, ao passo que anteriormente, quando eu estava na Terra, tudo que eu tinha quanto precisava fazer era um esforço. Foi terrível. Durante muito tempo não conseguia fazer muito, precisava descansar.

Mas aqui sinto-me tão vivo, tão diferente, tão cheio de vitalidade, nada constitui um esforço. No entanto, na minha mente, ao ver aqueles degraus enormes, sabem, eu acho que oh, tanto degrau a subir! Eu suponho que ainda fosse a mentalidade que tivera na Terra... lá, mas eu comecei a perceber que não era mais afetado por doenças nem por problemas, como quando me encontrava no meu corpo. Era um corpo diferente, mas eu não o tinha visto, apenas senti que era diferente, mas estava ansioso por ver como o aspeto que tinha. Estranho como se pensa nessas coisas, mas eu acho, ah, eu sinto-me diferente, não exerço mais qualquer esforço. Interrogo-me se estarei diferente… Mas nesta fase começo a perceber que uma grande mudança se abateu sobre mim.

E quando cheguei àquela escadaria, subi aquela escadaria – como vocês dizem, degraus – e eu cheguei a um prédio grande que eu tinha visto à distância. Na minha frente havia um grande pátio com um enorme… como vocês dizem, arco. E eu passei por ele, e fui em frente neste edifício, e ele era enorme com um teto abobadado. E o chão assemelhava-se… como é que vocês dizem, a uma pedra bonita, mas altamente polida, de muitas cores. E havia belíssimas fotos por toda parte, de pessoas. E à medida que avançava por ai, era como se eu estivesse a ser dirigido, mas ninguém me mostrava o caminho, mas eu parecia saber que caminho tomar. E à medida que avancei por aquela grande sala, aquela galeria, vi aquelas fotos, e pensei: " Eu acho que conheço essa pessoa," e eu reconheci várias pessoas naquelas fotos que tinham passado há muito tempo, sabem, e pensei: “Que estranho.” Eu ainda não percebia completamente tudo o que me tinha acontecido.

De qualquer forma, eu ando muito, e finalmente chego a um compartimento muito grande, e vejo muita gente, e no final desta sala havia como um trono, sabem, ou uma tribuna como vocês dizem - degraus - e uma magnífica figura de homem que envergava lindos trajes de ouro e com um manto roxo, cabelos lindos, pretos e ondulados, cortados ao ombro, com uns lindos olhos castanhos, grandes e luminosos. E eu senti que estava na presença de alguém muito importante, de pessoa maravilhosa. E eu aproximei-me, e senti como se estivesse a ser recebido, como se pudesse ser recebido por um papa ou algo assim.

E aquela pessoa adiantou-se e cumprimentou-me, e deu-me as boas-vindas, e disse-me que eu tinha sido conduzido à esfera da música, e que ele deveria ser o meu, como vocês dizem, anfitrião, que ele estava a receber-me em nome de todos aqueles povos, e que eu iria ser exibido ao redor e apresentado a vários povos, e iria conhecer o meu lar, que estaria por toda a parte neste lugar magnífico, e aí eu continuaria a fazer música e a estudar. Era como se eu estivesse a ser iniciado numa enorme sociedade, o que, naturalmente, de certa forma, era. Era uma sociedade de artistas e músicos. Conheci todas a gente grandiosa – Michelangelo – oh, tantas pessoas que tinham sido excelente – Cellini – muita gente.

Greene: Continue, é muito interessante.

Woods: Muito interessante, sim.

Chopin: Sabem, é extraordinário; Nós não sabemos nada sobre nós mesmos quando nos encontramos na Terra. Nós estamos muito ofuscados, como vocês dizem, muito... talvez em certos aspetos, seja significativo que não estejamos autorizados a saber muito. Talvez seja sensato.

Sabem, conheci gente deste lado... o que me sugere e me dá algumas impressões e ideias que talvez não possam ser colocadas por palavras... sabem que a música às vezes pode dizer mais a uma pessoa do que as palavras. A religião é algo... é algo profundo em si mesmo. Há muita coisa que não pode ser colocada por palavras, que não se pode escrever, sobre o que não podem ler, as pessoas não sabem como escrever sobre isso. A verdadeira religião é algo que vem da alma, do homem interior, que não pode ser descrita ou analisada. É algo que fazem, algo que que expressam.

É essa parte de nós que é divina, que é Deus, que é eterna, que não pode ser destruída, que sempre vive ao longo de toda a humanidade, ao longo de todos os tempos. Essa é a verdadeira religião, essa é a verdadeira realização, esse é o verdadeiro desenvolvimento da alma e compreensão dela. Não é algo que certas pessoas achem que podem colocar num livro, que represente o começo ou o fim, e sem o que nada existia antes ou depois. É a ignorância que leva as pessoas a dizer essas coisas.

A verdadeira religião, a verdadeira compreensão da religião, a verdadeira perceção de si mesmo, a verdadeira realização da unidade com o Divino e o propósito e o plano, todas essas coisas estão além do espaço e do tempo, além dos livros, além das coisas que o homem pode dizer por palavras. Isso são coisas que, por si mesmas, se acham profundamente escondidas dentro, mas que com o tempo e a experiência podem chegar a ter expressão. E não podemos fazer isso tudo numa vida ou uma era.

Greene: A música atual por vezes deve causar-lhe um choque desagradável, não?

Chopin: Bem, não aprecio parte dela, já de outra não desgosto! Eu acho que há muitos por aqui e por ali que estejam a tentar sugerir - que estão a tentar reproduzir coisas que provavelmente, e em muitos casos, constituem bastante um... produto da sua era.

Vocês sabem, a música muda. Embora exista um número limitado de notas, é surpreendente o que se pode fazer com elas, e pode-se reproduzir muitos sons e muitas experiências da alma interior. E pode-se reproduzir também muito da condição de uma vida, ou da experiência de uma vida, ou de uma era. Eu não gosto da maioria da vossa música moderna, no entanto respeito alguns que são sinceros e que se esforçam por reproduzir algo que sentem intensamente, e que para eles representa o seu tempo e a sua era.

Mas é claro que a verdadeira música, a música real, a grande música, é algo que está além do vosso mundo, e que brota do aspeto espiritual do homem, da realização da grandeza e da unidade com Deus. A grande música é algo que realmente nasce no espírito, e que é, porventura, muito mal reproduzido no vosso mundo. Os grandes gênios da música, seja de uma ou de outra era, estão a… como que a reproduzir certos aspetos do eu superior através do som, a aspiração do homem. Monsieur, ia dizer alguma coisa?

Woods: Sim, a sua música será muito diferente da música da Terra? Muito mais avançada?

Chopin: Ah, claro que é muito diferente. Por exemplo, temos muitos instrumentos que vocês não possuem. Além disso, nos planos superiores, nos planos altamente evoluídos, podemos criar música sem instrumentos, pelo simples esforço do pensamento, sendo que o pensamento aqui é criativo. Um grande músico, por exemplo, pode compor e conseguir toda uma obra sem o uso de um único instrumento. Ele pode, por assim dizer, em si mesmo, criar todos os sons a partir de si próprio e, em consequência, aqueles que estiverem sintonizados com os seus pensamentos e com ele próprio, ouvirão a reproduzirão aquilo que o compositor tiver criado.

Você entende, vocês tornaram-se, naturalmente, por viverem num mundo material e lhes ser difícil entender de outra forma, vocês acostumaram-se a que tudo tenha que ser material. Vocês precisam ter uma pá para cavar um buraco, vocês precisam ter um violino para tocar um concerto de violino. Mas a questão principal assenta em que esses instrumentos são em si mesmos mecânicos, são coisas que foram construídas e inventadas pelo homem para criar certas coisas, ou com certos fins. Aqui, percebemos que o pensamento é tão predominante e tão forte, que quando você sabe como usá-lo e como controlá-lo, e como criá-lo, por assim dizer, algo que é fundamental, real e poderoso, vocês podem criar som sem o auxílio de qualquer instrumento. Vocês podem criá-lo a partir de do vosso próprio íntimo, vocês podem fazer vibrar a harmonia e a atmosfera, vocês podem criar música sem instrumentos. Afinal, você pensam... vocês pensam antes de falar. O vosso pensamento está presente antes da palavra, antes do som. E aqui os nossos pensamentos são tais que podem ser recebidos por aqueles que estiverem em harmonia connosco, na nossa vibração.

Afinal, vocês podem fechar os olhos, formar uma escuridão, e ainda assim podem ver imagens, podem reconstruir, ou construir coisas na vossa própria imaginação. O que é imaginação? Ninguém respondeu a essa questão: "O que é imaginação?" É uma realidade, muitas vezes. O que vocês imaginam tem muitas vezes mais realidade do que aquilo de que têm consciência.

O homem, no vosso mundo, de certa forma, embora em muitos aspetos tenha avançado tremendamente, ele ainda permanece muito ignorante com relação ao poder do espírito, o poder que se acha profundamente oculto dentro de si. Foi-lhes dito: "Batam e ser-lhes-á aberto." Mas poucas são as pessoas que se

interessem por bater! Elas contentam-se com o que lhes foi dado. Muitas vezes aqueles que têm uma maior ânsia por ver e por saber são os mais ignorantes, por não virem a perceber o poder que carregam dentro de si. Sentem-se satisfeitos, em muitos casos, por aceitar o que lhes foi ensinado, ou o que eles aprenderam, e não buscam a si mesmas, não sabem. Há muitos no vosso mundo que são pessoas muito sinceras, muito gentis, muito boas, muito honestas, muito felizes, mas que são muito infantis!

Greene: Você pode pensar que esta pergunta idiota, mas qual foi a sua impressão que colheu do piano, quando você tocou pela primeira vez desse lado?

Chopin: A impressão que tive do piano quando eu o toquei pela primeira vez aqui... foi a de me sentir em casa, suponho, porque sem um piano eu sentia-me perdido. Mas quando encontrei um piano aqui, e pude tocar, eu senti-me feliz.

Greene: Mas foi diferente?

Chopin: Não, parecia exatamente o mesmo, mas ao mesmo tempo parecia ter um tom mais rico e mais bonito, e não parecia tão restrito ou limitado como quando estava na Terra. Mas é claro, tudo isso foi experimentado nos primeiros estágios da minha vinda aqui, para me fazer sentir feliz, para me fazer sentir em casa. Mas gradualmente, quando comecei a perceber as possibilidades e capacidades que aqui existem, então comecei a emergir, poder-se-ia dizer, e a tornar-se mais capaz de fazer coisas maiores.

Você vê, nós limitamo-nos pela falta de conhecimento. Mas à medida que obtemos conhecimento, ficamos menos limitados, e aquilo por que nos esforçamos por fazer torna-se mais possível, e em consequência torna-se muito maior. Oh, é maravilhoso! Vocês não percebem o quão maravilhoso é, neste mundo, onde não existem limitações para além daquelas que impomos a nós próprios? Nada é impossível, e tudo o que é bom é possível, e tornamo-nos maiores pelos esforços que envidamos por isso.

O vosso mundo acha-se restrito, mas apenas restrito por o homem o ter feito assim. Na sua ignorância ele não vê, ele não percebe as capacidades, as possibilidades que o vosso mundo comporta. Consequentemente, ele restringe-se pelo pensamento e pela ação material. Mas não existe limite para o que o homem pode alcançar se ele buscar profundamente, com certeza e de facto, o que vem do espírito. O poder do espírito pode superar todas as coisas, como vocês sabem, por meio dos milagres de Jesus e de outras grandes almas. Aquelas coisas que parecem restringir não restringem. Não há nada impossível se o homem tiver fé, fé no criador e fé no poder que Ele nos dá.

Estou muito feliz por poder vir aqui falar convosco. Gostaria muito de voltar.

Woods: Posso fazer uma pergunta?

Chopin: Sim, mousieur.

Woods: Eu adoro tocar um piano, mas não sei tocar uma nota. Mas adoro escolher músicas e tocar. Mas eu nunca toco se alguém estiver por perto porque eu sei que irei fazer rir se eu tocar, mas eu gosto de fazer a minha própria espécie de música no piano. Assim como adoro sentar-me num parque - eu sei que as pessoas ririam de mim por fazer isso - mas ouço o som, e coloco o som em música, em algum tipo de... simplesmente música, e esqueço o barulho. Agora, estarei realmente a fazer música nessa direção?

Chopin: Indiretamente, sim. Mas você vê, como todas as coisas, alcançar implica esforço, o que significa treino. No vosso mundo vocês precisam de treino para tocar piano, precisam conhecer o piano, o que é capaz de fazer, os vossos dedos precisam acostumar-se a ser flexíveis, e assim por diante. Mas você vê, obviamente carrega no íntimo o desejo inato de ser criativo, de... criar e de experimentar, e quando você vem para cá, longe do confinamento e da limitação da carne, então você sem dúvida criará, e comporá música. Por no vosso mundo vocês estarem limitados pela falta de experiência, e por não terem sido treinados em criança, todas estas coisas são limitativas.

Mas, mesmo assim, apesar de todas essas limitações, não é improvável, ou impossível uma pessoa que nunca tenha tocado num piano, sem experiência, desde que tenha fé, possa ser usada e possa ser controlada, de tal forma que ela possa tocar piano como um mestre. Veja bem, embora esses aspetos materiais sejam importantes, eles nem sempre constituem necessariamente a desvantagem que às vezes as pessoas pensam que sejam. Nada é impossível, e se alguém tiver fé, então esse alguém poderá ser usado. Mas talvez não seja exatamente o mesmo, que tocar pelo vosso próprio acordo. Veja bem, existe uma forma de mediunidade, como vocês dizem, em que um médium pode ser controlado e usado, o que muitas vezes pode ocorrer. Você pode ser controlado por alguma forma para tocar o piano, mas ainda não seria por si próprio. Entende o que eu quero dizer?

Woods: Sim.

Chopin: Mas quando você vem aqui, se você tem esse desejo, e eu vejo que você tem, sem dúvida você irá tornar-se músico, mais musical, e ser capaz de tocar. Mas terá... ainda precisará passar pelas diversas fases. Não há nenhuma via rápida, como vocês dizem, para o sucesso. Tudo deve ser feito gradualmente. Tudo deve ser conquistado, sabe. Precisamos sofrer para conquistar.

De qualquer forma, preciso ir, por o poder estar a enfraquecer. Mas foi uma alegria para mim vir até vós. Desejo-lhe feliz Natal. Estendo-lhes o meu au revoir e a minha bênção, madame et monsieur.

Woods, Greene: Muito obrigado.

Numa Outra Sessão

Chopin: Viva.

Rose: Sim?

Chopin: Madame e Monsieur, boa noite.

Rose e outros: Boa noite.

Chopin: Bem, vocês não perguntaram, mas eu estou bem.

Rose: Sim, eu sei. É o Frédéric?

Chopin: Sou.

Rose: Sim, Frédéric. Estamos tão felizes que tenha vindo até nós de novo.

Chopin: Eu estava a tentar pensar no que deveria dizer-lhes esta noite, e pensei que a coisa mais adequada seria o que temos em comum no nosso coração, a música.

Rose: Sim, por favor.

Chopin: Tentei muito encontrar um jeito de lhes expressar certas coisas com respeito à música que existe nas esferas do amor, mas não sei se vou encontrar as palavras que possivelmente lhes possam dar o entendimento correto. Eu acho que a melhor comparação, a melhor maneira de o conseguir, é dizer-lhes que o que para vós na Terra a música representa, conquanto linda, conquanto importante, conquanto essencial para aqueles que sentem e conhecem e compreendem estas coisas, em comparação com as coisas do espírito, onde a música é suprema, revela-se infinitesimal.

Quando penso nas composições, na música que compus durante a minha vida terrena, embora eu esteja de certo modo satisfeito com ela, percebo que é tão insignificante em comparação com o que eu tenho sido capaz de fazer por aqui. Aqui não há limitações. Na Terra, eu costumava debater-me... Ah! As limitações pareciam ser muitas. Coisas que eu tinha no meu coração, na minha cabeça, coisas que me corriam pelo ser – por vezes só descobria que a bússola do instrumento se revelava insuficiente. Havia notas que eu tinha sentido tão fortemente no meu coração, que não podiam ser expressadas, por o instrumento se revelar insuficiente.

Aqui, existe uma vasta gama. Vejam bem, aqui nós não nos encontramos limitados como vocês estão. Vocês só podem ouvir até determinado tom, ou até determinada medida. Além disso, os vossos ouvidos não escutam. Connosco é diferente. Podemos ouvir com um alcance muito maior. Consequentemente, os instrumentos que temos são compostos ou feitos numa escala muito maior. Consequentemente, nós podemos conseguir notas e acordes e criar harmonias que vão muito além da vossa imaginação.

Tomem algo que vocês na Terra acham que seja um grande estúdio, ou algo que tenha um grande fluxo de trabalho, com grandes harmonias, que conquanto grandiosas, é demasiado insignificante em comparação. Como o espírito é mais

vasto na sua experiência e na sua sabedoria e no seu conhecimento e na sua expressão, quando é libertado do corpo físico e da condição terrena, assim acontece com a música. **É apenas a limitação da Terra que limita o coração humano, que limita a capacidade humana de criar.**

Todo artista que seja um artista, seja na música ou em qualquer outro campo de atividade, como vocês sabem, muitas vezes irá expressar a mesma coisa. Ele irá dizer: "Ah! Eu simplesmente não entendo. Eu não o sinto, e isso simplesmente não irá acontecer." Ele tem o estado de espírito, quando ele sabe que ele pode fazer um trabalho, e ele vai tratará de o conseguir dia e noite até que que o consiga, e então sem dúvida que se irá sentar e pensar: "Bem, está terminado, mas não é como eu gostaria que tivesse ficado." Por outras palavras, os seus materiais limitam-no, e ainda assim o que ele criou é aceite pelo mundo como uma grande obra, que com efeito o é, no âmbito das limitações da Terra.

Mas aqui, onde não há limitações, onde o poder do espírito é tal que um homem pode tornar-se tão grande quanto desejar no sentido espiritual, onde a sua obra pode tornar igualmente grandiosa, não há limitações para aqueles que se esforçam, para aqueles que buscam, para aqueles que tentam expressar aquela parte de Deus que existe em si mesmos. Pois na música se encontrar Deus, assim como em todas as coisas que são boas. Há o galardão e o âmago e a emoção do Altíssimo. Por olharmos com os olhos que não são os olhos da Terra, e ouvirmos com ouvidos que não são da Terra, e nos expressarmos com volume e intensidade, com coisas que não podem ser confinadas, conforme vocês entendem no sentido material. Todas as limitações do artista são aqui rompidas, e ele ou ela pode realizar coisas grandiosas. E todas essas coisas são uma expressão não só do próprio homem, mas de Deus que opera através do homem. Pois Deus é a perfeição, e todos nós, que somos artistas, estamos buscando a perfeição com a nossa arte. Por outras palavras, todos nós estamos nos tornando cada vez mais idênticos a Deus, parte de Deus, e, consequentemente, o nosso trabalho e arte também crescem.

E, por conseguinte, nas diferentes esferas vocês descobrirão que, como aqueles que passaram de uma esfera para a outra do progresso, eles deixam para trás em sua esfera particular (do mesmo modo que quando uma pessoa deixa o vosso mundo para vir para este), eles deixam para trás alguma expressão de Deus, alguma expressão da emoção do espírito e da beleza do espírito em toda a sua pureza e graça. Na minha vida, tento deixar para trás alguma expressão de Deus no meu trabalho, e os artistas e os poetas, e todos aqueles que se esforçam para se expressar, e por expressar a alma, que é uma parte de Deus, deixaram para trás uma herança para aqueles que se seguem.

E assim, nas esferas, à medida que progredimos de uma esfera para a outra, à medida que aprendemos e assimilamos e utilizamos todas as oportunidades em cada esfera individual particular em que vivemos, criamos e deixamos para trás para aqueles que vêm do vosso mundo, para esta esfera particular, algo de nós mesmos, que deixar para trás com amor para ajudar aqueles que veem depois, do mesmo modo que os músicos do vosso mundo de hoje pegam nas obras dos grandes mestres e descobrem nelas uma grande beleza e reverência e harmonia e

um som de… uma música alegre e grandiosa. Eles sentem e sabem que há alguma parte de Deus na alma de um músico que conseguiu progredir além das coisas materiais.

Assim é, pois, que todos nos ajudamos uns aos outros. Somos todos irmãos e irmãs. Vocês ficaram surpreendidos, há muito tempo, quando pela primeira vez vim até vós. Durante muito tempo vocês não conseguiam acreditar nisso. Vocês pensaram: "Ah, não é possível. Por que ele veio a mim? "Por serem humildes de espírito, porque vocês perceberem a grandeza que existe na música, por perceberem a grandeza que se acha na arte, e por perceberem igualmente que existia alguma parte da alma, e terem sentido que vocês possivelmente não poderia alcançá-la. Mas meu filho, isso é exatamente o que nos estamos a esforçar para fazer, tocá-los, para que vocês possam em alguma medida ligar-se a nós na harmonia das esferas. Foi o dom que legamos à humanidade ajudar aqueles que veem depois, para que também possam ser inspirados a expressar e a dar ao mundo na escuridão em que se encontra a harmonia e o amor das esferas que se expressam pela música que fomos capazes de dar através da nossa estada na Terra. Estamos todos amarrados juntos pelos vínculos do amor e do carinho.

A música é a harmonia do amor que flui por todos os seres humanos e nos liga. **Quando vocês tocam a minha música, você estão a tocar a minha alma, e eu tenho consciência disso. Quando a amam e quando tentam expressá-la com tudo o que têm para que lhe dar, eu estou consciente disso, e quando descubro a existência de tal amor, então eu sinto-me atraído.** E quantas vezes temos lutado deste lado, para estabelecer elos com as pessoas na Terra, que não entendem.

Existem por aqui e acolá alguns artistas, algumas pessoas na música que, embora não conheçam o significado do que vocês chamam de espiritualismo, no entanto, no fundo do seu ser têm uma consciência de se acharem ligados através da música com a alma que os criou, e eles tentam expressá-la. E se forem bons artistas, se forem talentosos, se possuírem uma habilidade natural, então poderemos usá-los, como costumamos fazer, ao tentarmos ajudar aqueles que se debatem no vosso mundo, como gostaríamos de ter sido ajudados, e muitas vezes fomos, quando na Terra. Assim, esforçamo-nos por ajudá-los. Há alguns no vosso mundo que eu frequentemente ajudo, alguns que vocês conhecem.

E assim, porque amamos com toda a plenitude do que o amor significa, não vamos necessariamente apenas junto daqueles que podem se tornar músicos consumados na vida terrena, mas daqueles que sentem tão intensamente, que às vezes, de facto, diria até mesmo que é ainda mais importante do que a execução da música, pois onde houver intensidade de amor, ou uma grande compreensão no coração, por expressar (no meu caso) a minha música, então eu torno-me um com essa pessoa, e se eu puder ajudá-lo, e ajudar os seus dedos trêmulos sobre as teclas, isso será minha alegria e privilégio, porque eu venho servir em amor. Pois minha música é para servir a humanidade, a ajudá-la a elevar-se acima das coisas mundanas, nas harmonias do espírito de que agora desfruto.

E assim é que a música nos une, porventura mais do que qualquer outra forma de arte, mas é na música que encontramos tal paz, e é na música que encontramos consolo na nossa alma que se encontra em apuros, como eu sei que estive frequentemente na vida terrena. Por eu me ter chegado muitas vezes ao piano com o coração repleto de desgosto, e ainda assim ter encontrado paz e uma grande harmonia e um grande consolo nele. E algumas das minhas maiores composições foram conseguidas na minha mais terrível das horas, por ser sempre quando Deus clama com mais força ao coração que daí decorre a harmonia do espírito, que nada no mundo pode tirar.

Por isso é deixada para trás, por de facto se destinar ao serviço. Pois mesmo na morte, como lhe chamam, nós ainda servimos de várias maneiras. Eu não estou morto; Estou mais vivo do que alguma eu estive na Terra, mais consciente, mais capaz de servir e de ajudar, e posso agora criar maiores harmonias do que alguma vez fui capaz nos confins do corpo terreno material, que foi sempre fonte de pesar para mim, e muitas vezes um incômodo.

Mas isto eu sei, que o seu amor, o vosso desejo de expressar o que vem de dentro de vocês, torna possível a ligação que tenho convosco, e se vocês não executarem o meu trabalho conforme sabem que gostariam de o fazer, é o coração dentro de vós que torna possível a ligação entre nós, o desejo. É sempre o desejo, o desejo sincero no coração e na alma dos que nos evocam, mais do que até mesmo as outras coisas que muitas vezes as pessoas ao vosso redor mais admiram. Eu sei que o artista, a alma que se esforça e que sente tão intensamente, se depara com a decepção e a desilusão, e ainda... cujo corpo físico não tem o poder de fazer o que o coração lhe diz para fazer. Mas, mesmo assim, vocês estão a criar, num certo sentido, uma enorme harmonia, por vocês sentirem.

Quantas vezes não sabemos de pessoas que executam de forma tecnicamente brilhante o trabalho de um grande compositor, mas há algo em falta que o torna aborrecido e desinteressante, por não ter sentimento, não ter alma. Isso não toca a alma do compositor. E a menos que a alma do compositor seja colocada na técnica, se ele não estiver por trás do que estiver a ser feito, apesar do brilho da sua execução, nada será para além de desolação, nada além de deceção. Mas aqueles que sentem com tal intensidade, aqueles que apreciam a música, e ainda assim não conseguem tocá-la, são os maiores músicos, porque eles têm algo que o homem que com toda a técnica do mundo não possui. Ele não tem Deus no seu coração. Ele não tocou o coração de um músico. Ele não sentiu que a maravilhosa união que corre entre os que amam de tal modo o que é criado e tiver sido criado no amor. Pois é no amor que nós que criamos música servimos a humanidade.

Toda a grande obra digna de nota no vosso mundo foi criada de certa forma, por intermédio do instrumento que o músico representa, pela mão de Deus, pois é a mão de Deus que ajuda todos aqueles que se esforçam por enviar beleza e gloriosa harmonia para a Terra. **São os dedos de Deus que se movem por trás dos dedos, muitas vezes os dedos de tropeço, do músico humilde.**

Porque Deus é conhecer todas as coisas, e Deus expressa-se de todas as maneiras, através do artista que pinta, através do músico que cria e produz, através do cantor que canta as harmonias que outros compuseram, e todas as belezas da Terra. Sempre encontram Deus, e por trás do músico, encontra-se Deus. E quando aqueles que sentem Deus na música, não conseguem tocar as notas, ainda assim há um músico, há harmonia. Há música gloriosa, pois é a música da alma que é insuflada e nas esferas e que é ouvida, e temos consciência disso, e somos atraídos para aqueles que, embora queiram fazer tanto, pouco conseguem fazer por causa das limitações da sua vida terrena.

Mas os seus corações estão repletos de amor, os seus corações são conscientes de todas as harmonias das esferas, e os seus pensamentos estão com os grandes músicos e os grandes compositores que passaram por este mundo, e que deixaram uma herança para os filhos da Terra seguirem. Eu sei como vocês se sentem, e por eu saber como se sentem é para mim uma alegria vir, e servir, e ajudar, e abençoar. **Eu nunca sinto que esteja a desperdiçar um momento, se ele for gasto com aqueles que amam, como vocês amam, a música que é de Deus.** Preciso ir, mas não me sinto triste, e sinto-me feliz, pois existir uma enorme beleza em todos nós. Por todos nós sermos Deus, em harmonia uns com os outros.

Rose (num tom reverente): Obrigado, Frédéric.

Voz masculina: Obrigado, senhor Chopin.

CHOPIN FALA SOBRE DIVERSOS TEMAS

(Sem Data)

Chopin: Boa noite.

Rose: Boa noite.

Chopin: Conseguem escutar-me?

Rose: Sim, consigo ouvi-lo muito bem. Fale lá. Consigo ouvi-lo na perfeição. Fale lá, está bem? Não creio que deva dizer "Quem fala?". Fale lá, amigo, se faz favor.

Chopin: Então, consegues ouvir? Como estás esta noite?

Rose: Pois, estou muito bem, Frédéric.

Chopin: (Pausa prolongada) Bom, que é que estavas a tentar tocar?

Rose: A tocar? Quando?

Chopin: Creio que tenha sido ontem.

Rose: Ah, hoje em dia já não o consigo tocar; ando de um lado para o outro mas falta-me as forças. Não consigo acrescentar-lhe nada. (Nova pausa prolongada) Está aí?

Mickey: Espera lá (...) Não te apoquentes.

Rose: Quem era há pouco, era o Frédéric, Mickey?

Leslie Flint: Não sei o que aconteceu. Pensei que fosse um cientista; o William Crookes.

Chopin: Olá. Ainda aqui estou. Não sei se me conseguem ouvir adequadamente.

Rose: Consigo escutá-lo com toda a clareza agora, Frédéric. Já lho disse. Consegue ouvir-me?

(Nova pausa, seguida de uma troca de diálogo entre duas vozes distintas, nenhuma das quais dos presentes)

Rose: O quê?

Leslie: Alguém respondeu Ruben.

Rose: Que está a tentar dizer, amigo? Não conseguimos ouvir com clareza. (Novo ruído de vozes em sussurro) Tente lá de novo.

Voz: Ruben.

Leslie: Alguém disse Ruben.

Rose: Não conheço nenhum Ruben.

Leslie: Pareceu-me Ruben. Disseste que não é nenhum dos teus clientes do costume, não?

Rose: Ainda está aí, amigo? Sim? Há um murmúrio de vozes, creio que de um homem e de uma mulher...

Chopin: Ainda aqui estou. Vejo que se gerou uma certa interferência, mas creio que agora esteja tudo bem. Estão a ouvir-me bem?

Rose: Sim, consigo ouvi-lo bem. Está bem?

Chopin: Ótimo. Sim, tivemos uma dificuldade mas creio que a teremos resolvido.

Rose: Ah, é por isso que está aí.

Chopin: É claro que estou aqui.

Rose: Adorável!

Chopin: Não estou só aqui para desobstruir mas para falar contigo também, não te quero desapontar. Consegues ouvir-me?

Rose: Consigo, sim; consegue ouvir-me?

Chopin: Eu sei, eu não tenho que te ouvir exatamente, eu sei o que estás a pensar antes que o digas, muita vez, sabes? Por vezes os teus pensamentos vêm ao meu encontro mais depressa do que as tuas palavras. É muito interessante, sabes? Quem dera que conseguisses perceber o que isso significa.

Rose: Quem dera que pudesse, Frédéric.

Chopin: De que queres falar? Pergunta-me alguma coisa; não consigo pensar com clareza, esta noite.

Rose: Não consegue!

Chopin: Momentaneamente não pareço capaz de clarear a mente, o que é uma coisa muito mais triste do que pensas.

Rose: Não o achará difícil, Frédérick? Não se esforce.

Chopin: Ah, não sejas tonta. Só estás a ser gentil. Se pensares que venha a ser difícil volta lá para as tuas queridas. (Rose ri) Não te incomodes. (...) para ti.

Rose: Tudo bem, imagina o quão difícil isso pode ser.

Chopin: Ah! Por vezes torna-se extremamente difícil; por vezes é praticamente impossível. Mas não me agrada desapontar-te...

Rose: Será por causa das vibrações, por as vibrações o impedirem ou algo assim...?

Chopin: Oh, por vezes há demasiada atividade, demasiadas vibrações divergentes, demasiada confusão... Por vezes é assim; noutras alturas é bastante difícil. Parece reunir-se muita gente aqui esta noite. Parecem infringir...

Rose: Ah, estou a entender... E você não quer que infrinjam...

Chopin: Eu gosto de ter o canal desimpedido. É claro que prefiro o canal desimpedido, e tu também gostas assim, sem confusão, sem interferências, sem (...) Estás muito melhor, hoje.

Rose: Estou. Obrigado, Frédéric. Muito melhor.

Chopin: Tens estado constantemente com a tua amiga... Ele (...) está muito preocupado com ela.

Rose: Não sei se ela irá falecer ou se irá melhorar.

Chopin: Ah, eu não sei, mas parece que ela teve uma recaída, mas depois parece continuar (...) Creio que venha a passar muito tempo antes que realmente melhore, a menos que algo aconteça, não sei, é tudo tão incerto.

Rose: Foi tudo tão súbito...

Chopin: Pensamos que tudo tenha ocorrido tão subitamente. Não sei, o doutor Marshall parece pensar que ela tenha tido diversos avisos bons, mas ela não toma conhecimento deles.

Rose: Pois, também creio que sim.

Chopin: Ela ignora-os, e sai-se com aquele: "Ora!" sabes. À semelhança de muito boa gente parece pensar que não seja nada e continua na mesma, sabes.

Rose: Pois.... Bom, não sei o que dizer esta noite.

Chopin: Eu tão pouco sei o que dizer; estamos os dois na mesma. (Riso)

Rose: Falou com o doutor Marshall, aí? (Chopin: Não!) Não vale a pena colocar perguntas que queiramos que os outros tenham que responder nem nada disso. Não quero faze-lo pensar demais. A parte extraordinária do que diz, Frédéric está em que, ao se encontrar aí tanta gente, as pessoas não andam aos encontrões umas com as outras?

Chopin: Não, não nesse sentido (Ambos riem) Ah, minha cara, como tu consegues ser, por vezes... Quando o consideras do ponto de vista material torna-se sobremodo estranho que não nos esbarremos uns com os outros, mas nós não nos intrometemos no caminho. Tu pensas que a sala não seja suficientemente larga, mas a sala em si mesma não tem importância. O seu tamanho, as paredes, que para vocês são sólidas, para nós não o são.

Rose: Mas elas devem ocupar espaço, essas multidões devem ocupar espaço, não?

Chopin: Com que então, as multidões precisam ocupar espaço? Onde, não sei. Já não terás vista bandos de pássaros a voar em migração?

Rose: Já, mas eles migram no espaço.

Chopin: Mas nós encontramo-nos no espaço! O tamanho dos pássaros na atmosfera assemelha-se a grãos de areia no deserto.

Rose: Sim, mas quando vocês entram um compartimento como este, por exemplo...?

Chopin: Nós não entramos nele. Tomamos consciência dele, o que representa uma coisa completamente diferente.

Rose: Está vocês consciente desta sala neste instante, ou encontra-se nela?

Chopin: Ambas as coisas. Encontramo-nos dentro de algo quando temos consciência da coisa e quando estamos inconscientes dela, não.

(Rose: (Rose e Leslie riem) Caramba, eu não passo de uma tola. Quem dera que conseguisse entender...

Chopin: Não entendes aquilo que te estou a tentar transmitir?

Rose: Entendo. (Riso de dúvida)

Chopin: Quando tomamos consciência do vosso desejo de comunicar connosco, nós vimos a vós. Quando vimos a vós através da consciência que vocês têm do aposento, nós temos consciência do aposento.

Rose: Ah, estou a entender. Vocês não se encontram na sala, mas...

Chopin: Através da vossa mentalidade, através dos vossos pensamentos, através da consciência que vocês têm da vossa condição e da vossa sala; temos consciência da vossa sala por intermédio de vós. Mas se perguntares, a sala não existe, por ser sólida e material e ser completamente diferente da nossa atmosfera e condição de vibração. Por outras palavras, nós só temos consciência das coisas por intermédio da consciência que têm, e recebemos a consciência da solidez do vosso mundo por intermédio dos vossos pensamentos. Não o torna necessariamente sólido para nós apesar de ser sólido para vós.

Rose: Bom, neste instante em que fala para mim, Frédéric, tem consciência de onde se encontra?

Chopin: Tenho consciência de estar aqui, nesta casa, e tenho consciência de me encontrar nesta sala por intermédio da tua consciência e da consciência do médium. Bom, isto importa, tens que ser capaz de compreender isto. Eu falo sobre esta consciência minha e do médium, mas claro que na comunicação um dos nossos principais desejos é a de não ter consciência do médium. Por outras palavras, esse é o nosso grande problema. As pessoas costumam dizer: "Ah, mas é claro que os pensamentos do médium por vezes entram na comunicação e perturbam-na e distorcem-na." Isso poderá ser porventura verdade, mas ao mesmo tempo precisamos ter consciência do médium ou dos presentes, e por vezes também do médium, caso contrário não chegaríamos a ter consciência, por assim dizer, das condições, não chegaríamos a ter consciência da comunicação que queremos transmitir-lhes. Por outras palavras, precisamos ter um ponto de convergência, entendes?

Rose: Entendo, mas depois, quando certa vez lhe perguntei: "Consegue ver-me?" Você respondeu-me: "Claro que consigo ver-te!"

Chopin: Claro que consigo ver-te! Ai querida, quão complicada me saíste! Claro que te consigo ver. Mas vejo-te num certo sentido, não tanto em termos físicos mas mentalmente. Lá está, uma vez mais, essa é uma outra discussão. As pessoas falam sobre o contacto consciente, mas nós só podemos ser conscientes na medida através da mente e da condição, do pensamento do médium, só podemos tomar consciência através da mente e da condição da pessoa presente, da pessoa que quer a comunicação.

Afinal de contas, por exemplo, se determinada pessoa quiser conseguir uma comunicação, digamos hipoteticamente que envolva uma questão pessoal que não seja do conhecimento do médium. É somente por causa do presente se encontrar ansioso pela comunicação com a mãe que a mão estabelece esse contacto com o presente. Quando a pessoa vai a um médium isso deve-se ao facto da mãe ser capaz de contactar, como que indiretamente, por intermédio do médium. Isso não seria possível, caso não fosse pelo facto da pessoa o tornasse possível através do elo de comunicar.

Por exemplo, poderias dizer-me: "Ah, eu adorava comunicar com fulano de tal." Mas eu não posso necessariamente sair à procura dessa pessoa. Por vezes torna-se possível mas frequentemente não o é. Se essa pessoa neste lado espiritual quiser estabelecer essa comunicação e tomar consciência da vossa força do pensamento, e estiver interessada e ansiar por essa comunicação. O facto de vocês a terem tornado possível por meio do poder do amor e do pensamento que emitirem... é a mesma história que procuramos dizer-lhes o tempo todo - é o poder do amor, é a força do pensamento que torna todas as coisas possíveis. O que constitui uma realidade ou a solidez para vós relativamente ao vosso mundo material para nós é insignificante.

O que é uma realidade para nós é pensamento consciente do indivíduo, como no teu caso, ao estabeleceres contacto comigo ou com alguma outra alma. Mas é através da vossa consciência, através da vossa capacidade que, ainda que seja inconsciente, de nos atrair a vós, e depois quando estivermos nas vossas condições tornamo-nos em certa medida conscientes dos vossos pensamentos mais materiais, e consequentemente, por meio da ajuda do instrumento ou médium, capazes de estabelecer contacto.

Mas lá está, mais uma vez estamos limitados, em certa medida, ao que podemos transmitir, pelas próprias condições em que temos que nos esforçar por comunicar, que são as condições que vós e o médium criam pela força do vosso pensamento.

Se a força do vosso pensamento for forte, e se pensarem, digamos, num plano de pensamento que nos capacite uma comunicação, de uma maneira imparcial e desapegada ou de uma maneira complacente ou mesmo de uma maneira espiritual, então poderemos fazê-lo. É por isso que as pessoas não entendem, e as pessoas frequentemente dizem: "Ah, eu não sei. Eu falei com

fulano ou beltrano e consegui isto, mas não foi muito bom." Talvez não tenha sido no seu nível material.

A crença dessas pessoas, quando vêm a uma sessão, ondula muito na atitude mental direcionada para o assunto e ela não será, digamos, muito compreensiva. Ou talvez procure alguma informação de natureza material, que se situe num nível particular. Tudo isso afetará a sessão e a pessoa receberá, em certa medida, exatamente o que proporcionar através da força desse pensamento. Por outras palavras, é a força dos pensamentos dos presentes que tornam principalmente a sessão, conforme vocês dizem, um sucesso ou um fracasso.

Rose: Mas quando temos uma grandiosa sessão, ou se reúne um grande ajuntamento na sessão, não se tornará demasiado confuso...?

Chopin: Mas é claro que é uma das grandes dificuldades. Quer dizer, há duas formas de encarar a questão. Se tivermos um vasto grupo de pessoas que sejam experientes, que sejam muito compreensivos e harmoniosos, então claro que o poder que é homogeneizado por tanta gente, torna a comunicação mais simples e mais fácil. É uma coisa estupenda. Quando sucede. Mas quando nos deparamos com sete, oito ou nove ou mais pessoas que pensem em termos muito egocêntricos... talvez numa linha material, e que também emitam pensamentos de coisas que digam respeito a elas próprias, não estejam interessadas ou não sintam ânsia por ninguém...

Por outras palavras, se emitirem pensamentos que em si mesmos sejam egoístas, então torna-se tudo muito complicado e difícil. Mas lembra-te igualmente de que ao sermos atraídos para a terra, pelo amor e pelo desejo de comunicação, embora por vezes aqueles que se encontram perto da terra terão mais consciência, digamos, das condições da terra, e consequentemente, quando as condições para uma sessão como esta são estabelecidas pelo poder que é captado pelas vibrações e pelos pensamentos do médium e dos presentes, por vezes atrai indivíduos que não se encontram muito afastados da terra, e que por vezes... num certo sentido...

Rose: Ah, como consegue manter à distância aqueles que possam tornar-se, porventura num perigo...?

Chopin: Ah, isso é muito triste, é claro. Não creio que se deva considerar isso um perigo, no sentido do risco, mas aquilo que precisam ter em mente, e todos deviam lembrar-se disso e saber, é que todo esse negócio deve ser fundamentalmente - e só pode ocorrer - pelo poder do pensamento. Se eu quiser falar contigo, são os meus pensamentos que te são transmitidos. A caixa voz apenas reconstrói, em certa medida, uma parte da minha personalidade através da própria voz, que pode... afinal a própria voz em si mesma não pode ser uma coisa completamente natural e é reproduzida artificialmente. Mas em qualquer dos casos, que é que a poderá danificar? Não existe nada que não esteja em evolução, num certo sentido. É uma vibração da atmosfera.

Rose: Pode ser que sim, mas como será que se reconhece a voz assim que ela chega?

Chopin: Bom, aquilo que reconhecem é, num certo sentido, não tanto a voz, mas a personalidade. É verdade que geralmente a experiência comunica é uma entoação diferente de voz, mas aquilo que estou a tentar transmitir é que precisam ter em mente que a única vez que tal sentido é usado na construção da réplica da laringe e das cordas vocais é retirado principalmente do médium, mas também há uma contribuição de um ou mais dos presentes. Essa é a única vez em que uma coisa leve e vibrante... e muito esforço é empreendido por parte dos cientistas para manter isso em ação. Não esqueças que isso é algo que afeta toda a gente, porque, embora seja um tipo de substância viva retirada principalmente do médium, também é dada uma contribuição por parte dos presentes e uma contribuição dada por pare das pessoas deste lado que a moldam e utilizam e misturam, pelo que se torna ocasionalmente possível que algo de si próprios se misture.

Por outras palavras, digamos que se alguém vier falar, poderão haver outros que se encontrem atrás a assistir com o seu poder e os seus pensamentos, e por vezes terão uma fusão de personalidades, o que é muito subtil.

Rose: Eu notei uma coisa. Se o médium apanhar uma constipação, por exemplo, e ficar com o nariz entupido, as vozes espirituais apresentam o mesmo. A que se deverá isso?

Chopin: Acho que possivelmente isso se poderá explicar pelo facto de... assim que isso é usado... por exemplo, nós chamamos a isso que disseste (...) física. Por outras palavras, é algo que é trazido ao estado físico. Por isso, se usarmos alguma força, algo do médium (o que temos que fazer) então a atmosfera ou condição física precisará estar (...) a emanação ao redor do médium varia e muda e flutua constantemente.

Rose: Pois, mas por vezes também consigo ouvir a respiração; não com frequência, mas por vezes...

Chopin: Bom, isso é natural e compreensível porque para criar som (...) precisa de respiração, principalmente a respiração do médium, razão porque é sempre difícil, suponho, o médium manter a comunicação ao mesmo tempo. É realizado mas é difícil.

Rose: Pois. É interessante.

Chopin: Contudo, de certo modo é tão simples, só que se torna muito complexo pelo que as pessoas simplesmente não compreendam e não conseguem acompanhar os detalhes.

Rose: Ah, eu gosto de saber dos detalhes de tudo, e quem dera que pudesse estar nos bastidores, e ver o que os cientistas estão a fazer, embora não entenda nada.

Chopin: Bom, não sei como se poderá descrever isto exatamente, como se poderá percebê-lo. Se a ciência fosse capaz de o compreender, seríamos capazes de criar sons artificiais no vosso mundo, o que num certo sentido é o que estamos a fazer; estamos a criar sons artificiais, mas na medida em que o conseguimos eles ressoam. É isso que fazemos.

Rose: Creio que haveria mais conhecimento ou uma maior crença nestas coisas se os vossos cientistas desse lado pudessem conceber um instrumento qualquer, como uma televisão. Veja como toda a gente se agarra aos aparelhos de televisão sem o questionar nem nada. Está aí!

Chopin: Pois, eu sei, mas não consegues ver o caos e o quão terrível não seria se todos acorressem para os aparelhos de televisão todas as noites para falar com os amigos? Não teríamos qualquer paz. Tu não me darias nenhum sossego. Graças a Deus que não existe nada assim.

Rose: Ah, eu dão lhe daria sossego?

Chopin: Não.

Rose: Não, eu não lhe causo desassossego, Frédéric.

Chopin: Estou com aquele sentido de humor... (Rose ri) Mas já imaginaste se tivesses o aparelho no quarto, todas as noites estendias-te na cama: "Vamos lá, Frédéric..."

Rose: Não, mas gostava disso porque... para nós seres humanos, aqueles céticos que criticam tudo e mais alguma coisa, não teriam qualquer hipótese nesse caso.

Chopin: Eu sei por que é que dizes que gostavas... Mas não sei, penso que haja muita forma de provar que não é invenção. Afinal de contas, se deixarem o médium no estado de incapacidade de fala, aí como poderão dizer que seja ventriloquismo?

Rose: Só que eles não conseguem ver no escuro. Ah, mas eu adorava que todo o mundo tivesse conhecimento disto sem suspeitas.

Chopin: Eu não creio que pudesses encontrar tal satisfação. Sempre haverá suspeita entre as pessoas, e não só com relação a isto mas a tudo.

Rose: Frédéric, o Valentino disse-me que os cientistas estão tão interessados no trabalho que empreendem desse lado que não se importam muito com o que acontece ao médium.

Chopin: E tu pensas que isso aconteça só com alguns e não com todos...

Rose: Espero que não.

Chopin: Penso que com certos cientistas que se encontram muito próximo à terra seja assim. Mas quanto mais avançados espiritualmente estiverem, quanto mais espiritualmente cientistas forem mais a coisa será diferente, e não farão coisa alguma. Em qualquer dos casos, estou certo de que não desejarão fazer nada que ponha em perigo o médium, por exemplo, ou fazer alguma coisa que seja prejudicial. Em qualquer caso eu não queria...e estou certo de que não pensariam tal coisa.

Rose: Não. Mas aqueles que se encontram próximo da terra não deviam ter permissão para criar caos no mundo nem entreter todo tipo de ideias...

Chopin: Mas é claro que é natural pensar uma coisa dessas, mas isso possivelmente deve-se ao facto de não compreenderes plenamente a lei natural existente por detrás de todas as coisas. Quero dizer, podíamos estar constantemente a dizer: "Isto não pode ser," ou "Aquilo não pode ser..." mas todas as coisas se acham sujeitas à lei natural. Ninguém assume um lugar ditatorial, ninguém está em situação de ordenar ou de exigir... tudo deve obedecer a uma sequência natural, e naturalmente aqueles que não o tenham dominado ou aqueles que não tenham progredido muito ainda pensarão e agirão em concordância, e caso as condições em que se vejam, pela sua própria natureza, as leve a estar próximas à terra, claro que os seus pensamentos poderão afetar as pessoas na terra.

Mas depois, só afetam as pessoas de idêntica mentalidade. É por isso que é importante, sabes, que as pessoas tentem viver para além do mundano e do moderno e que vivam no sentido espiritual. É por isso que é muito importante que quando vocês fazem uma sessão, a abordem no sentido correto e que só se preocupem com as coisas que tenham importância espiritual. Quer dizer, não devem apenas brincar com isso, e essa gente só está a brincar com isso de forma a conseguir...

Rose: Entusiasmar-se.

Chopin: Sim. É claro que atrairão aqueles que não os ajudarão muito.

Rose: Como é que a mamã e o pai se estão a dar. Estão bem?

Chopin: Ah, param muitas vezes aqui. Eu já os vi. Deves pensar muito neles.

Rose: Penso, sim.

Chopin: Eu sei que eles habitualmente vêm até ti, e estou certo de que tu os procures. Só que ainda não é altura.

Rose: Quanto tempo isso irá levar?

Chopin: Não sei. Não te posso dizer.

Chopin: Não pode dizer...

Chopin: Eu não sei. Não vejo a Possivelmente o tempo estará para breve, para o próximo ano, mas de momento não vejo sinais disso.

Rose: Eu não sei, Frédéric...

Chopin: Que estás para aí a dizer que não sabes, e que não sabes?

Rose: Olhe... É verdade, por eu achar que sabe mas não diz.

Chopin: Que benefício te traria se eu soubesse e to revelasse?

Rose: Não estou certa... Okay, não tem importância.

Chopin: Como saberás que não... Eles já estão a aqui a vir, e tu ainda não estás.

Rose: Não, talvez não esteja a ir e suponho que ficarei por aqui mais um tempo...

Chopin: Creio que ainda irás ter mais umas surpresas antes de para aqui chegares.

Rose: Ai sim?

Chopin: Surpresas em relação às condições do mundo em que te encontras e às pessoas. Não creio que para aqui venhas tão cedo. Além do mais, estás a desfrutar da tua experiência a despeito de tudo o mais.

Rose: (Ri) Sinto-me mais feliz quando me encontro nesta sala.

Chopin: Porquê nesta sala, em particular, por termos reuniões aqui? Bom, aprecio muito isso embora num certo sentido eu sempre tenha dito que não tenha importância para mim, por eu só ter consciência, num certo sentido, através de ti e do médium, mas sei que as condições que crias são importantes, e por isso preocupo-me com a condição da sala, com as condições que são criadas na sala, mas penso que reúne uma atmosfera muito agradável.

Rose: É agradável, não é?

Chopin: É muito prazenteira. Agrada-me pelo facto de aqui vires e agrada-me muito, de forma que te mostrarei como passar uns bons bocados, aqui. (...) num certo sentido seja importante, não sabes disso?

Rose: O quê?

Chopin: Eu disse que embora num certo sentido a sala tenha importância, acho que fomos capazes de te mostrar que não é tanto a sala (Rose ri e interrompe a audição). Pensa bem como vêm contentes até ti.

Rose: Estou tão animada e contente... É claro que acredito nisso, Frédéric, é claro que sim, mas sabe...?

Chopin: Mas agora o que é? Agora puseste-te triste! "Eu acredito no Frédéric pelo que claro que sim, "mas..." Pois bem, a que se refere esse "mas"? Faz favor de me dizer uma coisa: Haverá, pois, alguma coisa que possa fazer por ti que te dê a derradeira convicção? Por eu ainda achar que penses: "Ah, é demasiado bom para ser verdade."

Rose: Suponho que venha de tenra idade...

Chopin: Mas pensa numa coisa que aches ou algo que me pedisses para fazer, algo porventura especial, que se te der te traga convicção, por ser óbvio que por vezes ainda sinto ser único.

Rose: Claro que se o pudesse ver, mas mesmo assim, não poderia realmente saber o aspeto que tem. Mas agora, tenho aqui agora; onde é que está esse caso amoroso?

Chopin: Bom, isso admito não ter produzido. (Rose ri) Supondo que isso fosse possível; não vou dizer que o vá fazer, mas não sei. Penso que não. A certa altura pensei que pudesse ser possível. Mas supondo que me pudesse materializar e que tu pudesses tirar-me uma madeixa do cabelo, que não desaparecesse após a reunião, e depois?

Rose: Ah bom, guardava-a.

Chopin: Claro. Isso já te convenceria.

Rose: (Ri) Não penso que fosse capaz de se materializar.

Chopin: Ou pensarias que fosse uma alucinação?

Rose: Não, não pensava; se a segurasse na minha mão e a acariciasse e visse que era real, aí sim. É claro que não sou tão tola. Mas acha que fosse possível materializar-se Frédéric?

Chopin: Eu espero que sim, ainda espero poder, mas tenho receio de estar a fazer profecias, por isso ser algo tão... Não sei, é algo que, num certo sentido é de tal modo intangível, sabes, que é impossível. Um dia pensas que seja possível fazer uma coisa, e no dia seguinte já achas que não. E talvez um dia quando menos o esperares isso suceda. É assim. Por vezes não podemos fazer outra coisa.

Noutras alturas já é diferente e somos capazes de nos sentir preparados. Suponho que seja de esperar que não possa ser sempre igual. Nem sempre podemos esperar manifestar-nos ou estabelecer contacto. Por que deveria ser assim? Afinal, quando vais para a cama pela noite, não sabes se vais dormir. Por vezes não dormes bem, outras vezes dormes. Certas vezes viajas no teu corpo astral até aqui, outras vezes tens sonhos engraçados que não fazem qualquer sentido. Noutras alturas cansaste de tudo e lês um livro para depois o pores de lado e te levantares para tomar uma chávena de chá. Nunca podes saber quando te vais deitar ou dormir ou que tipo de sonhos virás a ter. É sempre tudo diferente, tudo se acha sujeito à mudança.

Olha para ti – num dia sentes-te animada, no dia seguinte já te sentes desanimada; certos dias corres que te fartas e noutros arrastas-te. E noutras alturas deixas-te ficar sentada à espera.

Rose: Sim, é bem verdade.

Chopin: Mas eu espero isso mesmo, assim que te juntares a nós. Todos nós o esperamos. Mas sabemos que ainda demorará um tempo, pelo que deves tentar ser tão feliz quanto possível. Eu penso que te divertes bastante na vida a despeito de tudo o mais. Não me agrada ver-te deprimida.

Rose: Ah, sim. Agora não tenho estado deprimida. Eu aprecio o sossego e o silêncio...

Chopin: Gostava mesmo de fazer algo espetacular para ti. Eu não estou certo, mas acho que te daria cá uma sensação formidável caso pudesse. Aparte de cá vir e falar contigo. Mas quem sabe, quando para aqui vieres, isso não acontece?

Rose: Eu acho que sim. O Mickey disse que as coisas podem acontecer. Mas não só o Michey...

Chopin: Eu creio que sim. Bom, eu preciso ir, peço que me desculpes mas (...) Mas não fiques desapontada comigo. Todos te enviamos o nosso amor. Tu sabes disso.

Rose: Dê o meu amor à mamã...

Chopin: Talvez eles venham conversar contigo de novo. Deviam, sabes.

Rose: E ao querido velho Sam. Diga-lhes que não os esqueci.

Chopin: Ah, todos os teus amigos. Preciso ir.

Rose: Muito bem. Obrigado por vir, Frédéric.

Chopin regressa e pergunta o que é.

Rose. Não é nada. Só estava aqui sentada tranquilamente. Mas tinha receio de que a bobina de gravação terminasse.

Chopin: Ah, acho que não. Acho que dá para mais uns instantes, sabes. Como te sentes esta noite? Pensavas que me tinha esquecido de ti, e que o diabo não vinha mais conversar contigo?

Rose: Não. Obrigado por enviar o Rodolfo Valentino.

Chopin: Ah, o Monsieur Valentino. O Rudolfo é um personagem interessante. Nós somos muito bons amigos. Sabes que se tivermos que continuar com este médium temos que ser bons amigos do Valentino, senão...

Rose: Ai sim?

Chopin: Ora, estou a gracejar contigo. Não de facto estamos bastante associados, sabes. Encontrei-o diversas vezes e acho-o uma pessoa muito interessante. Ele é uma boa alma, sabes. Que mau bocado aquele pobre homem deve ter passado. Só acho que deve ter ficado encantado por se afastar de todas aquelas mulheres. (Riso geral)

Rose: Frédéric, porque é que tantos milhares de pessoas são tomadas por este grande interesse hoje, mesmo por parte daqueles que nuca os viram na tela?

Chopin: Eu não sei, suponho que haja algo a que as pessoas sejam sensíveis mas sem compreenderem muito bem, mas depois claro que se deve a muitas razões, suponho. Há muita gente que busca um escape. O vosso mundo goza de tal infelicidade em tantos aspetos, que muita gente encontra um escape no romantismo. Como na minha música, onde suponho que muita gente encontra um escape na música que compus. De certo modo é o mesmo tipo de coisa.

Afinal de contas precisamos ser, de certo modo, gratos por ter quem arranje um tipo qualquer de escape das árduas realidades do mundo material em que vivem. No meu caso, a minha música é caso, suponho eu, de fascínio da sua personalidade (...) Um escape para muita gente sobrecarregada com tantas coisas materiais que carregavam.

Rose: Mas nunca houve tantos e tantos milhares atrás de um homem desses.

Chopin: Bom, não creio que andassem no encalço dele. Era o romantismo. Suponho que ele tenha criado um (...) nas artes, um símbolo de romance. Como a minha música que é romântica e simbólica para muita gente, que encontra nela uma forma de escape das árduas realidades do mundo. Fecham as portas e dissociam-se do mundo, para se perderem na beleza e no som.

Rose: Frédéric, você consegue dissociar-se de quem quiser quando atinge...?

Chopin: Sempre que o desejarmos podemos escapar, se me for permitido usar a expressão, embora não procuremos evadir-nos; de facto não há necessidade disso. Mas podemos por assim dizer retirar-nos e ficar a sós, ou ficar como que inconsciente do resto do mundo em que temos a nossa existência. Se sentirmos necessidade de o fazermos, podemos fazê-lo. Mas a vida aqui é de tal modo diferente, sabes, e é tão serena, tão plácida que não chegamos necessariamente a sentir que os outros se instrumentam.

Ninguém aqui se intromete na vida de outra pessoa. A altura adequada ou o momento adequado é algo de que temos consciência em nós próprios, e por forma nenhuma casamos qualquer infelicidade ou qualquer dor, nem nenhum tipo de interferência. Quero dizer, aqui é tudo lei natural e nós somos muito mais sensíveis e temos consciência da necessidade do silêncio, ou da necessidade de retiro caso a sintamos, sem que ninguém se intrometa, por nos apercebermos dessa necessidade de ficarmos a sós connosco próprios.

Rose: Todos vós pareceis saber tudo acerca uns dos outros e sobre todos aqueles com quem comunicam.

Chopin: Bom, não estou certo de sabermos tudo, e suponho que de certo modo não seja bem assim. Temos conhecimento de tudo que seja, digamos, necessário, para a harmonia. Compreendes?

Rose: Sim, mas a julgar pelos comunicados que recebo da parte de diferentes pessoas, uma pessoa pode vir e dizer-me algo com respeito a alguma coisa e ir embora, e após alguns dias, pode chegar-me uma resposta assim: “Ah, ouvi fulano ou beltrano dizê-lo sobre ti.” E também podem conversar entre si.

Chopin: Ah, mas é claro que conversamos. Pelo menos temos contacto uns com os outros, e obviamente por amarmos os nossos amigos e sentirmos interesse por eles. Claro que quando sentimos interesse nas pessoas que se encontram na terra, então precisamos em certa medida adotar uma certa atitude mental não contrária à atitude mental das pessoas que se encontram na terra. Por outras palavras, se tivermos que discutir as pessoas da terra com s nossos amigos, então precisamos entrar nessas condições e nesses assuntos e situar-nos mais ou menos ao mesmo nível mental para sermos capazes de os discutir.

É claro que fazemos isso, por sentirmos interesse, não tanto pelo aspeto material das pessoas da terra, mas pelos aspetos espirituais e por uma melhor forma... quer dizer, isso é necessário, não será? Mas por vezes falamos de coisas materiais ordinárias, porque se tivermos interesse por alguém e amarmos alguém que se encontre na terra, estaremos ansiosos por ajudar a pessoa.

Por vezes sentimo-nos compelidos, poder-se-á dizer, a entrar nessas questões do pensamento e a discuti-las nesse nível. É tão simples! Se ao menos pudesses entender... Mas nós somos capazes de entrar em qualquer condição, ou vibração, em qualquer tipo de estado mental de qualquer indivíduo particular por

quem sintamos interesse – caso o desejemos! Não é coisa que nos perturbe necessariamente quando nós estamos aqui no nosso ambiente.

Para o fazermos, quer dizer, para entrarmos no estado ou condição da pessoa numa esfera diferente, ou à face da terra, precisamos entrar nessa condição e tornar-nos parte dela e abordá-la por assim dizer a partir desse ponto de vista particular ou condição particular de vida, e isso não é difícil. É apenas uma questão de mudarmos. No momento, pelo menos, a nossa atitude ou condição e de entrarmos na outra.

SOBRE O TÉRMINO A SUA VIDA, O MOMENTO DA PASSAGEM, E COMO FOI SAUDADO PELA MÚSICA

17 de Outubro de 1955

Chopin: Olá.

Rose: Olá… Frédérick? Feliz aniversário Frédérick querido. (NT: Aniversário da morte)

Chopin: Muito obrigado, minha querida. Embora saiba que é muito importante, sabes, que devesses recordar o meu aniversário... quer dizer, para mim não tem muito significado. O que é importante é que tenhas tanta afeição ao recordá-lo. Mas num certo sentido não tem importância. Na realidade, quando chego a pensar nisso, o aniversário mais importante é o da minha vinda para aqui. Esse é um aniversário muito importante, por ser...bem, o meu nascimento nos domínios da iluminação e da oportunidade.

Rose: Frédéric, gostava que me dissesse algo acerca disso... Pensa que possa contar, Frédéric?

Chopin: Sobre o quê?

Rose: Sobre quando foi… para aí.

Chopin: Ah, referes-te às reações que tive e tudo isso. Bem, sabes que me encontrava, evidentemente... não direi em choque, mas foi intenso...

Rose: Surpreendido?

Chopin: ... sim, mas esse não é bem o termo que queria encontrar. Foi uma revelação, sabes. Durante um tempo senti-me restabelecido mas lá para o final dos meus dias eu encontrava-me consciente do facto de estar a morrer, e encontrava-me numa atrapalhação. Queria permanecer na Terra, mas ao mesmo tempo uma outra parte de mim queria morrer, sabes. Tinha perdido a vontade, em certa medida, de viver, mas havia sempre a minha música e isso parecia ser a única coisa que tinha muita importância para mim. E senti que era terrível, sabes,

abandonar tudo tão cedo quando tinha tantos planos e tanto dentro de mim a fazer, e depois tinha aquela espécie de medo do que iria ser, se haveria alguma coisa diante...após a morte, sabes.

Encontrava-me tão confuso, conforme suponho que deva ser o termo a aplicar, mentalmente confuso quanto à vida no mundo do porvir. Estava com medo, no entanto num certo sentido tinha esperança e ao mesmo tempo sentia-me ressentido por ver a minha vida cortada tão rente. Também foi difícil, e não conseguia resolver-me de todo. E antes mesmo de passar vi diversas pessoas que tinham vindo do espírito para me dar um enorme encorajamento e levar-me a sentir diferentes nas últimas horas da minha vida quando as pessoas pensam não ter consciência. Eu tinha muita consciência de coisas de que elas não tinham consciência. A primeira coisa que escutei, sabes, foi música. Isso foi o que creio me terá dado maior encorajamento, mais esperança e me fez sentir tão diferente com respeito a tudo, por achar que tenha sido uma hora ou duas, antes de eu passar da terra.

Escutei de forma bem distinta uma música magnífica e foi como se eu fosse transportado, por me parecer que partia na minha alma ou partia do meu corpo e lembro-me exatamente de voltar à terra por uns segundos e de ter consciência de movimento, e tudo o mais, mas então alguns segundos mais tarde foi como se não mais se tratasse da Terra. Tornei-me plenamente de me encontrar envolvido, conforme é o único termo que posso usar, não só por música, mas foi como se eu fosse transportado pela música e por mãos invisíveis.

Não sei como explicar isto. No entanto, na minha visão, não no meu campo visual mas mentalmente, suponho eu, pensei que fosse em termos visuais, mas foi no meu ser interior no olho da minha mente, eu tive consciência de todo o género de amigos, mas a única coisa que estranhamente realmente pareceu mais vigorosa, era a música, a música que pareceria transportar-me da terra para o mundo do espírito.

Rose: Suponho que tenha sido uma banda especial de músicos que provavelmente tenha vindo ao seu encontro.

Chopin: Bom, é claro que sabia o que estava a acontecer, mas na altura foi confuso, embora cheio de acontecimentos. Percebo agora que se tratava de muitos músicos, muitos que evidentemente nunca tivera conhecido, alguns que conhecera, quando na terra, mas todos quantos vieram saudar-me, conhecedores do formidável amor que tinha tido pela música e do quão importante fora na minha vida e na realidade na sua, tiveram noção de que a maneira mais fácil de me ajudar e de tornar a minha passagem da terra para o espírito mais suave e afortunada era trazendo música. E assim, deve ter havido um ajuntamento formidável de gente, músicos, a tocar a música mais divina que parecia tirar de mim por completo todas as minhas preocupações e cuidados, toda a incerteza e todo o medo e dor; tudo foi tirado pela música quase numa fração de segundo.

Pareceu como se eu soubesse pela primeira vez o que viria a ser morrer, que não viria a ser medonho e que eu não iria ser apartado da música e que iria ser tudo o que poderíamos desejar, iria ser cada vez mais divino, na medida em que iria ser o meu céu conforme desejaria que tivesse sido possível criar. iria ser um transporte musical para uma esfera celeste onde a música seria tudo; e assim foi. Os meus amigos invisíveis, embora tivesse consciência deles, criavam o mais belo trecho de música que me transportou por completo para longe da terra, e creio que nos meus últimos momentos na terra, quando tinha muito pouca consciência das coisas, num momento ou outro fugaz, creio que os meus amigos na terra tiveram consciência da... como dizer isto?

Rose: Transfiguração.

Chopin: ...foi um estado de coisas exigente, sabes. Não sei como traduzir estas coisas por palavras...

Rose: E foi transferido para onde, Frédéric? Tem alguma casa aí?

Chopin: De onde me encontro, obtém-se as mais belas vistas e a mais bela casa, com amigos, pessoas que (...) decidiram ajudar-me, encorajar-me e tudo o mais. A primeira coisa de que me recordo ao acordar, foi... quer dizer, um quarto magnífico, o quarto mais sublime dotado da mais magnífica mobília e de magníficas janelas através das quais parecia entrar a mais magnífica das luzes, contudo não era a luz do sol que conheceis.

Era mesmo um aluz que, quando fui à procura da sua origem de onde provinha, não encontrei nada visível, exceto este magnífico halo de luz, uma vista magnífica de um parque. Tudo... belas flores, jardins magnificamente tratados, mas o que evidentemente era o mais importante para mim era o meu piano. Ah, para mim isso era tudo Não importava, sabes... nos velhos dias quando costumava ir a qualquer parte a primeira coisa que ao entrar num compartimento procurava era um piano: "Ah, não há piano nenhum? Então não serve." E ia-me embora. "Adeuzinho."

Rose. Frédéric (Ininteligível)

Chopin: Despertei nesse local, nesse magnificamente belo lugar. Havia aquele belo piano, mas eu vi... Pela primeira vez creio que em toda a minha vida, suponho por me encontrar intrigado, senti-me um tanto na incerteza quanto ao local onde me encontrava e senti-me curioso e tudo isso, e andei por ali e fui até à janela e vi aquela magnífica vista e de algum modo acho que me veio a compreensão de que... de que estava em casa, e no entanto sabia em mim próprio não estar vivo no sentido terreno.

Não me encontrava mais numa existência física, mas sentia-me contente, e sentia-me em casa. Mas um tanto surpreendido, transtornado, na medida em que não sabia bem o que me tinha acontecido. Foi por essa altura que senti que de algum modo estaria tudo bem, no quarto. Fui até ao piano e de algum modo tudo

pareceu estar bem, por completo, e ao tocar o piano o quarto ficou cheio de gente, mas interessei-me por ver como o piano era e tudo o mais, que nem sequer averiguei quem o tinha construído, e de facto recordo que não tinha letras nenhumas.

Mas subitamente pareceu que o aposento se encontrasse repleto de gente, e aí percebi que tinha muitos amigos, mas eram amigos que tinha feito por meio da minha música. Foi a minha música que me trouxe os meus amigos, mas posteriormente foi-me dito que… Ah, é uma história muito longa, há tanta coisa que tenho que deixar de lado… Mas sabes, eles disseram-me que eu tinha muitos amigos que adoravam a minha música e que em certos casos tinham sido capazes de me ajudar com a minha música, quando estivera na Terra. Mas assim que toquei no piano, souberam que eu… como hei de dizer isto… tinha despertado do sono da passagem, e aí souberam que podiam vir até mim, para me ver, para se darem a conhecer e…

Rose: Para se lhe darem a conhecer.

Chopin: …darem a conhecer. Ah, eu simplesmente comecei a tocar e toquei e toquei, e as pessoas vieram e viram-me, tinham-me esperado naquele salão, naquele magnífico aposento, e então de repente eu senti (…) bom, dei por mim cercado, a minha casa replete de gente que me adorava e à minha música, e eu soube então que me encontrava em casa.

Não mais era um estranho numa casa estranha, nem um estranho numa terra estranha, mas encontrava-me em casa com amigos que eram músicos e que eram a favor da música. Alguns deles tinham sido meus amigos, outros jamais tinha conhecido na terra, evidentemente, mas não tinha importância. Percebi então, pela primeira vez que era a música que fazia amigos, que é a música que aproxima as almas das pessoas; é a música que como que reúne a humanidade na harmonia. E quando penso agora e olho para trás e sei perfeitamente, tendo vivido nessa terra, e sei que existem milhares de pessoas que jamais conheceram Chopin, e no entanto, no mundo conhecem Chopin através da sua música, pelo que tenho muitos amigos, ah, milhares e milhares deles nos domínios do espírito, e milhares de amigos ainda na Terra.

E assim, sou um com quem quer que adore a minha música; eles são meus amigos, são tudo para mim e eu sou tudo para eles, por a música ir além das pessoas, e além do carácter… como é que vocês dizem, é algo que é comum a todos nós, é algo que nos une a todos em perfeita harmonia, pois que será a música senão complete harmonia, vibração de tal beleza e poder… que faz com que tudo funcione.

Assim, dei por mim, por assim dizer, algo que jamais antecipava, algo de que nunca tivera consciência, mas percebi que era a música que tornara tudo aquilo possível. Foi isso que verteu do meu íntimo e que eu criei para impor meio de todos os elos que tinham sido forjados por milhares de pessoas que adoraram a minha música. E assim, nunca tive falta de amigos, nem tive falta de

companheirismo, mas aqui tenho tudo quanto a alma possa desejar e sempre é belo, é… tudo é perfeito e complete, por nada faltar onde a música é a melhor coisa (…)

Da mesma forma que contigo, quando para aqui vieres, sabes, já te dissemos isto, descobrirás por ti própria que terás tudo quando necessitas, por o teres tornado possível. É a música que tem sido a tua vida, e o resto não tem tido importância para ti, aquelas coisas que tiveste a alegria de fazer, as coisas que tiveste que experimentar, mas em si mesmas não têm sido materialmente importantes; terão sido necessárias provavelmente, mas não têm sido essenciais, só que tinham que se dar. Mas a questão está em que é a música, e descobrirás por ti aqui tudo quanto necessitares. Por isso, quando para aqui vieres, deverá ser natural que eu deva ser um dos primeiros a saudar-te. Deverei ser uma das primeiras pessoas a ajudar-te, um dos primeiros a mostrar-te todas as coisas por que o teu coração ansiou. E terás, conforme te disse, depois de te encontrares com a tua Mamá e o teu Papá e o teu irmão e outros aqui que amaste, descobrirás por ti com mãos tão adoráveis tudo quanto queres, e o piano, ah, isso tu queres, é o instrumento perfeito e serás uma instrumentista perfeita eventualmente, ao piano. Mas irá demorar muito tempo, até que consigas tocar muito bem.

Rose (Ri)

Chopin: Mas aí isso dar-te-á uma enorme alegria…

Quando para aqui vieres será quase como se voltasses a ser criança de novo, sabes. Desta vez com tudo diante de ti, tudo para te ajudar, tudo para te encorajar, um piano magnífico, e comigo como teu tutor. Já começaste as tuas lições há muito tempo e estás a sair-te muito bem, só que eventualmente, ah, virás também a ser uma excelente compositora, o que é ainda mais importante. É ótimo que devas tocar a minha música bem, e eu gostaria que o fizesses, e eventualmente conseguirás, mas isso não chega, sabes, por o coração precisar estar em posição não só de acompanhar o tempo dos outros, mas precisa ser capaz de criar por vontade própria. Precisa ser capaz de criar a própria harmonia e melodia independentemente. E tu farás isso. Poderás de interpretar as peças juntas simplesmente…

Rose (Ininteligível)

Chopin: Não, por saber muito bem que são todas as coisas simples que juntas se traduzem por coisas grandiosas. Afinal, sabes, não podes compor música grandiosa até que aprendas as pequenas coisas que ajudam, que o tornam possível.

Rose: …A sua voz mudou um bocado… É a sua personalidade. É você, é você, é a personalidade a vir ao de cima…

Chopin: Ah, mas há de mudar… Não me agrada sempre ter uma voz idiota com a que precisei usar a princípio. Leva tempo, sabes, a habituar-nos a isto, mas

já falo mais naturalmente, e à medida que falar naturalmente serei capaz de usar uma condição e ser capaz de porventura derramar-me de modo a poderes ver-me. Espero que sim. Não vou ser um pequeno fantasma para sempre. (Rosa ri) Não quero ser, sabes, e sempre gostava de me dar a ver nos meus velhos tempos. Ainda tenho uma certa dose de vaidade.

Rose: Eu sei disso.

Chopin: Não me venhas dizer isso. Deixa para lá, eu deixo que escapes dessa por ora. (Rosa ri) não, falando a sério, eu sou humano, evidentemente. Não progredi assim tanto para não ter… como e que vocês dizem… algum traço meu a que atribuir as culpas. Ainda gosto…bem…

Rose: (Ininteligível)

Chopin: Por vezes gosto de pregar a minha peça, sabes…

Rose: Eu sei disso…

Chopin: E por vezes dá-me prazer mistificar-te ou fazer-te uma pequena surpresa, ou… bom, fazer-te dar um salto, sabes.

Rose: Claro que sei, sei montes de coisas que me contou.

Chopin: Além disso, num aniversário precisam de algo especial… como é que dizem…

Rose. (Ininteligível)

Chopin: …por isso já sabes, curvo-me perante ti, sabes… (Rose: Sei!) e escapas com as coisas que num outro dia não escaparias…

Rose: Que é que acontece no vosso lado no seu aniversário?

Chopin: Nada, nenhuma celebração, não. As celebrações nada significam para nós. Se não for a os nossos amigos e o interesse daqueles que se encontram na terra… um aniversário, por parecer que nada significam para nós.

SURPRESAS, BIOGRAFIAS
E O ESPELHO DA HUMANIDADE

(Gravado a 7 de maio de 1956)

Flint: Definitivamente, tenho de fazer algo em relação a esta luz. Não tinha reparado nisto antes, pois não?

Creet: O que foi?

Flint: Nunca tinha reparado nisto.

Creet: Oh, sempre foi assim.

Flint: Sim — é definitivamente da chaminé.

Creet: Bem, espero que eles se consigam manifestar.

Flint: Espero que sim.

Mickey: Vai ser preciso muito mais do que isso para me impedir!

Creet: Hum. Espero que sim, querido. O bom e velho Mickey, "o guerreiro".

Mickey: Perdão? (Risos) O guerreiro?

Creet: Nada detém um guerreiro.

Mickey: Bem, eu não diria que fui um guerreiro. Se eu sou um guerreiro, então a Rose que se preocupe!

Creet e Flint: (Risos)

Rudolph Valentino e a Paciência

Creet: Mickey? E quanto ao Rudolph Valentino se ter mostrado ontem à noite ao Mamoose [Leslie Flint]?

Mickey: Sim, isso serve apenas para mostrar o que pode ser feito. A noite passada no... no... bem, no cinema, como vocês lhe chamam, estava escuro e o ambiente era propício ao fenómeno, devido à atenção que estava a ser dada ao filme e ao interesse gerado. E sendo um aniversário, suponho que tenha sido muito favorável.

Flint: Gostava de o ter visto com mais nitidez, Mickey. Ou seja, se ele tivesse ficado um pouco mais.

Mickey: Bem, foi apenas para te dar uma ideia. Ele virá quando se sentir inclinado... quando houver algo vital ou importante a dizer. Mas deves ser paciente, Rosie.

Creet: É apenas perguntando que se aprendem as coisas...

Mickey: "Pedi e recebereis".

Creet: Sim! Então? (Rindo) Vamos lá!

A Arte da Surpresa e o Processo Criativo

Chopin: Há muitas coisas que podemos dizer...

Creet: Oh! Frédéric!

Chopin: Mas é verdade. Se soubessem tudo, não seria bom. Gostamos de vos manter na dúvida às vezes, sabem? Existem razões muito boas que, na altura, talvez não percebam, mas que se tornam aparentes com o tempo. Da mesma

forma que nem sempre é bom saberem certas coisas de antemão; isso destrói o elemento surpresa.

Creet: Esse é o seu lado terreno a vir ao de cima. Quando estava na Terra, o senhor estava sempre cheio de surpresas para todos.

Chopin: Bem, com certeza, a minha música está cheia de surpresas... e a minha personalidade também. Recordo-me de quando compunha certas passagens. As pessoas têm uma ideia formada quando ouvem os primeiros compassos... e então, de repente, surge algo vindo do nada: diferente, absolutamente inesperado, apanhando-as de surpresa. Elas dizem: "Ah! Quem diria?". Tudo é diferente, percebe? Eu gosto... frequentemente toco algo muito doce e agradável, deixo-os a todos entusiasmados e, de repente... puf!

Creet: Fogos de artifício!

Chopin: Sim. Faço algo extraordinário. Nunca tento fazer o óbvio. Deixo isso para os outros compositores.

Chopin: Eu compus várias peças em momentos diferentes que não estavam à altura do meu padrão. Pensava: "Ah, não, deixa isto. Não gosto disto. Devo fazer de novo". Eu trabalho, trabalho, e depois penso: "Não, a ideia original não era boa, descarta-a". E então, talvez muito tempo depois, lembro-me daquela ideia e tento de novo, construindo-a de forma diferente.

Creet: Ah sim, eu li sobre tudo isso.

Chopin: Eu sei. Bem, as coisas que se escrevem sobre mim, hein? Algumas estão tão erradas. Divirto-me imenso com as discussões que às vezes tenho com pessoas que pretenderam escrever a minha biografia. Penso para comigo: "Ah, espera até chegares aqui, seu maroto", e eu castigo-os... percebe? Aprendo com os anos a ser um pouco mais discreto, mas às vezes acho difícil morder a língua.

O Coração Livre e o Casamento do Espírito

Creet: O livro do Wodziński chama-se "Les Trois Romans": os seus três romances. É o livro que eu quero adquirir.

Chopin: Ah! Três romances! Eu tive mais de três. Isso é o que o público pensa. Não tenho qualquer intenção de rever o meu "passado sórdido". (Risos) Mas não estou a viver com ninguém. O que quero dizer é que não estou com nenhuma mulher.

Creet: Ah, entendo. Não pode estar com nenhuma mulher agora, pois não?

Chopin: O que quer dizer é que nenhuma mulher aguenta ficar comigo! (Risos) Não tenciono tentar. Estou muito feliz por ser livre. Mas não me interprete mal. O que tento transmitir é que aqui, graças a Deus, não há o "dar e receber" do casamento.

Creet: Pois não. Não é maravilhoso?

Chopin: Estamos todos em harmonia... mas não há o aspeto físico ou material do casamento. Aqui existe o casamento da mente e do espírito. É algo totalmente diferente. Não consigo explicar por palavras. Mas sou livre e, ao mesmo tempo, estou ligado a muitos. E não há mesquinhez, nem amargura, nem ciúmes; apenas amor, compreensão e tolerância. E um músico como eu pode trabalhar em paz. Sem distrações; embora muitas vezes fosse da minha distração na Terra que nascia a minha melhor música.

A Metáfora do Espelho

Chopin: Há uma grande diferença entre a música composta na Terra — por mais maravilhosa que seja — e aquela que é composta aqui. Aqui podemos ver o reflexo da humanidade, como se olhássemos para um espelho, e podemos criar ou recriar exatamente o que vemos e o que sentimos, sem termos de tocar no original. Como quando se olha para um espelho e se vê tudo refletido numa sala, perfeitamente... mas a Rose não precisa de fazer parte do que vê no espelho.

Creet: Ah, entendo.

Chopin: Nós vemos o mundo como um espelho e todas as pessoas; tudo é claro para nós, mas estamos separados disso. Somos o outro lado do espelho: vemos tudo sem sermos contaminados ou afetados. Por exemplo, quando venho aqui para falar consigo, o facto de regressar não me afeta de forma alguma como pessoa, nem ao meu trabalho ou aos meus interesses. É algo importante, mas não me pode afetar negativamente.

O tempo infinitesimal que passo na Terra convosco é tão curto que não tem importância cronológica, exceto pelo facto de eu gostar de vir. Gosto de estar disponível e de tentar ajudar."

Chopin: "O tempo infinitesimal que passo na Terra convosco é tão curto que não tem importância cronológica, exceto pelo facto de eu gostar de vir. Gosto de estar disponível e de tentar ajudar; e isso é bom, porque através da minha vinda a Rose pode ajudar outros, influenciando o vosso mundo.

É difícil de explicar com exatidão, mas se conseguir perceber que podemos fazer parte do vosso mundo sem estarmos nele e sem sermos afetados por ele, terá uma ideia vaga do que quero dizer. Nós podemos afetar o vosso mundo, ao passo que o vosso mundo não pode realmente afetar o nosso. O único efeito que o vosso mundo pode ter é nas esferas inferiores, que estão mais próximas da Terra e que, por conseguinte, quase fazem parte dela. Na verdade, elas fundem-se.

Creet: Sim, entendo.

Chopin: Fiquei um pouco desapontado por não ter vindo falar comigo no fim de semana, mas compreendo porquê.

Creet: Ah, o fim de semana?

Chopin: Oui.

Creet: Bem, eu... creio que o Mamoose [Leslie Flint] tem de ter o sábado de folga, sabe, Frédéric. Ele trabalha muito...

Chopin: Já agora, a minha música não combinava nada com aquele filme.

Flint: O quê?

Creet: A sua música?

Chopin: Oh, usaram um trecho de uma obra minha numa parte do programa de cinema e eu pensei para comigo: 'Ah, este homem não faz a menor ideia'.

Flint: (Risos) Oh, valha-me Deus!

Creet: (Risos) Coitado do Chopin!

Chopin: Oh, eu não me importo, mas... diverti-me com a situação.

Creet: Mas, Frédéric, ele [Flint] viu o Valentino.

Chopin: Eu sei, eu também estive aqui ontem à noite. Pensei que a Rose estivesse cá, mas estava lá em cima. Eu visito este apartamento ocasionalmente. Às vezes venho ver se a Rose cá está; se não está, subo. Gosto de a fazer sorrir. Gosto de ver o seu rosto iluminar-se e os seus olhos brilharem; gosto de a ver feliz, porque sei que, no seu mundo, a felicidade é uma coisa muito rara. Pelas minhas próprias experiências, especialmente nos últimos anos da minha vida, percebo que a felicidade é algo tão passageiro que conservá-la o máximo de tempo possível é precioso."

A Tristeza como Motor da Grande Obra

Creet: "Já não tem crises de depressão ou algo parecido, como antigamente?"

Chopin: "Não. Tudo isso já passou. Mas lembre-se de que qualquer artista — mesmo um artista mediano — não o poderia ser sem o efeito da infelicidade do seu mundo. É algo extraordinário: nós, deste lado, oramos e esperamos sempre pela felicidade da humanidade, e trabalhamos para isso.

Mas, apesar disso, às vezes pergunto-me se, da felicidade perfeita que desejamos para o vosso mundo, nasceriam as grandes obras. Talvez esteja a

abordar isto de um ângulo estranho, mas penso em mim e noutros que conheço — as suas maiores obras foram frequentemente compostas nos momentos mais tristes e infelizes. Às vezes há uma doçura na tristeza que é tão importante como a alegria infinita. Mas aqui podemos estar conscientes de todos os humores e condições conflitantes da humanidade, reagir a eles e compor a nossa arte sem termos de sofrer com isso — ou seja, sem termos de o suportar na pele. Deve-se olhar para a Terra como uma vida de experiência; não importa o que ela traga, ela é importante.

Eu sei que a Rose diz constantemente a si própria: 'Ah, isto é uma existência perdida', e eu sei exatamente como se sente. Nos seus momentos de melancolia, sente que foi enganada e que a sua vida foi desperdiçada, mas eu não vejo as coisas assim. Sei que, do ponto de vista artístico e musical, é essa a sensação, mas não vejo a sua vida como a Rose a vê. Sei que foi um percurso necessário, numa extensão que ainda desconhece. Quando vier para aqui, virá com a experiência plena e será capaz de ver claramente o que tornou a sua vida assim. A Rose tinha de ganhar experiência, tinha de terminar completamente com o mundo."

A Metáfora da Laranja: O Fim do Ciclo Terreno

Chopin: "É essencial que uma pessoa venha para aqui sabendo que a sua existência terrena terminou para sempre; que não há necessidade nem propósito em voltar a repetir as mesmas coisas. É verdade que algumas pessoas regressam muitas vezes, como eu, a Rose e outras almas fizemos. Mas chega um ponto em que... é como se tivéssemos uma laranja e a espremêssemos e espremêssemos até não restar nada além da casca. A casca é inútil, já não tem vida, acabou.

Muitas pessoas são como laranjas que foram espremidas até doer. E, no entanto, é daí que vem toda a bondade; essa essência é absorvida e aqui percebe que era fundamental ser, num certo sentido, como a laranja: ser espremido e sovado até restar apenas o invólucro — o corpo, que morre.

Mas o espírito, a essência, a vitalidade — a alma — eleva-se para se tornar perfeita. Quero que saiba que, apesar de todas as desilusões, emerge triunfante. E isso é o mais importante. Porque virá com o conhecimento de que foi testada e aprovada; deixou para trás a grosseria e o materialismo da Terra. O espírito aperfeiçoou-se e pode agora absorver todas as belezas da vida eterna, onde a música desempenha um papel vital."

A Expansão Musical no Plano Espiritual

Chopin: "A música aqui é de tal forma incrível que não encontro palavras para a descrever. Quando ouço a vossa música, aprecio-a, pois sinto o que está por trás dela; sinto-a mais do que uma pessoa comum, porque estou em contacto direto com o compositor e com a sua conceção de vida. Mas, mesmo assim, para

mim soa a algo inacabado. Falta-lhe algo. Nos mundos espirituais existe uma música de tamanha beleza e poder que tudo o que se ouve no vosso mundo é apenas... bem...

Creet: Bem, as vibrações são completamente diferentes do seu lado...

Chopin: A amplitude no vosso mundo é tão pequena! O que o ouvido humano consegue captar é um aspeto muito limitado da música. Aqui há um alcance tão vasto que qualquer músico, quando chega, fica perplexo. Eu sei como me afetou. Era magnífico e abrangente; percebi então que, pela primeira vez, poderia realmente tornar-me um músico. Na Terra, eu vivia descontente. Sentia: 'Ah, o que posso eu fazer com isto? Não consigo fazer muito mais do que o fulano'. Fiz as coisas mais ridículas; truques, como alguns lhes chamavam. Diziam: 'Ah, aquele homem é um pianista habilidoso, faz coisas que nós não conseguimos tocar!'. Eu tinha de provar que as peças eram executáveis, sabe?

Aqui o alcance é tão vasto que a imaginação vacila. Se existe um limite, eu ainda não o encontrei, graças a Deus! Suponho que eventualmente haja um limite, não sei, mas quando se pensa nas possibilidades... a escala é tão imensa que se pode compor eternamente e ainda não incluir tudo."

Superando as Limitações da Carne

Creet: "Mas quantas notas tem uma escala aí? Suponho que sejam incontáveis."

Chopin: "Incontáveis. Uso o termo 'escala' apenas para que me possa entender, mas aqui as limitações do piano não existem. Na Terra, eu ficava furioso, sentia que devia haver mais notas acima e abaixo. Mas aqui não há as limitações da carne. Imagina-se que se tem um certo alcance e nada mais; essa é uma limitação da carne que aqui não existe.

Quando a Rose vier para aqui, coisas muito engraçadas vão acontecer. Consigo vê-la a tentar esticar-se para um lado e para o outro... vai parecer um boneco de modelar... Dirá: 'Não consigo fazer isto', e eu direi: 'Consegue, sim! Basta pensar que consegue. Já não está limitada pelo corpo físico'. E a Rose dirá: 'Olhe para mim, como posso? Sou pequena e gorda'. E eu direi: 'Mas já não é gorda, isso era na Terra! Agora é magra, alta, graciosa e bonita. E os seus dedos têm um alcance maior'. Terei quase de a hipnotizar para que faça as coisas!

Ensinamos as pessoas que não existem padrões terrestres — apenas os padrões que cada um define para si. Se impuser a si mesma um padrão muito alto, como eu fiz ao chegar, conseguirá atingi-lo gradualmente. Um homem é aquilo que pensa; se tem grandes pensamentos, é um grande homem. Se acredita que pode tocar boa música, acabará por consegui-lo. Mesmo na Terra isso é possível.

Sei que cada artista deve dar a sua interpretação. Há artistas que não tocam a minha música muito bem, mas, à sua maneira, são artistas. Podem não sentir a minha obra como eu gostaria, mas, tecnicamente, executam-na. E trabalharam para isso, o que merece crédito."

A MÚSICA ALÉM DA TERRA

(Gravado a 7 de julho de 1955)

Gwen Vaughan: Esta gravação não é o registo completo da sessão original. Parte da sessão incidiu sobre assuntos pessoais da Sra. Creet; apenas as observações gerais e os aspetos interessantes abordados por Frédéric Chopin foram editados para serem divulgados ao público.

Flint: Esta sessão foi gravada numa consulta privada para Rose Creet. Médium: Leslie Flint.

Chopin: Boa tarde.

Creet: Boa tarde. Uh, Frédéric? É o senhor?

Chopin: Olá. Não sei se me consegue ouvir bem.

Creet: Consigo ouvir, sim.

Chopin: Ótimo.

Creet: Telefonei para lhe falar de um livro maravilhoso sobre si que foi lançado em Varsóvia.

Chopin: Um livro?

Creet: Sim, um livro.

Chopin: A minha vida outra vez...

Creet: Sim.

Chopin: As diferentes vidas que levei, hein?

Creet: Oh, sobre isso não sei. Mas tem algumas fotografias e ilustrações; está repleto de imagens.

Chopin: Bem, deve ser muito interessante. Esperemos que seja rigoroso. Mas como pode alguém escrever a biografia de uma pessoa se não a conheceu nem esteve com ela o tempo todo? Reúnem alguns factos e depois acrescentam-lhes um ror de coisas que não são verdadeiras.

Creet: Sim, eu sei, eu sei. Não me preocupo com tudo o que leio, eu...

Chopin: Eu era difícil e temperamental.

Creet: Sim.

Chopin: Ah, mas... para mim, só havia uma coisa que realmente importava: a minha música.

Creet: Uh, o quê?

Chopin: A minha música era a única coisa que realmente contava para mim. Tive momentos, momentos fugazes de felicidade.

Creet: Sim.

Chopin: E algumas das minhas melhores peças foram compostas nessas alturas. Mas às vezes penso que talvez o meu melhor trabalho tenha sido composto quando eu estava mais infeliz. Mas as memórias já lá vão...

Creet: Por que razão era tão infeliz, Frédéric?

Chopin: Oh, porque eu sabia que podia, mas não conseguia ser...

Creet: Ser o quê?

Chopin: Eu não conseguia (como dizem vocês)... mmm... não conseguia levar uma vida normal. Não conseguia encontrar a felicidade. Eu sabia que não viveria muito tempo.

Creet: O senhor sabia disso?

Chopin: Ah, eu sabia, mas não o dizia. Sempre soube que a minha saúde não me permitiria ter uma vida longa. Estava sempre a escrever febrilmente — a compor, sabe?

Creet: Sim...

Chopin: Tinha tantas coisas para fazer e tão pouco tempo para as realizar. Havia muitas distrações e, embora desse concertos, era principalmente porque precisava do dinheiro.

Creet: Sim. Oh, valha-me Deus...

Chopin: E muitas vezes não recebia o que era justo pelo meu trabalho. É preciso ter um mecenas.

Creet: Mas o senhor não tinha um...? Ah, sim, tinha vários em Paris.

Chopin: Oui, mas, uh...

Creet: Teve os Rothschild e os Radziwiłł.

Chopin: Sim, eu sei, mas digo que é preciso um mecenas porque isso ajudava a vender as composições e tornava o futuro possível, mas, enfim...

Creet: De qualquer forma, isso já passou, Frédéric.

Chopin: Uh, passou. Já não me preocupo com isso, a menos que...

Creet: O senhor está mais feliz agora.

Chopin: Falo sobre isto porque sei que a Rose está interessada.

Creet: O quê? Sim. Mas não o deixa triste, pois não?

Chopin: Não. Por que haveria de me deixar triste? Isso foi o fim.

A Música nas Diferentes Esferas

Creet: Bem, fale-me de si agora...

Chopin: Faz parte da minha vida...

Creet: Sim.

Chopin: ...é importante. Oh, é tudo diferente. Já não há necessidade de me preocupar com nada. Tenho o controlo perfeito sobre mim e tenho tudo o que alguém poderia desejar. E sou, à minha maneira, dono de mim próprio e, hum, tenho o meu próprio salão, como dizem, mas vocês... não... eu tenho um lugar vasto...

Creet: Tem?

Chopin: ...onde muitos músicos se reúnem. Discutimos música, compomos e tocamos as nossas peças uns para os outros; fazemos comentários e, por vezes, aceitamos conselhos mútuos.

Creet: Sim.

Chopin: Não que isso interfira no esforço pessoal de cada um, mas temos novas ideias. E por vezes vamos em grupo visitar vários lugares para ouvir música composta em diferentes esferas. É uma grande revelação. Pois cada esfera tem a sua própria música, de acordo com a sua condição; o que seria correto numa esfera não o seria noutra, pois não soaria bem. Mas é interessante, sem dúvida.

Creet: Oh, isso deve ser fascinante.

Chopin: É extraordinário como a música em si, por exemplo, não pode ser ouvida em certas esferas, pois está além da compreensão de quem habita essa condição. Ou está acima deles, completamente fora do seu alcance — não sei bem como explicar...

Por exemplo, algumas das músicas que eu queria escrever na Terra e que não fui capaz de realizar... uma das razões pelas quais eu ficava tão impaciente comigo próprio era porque, dentro da minha mente, eu ouvia sons que o ouvido normal não conseguia captar. Tentei transpor essas coisas para o piano, mas era impossível. Talvez seja por isso que a minha música é, por vezes, muito difícil para muita gente. Não só eu sentia e pensava de forma diferente, como... era mais diferente de qualquer outro músico... não existe quase nada no meu trabalho que seja comparável ao de outro compositor.

Creet: De facto, não é comparável.

Chopin: É completamente diferente, na sua... na sua, hum...?

Creet: Na sua forma e em todos os sentidos.

Chopin: Oui. É uma técnica de execução bem distinta que ninguém, até onde sei, alguma vez tinha tentado. É totalmente única. Digo-o sem ponta de orgulho, entenda...

A Técnica e o Uso dos Pedais

Creet: Sim, e o senhor trouxe o uso dos pedais. Foi o único a fazê-lo daquela forma, não foi?

Chopin: Bem, utilizei os pedais talvez mais do que qualquer pessoa anteriormente. Percebi a importância dos pedais. Claro que os pedais nos primeiros pianos não eram exatamente iguais aos dos pianos de hoje. E eu alterei o meu próprio piano... hum... ah, como posso explicar-lhe estas coisas? Não sei... Além disso, sabe que é fundamental, quando se toca a minha música, obter o tom correto; é preciso ter o piano aberto.

Creet: Sim, o senhor quer dizer bem aberto, com a tampa levantada.

Chopin: Sim. Exatamente.

Creet: Sim.

Chopin: Sabe que os pianos variam no tom. Às vezes é muito difícil, mesmo para grandes pianistas do seu lado que são experientes e bons intérpretes, conseguirem o tom correto. É por isso que, se um músico é muito... uh... hum... faltam-me as palavras.

Creet: Acho que tudo depende principalmente de como eles dedilham e da diferença no toque. Agora vou dizer-lhe uma coisa: esse Arthur Rubinstein, que dizem ser um pianista maravilhoso... de facto é, mas ouvi-o a tocar os seus Scherzos e aquele em Si Bemol; não sei o que é que ele faz com aquilo. Parece que anda o tempo todo a pedalar, soa tudo confuso e rápido demais. Parece um tornado. Não gosto nada.

Chopin: Talvez seja essa a impressão que ele tem do meu trabalho, da forma como deve ser tocado. Mas concordo que não é o correto.

Creet: Pois, Frédéric, mas o seu trabalho tem de ser muito, muito nítido, não é verdade?

Chopin: Cada nota deve ser clara.

Creet: E é aí que...

Chopin: E não se devem atropelar as notas umas às outras. Cada nota é individual.

Creet: Bem, eu creio que o uso que ele faz dos pedais está errado nessa parte.

Chopin: Pode ser do pedal. Ou talvez seja uma má gravação, não sei. Não estou assim tão interessado no Rubinstein, embora saiba que ele foi, como dizem, um grande intérprete; pelo menos foi considerado um grande expoente do meu trabalho e foi um bom amigo para mim.

Creet: Quem?

Chopin: Digo que tem sido um bom amigo desde que morri, na medida em que tentou e fez certas coisas por mim.

Creet: Ah, compreendo.

Amizades Espirituais e a Alma da Música

Chopin: Desde que cheguei aqui, [tenho notado] o seu interesse e amor pela minha música. Ele executava-a, sabe, muito bem, por vezes. Especialmente nos seus primeiros anos.

Creet: Está a falar... de quem é que está a falar?

Chopin: Do Rubinstein.

Creet: Ah, não desse Rubinstein. Refere-se ao Anton, não é?

Chopin: Exatamente, exatamente.

Creet: Oh, sim. De facto, ele era um pianista maravilhoso, não era?

Chopin: Oui.

Creet: Dizem que sim.

Chopin: A Rose não o conhece, pois não?

Creet: Nunca o ouvi.

Chopin: Já foi há muito tempo.

Creet: Sim. Este de agora é o Arthur.

Chopin: Não me refiro a esse.

Creet: Pois não.

Chopin: De qualquer forma, hum, sobre o que devemos conversar?

Creet: O senhor tem decerto muito para me dizer. Estou a ouvir com os ouvidos bem abertos... Encontra o Liszt por aí, Frédéric?

Chopin: Somos bons amigos.

Creet: São?

Chopin: Mas ele já não é membro da Igreja.

Creet: Pois não. (Risos)

Chopin: E, em consequência disso, a música dele é muito melhor.

Creet: Sim.

Chopin: Já não é tão triste.

Creet: Era muito dramática e cheia de...

Chopin: Ele era uma pessoa maravilhosa. E continua a sê-lo... mas a sua música cresceu. Já não é tão limitada como costumava ser. Pelo menos eu achava-a limitada, sabe? Talvez eu fosse preconceituoso. Creio que não, mas não sei. Mas o Mendelssohn também é um grande amigo meu.

Creet: Hum?

Chopin: O Mendelssohn.

Creet: Oh, sim.

Chopin: Ele é um grande amigo meu.

Creet: Ah, ele costumava vir muito ter comigo, sabe, há uns tempos.

Chopin: Não estou surpreendido. Foi ele quem abriu o caminho... como dizem vocês?

Creet: Sim, foi ele.

Chopin: Fui eu que o enviei, embora ele estivesse consigo, num certo sentido. Eu tenho estado em contacto consigo há muitos, muitos anos. Mas, bem, ele era mais capaz de estabelecer o contacto numa primeira instância. Foi ele quem me abriu a porta.

Creet: Sim.

Chopin: Se examinar as suas notas, verá que é assim mesmo.

(Interrupção na gravação)

A Técnica e o Coração: O Ensino da Música

Creet: ... em muitos dos livros que li dizem que o senhor era o mestre absoluto. Ninguém... ninguém era capaz de o igualar, nem na composição nem na execução.

Chopin: Eu era o mestre, mas o piano nunca foi a amante.

Creet: Bem, fico tão entusiasmada quando leio todos esses trechos. (Risos)

Chopin: Eu sei... mas vou fazer da Rose uma excelente pianista...

Creet: Eu... oh, Frédéric, eu...

Chopin: ... e vai executar o meu trabalho e, o que é mais importante, vai executar as minhas novas obras.

Creet: Vou?

Chopin: Quando vier para aqui.

Creet: Ah, quando eu for para aí.

Chopin: Oui. Oh, o que pensava? Que o ia fazer do seu lado?

Creet: Ah...

Chopin: Não, meu filho, não é possível.

Creet: Pois não.

Chopin: Mas, hum, muitas coisas são possíveis...

Creet: Tenho receio...

Chopin: Mesmo agora diz para si mesma: "Ah, terminei", sabe? Mas eu digo-lhe: "Não, não é assim. Está apenas a começar".

Creet: Imagino que seja muito rigoroso comigo, não é?

Chopin: Não, não sou rigoroso, porque nada de valor se obtém com rigor excessivo. Deve usar-se sempre a gentileza e a compreensão. Afinal, é a sua grande paixão e o seu desejo ser capaz de tocar música — a minha música — e se eu não o conseguisse alcançar através do amor, então qualquer outra forma

seria inútil. Essas crianças que são ensinadas com tanta severidade e obrigadas a fazer as coisas... podem tornar-se bons técnicos, mas não têm alma, pois isso deve vir de dentro. Sem alma, não pode haver progresso.

Creet: É exatamente como o senhor era quando estava na Terra com os seus alunos.

Chopin: Eu sei. Devemos ser sempre gentis; se a inclinação, o amor e o desejo não estiverem presentes, então eu não perderia tempo com eles.

Creet: Com certeza. É isso mesmo.

Chopin: A muitos alunos, eu voltava-me e dizia aos pais: "Não, não quero que desperdicem o vosso dinheiro, por muito que eu precise dele. Levem o vosso filho. Que ele se torne pintor ou outra coisa qualquer, mas não músico. O coração dele não está na música".

Creet: Sim, tem toda a razão... Hum.

Chopin: "Hum"? Por que diz "Hum" assim?

Creet: Oh, adoro receber estas provas, Frédéric.

Chopin: Suponho que sejam provas, de certa forma. São provas. É por isso que faço tanto gosto, sabe, que não deixe este médium ir-se embora sem saber nada sobre nós... sobre mim... sabe?

Creet: Não, ele não... uh...

Chopin: Ele é ignorante, graças a Deus.

Creet: O quê?

Flint: (Risos)

Creet: Ele é o quê?

Chopin: Ignorante.

Creet: Sim. Ele não sabe nada sobre o senhor, na verdade.

Chopin: Que bom é, às vezes, encontrar alguém tão ignorante.

Creet: (Rindo) Sim, mas ele é muito doce, sabe?

Chopin: Claro que é muito doce, mas não quero que ele saiba nada sobre música, especialmente sobre a minha música.

Creet: Não, ele não sabe. Não sabe nada de nada.

Chopin: E quando ele for a Maiorca, será uma pequena revelação para ele...

Creet: Vai ser, sim.

Chopin: ... e creio que voltará com maior entusiasmo e interesse pelo nosso pequeno grupo de sessões, pelo nosso pequeno trabalho em conjunto.

Creet: Ah...

Chopin: É algo sobre o qual não posso falar muito. É algo que espero que aconteça à sua maneira. Eu apenas gostava que a Rose fosse com ele para partilharem isso. Mas no próximo ano, espero que tenha oportunidades especiais. Mas todas essas coisas virão. Devemos ir passo a passo. É como construir uma grande sinfonia. Cada pequeno detalhe é importante e cada parte ajuda a criar o todo. Mas quando vem falar comigo de novo? Terça-feira? Vem na segunda-feira? Segunda-feira?

Creet: Eh? Segunda-feira.

Chopin: Ótimo.

Creet: O senhor vem?

Chopin: Com certeza. Eu não a abandonaria. Se não pudesse vir, não seria por minha culpa.

Creet: Sim.

Chopin: Mas virei. Tenho de ir agora. Au revoir.

Creet: Com certeza. Muito obrigada.

A COMPLETUDE DA ALMA
E A MAGIA DE VALLDEMOSSA

(Gravado a 26 de Março de 1956)

Flint: (Rindo) Gadgets!

Creet e Flint: (Rindo)

Creet: Frédéric, estou aqui sentada, impaciente.

Chopin: Ah, a Rose é sempre impaciente. Esse é o seu grande problema.

Creet: (Rindo)

Chopin: Porquê? Por que razão há de ser impaciente?

Creet: Bem, fiquei tão emocionada da última vez com todas as coisas que me disse.

Chopin: Mas é muito difícil de explicar, porque temos de recuar no tempo e ressuscitar todo o tipo de memórias que, até certo ponto, se vão apagando. Mas os pontos principais eu consigo recontar; muitas coisas perderam-se, sabe?

Creet: Sim, mas tudo o que puder reter, Frédéric, diga-nos.

Chopin: É muito difícil fazer as pessoas perceberem o que torna uma pessoa completa.

A Evolução através das Vidas

Chopin: Existem tantas pessoas no vosso mundo que não percebem o que é essencial para tornar uma pessoa completa. Existem muitos aspetos de caráter, individualidade e personalidade. Mas cada aspeto é importante para o todo. A unidade completa é algo que só pode ser alcançado após séculos de experiência em muitas vidas, em muitos corpos.

O corpo é apenas como a casca, como sabe. É apenas o veículo que sente e que é usado para nos expressarmos. Uma pessoa que pensa que uma vida é suficiente para conhecer e desenvolver a personalidade, para atingir a plenitude... bem, é uma tola. Muitas pessoas pensam que, do nascimento ao túmulo, se resume a vida do homem. Isso é apenas um aspeto. É apenas uma pequena parte do todo.

Creet: Quando estão completos e deixam a Terra definitivamente, Frédéric, que personalidade assumem, se viveram tantas vezes na Terra e tiveram tantas identidades?

Chopin: Bem, tento explicar-lhe que o corpo físico tem pouca importância, exceto no sentido de ser necessário enquanto se está na Terra para se expressar como ser humano. Mas é apenas o aspeto externo. Não é a realidade. É apenas a casca.

Aqui, a carne e o sangue não podem existir, apenas... apenas o espírito. E o invólucro externo do espírito pode assumir muitas formas, percebe? Enquanto no vosso mundo só podem assumir uma forma — aquela que receberam ao nascer, que se desenvolve e cresce...

Creet: Sim...

Chopin: ...como, digamos, a Rose Creet, tal como se conhece fisicamente. O espírito não é assim, digamos, inibido. Não é tão limitado no seu desenvolvimento. Aqui podemos assumir muitas formas de acordo com o nosso capricho, embora, à medida que se evolui para planos elevados, distantes das coisas materiais e dos pensamentos terrenos... por outras palavras, onde o corpo, o invólucro externo, tem pouca importância, podemos tornar-nos completamente invisíveis.

A Criação da Forma e a Fotografia Espiritual

Chopin: Não é necessário ter uma forma externa. No grau mais elevado de desenvolvimento, não é preciso ter a casca ou a cobertura, mas podemos assumi-la... por exemplo, eu assumo invariavelmente a aparência física de Chopin, como me conheceram. Mas se eu quisesse — isto é, se concentrasse o meu pensamento suficientemente — eu poderia regressar não como Chopin, mas como um dos meus antigos "eus".

Creet: Oh. Entendo. Sabe aquela sua fotografia espiritual com a forma junto ao teclado?

Chopin: Sim.

Creet: Como é que aquilo se formou? O que é que pretendia ser?

Chopin: Bem, não está completa. É um processo mental que adotamos. Temos métodos que podemos seguir e podemos usar certas leis para criar. Afinal, a vida é criativa. Aqui aprendemos a criar. Por exemplo, se eu me quiser tornar visível para que me possa ver, posso usar mentalmente o meu poder — o que chamaria de concentração — utilizando a condição atómica ou a vibração e o poder de que, no momento, não tem conhecimento, mas que está ao seu redor.

Podemos tirar proveito da natureza, que é uma grande fonte de recursos em todos os tipos de manifestação. Quando usam uma sala como esta, ininterruptamente e por um longo período para experiências especiais, a sala fica impregnada de uma força tremenda que podemos usar e que é essencial para a reprodução da voz, por exemplo. Mais tarde, porém, espero construir o invólucro físico externo do corpo para que possa ver uma semelhança. Às vezes, talvez não seja completo; obtém-se apenas um contorno nebuloso, como naquela fotografia.

A Energia de Valldemossa e os Espíritos da Natureza

Chopin: É por isso que quero que vá a Maiorca; porque aquele mosteiro foi usado durante muitos séculos para a oração e devoção por homens de vida reta,

cujas aspirações e pensamentos eram muito elevados. Isso deixou para trás uma força tremenda. Devido à grande altitude, há uma clareza de condições na natureza.

E grande força é extraída dos arredores. Também a minha música... compus ali alguns dos meus melhores trabalhos... em parte devido ao meu próprio estado emocional da época, mas também devido à força psíquica local, que é muito poderosa. Foi isso que me permitiu, em muito pouco tempo, viabilizar a experiência da fotografia.

Chopin: Da próxima vez que lá for, espero realmente realizar algo em termos de fotografia. Mas a atmosfera é frequentemente perturbada por tantas pessoas estranhas, e esse é o grande problema. Quando sugiro que vá na Primavera, é porque penso que talvez o local esteja menos concorrido. Organizei tudo para que pudesse ir, pois seria impossível de outra forma este ano.

Creet: No jardim?

Chopin: É difícil encontrar as palavras... Veja, as pessoas de Valldemossa, na sua maioria, são muito simples; são como crianças da natureza. E há ali uma grande força de espíritos elementais.

Creet: Entendo.

Chopin: Algumas pessoas no vosso mundo pensam que isto é bobagem, mas devemos lembrar que, na criação, há muitas formas de vida. Se existe vida em arbustos, flores, árvores e rochas, há todas as razões para acreditar — e eu sei que é verdade — que existe um reino de seres menores, almas da natureza que fazem parte do plano universal.

No meu pequeno jardim, existem esses espíritos, mas não são travessos nem perigosos...

Creet: Fadas?

Chopin: Sim, o que vocês chamam de reino das fadas.

Creet: Sim!

Chopin: A minha música atraía-as há muito tempo... isto soa tudo tão pateta...

Creet: Não, não é pateta. É maravilhoso. Desejo ver fadas desde que me lembro.

Chopin: Bem, não sei se as verá, mas elas têm um grande poder na

natureza. Elas trabalham sob instrução e podem ser usadas por almas deste lado para realizar determinados trabalhos. Mas... tudo isto me soa um pouco ridículo estar a contar.

Creet: Não, Frédéric, não é nada ridículo para mim.

Chopin: Quando sobe a montanha e entra em Valldemossa, sente-se uma diferença. Se não a sentir, ficarei surpreendido, porque é uma parte do mundo muito abençoada. Infelizmente, o local está a estragar-se e é difícil dizer por quanto tempo manterá essa pureza. É por isso que insisti que fosse este ano, antes que a popularidade do local destrua a sua potência vibratória. Vá depressa.

Creet: Compreendo.

Chopin: Devo ir. Adeus.

Creet: Adeus, e muito obrigada por ter vindo, Frédéric.

Chopin: Não tem de agradecer. É a minha felicidade vir visitar-vos. Adeus.

SURPRESAS, BIOGRAFIAS E A LIBERDADE DO ESPÍRITO

(Gravado a 7 de maio de 1956)

Gwen Vaughan: Esta gravação não é o registo completo da sessão original. Parte da sessão incidiu sobre assuntos pessoais da Sra. Creet; apenas as observações gerais e os aspetos interessantes abordados por Frédéric Chopin foram editados para serem divulgados ao público.

Flint: Esta sessão foi gravada a 7 de maio de 1956. Consulta privada de Rose Creet. Médium: Leslie Flint.

O Prelúdio com o Mickey

Mickey: Vai ser preciso muito mais do que isso para me impedir.

Creet: Hum. Espero que sim, querido. O bom e velho Mickey, "o guerreiro".

Mickey: Perdão? (Risos) O guerreiro?

Creet: Nada detém um guerreiro.

Mickey: Bem, eu não diria que fui um guerreiro. Se eu sou um guerreiro, então a Rose que se preocupe!

Creet e Flint: (Risos)

Creet: Mickey? E quanto ao Rudolph Valentino se ter mostrado ontem à noite ao Mamoose [Leslie Flint]?

Mickey: Sim, isso serve apenas para mostrar o que pode ser feito. A noite passada no... no... bem, no cinema, como vocês lhe chamam, estava escuro e o ambiente era propício ao fenómeno, devido à atenção que estava a ser dada ao filme e ao interesse gerado. E sendo um aniversário, suponho que tenha sido muito favorável.

Creet: Hum.

Flint: Gostava de o ter visto com mais nitidez, Mickey. Em outras palavras, se ele tivesse ficado um pouco mais.

Mickey: Bem, foi apenas para te dar uma ideia. Em todo o caso, há mais por trás de todas estas coisas do que aparenta. Ele virá quando se sentir inclinado... quando houver algo vital ou importante a dizer. Mas deves ser paciente, Rosie.

A Arte da Surpresa

Chopin: Há muitas coisas que podemos dizer...

Creet: Oh! Frédéric!

Chopin: Mas é verdade. Se soubessem tudo, não seria bom. Há certas coisas que preferimos não contar. Gostamos de vos manter na dúvida às vezes, sabem?

Creet: Mas porquê, Frédéric?

Chopin: Bem, existem razões muito boas que, na altura, talvez não percebam, mas que se tornam aparentes com o tempo. Da mesma forma que nem sempre é bom saberem certas coisas de antemão. Isso destrói o elemento surpresa. Além disso, nem sempre temos a certeza se conseguiremos realizar certas coisas que planeamos, e não gostamos de prometer e depois causar desilusão.

Creet: Esse é o seu lado terreno a vir ao de cima. Quando estava na Terra, o senhor estava sempre cheio de surpresas para todos.

Chopin: Bem, com certeza, a minha música está cheia de surpresas...

Creet: Sim, eu sei.

Chopin: E a minha personalidade... Muitas vezes me recordo de quando compunha certas passagens. As pessoas têm uma ideia formada quando ouvem os primeiros compassos...

Creet: Sim!

Chopin: ...e então, de repente, surge algo vindo do nada: diferente, absolutamente inesperado, apanhando-as de surpresa. Elas dizem: "Ah! Quem diria?". Tudo é diferente, percebe? Eu gosto... frequentemente toco algo muito doce e agradável, deixo-os a todos entusiasmados e, de repente... puf!

Creet: Fogos de artifício!

Chopin: Sim. Faço algo extraordinário. Nunca tento fazer o óbvio. Deixo isso para os outros compositores.

O Processo Criativo e os Biógrafos

Chopin: Eu compus várias peças em momentos diferentes que não estavam à altura do meu... do meu padrão, por assim dizer. Pensava: "Ah, não, deixa isto. Não gosto disto. Devo fazer de novo". Eu trabalho, trabalho, e depois penso: "Não, a ideia original não era boa, descarta-a". E então, talvez muito tempo depois, lembro-me daquela ideia e tento de novo, construindo-a de forma diferente.

Creet: Ah sim, eu li sobre tudo isso.

Chopin: Eu sei. Bem, as coisas que se escrevem sobre mim, hein? Algumas estão tão erradas.

Creet: Suponho que sim.

Chopin: Algumas coisas estão certas, mas divirto-me imenso com as discussões que às vezes tenho com pessoas que pretenderam escrever a minha biografia. Penso para comigo: "Ah, espera até chegares aqui, seu maroto", e eu castigo-os... castigo-os, percebe?

Creet: Ah, castiga? E quem é que já castigou?

Chopin: Bem, eu aprendo com os anos a ser um pouco mais discreto. Mas às vezes acho difícil morder a língua.

Creet: Conhece o livro que eu estou mortinha por comprar e não consigo porque não está traduzido? O do conde Wodziński.

Chopin: Por que não o consegue?

Creet: Bem, está escrito em polaco.

Chopin: Ora, a Rose pode traduzi-lo.

Creet: Hum, não sei...

Chopin: Não sei... a Rose já tem livros que cheguem. Afinal, eu posso dizer-lhe muito mais do que os livros.

Creet: Oh, pode? Não acredito nisso.

Chopin: Eu conheço-a bem! Está a tentar fazer com que eu diga certas coisas. Pensa para si mesma: "Ah, agora apanhei-o". Não sou tolo. Não se esqueça de que já a conheci antes, e a Rose não mudou muito. Em certos aspetos, vocês [mulheres] são muito parecidas. Sabe, não creio que as mulheres mudem muito de uma geração para outra. Acho que os homens mudam, mas as mulheres não.

Creet: Por que diz isso?

Chopin: Não sei. Fundamentalmente, são praticamente as mesmas hoje do que eram há 2.000 anos.

O Coração Livre e a Música no Além

Creet: O livro do Wodziński chama-se "Les Trois Romans": os seus três romances.

Chopin: E o que têm eles?

Creet: É o livro que eu quero adquirir.

Chopin: Ah! Três romances! Eu tive mais de três.

Creet: Teve mais... mas esses três foram os seus principais.

Chopin: Isso é o que o público pensa.

Creet: Então conte-me os outros todos, Frédéric.

Chopin: Não, não tenho qualquer intenção de rever o meu "passado sórdido". (Risos)

Creet: Vê essas pessoas aí agora?

Chopin: Às vezes. Mas não estou a viver com ninguém.

Creet: Não está? Vive sozinho?

Chopin: Não. O que quero dizer é que não estou com nenhuma mulher.

Creet: Ah, entendo. Não pode estar com nenhuma mulher agora, pois não?

Chopin: O que quer dizer é que nenhuma mulher aguenta ficar comigo! (Risos) Não tenciono tentar. Estou muito feliz por ser livre.

Creet: Livre?

Chopin: Mas não me interprete mal. O que tento transmitir é que aqui, graças a Deus, não há o "dar e receber" do casamento.

Creet: Pois não. Não é maravilhoso?

Chopin: Estamos todos — pelo menos aqueles que estão no mesmo plano ou ambiente — em harmonia... mas não há o aspeto físico ou material do casamento. Aqui existe o casamento da mente e do espírito. É algo totalmente diferente. Não consigo explicar por palavras. Mas sou livre e, ao mesmo tempo, estou ligado a muitos. E não há mesquinhez, nem amargura, nem ciúmes; apenas amor, compreensão e tolerância. E um músico como eu pode trabalhar em paz.

Creet: Pode?

Chopin: Oui. Trabalhar em paz. Sem distrações; embora muitas vezes fosse da minha distração na Terra que nascia a minha melhor música, mas isso é outra história. Há uma grande diferença entre a música composta na Terra — por mais maravilhosa que seja — e aquela que é composta aqui. Aqui podemos ver o reflexo da humanidade, como se olhássemos para um espelho, e podemos criar ou recriar exatamente o que vemos e o que sentimos. Como quando se olha para um espelho e se vê tudo refletido numa sala, perfeitamente...

Creet: Sim.

O Espelho da Humanidade e a Música Infinita

Chopin: "... mas a Rose não precisa de fazer parte do que vê no espelho."

Creet: Ah, entendo.

Chopin: Nós vemos o mundo como um espelho e todas as pessoas; tudo é claro para nós, mas estamos separados disso. Somos o outro lado do espelho: vemos tudo sem sermos contaminados ou afetados. Por exemplo, quando venho aqui para falar consigo ou para me manifestar — como espero fazer de outras formas em breve —, o facto de regressar não me afeta de forma alguma como pessoa, nem ao meu trabalho ou aos meus interesses. É algo importante, mas não me pode afetar negativamente.

O tempo infinitesimal que passo na Terra convosco é tão curto que não tem importância cronológica, exceto pelo facto de eu gostar de vir. Gosto de estar disponível e de tentar ajudar; e isso é bom, porque através da minha vinda a Rose pode ajudar outros, influenciando o vosso mundo.

É difícil de explicar com exatidão, mas se conseguir perceber que podemos fazer parte do vosso mundo sem estarmos nele e sem sermos afetados por ele, terá uma ideia vaga do que quero dizer. Nós podemos afetar o vosso mundo, ao passo que o vosso mundo não pode realmente afetar o nosso. O único efeito que o vosso mundo pode ter é nas esferas inferiores, que estão mais próximas da Terra e que, por conseguinte, quase fazem parte dela. Na verdade, elas fundem-se.

Creet: Sim, entendo.

Chopin: Fiquei um pouco desapontado por não ter vindo falar comigo no fim de semana, mas compreendo porquê.

Creet: Ah, o fim de semana?

Chopin: Oui.

Creet: Bem, eu... creio que o Mamoose [Leslie Flint] tem de ter o sábado de folga, sabe, Frédéric. Ele trabalha muito...

Chopin: Já agora, a minha música não combinava nada com aquele filme.

Flint: O quê?

Creet: A sua música?

Chopin: Oh, usaram um trecho de uma obra minha numa parte do programa de cinema e eu pensei para comigo: "Ah, este homem não faz a menor ideia".

Flint: (Risos) Oh, valha-me Deus!

Creet: (Risos) Coitado do Chopin!

Chopin: Oh, eu não me importo, mas... diverti-me com a situação.

Creet: Mas, Frédéric, ele [Flint] viu o Valentino.

Chopin: Eu sei, eu também estive aqui ontem à noite. Pensei que a Rose estivesse cá, mas estava lá em cima. Eu visito este apartamento ocasionalmente. Às vezes venho ver se a Rose cá está; se não está, subo.

Creet: O senhor é muito forte...

Chopin: Não, apenas gosto de a fazer sorrir. Gosto de ver o seu rosto iluminar-se e os seus olhos brilharem; gosto de a ver feliz, porque sei que, no seu mundo, a felicidade é algo muito raro. Pelas minhas próprias experiências, especialmente nos últimos anos da minha vida... percebo que a felicidade é algo tão passageiro que conservá-la o máximo de tempo possível é precioso.

A Tristeza como Fonte de Arte

Creet: Já não tem crises de depressão ou algo parecido, como antigamente?

Chopin: Não. Tudo isso já passou. Mas lembre-se de que qualquer artista — mesmo um artista mediano — não o poderia ser sem o efeito da infelicidade do seu mundo. É algo extraordinário: nós, deste lado, oramos e esperamos sempre pela felicidade da humanidade, e trabalhamos para isso.

Mas, apesar disso, às vezes pergunto-me se, da felicidade perfeita que desejamos para o vosso mundo, nasceriam as grandes obras. Talvez esteja a abordar isto de um ângulo estranho, mas penso em mim e noutros que conheço — as suas maiores obras foram frequentemente compostas nos momentos mais tristes e infelizes.

Às vezes há uma doçura na tristeza que é tão importante como a alegria infinita. Mas aqui podemos estar conscientes de todos os humores e condições conflitantes da humanidade, reagir a eles e compor a nossa arte sem termos de sofrer com isso — ou seja, sem termos de o suportar na pele. Deve-se olhar para a Terra como uma vida de experiência; não importa o que ela traga, ela é importante.

Eu sei que a Rose diz constantemente a si própria: "Ah, isto é uma existência perdida", e eu sei exatamente como se sente. Nos seus momentos de melancolia, sente que foi enganada e que a sua vida foi desperdiçada, mas eu não vejo as coisas assim. Sei que, do ponto de vista artístico e musical, é essa a sensação, mas não vejo a sua vida como a Rose a vê. Sei que foi um percurso necessário, numa extensão que ainda desconhece. Quando vier para aqui, virá com a experiência plena e será capaz de ver claramente o que tornou a sua vida assim. A Rose tinha de ganhar experiência, tinha de terminar completamente com o mundo.

A Metáfora da Laranja: O Fim do Ciclo Terreno

Chopin: É essencial que uma pessoa venha para aqui sabendo que a sua existência terrena terminou para sempre; que não há necessidade nem propósito em voltar a repetir as mesmas coisas. É verdade que algumas pessoas regressam muitas vezes, como eu, a Rose e outras almas fizemos. Mas chega um ponto em que... é como se tivéssemos uma laranja e a espremêssemos e espremêssemos até não restar nada além da casca. A casca é inútil, já não tem vida, acabou.

Muitas pessoas são como laranjas que foram espremidas até doer. E, no entanto, é daí que vem toda a bondade; essa essência é absorvida e aqui percebemos que era fundamental ser, num certo sentido, como a laranja: ser espremido e sovado até restar apenas o invólucro — o corpo, que morre. Mas o espírito, a essência, a vitalidade — a alma — eleva-se para se tornar perfeita. Quero que saiba que, apesar de todas as desilusões, emerge triunfante. E isso é o mais importante.

A Música nas Esferas Espirituais

Chopin: A Rose virá para aqui com o conhecimento de que foi testada e aprovada; deixou para trás a grosseria e o materialismo da Terra. O espírito aperfeiçoou-se e pode agora absorver todas as belezas da vida eterna, onde a música desempenha um papel vital.

A música aqui é de tal forma incrível que não encontro palavras na vossa língua para a descrever. Quando ouço a vossa música, aprecio-a, pois sinto o que está por trás dela; sinto-a mais do que uma pessoa comum, porque estou em contacto direto com o compositor e com a sua conceção de vida. Mas, mesmo assim, para mim soa a algo inacabado. Falta-lhe algo. Nos mundos espirituais existe uma música de tamanha beleza e poder que tudo o que se ouve no vosso mundo é apenas... bem...

Creet: Bem, as vibrações são completamente diferentes do seu lado...

Chopin: A amplitude no vosso mundo é tão pequena! O que o ouvido humano consegue captar é um aspeto muito limitado da música. Aqui há um alcance tão vasto que qualquer músico, quando chega, fica perplexo. Eu sei como me afetou. Era magnífico e abrangente; percebi então que, pela primeira vez, poderia realmente tornar-me um músico. Na Terra, eu vivia descontente. Sentia: "Ah, o que posso eu fazer com isto? Não consigo fazer muito mais do que o fulano". Por vezes fazia coisas ridículas, truques... algumas pessoas chamavam-lhes truques. Diziam: "Ah, aquele homem é um pianista habilidoso, faz coisas que nós não conseguimos tocar!". Eu tinha de provar que as peças eram executáveis, sabe?

Aqui o alcance é tão vasto que a imaginação vacila. Se existe um limite, eu ainda não o encontrei, graças a Deus!

Creet: Mas quantas notas tem uma escala aí? Suponho que sejam incontáveis.

Chopin: Incontáveis. Uso o termo "escala" apenas para que me possa entender, mas aqui as limitações do piano não existem. Na Terra, eu ficava furioso, sentia que devia haver mais notas acima e abaixo. Mas aqui não há as limitações da carne.

Quando a Rose vier para aqui, coisas muito engraçadas vão acontecer. Consigo vê-la a tentar esticar-se para um lado e para o outro... vai parecer um boneco de modelar... Dirá: "Não consigo fazer isto", e eu direi: "Consegue, sim! Basta pensar que consegue. Já não está limitada pelo corpo físico". E a Rose dirá: "Olhe para mim, como posso? Sou pequena e gorda". E eu direi: "Mas já não é gorda, isso era na Terra! Agora é magra, alta, graciosa e bonita. E os seus dedos têm um alcance maior". Terei quase de a hipnotizar para que faça as coisas! (Risos)

Ensinamos as pessoas que não existem padrões terrestres — apenas os padrões que cada um define para si. Um homem é aquilo que pensa; se tem grandes pensamentos, é um grande homem. Se acredita que pode tocar boa música, acabará por consegui-lo. Mesmo na Terra isso é possível.

Sei que cada artista deve dar a sua interpretação. Há artistas que não tocam a minha música muito bem, mas, à sua maneira, são artistas. Podem não sentir a minha obra como eu gostaria, mas, tecnicamente, executam-na. E trabalharam para isso, o que merece crédito.

MEMÓRIAS DE VIDAS PASSADAS E O ANTIGO EGITO

(Gravado a 26 de Novembro de 1956)

Mickey: ... tu falas sempre enquanto dormes?

Rose: Oh, querido, estou tão feliz por ouvir a tua voz.

Mickey: E como estás esta tarde, Rosie?

Rose: Estou muito bem, obrigada.

Mickey: Ainda bem.

Rose: Hum.

Mickey: Eu sabia que vinhas hoje.

Rose: Bem, é claro que sabias.

Flint: Pois claro que sim! (Risos)

Rose: Como poderias não saber? Vamos ter algo emocionante? O Mamoose [Leslie Flint] parece achar que vamos ter uma tarde muito emocionante.

Mickey: Ah, sim? Pergunto-me porquê.

Rose: Ele esteve em transe ontem à noite? Diz que sim — acordou e deu por si a falar uma língua estrangeira.

Mickey: Oh. Não sei nada sobre isso. Já tenho que chegue no turno do dia — quanto mais no turno da noite!

Flint e Rose: (Risos)

Praticando o Polaco no Sono do Médium

Chopin: Eu estive lá ontem à noite.

Rose: Esteve? Frédéric?

Chopin: A experimentar.

Rose: Oh, eu... eu... Não me ouviu dizer isso?

Chopin: Eu sei. Estou sempre lá a tentar fazer alguma coisa, sabe? Estou sempre a experimentar sempre que tenho oportunidade. E muitas vezes penso que o melhor momento é quando o Médium está completamente inconsciente, sabe? Ocasionalmente tento ver se consigo estabelecer algum contacto durante o estado de sono.

Rose: Sim, e eu sei o que estava a fazer: a praticar o seu polaco.

Chopin: A falar na minha própria língua, sabe? Quero ser capaz de transmitir os meus pensamentos em som através do Médium.

Rose: É uma ideia excelente, Frédéric. Está a praticar para o meu amigo?

Chopin: Bem, não sei. Estou apenas a praticar. Para qualquer pessoa, não para alguém em particular.

Rose: Oh, eu gostava de saber polaco. Por que não pratica agora, se consegue? Não quer tentar?

Chopin: Não, prefiro falar em inglês, caso contrário seria ininteligível para si. Além disso, é muito mais difícil e quero fazer as coisas à minha maneira.

Flint e Rose: (Risos)

Rose: O senhor fará sempre as coisas à sua maneira, não é?

Chopin: Porque a minha maneira é a maneira certa. É a maneira sensata. Em todo o caso, não teremos oportunidade de falar com ninguém na minha língua durante algum tempo. Tenho as minhas razões.

Rose: Porquê?

Chopin: Quero ser proficiente. Quero dominar a situação. Não quero que ninguém diga: "Ah, bem, ele não falava muito bem polaco" ou algo do género. Além disso, não se esqueça de que o polaco de há 150 anos não é o mesmo de hoje. Tenho de aprender a falar de forma mais moderna.

A Pronúncia do Nome e o Antigo Egito

Rose: Tudo bem, Frédéric. Como é que se pronuncia o seu nome? Diz-se "Chopin", "Chopin"?

Chopin: Show-pan.

Rose: Eh?

Chopin: Show-pan.

Rose: Chopin?

Chopin: Chopin.

Rose: Ou Shoo-pan?

Chopin: Não é "sapato" (Shoe); é "mostrar" (Show).

Rose: Chopin.

Chopin: Chopin.

Rose: Oh. Pensei ter ouvido "calçadeira" (Shoe-horn) ou algo parecido.

Chopin: Não. O que é que ia dizer?

Rose: Seria maravilhoso se eu trouxesse o meu amigo e o senhor falasse polaco fluentemente, porque ele disse: "A única coisa que me faria acreditar é se o Chopin falasse comigo em polaco".

Chopin: Bem, veremos, veremos. Não estou muito preocupado com o seu amigo em particular neste momento. Estou preocupado com outras coisas.

Rose: Bem, eu estou muito interessada em saber tudo sobre o Antigo Egito, se me quiser contar algo.

Chopin: Está interessada no Antigo Egito? Eu diria que há coisas muito mais importantes para discutir.

Rose: Há muitas coisas importantes, mas veja: o início, quando estávamos no Antigo Egito. Se pudéssemos avançar aos poucos... do Antigo Egito para o passo seguinte. Não acha?

Chopin: Não, não quero.

Rose: Mas o senhor sabe tudo sobre isso, Frédéric. E o Antigo Egito sempre me atraiu imenso.

Chopin: Isso não é surpreendente. Mas muitas coisas a atraíram em momentos diferentes. Estou com vontade de a provocar.

Rose: Com certeza, provoque-me então. Faça o que quiser hoje. Estou pronta para tudo.

Chopin: Esse é o seu problema, está sempre pronta. (Risos) Bem, no trono do Egito havia um rei chamado Akenáton. Era um governante muito sábio, mas muito impopular entre os sacerdotes da época. Ele tinha ideias novas — poderiam chamar-lhe "Novo Pensamento" — que não agradavam a certas pessoas em posições elevadas. Fizeram tudo para lhe complicar a vida. O povo gostava de Akenáton, mas os sacerdotes perdiam poder por causa das ideias

religiosas do rei. Sabe, durante muito tempo, a Rose e eu fomos buscadores. Queríamos descobrir a verdade.

A Fuga e a Encarnação Romana

Chopin: Fomos criados num círculo religioso. Eu fui criado numa casa religiosa. A Rose também, desde a mais tenra infância, foi entregue à Igreja para ser o que chamariam na época uma donzela da Igreja. Mas vimos o funcionamento interno dos sacerdotes e não aprovámos. Tínhamos grande fé, mas essa fé foi abalada por indivíduos do sacerdócio e interessámo-nos pelo ensino de Akenáton. Eventualmente, os padres começaram a suspeitar de nós e tivemos de fugir para salvar a vida.

Rose: Nós escapámos?

Chopin: Escapámos... por uns tempos, mas fomos apanhados e condenados à morte. Secretamente. Não teria sido bom para os padres revelar que condenavam pessoas à morte por causa das suas crenças; não seria popular entre o povo, especialmente entre os fiéis da própria Igreja. Mas não nos permitiram viver. Esse foi o nosso primeiro contacto, tanto quanto a minha memória me dita.

Rose: E o que aconteceu depois da morte?

Chopin: Ficámos aqui juntos por um curto período. Depois, regressámos a Roma, à Roma Antiga, no tempo de César. Éramos cristãos. Como já lhe disse, sempre buscámos a verdade. Mas, mais uma vez, as nossas crenças não eram populares e passámos por muitas dificuldades. Éramos irmão e irmã.

Rose: Irmão e irmã? Ah.

Chopin: Tivemos de fugir de Roma na altura em que os cristãos eram perseguidos. Estabelecemo-nos no que hoje chamariam de sul da Itália e vivemos pacificamente numa pequena aldeia. Os nossos pais tinham morrido anos antes. Nenhum de nós se casou — o que não é surpreendente, pois embora não o percebêssemos, havia algo na nossa constituição que nos impedia de procurar a felicidade noutro lugar. Estávamos contentes por sermos deixados em paz. Eu era — e sei que se vai rir — um carpinteiro. Muito bom.

Rose: Um carpinteiro?

Chopin: Um excelente carpinteiro. Sabe, mesmo na minha última encarnação, embora fosse músico, era habilidoso com os dedos noutras direções. Gostava de esculpir e de criar objetos de madeira. Isso é algo que provavelmente nunca apareceu em nenhum livro sobre mim. Gostava de criar coisas.

A Terceira Encarnação: A Renascença Italiana

Rose: Sim, mas continue, Frédéric.

Chopin: A Rose também era muito artística. Costurava e bordava lindamente. Era assim que ganhávamos a vida nessa encarnação romana. Eu fazia o meu trabalho de carpinteiro e a Rose tratava da costura e do bordado. Fomos muito felizes. Eu vivi até ser um homem muito velho; a Rose faleceu quando estava na casa dos quarenta e eu vivi muitos anos depois de si.

Rose: E o que é que eu fiz depois de morrer?

Chopin: Ficou aqui comigo. Nenhum de nós se tornou músico nessa altura. No Egito tive uma certa educação musical, mas havia poucos instrumentos — principalmente uma espécie de lira, na qual eu era bastante proficiente. Esse foi o meu primeiro instinto para a música. Estranhamente, na segunda encarnação [romana], não tenho memória de música. Mas foi na terceira encarnação que comecei a minha carreira artística.

Rose: Isso foi em...

Chopin: Foi na época da família Borgia... que provavelmente já leu e ouviu falar muito. Foi nessa altura que a arte floresceu. Os instrumentos musicais começavam a ser melhor compreendidos e criados. Naquele período, a música tinha avançado um pouco e eu tinha várias habilidades: pintava, tocava e compunha. Algumas das minhas composições desse período inicial ainda poderão existir: ou seja, poderão ainda restar vestígios da minha música.

A Linhagem da Renascença e os Segredos da Composição

Rose: Nessa altura, o senhor era... qual era o seu nome? Oh, valha-me Deus... Qual era o seu nome então, Frédéric?

Chopin: O meu nome... eu tive muitos nomes. Como todas as crianças italianas, recebi imensos nomes.

Rose: Não, mas na altura em que compunha, no tempo dos Borgia.

Chopin: Giuseppe.

Rose: Giuseppe. Oh.

Chopin: E é aqui que nos ligamos ao [Rudolph] Valentino e à família dele.

Rose: Oh, sim.

Chopin: Porque a família dele era aparentada com a nossa.

Rose: Ah, sim! E o Mamoose [Leslie Flint] aparece aí?

Chopin: Ele entra em cena pela primeira vez.

Rose: Eram dois irmãos, não eram?

Chopin: Eram irmãos, há séculos, nesse período específico. A família Guglielmini.

Rose: Eh?

Chopin: Tento pronunciar o apelido para si: Guglielmini. Houve laços forjados nesse período que se repetiram em várias encarnações posteriores. Sabe, a Rose estava prometida... como se diz, noiva?

Rose: Sim, noiva.

Chopin: ...quando era ainda uma criança muito pequena. Lembro-me da nossa cerimónia de casamento — recordo-me muito das nossas vidas nesse período; provavelmente mais do que em qualquer outro. Talvez porque, em parte, fomos marido e mulher pela primeira vez e também porque o meu interesse pela música (e o seu por ela) nasceu ali, ou pelo menos tornou-se aparente.

A Família Bellini e a Música Sacra

Chopin: Se alguma vez for a Itália, o que provavelmente fará um dia, vá a Roma... verá alguns traços do meu trabalho.

Rose: Do seu trabalho?

Chopin: Alguns. Existe uma família muito antiga chamada Bellini.

Rose: Vallini?

Chopin: Não, não: Bellini. Essa era a nossa casa. Ainda hoje existem descendentes dessa família e ainda há obras dos irmãos Bellini, pois éramos uma família numerosa e tanto eu como o meu irmão éramos artistas. O meu irmão era particularmente dotado; era um artista muito inteligente e realizou trabalhos magníficos. Eu também pintava, mas não tão bem, creio eu. Mas o meu interesse pela música avançou nessa encarnação; compus várias peças para celebrações especiais e serviços religiosos. Também compus, suponho... Pavanas, coisas dessa natureza.

Rose: Tivemos filhos, Frédéric?

Chopin: Não. Sem filhos. A Rose parece ter o hábito de morrer jovem — por uma única razão: desta vez, vai morrer velha. (Risos)

Valentino e o Ocultismo

Rose: E quanto ao Valentino? Ele volta a aparecer?

Chopin: Ele aparece várias vezes. É, naturalmente, uma alma muito antiga. É um grande médium; sempre se interessou pelo ocultismo. Naquele período específico, era perigoso envolver-se com o oculto — isto é, se a Igreja soubesse. A Igreja era muito poderosa. Eu também estava interessado no oculto, tal como a Rose. Mas não tínhamos muito conhecimento na altura, apenas alguma experiência. Acreditávamos muito na vida após a morte, mas a oportunidade de aprofundar o assunto não era grande.

O Valentino, porém, era um personagem extraordinário. Era muito empolgante. Por vezes, quando estávamos com ele, íamos a Nápoles. Ficávamos lá algum tempo e aprendíamos muito com ele sobre fenómenos psíquicos. Mas tínhamos todos muito medo. Naqueles dias, a magia negra era comum e era considerado imprudente envolvermo-nos com tais coisas. Mais do que isso: era perigoso. Havia muitas bruxas, embora agora percebamos que não eram necessariamente pessoas más. Mas, na época, havia muita superstição.

Rose: E o Mamoose também lá estava?

Chopin: Estava. Era irmão do Valentino nessa altura. A família Valentina é muito antiga. Na Itália de então, havia casas e famílias poderosíssimas. E havia grandes rixas entre elas, entre várias seitas; o país era governado em secções por nobres. Havia um grande antagonismo entre certas famílias e muitos incidentes desagradáveis nos quais eu não me envolvi, mas ele sim. Ele foi morto num duelo com outra família. Muito ao estilo de Romeu e Julieta.

A Evolução do Génio Musical

Chopin: Só por volta de 1700 é que realmente desenvolvi a minha música da forma que percebi que ela devia ser. Nesse período trabalhei e compus muito, mas nunca cheguei a ser o que chamam de "famoso". Compus um grande número de obras, algumas das quais possivelmente ainda hoje são tocadas, mas principalmente para a Igreja. Sei que não gosta de música sacra, Rose, mas na altura a maioria das obras era composta para a Igreja, pois era ela que nos apoiava. Devemos muito à Igreja pelo desenvolvimento da música. Alguns monges eram muito paranormais e tinham grande inspiração. No silêncio dos mosteiros, tinham tempo para meditar e eram muito sensibilizados para as coisas do espírito.

Mas foi só na minha última encarnação que me tornei um músico de pleno direito. Acho que toda a experiência acumulada ao longo dos séculos desabrochou nessa última vida. É por isso que, quando era muito jovem,

surpreendia as pessoas com o que conseguia tirar do piano. Como sabe, tive muito pouco treino musical formal até aos doze anos.

Rose: Eu sei disso, Frédéric. O Elsner não sabia que o Żywny... lembra-se do Żywny?

Chopin: Sim...

Rose: O seu primeiro professor? Ele já não conseguia ensinar-lhe mais nada quando o senhor tinha... ele começou a dar-lhe aulas aos seis ou sete anos.

Chopin: Eu sei.

Rose: E ele disse que já não podia fazer mais nada consigo. O senhor começou a compor aos oito anos. Eu tenho algumas dessas composições.

Chopin: Foi um instinto natural. Praticamente não tive aulas de piano. Tudo vinha por instinto. Quando era miúdo, sentava-me ao piano e limitava-me a dedilhar. Vinha automaticamente.

O Mistério das Três Notas

Chopin: Sabe, há uma pequena peça que compus em Dó Menor. Creio que nunca a ouviu. Não teria mais de sete ou oito anos quando comecei a tocá-la.

Rose: Gostaria que a pudesse cantarolar.

Chopin: Não sei se consigo cantarolar... mas muitos anos depois, usei essa melodia simples, o tema, numa obra posterior.

Rose: Oh?

Chopin: São apenas três notas.

Rose: Hum. Improvisou sobre três notas? Diga-me quais...

Flint: Ele está a brincar consigo, Rose. A tentar que descubra por si própria.

Rose: Eu sei. (Risos) Estou a pensar...

Chopin: (Muito baixo) Dum, dum, dee, dum, dee...

Rose: Não consigo ouvi-lo.

Chopin: (Cantarola baixinho)

Rose: Será o que aparece no terceiro movimento da sua Sonata?

Chopin: Lembrou-se. Descobriu-o. Estava a ver quanto tempo levava.

Rose: (Risos) Tinha pensado nisso, mas não tinha a certeza.

Chopin: Vê? Vai direta ao essencial. Eu improviso sobre esse tema. Lembro-me de algo divertido: estava a compor num piano muito antigo, num lugar onde o instrumento tinha apanhado humidade e certas notas prendiam.

Rose: Sim.

Chopin: E eu pensei: "Não importa. Isto é um teste". Disse para mim: "Vou ver o que consigo fazer com as notas que não prendem". E compus algo a partir daí. É uma peça onde parece que falta algo — é óbvio que há algo "errado", mas musicalmente está certo. Qualquer pessoa inteligente diria: "O que é que este homem está aqui a fazer? Há algo de invulgar. Por que falta isto?". Em certas cópias da minha música, até durante a minha vida, chegaram a colocar notas que eu pretendia deixar de fora.

Rose: Oh.

Chopin: É um Prelúdio.

Rose: Um Prelúdio?

Chopin: Hum. Deixe estar.

Rose: Oh, não, eu vou descobrir! O primeiro?

Chopin: Algumas pessoas acham-no muito estranho. Mas compus aquilo num piano onde os pedais não funcionavam bem. Foi uma diversão para mim. É uma composição divertida.

Rose: Se é divertida, deve ser um dos seus Scherzos.

Chopin: Não, não. É divertida para um músico. O meu Prelúdio peculiar... Si, Si, Si, Si...

Rose: Hum.

Flint: Ele disse algo sobre a nota Si. Está em Si, seja o que for?

O Plano de Dez Anos e a Ponte para Maiorca

Rose: Está a dar-me uma lição ou a tentar... a testar-me?

Chopin: Não, não. Não estou a tentar testá-la. Por que haveria de o fazer? No que diz respeito à minha música, a Rose passaria em muitos testes.

Rose: (Risos)

Chopin: Não para a executar, mas pelo conhecimento que tem dela. A Rose tem várias cópias dos meus Prelúdios.

Rose: Sim.

Chopin: Refiro-me... a uma edição específica.

Rose: Sim, eu tinha, mas dei-a...

Chopin: Ah, bem, eu perguntava-me se, neste Prelúdio em particular de que estamos a falar... se os vários editores musicais também fazem essas alterações.

Rose: Mas toda a sua música foi alterada, Frédéric.

Chopin: Bem, não deveria ser...

Rose: Muitas peças estão alteradas e as indicações de pedal estão completamente erradas, creio eu.

Chopin: A Rose assim o pensa. É o mais provável, mas o original... as edições originais, publicadas durante a minha vida, são as corretas... embora, mesmo nessas, existam erros em algumas, naturalmente.

Rose: Aqueles editores alemães foram os melhores para si: os Breitkopf & Härtel.

Chopin: Eles faziam boas edições.

Rose: Sim. Mas essas são impossíveis de obter agora.

Chopin: Nada é impossível para si no que me diz respeito.

Rose: Não, porque o senhor está comigo. O senhor faz com que eu as encontre. Devo tentar obtê-las.

Chopin: Vai encontrá-las. Não se preocupe, conseguirá obter mais coisas do que imagina em relação a mim. Nos próximos dez anos...

Rose: Oh, valha-me Deus...

Chopin: Não diga "Oh, valha-me Deus" assim. Nos próximos dez anos terá muitas surpresas e experiências interessantes em relação a mim, à minha música e às nossas vidas em conjunto. Mas ainda não estou pronto e não quero ser incomodado por outras pessoas.

Rose: O que quer dizer com não querer ser incomodado por outras pessoas?

Chopin: Quero fazer o meu trabalho à minha maneira. E quero proporcionar-lhe experiências, testes; quero realizar várias coisas. E não o posso fazer se tiver de me concentrar noutras pessoas. Mais tarde, quando chegar o momento e eu estiver em posição de lhe dizer: "Bem, veja, fizemos isto, conseguimos juntos, agora estamos em condições de ajudar a convencer certas pessoas que possam ser úteis".

Mas não vale a pena, de momento, tentar agradar ou convencer pessoas que, de qualquer forma, ou não estão preparadas ou não estão em condições de ajudar. Devemos ser pacientes, como lhe disse. Eu sei que tem ideias e planos. Eu planto-os na sua cabeça, é verdade, mas ao mesmo tempo tem de haver um tempo adequado para essas coisas.

A Missão em Valldemossa

Chopin: A Rose vai voltar a Maiorca.

Rose: Sim.

Chopin: Para construir uma ponte — isto é, como dizem, metafórico. Vai construir uma ponte para tornar possíveis certas coisas que faremos. Há certas pessoas que vai conhecer, como já lhe disse no passado. Certas amizades a serem criadas e fortalecidas. O Professor é uma delas. Ele será muito importante na sua vida.

Rose: De que forma, Frédéric? Ele vai dar-me aulas, eu sei, o senhor já disse...

Chopin: Ele vai ensinar-lhe. Vai ajudá-la com a sua música, claro. Esse é um pequeno prazer que quero que tenha, além da amizade dele. Mas também quero trabalhar com ele e usá-lo um pouco mais, a ele próprio, percebe? Existem médiuns em várias áreas. Existem médiuns que posso usar como este [Leslie Flint] para falar consigo, e espero usá-lo noutras direções. Mas também há músicos que posso usar do ponto de vista musical, como instrumentos para o seu próprio bem, e também para demonstrar e provar — não que a Rose precise de provas —, mas eu tenho tantos planos.

Chopin: Deve lembrar-se de que estas coisas devem ser feitas por etapas. Podem levar vários anos. Eu prevejo dez anos. Talvez um pouco menos, talvez mais, mas em dez anos — o tempo que creio que a Rose ainda tem para permanecer na Terra — podemos fazer muito. E quero deixar um registo através de si, para o trabalho, para aqueles que são suficientemente inteligentes e compreensivos. Espero conseguir certas coisas que serão tão evidentes que ninguém, a menos que seja muito obstinado, poderá duvidar.

Chopin: Eu sei o que estou a fazer, mas não me exija demasiado até eu estar pronto. Quando estiver pronto, eu avisarei.

Rose: Com certeza, Frédéric. Fico feliz por ter mencionado isso.

Chopin: É por isso que, quando me faz tantas perguntas, às vezes hesito em responder, porque não quero que corra demasiado depressa, quando sei que a melhor forma de conseguir tudo isto é por um processo gradual. Temos tempo. A Rose ainda tem muitos anos, dez anos pelo menos. Talvez em seis meses, ou num ano, eu consiga realizar certas coisas a que me propus. Mas isso é apenas o começo, porque não envolve apenas uma pessoa, mas muitas. Não apenas a Rose, nem o Médium, nem o círculo que aqui se senta, mas pessoas como o Professor, como Malcuzynski, como George Sand — todo o tipo de personalidades mundialmente famosas.

A Convicção de 100%

Chopin: Pessoas do mundo da música serão envolvidas nisto, mas para tal tenho de me tornar proficiente na comunicação. Tenho de ser capaz de demonstrar de tal forma que um homem como Malcuzynski, por exemplo, nunca possa dizer: "Aquele não poderia ser o Chopin". Devo estar em condições de lhe dar 100% de convicção. Compreende? Seria inútil tentar provar algo assim a um homem que ainda não está preparado. E ele estará mais pronto daqui a cinco anos do que estaria agora. O mesmo se aplica ao Professor; temos de quebrar barreiras, quebrar preconceitos religiosos. Temos muitas frentes, até com aquela sua amiguinha que toca tão bem. Ela também está envolvida nisto.

Rose: Ela também está?

Chopin: Hoje ela é uma católica fervorosa. Amanhã, quem sabe? Verá, verá.

Rose: O que vai acontecer com ela na vida, Frédéric?

Chopin: Toda a gente tem um futuro, porque existe vida após a morte. E toda a gente tem um passado — ooh hoo! Não vejo mudanças na vida pessoal dela e não creio que possamos esperar por isso. Infelizmente, ela já conquistou tudo o que podia esperar. Mas ela tem sido de grande ajuda para muita gente, tem sido bondosa e atenciosa, chegando a negligenciar a própria saúde para ajudar os outros. Admiro muito a natureza e o caráter dela. E embora não concordemos com a sua religião, ela tem sido uma ajuda para ela e moldou aspetos positivos do seu caráter. Nunca devemos ser preconceituosos.

O que eu critico é a estreiteza dos ensinamentos da Igreja, que por vezes impede uma pessoa de se tornar muito melhor — não apenas no caráter, mas também na sua arte e na plenitude da sua vida.

Em todo o caso, tenho os meus planos e cada um deles é bem delineado. Recebi muita ajuda e aconselhamento de outras pessoas aqui. Temos muito que queremos alcançar, mas só o conseguiremos se formos pacientes uns com os outros e trabalharmos em completa harmonia. As sementes já foram semeadas em Maiorca. Quando a Rose voltar, verá os resultados. Serão feitas perguntas. A Rose tornar-se-á mais íntima desses amigos, conhecerá novos rostos. Laços serão forjados. A próxima visita é muito mais importante do que a primeira. A primeira foi importante; a segunda é vital.

Rose: Oh.

Chopin: Por hoje, não posso dizer mais nada.

Rose: Com certeza, Frédéric. Estamos a pensar ir em meados de maio. Está bem assim?

Chopin: Sim, deve estar bem. Vá quando a ilha estiver tranquila, antes do auge do verão, quando o Professor tiver mais tempo. Verá. Verá. Diga-lhe que vai lá.

Rose: Sim, direi.

Chopin: Falarei consigo de novo, se puder, na quarta-feira. Mas não baralhe muito a cabeça. Fique contente.

Rose: (Risos) Com certeza.

Mickey: Adeusinho, Rosie!

Rose: Adeus, querido.

Mickey: Adeus!

Rose: Adeus, adeus.

Notas de Revisão Técnica:

Nota 1 (Sonata Nº 2): Trata-se do 3º Movimento da Sonata Op. 35. O tema da Marcha Fúnebre baseia-se, de facto, num padrão melódico minimalista de três notas (Si bemol, Dó, Si bemol). O esboço inicial em Dó menor (Op. 72 nº 2) data de 1827.

Nota 2 (Prelúdios): A referência ao "Prelúdio em Si" (B) e à "peça divertida" onde notas prendiam devido à humidade em Valldemossa aponta provavelmente para uma das composições terminadas na Cartuxa. O piano Pleyel de Chopin demorou meses a chegar, obrigando-o a usar um piano local de má qualidade.

Nota 3 (Editores): Rose refere-se à prestigiada editora Breitkopf & Härtel, de Leipzig.

A MÚSICA E A ALMA

(Sessão de 7 de Julho de 1955)

Chopin: Boa tarde.

Creet: Boa tarde. Uh, Frédéric? É o senhor?

Chopin: Olá. Não sei se me consegue ouvir bem.

Creet: Consigo ouvir, sim.

Chopin: Ótimo.

Creet: Telefonei para lhe falar de um livro seu maravilhoso que foi lançado em Varsóvia.

Chopin: Um livro?

Creet: Sim, um livro.

Chopin: A minha vida outra vez...

Creet: Sim.

Chopin: As diferentes vidas que levei, hein?

Creet: Oh, sobre isso não sei. Mas tem algumas fotografias e ilustrações; está repleto de imagens.

Chopin: Bem, deve ser muito interessante. Esperemos que seja rigoroso. Mas como pode alguém escrever a biografia de uma pessoa se não a conheceu nem esteve com ela o tempo todo? Reúnem alguns factos e depois acrescentam-lhes um ror de coisas que não são verdadeiras.

Creet: Sim, eu sei, eu sei. Não me preocupo com tudo o que leio, eu...

Chopin: Eu era difícil e temperamental.

Creet: Sim.

Chopin: Ah, mas... para mim, só havia uma coisa que realmente importava: a minha música.

Creet: Uh, o quê?

Chopin: A minha música era a única coisa que realmente contava para mim. Tive momentos, momentos fugazes de felicidade.

Creet: Sim.

Chopin: E algumas das minhas melhores peças foram compostas nessas alturas. Mas às vezes penso que talvez o meu melhor trabalho tenha sido composto quando eu estava mais infeliz. Mas as memórias já lá vão...

Creet: Por que razão era tão infeliz, Frédéric?

Chopin: Oh, porque eu sabia que podia, mas não conseguia ser...

Creet: Ser o quê?

Chopin: Eu não conseguia (como dizem vocês)... mmm... não conseguia levar uma vida normal. Não conseguia encontrar a felicidade. Eu sabia que não viveria muito tempo.

Creet: O senhor sabia disso?

Chopin: Ah, eu sabia, mas não o dizia. Sempre soube que a minha saúde não me permitiria ter uma vida longa. Estava sempre a escrever febrilmente — a compor, sabe?

Creet: Sim...

Chopin: Tinha tantas coisas para fazer e tão pouco tempo para as realizar. Havia muitas distrações e, embora desse concertos, era principalmente porque precisava do dinheiro.

Creet: Sim. Oh, valha-me Deus...

Chopin: E muitas vezes não recebia o que era justo pelo meu trabalho. É preciso ter um mecenas.

Creet: Mas o senhor não tinha um...? Ah, sim, tinha vários em Paris.

Chopin: Oui, mas, uh...

Creet: Teve os Rothschild e os Radziwiłł.

Chopin: Sim, eu sei, mas digo que é preciso um mecenas porque isso ajudava a vender as composições e tornava o futuro possível, mas, enfim...

Creet: De qualquer forma, isso já passou, Frédéric.

Chopin: Uh, passou. Já não me preocupo com isso, a menos que...

Creet: O senhor está mais feliz agora.

Chopin: Falo sobre isto porque sei que a Rose está interessada.

Creet: O quê? Sim. Mas não o deixa triste, pois não?

Chopin: Não. Por que haveria de me deixar triste? Isso foi o fim.

A Música nas Esferas Espirituais

Creet: Bem, fale-me de si agora...

Chopin: Faz parte da minha vida... é importante. Oh, é tudo diferente. Já não há necessidade de me preocupar com nada. Tenho o controlo perfeito sobre mim e tenho tudo o que alguém poderia desejar. E sou, à minha maneira, dono de mim próprio e, hum, tenho o meu próprio salão, como dizem, mas vocês... não... eu tenho um lugar vasto... onde muitos músicos se reúnem. Discutimos música, compomos e tocamos as nossas peças uns para os outros; fazemos comentários e, por vezes, aceitamos conselhos mútuos.

Creet: Sim.

Chopin: Não que isso interfira no esforço pessoal de cada um, mas temos novas ideias. E por vezes vamos em grupo visitar vários lugares para ouvir música composta em diferentes esferas. É uma grande revelação. Pois cada esfera tem a sua própria música, de acordo com a sua condição; o que seria correto numa esfera não o seria noutra. Mas é interessante, sem dúvida.

Creet: Oh, isso deve ser fascinante.

Chopin: É extraordinário como a música em si não pode ser ouvida em certas esferas, pois está além da compreensão de quem habita essa condição. Ou está acima deles, completamente fora do seu alcance.

Por exemplo, algumas das músicas que eu queria escrever na Terra e que não fui capaz de realizar... uma das razões pelas quais eu ficava tão impaciente comigo próprio era porque, dentro da minha mente, eu ouvia sons que o ouvido normal não conseguia captar. Tentei transpor essas coisas para o piano, mas era impossível. Talvez seja por isso que a minha música é, por vezes, muito difícil para muita gente.

Creet: De facto, é única.

Chopin: É completamente diferente na sua forma e em todos os sentidos. Oui. É uma técnica de execução bem distinta que ninguém, até onde sei, alguma vez tinha tentado. É totalmente única. Digo-o sem ponta de orgulho, entenda...

A Técnica e o Toque

Creet: E o senhor trouxe o uso dos pedais. Foi o único a fazê-lo daquela forma, não foi?

Chopin: Bem, utilizei os pedais talvez mais do que qualquer pessoa anteriormente. Percebi a importância dos pedais. Claro que os pedais nos primeiros pianos não eram exatamente iguais aos de hoje. Além disso, sabe que é fundamental, quando se toca a minha música, obter o tom correto; é preciso ter o piano aberto.

Creet: Sim, o senhor quer dizer bem aberto, com a tampa levantada.

Chopin: Sim. Exatamente.

Chopin: Sabe que os pianos variam no tom. Às vezes é muito difícil, mesmo para grandes pianistas do seu lado, conseguirem o tom correto. É por isso que, se um músico é muito... uh... faltam-me as palavras.

Creet: Acho que tudo depende principalmente de como eles dedilham e da diferença no toque. Agora vou dizer-lhe uma coisa: esse Arthur Rubinstein, que dizem ser um pianista maravilhoso... de facto é, mas ouvi-o a tocar os seus Scherzos e aquele em Si Bemol; não sei o que é que ele faz com aquilo. Parece que anda o tempo todo a pedalar, soa tudo confuso e rápido demais. Parece um tornado. Não gosto nada.

Chopin: Talvez seja essa a impressão que ele tem do meu trabalho, da forma como deve ser tocado. Mas concordo que não é o correto.

Creet: Pois, Frédéric, mas o seu trabalho tem de ser muito, muito nítido, não é verdade?

Chopin: Cada nota deve ser clara. E não se devem atropelar as notas umas às outras. Cada nota é individual.

Creet: Bem, eu creio que o uso que ele faz dos pedais está errado nessa parte.

Chopin: Pode ser do pedal. Ou talvez seja uma má gravação. Não estou assim tão interessado no Arthur Rubinstein, embora saiba que ele foi considerado um grande intérprete do meu trabalho e foi um bom amigo para mim.

Creet: Quem?

Chopin: Digo que tem sido um bom amigo desde que morri, na medida em que tentou e fez certas coisas por mim. O seu interesse e amor pela minha música. Ele executava-a, sabe, muito bem, por vezes. Especialmente nos seus primeiros anos.

Creet: Refere-se ao Anton Rubinstein, não é?

Chopin: Exatamente, exatamente. Um pianista maravilhoso.

Amizades e o Ensino da Música

Creet: Encontra o Liszt por aí, Frédéric?

Chopin: Somos bons amigos. Mas ele já não é membro da Igreja. (Risos) E, em consequência disso, a música dele é muito melhor. Já não é tão limitada. Mas o Mendelssohn também é um grande amigo meu. Foi ele quem me abriu a porta para o contacto convosco. Se examinar as suas notas, verá que é assim mesmo.

(Pausa na gravação)

Chopin: Eu era o mestre, mas o piano nunca foi a amante. Vou fazer da Rose uma excelente pianista e vai executar as minhas novas obras quando vier para aqui.

Creet: Ah, quando eu for para aí.

Chopin: Oui. No entanto, muitas coisas são possíveis... Mesmo agora diz para si mesma: "Ah, terminei", sabe? Mas eu digo-lhe: "Não, não é assim. Está apenas a começar".

Creet: Imagino que seja muito rigoroso comigo, não é?

Chopin: Não, não sou rigoroso, porque nada de valor se obtém com rigor excessivo. Deve usar-se sempre a gentileza. Afinal, é a sua grande paixão e o seu desejo tocar a minha música — e se eu não o conseguisse alcançar através do amor, então qualquer outra forma seria inútil. Essas crianças que são ensinadas com tanta severidade... podem tornar-se bons técnicos, mas não têm alma. Sem alma, não pode haver progresso. Eu dizia muitas vezes aos pais: "Não desperdicem o vosso dinheiro. Levem o vosso filho. Que ele se torne pintor, mas não músico. O coração dele não está na música".

Creet: Oh, adoro receber estas provas, Frédéric.

Chopin: Faço muito gosto que não deixe este médium ir-se embora sem saber nada sobre nós. Ele é ignorante, graças a Deus.

Creet: O quê? (Risos)

Chopin: Ignorante. Não quero que ele saiba nada sobre música, especialmente sobre a minha música. E quando ele for a Maiorca, será uma pequena revelação para ele... e creio que voltará com maior entusiasmo pelo nosso trabalho em conjunto. Mas devemos ir passo a passo. É como construir uma grande sinfonia. Cada detalhe é importante. Vem falar comigo de novo na segunda-feira?

Creet: Eh? Segunda-feira.

Chopin: Ótimo. Eu não a abandonaria. Virei. Tenho de ir agora. Au revoir.

Creet: Com certeza. Muito obrigada.

Sessão de 15 de Maio de 1955

Entrevistadora (Rosie): —Hum-hum. Aqui está. O que achas? Hum-hum. Eu quero ver o meu bebé. Eles não vendem muito caro. Acho que só quero ver o que eles fizeram. Bem, eu faço-o sempre. Eu faço. Não. Eu sei quanto fizemos esta tarde. Hum-hum. Tu fechas os olhos durante uma sessão, mês? Hum-hum. Não. Eu fecho os olhos? É isso? Hum-hum. Tu não dormes? Hum-hum. Sim, querido. É possível pôr a dormir? Bem, nada é impossível. É bastante difícil. Como estás, Rosie?

Voz (Frederick/Chopin): — Estou muito bem à tua frente, minha querida.

Rosie: — O que eu pensei ao ver-te! Estás a sair-te tão bem. Valha-me Deus. Estou ansiosa por ouvir todos vós.

Frederick: — Escusado será dizer que há aqui um bom número de pessoas para ti. Oh, sim. Continua, Emily. Escusado será dizer, Emily. Oh, és tu, mister. Uma pessoa para te chamar mister. Frederick. Bem, vais chamar-me Frederick? Oh. Muito bem. Frederick, é um nome. É pouco importante. Bem, estão todos muito entusiasmados, sabes, com tudo isto. Sim, sabes, às vezes, como sabes, tu deves ter estado tão entusiasmada, mas nós somos igualmente maus. Afeta-nos; poder-se-ia até dizer que somos piores, sabes. Tu também não estás entusiasmada? Existe alguma possibilidade de isto se abrir para todos nós? A possibilidade de sermos capazes de telefonar para falar contigo e transmitir uma grande quantidade de coisas que conscientemente desejamos transmitir há tanto tempo ao mundo, mas também de te dar outras coisas. A fotografia, por exemplo, é apenas uma coisa entre muitas. Prometi-te, e sei que eventualmente, se não for logo, eventualmente virá.

Tudo o que estamos a fazer é para o bem supremo de todos os envolvidos. Às vezes temos de percorrer caminhos tortuosos para chegar a um certo ponto, sabes. Sim. Não tem sido fácil chegar à condição presente. Tivemos de usar regras difíceis para alcançar o que somos capazes de fazer no momento, sabes. Sim. Não tem sido fácil, mas realizámos algo, e isto é apenas o começo. Agora

que temos este palco, como dizer, montado. Agora temos de o povoar com diferentes personagens, e temos de, bem, definir a história, sabes. Mas tudo virá a seu tempo.

Rosie: — Estou a ficar tão entusiasmada com tudo isto.

Frederick: — Eu sei, não te culpo. Sei que é natural. Seria tolo da minha parte ou de qualquer pessoa aqui dizer "não fiques entusiasmada", porque, afinal de contas, é a maior aventura de todas. É. Estamos todos no mesmo caminho, sabes. Sim. E devemos todos depositar tudo o que temos nisto para que seja um sucesso. Estamos a considerar tudo, cada aspeto, cada... eu sou bom para o bem de todos. Sim. E o que quer que façamos, por mais estranho que pareça ou quão peculiar seja, é tudo pelo melhor.

Rosie: — Sim, tenho a certeza de que sim.

Frederick: — Não penses por um momento que desperdiçámos qualquer tempo, porque sempre, o que quer que tenhamos feito, foi para o bem de todos os interessados, sabes. Sim, como te lembras? Não apenas espiritualmente, mas também, de certa forma, materialmente. Vamos deixar o padrão, e verás por ti mesma muitas coisas que estiveram escondidas durante tanto tempo, e as razões e os propósitos de tudo. Eu não sou... eu sou feio. Alguma vez viste a tua própria vida, a música que inunda o teu coração e o trabalho que estamos a esforçar-nos por fazer pela humanidade, as diferentes avenidas que têm de ser trilhadas pelos seres humanos para alcançar certas coisas, para chegar a um certo estágio de desenvolvimento, tudo. Há tantas almas nisto, não apenas eu; eu sou apenas uma entre milhares de almas. É verdade que, ultimamente, assumi mais controlo, mas isso é apenas temporário.

Rosie: — Oh. O que se passa?

Frederick: — Não te preocupes. Eu simplesmente não compreendo... não penses que, por eu dizer isso, vou desaparecer, depois de todo o esforço que fiz durante tantos anos para vir para a frente, sabes, para ajudar neste trabalho. Eu não desejaria, claro, dizer-te o que estás a tentar fazer. É um esforço mútuo de todas as pessoas deste lado. Sim. Foi-me dado isto como um trabalho a fazer, e estou a tentar... ela lê... e, de certa forma, estou ligado a todos os aspetos disso, mas no momento tenho um trabalho especial a fazer, que é ajudar a preparar o caminho. Eu poderia, a partir do âmago, girar para tudo no momento, mas só o farei a seu tempo. Gostaria que explicasses muito.

Sabes, Felix, novamente, por volta de 1906, estes modelos, eles tinham algo sobre eu ser capaz de trazer música do espírito. A música é mais do que som. Já te expliquei isto antes? Sim. Tu, naturalmente, como as pessoas com quem convives, associas a música ao som; para ti, são harmonias, melodias belas, seja na voz... ou naturalmente associas sempre a música ao som, o que, claro, ela é;

mas há outros aspetos da música que tu e o teu mundo desconhecem, que, no nosso mundo, são um som tão real como qualquer outro. A música aqui desempenha um papel vital e importantíssimo, e não é apenas audível, mas é visual; e foi sobre isso que tentei dar-te uma pequena pista no outro dia, para que quando viermos aqui, não só esperemos ser audíveis, mas esperemos, num sentido, ser visuais, mas não apenas como indivíduos, mas também num sentido diferente.

Aqui há uma cor grandiosa, um panorama de cor tão magnífico que não se pode sequer começar a descrever; não há nada no teu mundo que se possa comparar com isso, e nada que possa ser usado como um símile; mas isto, eu continuarei, e é o que esperamos alcançar nos próximos meses e anos, e ainda alguns anos faltam antes de te juntares a nós; por isso, olhamos para ti como uma grande ajuda para nós, enquanto ainda estás no mundo material, para alcançar certas coisas; e isso é que não deveremos apenas falar, mas mostraremos de alguma forma, serás capaz de retratar algumas das harmonias da vida, da vida espiritual, não apenas num sentido musical, mas num sentido pictórico.

A câmara também faz parte do plano; a câmara pode retratar, pode reproduzir parte da minha música, por exemplo; música não apenas na construção da figura ou do rosto, mas também em cenas. Temos grandes planos, e a câmara vai ser uma parte muito importante do nosso trabalho. É um momento de isto parecer pouco prático, porque é novo, porque é estranho, mas tu deves agora perceber que tudo o que nos esforçamos por fazer tem, em cada parte, um aspeto que é mais do que aparenta; isto não é muito claro. O que quero dizer é que, eu falo contigo, mas por trás da minha voz está algo muito mais; quero dizer que o que ouves é uma voz artificial, não é uma voz natural, pela simples razão de que estamos a reproduzir os nossos pensamentos de uma forma artificial, ao passo que não temos de o fazer; temos o nosso próprio corpo físico e estamos nos nossos próprios modos ambientais, e somos capazes de reproduzir automaticamente o nosso pensamento em alguma teia vibracional, e é um verso superior, mas isso é apenas um aspeto do que acontece.

Vês, por exemplo, eu digo ao piano, eu bato-lhe, ele vibra, cria notas, harmonias, de acordo com o dedilhar e as notas que são tocadas; mas isso não é apenas música, isso não é apenas música, é o que brota de dentro do indivíduo. O piano apenas reproduz, num sentido mecânico, uma pequena partícula daquilo que o compositor sente ou do que ele ouve em si mesmo; é por isso que, por exemplo, não há dois músicos, pianistas, que interpretem uma peça de música exatamente da mesma forma; eles tocam as mesmas notas, mas isso não é necessariamente o mesmo. Ah, compreendo, compreendo agora, e claramente; mas se um certo pianista, quando está sentado, está num estado de recetividade, acho que está certo, ele pode inconscientemente aceder à fonte da inspiração de onde a música brotou primeiro, e deu uma reprodução; e num sentido, essa é uma reprodução mecânica, embora possa ser uma muito melhor, e provavelmente até

deva ser uma muito melhor do que talvez a de outro compositor, que apenas reproduz automaticamente em notas.

Portanto, qualquer coisa que venha de dentro... vês, quando tocas uma peça de música, reproduzes as notas do compositor, mas as notas, embora denotem a diferença, as diferenças em relação às notas... às melodias... Não estamos a falar exatamente do que eu queria, mas a interpretação significa realmente não o pianista em si, ou como ele sente por dentro e reproduz no piano, independentemente das notas. Portanto, as notas são uma indicação, sim, e é tudo o que podem ser concebidas como sendo, uma indicação, mas não são necessariamente, e muito raramente são, exatamente o que o músico sente. E nenhum músico pode, real e verdadeiramente, interpretar um compositor, pois não? Entender o impossível? Mas depois vês, eu percebo isto, e sento-me para compor; refiro-me à minha existência terrena, e sento-me para compor. Havia vezes em que nada vinha, eu não conseguia compor absolutamente nada, os meus dedos subiam e desciam o piano, mas não traziam qualquer melodia, qualquer beleza, qualquer harmonia; mas depois havia vezes em que eu era inspirado ou possuído, que creio ser talvez a palavra mais correta, eu era possuído por entidades do mundo do Espírito, que eram capazes de tocar a minha alma, e eu era capaz, em certa medida, de interpretar algumas das harmonias, e das melodias, e da música das esferas.

Eu também era um médium, é por isso que simpatizo, por isso compreendo os médiuns e a mediunidade, por isso sempre tive tanto interesse e estudo sobre isso para esta preparação, para comunicar. Sei que os médiuns trabalham juntos, de formas diferentes, trabalhando em vibrações diferentes. Terias pensado que teria sido melhor para mim, ou mais fácil para mim, com as visões que tenho no trabalho que queria tentar fundar, que o instrumento fosse um músico que fosse capaz de reproduzir, vês; mas não, é exatamente isso que eu não quero.

Descubro que, desde que tenha um indivíduo simples e modesto, no sentido de que não tem desejo de compor ou de tocar, não tenho obstáculos, não tenho ideias preconcebidas quanto à minha música ou à música de outros. Desde que a pessoa que usamos goste de música, e saiba do que gosta, e que isso seja bom — aquilo de que gosta e aprecia — desde que haja o desejo de servir a humanidade e de ser usado como um instrumento, desde que haja a força artística, ou a "veia", como lhe chamas, desde que haja o toque de génio, que também é importante, que todos os grandes artistas devem ter, em qualquer forma, até os médiuns.

Eles são artistas, não se dão conta, mas são artistas, tanto quanto um grande pintor ou qualquer outra forma de arte; um médium que está a fazer um grande trabalho e que é um bom médium, no sentido em que pode ser usado devidamente por este lado, é também um artista, é também, num certo sentido, um génio. Mas, sabes, o ponto é que há poucos médiuns, e alguns podem ser usados, ou são ótimos para usar, pois são muito adequados para trabalho especializado, então serviremos para certas coisas, mas não prestam para outras

coisas. Para este trabalho, encontraremos o instrumento certo, mas para fazer o nosso trabalho devidamente, fá-lo-emos da forma que esperamos fazer.

Frederick (Chopin): — Nós também, com o peso, fazemos esse tempo, pois ele tinha cumprido uma certa parte do seu trabalho e a maré estava a começar a virar noutra direção; as circunstâncias estavam prestes a mudar, de modo que ele passaria a ser independente, sem ter de se preocupar tanto com assuntos materiais, dinheiro e assim por diante. Assim, preparámos o caminho, e levou todos estes anos; conheço este instrumento há trinta anos, quase. Quando vieste comunicar pela primeira vez, e eu costumava falar contigo, eu já sabia e já tinha planeado, mas não te contei demasiado. Agora, trouxemos o instrumento dele para a tua vida, trouxemo-lo para a casa dele; temos de usar vários métodos para vos aproximar, até temos de falar contigo enquanto dormes.

Rosie: — Mas tu fizeste isso, Henry?

Frederick: — Fui eu. Mas, vês agora, trouxeste a casa dele, eu entro em algo material; tu compras a casa dele, não sabes bem por que a compras, pensas que sabes por que a compras, mas eu sei por que a compras. Mas é tudo para um propósito muito bom.

Rosie: — Conta-me mais, Frederick.

Frederick: — Bem, queríamos ver-te mais separada, mais feliz. E queríamos comprar mais coisas para chamar a este trabalho. Por isso, temos de usar vários métodos, e existem meios que algumas pessoas no teu mundo não compreenderiam; diriam que eram métodos pouco claros. Mas não foi assim. Pois tudo o que fazemos tem sido para o teu bem e para a tua felicidade pessoal. Mostrámos-te a felicidade em várias formas. Mostrámos-te como a felicidade pode vir de diferentes maneiras. Mas, acima de todas essas felicidades, há uma coisa que é maior do que todas: o amor pela música. E essa é a tua maior felicidade. E a comunhão, a unidade que partilhas comigo e com outros músicos aqui com a mesma afinidade, acredita em mim.

Embora eu não deseje que tenhas uma impressão errada sobre mim, quero que saibas que a música é um dos maiores, se não o maior desenvolvimento da alma humana. Pois é quando a música transforma a humanidade e a retira de todo o desespero e trevas do materialismo, para os reinos do espírito. A música terá de facto encontrado o seu verdadeiro lugar na vida dos seres humanos; isso já se está a tornar um facto cada vez maior, com as ciências e a dança na vossa rede; as pessoas estão a começar, cada vez mais, a compreender a música e a apreciá-la, e, até certo ponto, estão a ser levadas para além das coisas materiais. Quando se isolam do mundo por um momento e ouvem as harmonias que foram criadas pelos grandes compositores e por aqueles que já partiram, então são transportadas, até certo ponto, para as esferas; e, nas suas próprias mentes, são capazes, por vezes — e muitas vezes, diria eu — de sintonizar com as coisas do

mundo espiritual, e são capazes, até certo ponto, de se ajudarem a tornarem-se homens melhores e a espiritualizarem-se em algum grau.

Todas estas coisas já estão a acontecer, em certa medida, no vosso mundo onde a música está presente; e quando conheces a música como nós a conhecemos, e como ela transforma o ser humano e traz à tona a alma em toda a sua beleza e glória, então sabes quão importante ela é. Estamos a trabalhar para esta única coisa: unir a humanidade, derrubar todas as barreiras que se colocam entre as pessoas, independentemente da cor, classe ou credo, para criar uma unidade com Deus; e na harmonia das esferas, que todos possam viver em paz e em amor. A música transformará as vidas e os hábitos dos homens no mundo, e teremos uma nova perceção, pois a ciência também entra nisto; chegará o tempo em que a ciência aperfeiçoará métodos de comunicação sem riqueza, e seremos capazes de vir e falar, e contactar convosco tal como ligam os vossos aparelhos de rádio e a vossa televisão; de modo que esse tempo certamente virá, quando tereis meios científicos de nos contactar.

Rosie: — Oh sim, mas esses meios científicos serão um grande quebra-cabeças para a maioria das pessoas, porque nunca se saberá se é um humano que está a falar ou se é alguém do mundo autêntico; está destinado a haver uma grande confusão agora.

Frederick: — Não, não, tu pensas assim, mas não será assim, porque as diferenças são tão grandes entre as pessoas do vosso mundo e o futuro de nós; mas isso não posso explicar totalmente agora, é apenas uma visão, um pequeno pensamento sobre o futuro de que falo agora, e não é o meu mundo presente.

Rosie: — Eu sei. Bem, Frederick, acho que te estás a sair maravilhosamente bem; ontem à noite fiquei muito entusiasmada.

Frederick: — Bem, se me estou a sair bem, é em parte porque tu ajudaste a que fosse possível.

Rosie: — Eu? Oh, o que é que eu faço para isso, Frederick?

Frederick: — Minha querida amiga, são pessoas como tu que me ajudam a criar este degrau para atravessarmos o rio, por assim dizer, que corre entre o vosso mundo e o nosso. Bem, isso é tal amor, tal compreensão, tal desejo pelas coisas que são boas; quando a música desempenha um papel tão importante na vida de um ser, como na tua, e por causa dos elos que foram forjados entre nós há tanto tempo, então isso é uma grande ajuda para mim, porque eu explicaria todas estas coisas pouco a pouco, sempre que vieres; eu venho falar contigo.

Rosie: — Por favor, Frederick, porque eu gostaria mesmo de saber.

Frederick: — Não te preocupes, não importa se vieres todos os dias falar comigo, eu estarei aqui.

Rosie: — Estarás? Oh meu Deus, quem me dera poder vir todos os dias.

Frederick: — Mas eu acho, eu acho que é melhor não falares todos os dias. Não. Caso contrário, ficarás arruinada. Arruinada.

Rosie: — Oh, querido, isto é maravilhoso, Frederick. Isto é apenas... oh, não sei. Não consigo explicar.

Frederick: — Não, há coisas que tens de fazer. Digo-te, uma delas é manter os pés no chão. Mantém as mãos no teclado do piano e a cabeça nas nuvens.

Rosie: — Oh! Muito bem, farei exatamente isso. Digo-te, mas muitas vezes sinto que está certo porque não estou a trabalhar. Não estou a trabalhar.

Frederick: — Frederick, por causa do poder que te rodeia, a tua cabeça melhorou, estás muito mais feliz, estás mais tranquila na tua mente, no teu coração. Sim. Superaste as complicações que te assolavam e, no entanto, ao mesmo tempo, foi necessário para ti, porque vês, antes de poderes por vezes limpar uma sala e torná-la limpa, fresca e agradável, o que tens de fazer? Tens de deitar fora o lixo.

Rosie: — Sim, Frederick. Sim, eu compreendo.

Frederick: — Ah, eu não acho que seja lixo. Não. Pois tudo, acredita em mim, tem sido para o bem. Sim. E não foste dura, mas perdeste e ganhaste em experiência. Sim. E é melhor estares livre. Sim. Oh, sim. É o que mais sinto. Mas não posso falar contigo outra vez quando... na próxima segunda-feira, quinta-feira, não sei; mas sempre que vieres, eu venho falar contigo.

Rosie: — Tudo bem. Oh, há tanto que eu quero.

Frederick: — Eu sei. Mas deves ser paciente.

Rosie: — E vocês são os únicos que me podem dizer.

Frederick: — E quando eu terminar, podes tentar novamente uma fotografia, mas não creio que apareçamos na fotografia hoje. Não. Mas não tens mal nenhum em tentar. Mas, minha cara senhora, acredita em mim, os elos que foram forjados são muito fortes, e aquilo que faremos juntos é muito grande. Muito depende das circunstâncias, e essas circunstâncias foram trazidas de tal forma que não creio que possam deixar de ser bem-sucedidas do ponto de vista de todos. Este ano é o ano mais importante para todos nós. E o outono do ano

ver-te-á num estado mais feliz, até mais do que agora, e muito mais capaz de lidar e de fazer as coisas que esperas fazer.

Rosie: — Oh, sim. Foi isso que nos ensinaram.

Frederick: — Nós sabemos, mas lembra-te de que devemos ser sempre pacientes nisto, pois embora façamos promessas que pretendemos cumprir, as circunstâncias por vezes afetam ambos os lados, sabes. Mas nós sabemos, vamos alcançar muito. Tu sabes isso com certeza, não sabes?

Rosie: — Claro. Oh, isso é importante. De qualquer forma, também tenho medo, porque nunca nada vem num convite que alguém deseje. Vem por si mesmo.

Frederick: — Mas não penses que vamos deixar que algo se atravesse no nosso caminho; estamos convencidos de que este trabalho, que é tão importante, que é muito maior do que tu ou eu, deve seguir em frente, e nada será permitido para o impedir. E verás tudo. O médium ficará perfeitamente bem e feliz, não ficará?

Rosie: — Bem, não vejo por que não. Não sabes por ele se podemos, e tu estás a ajudar-nos a fazê-lo também.

Frederick: — Eu não sei porquê. Tenho as minhas próprias ideias, e tudo ficará bem. Ficaria? Não, porquê? Ele volta de Nova Iorque e sente-se tão leve, como se diz, sente-se como um violino. Sim. E depois dedicamo-nos ao trabalho sério, hein?

Rosie: — Oh, eu sei. Eu trabalho. Eu trabalho.

Frederick: — Eu sei. Mas fá-lo. Fá-lo. Fá-lo. Compreendo. Bem, eu só estou preocupado com a tua cabeça. Sabes. Sei que tens muito que ocupar a mente. Mas, ao mesmo tempo, quero que te lembres de cuidar de ti mesma. Deves ser agradável. Mas tenta ter calma. Às vezes tu... tudo bem. Bem, apenas aceita as coisas conforme vierem, sabes?

Rosie: — Tudo bem. Sinto-me tão cheia. Oh, não sei do quê, sinto que fiquei cheia da vitalidade do Espírito, que não verás durante muitos anos.

Frederick: — Oh, é assim? Não creio que saibas. Não. Mas estás carregada com um poder que é maior do que qualquer energia física. Mas é o poder do Espírito que te sustentará e te apoiará. E que te trará a felicidade pela qual és sempre grata; e verás muito mais nos próximos anos. Exatamente quão maravilhoso suprimento o Espírito te dá. É o teu amor que ajuda a tornar isso possível. E não falharemos, porque é uma coisa demasiado grande para falhar. Mas devo ir. Não te preocupes. Está tudo bem. Tudo bem. Adeus.

Rosie: — Adeus. Agora, senhora, pare de disparar. Estás como és, Rosie. Eu quero ver-te.

Voz: — Tu queres ver-me. Eu não sei. Não sei. É tão maravilhoso ver como eles se movem juntos e mantêm estes amarelos acesos. O que estão a fazer? É maravilhoso. Como é que algo acontece? Não esta tarde, amigo. Oh, não me digas. Só posso passar alguns segundos contigo, mas sinto-me muito impelido a entrar tal como tu.

Rosie: — Oh, Doutor.

Doutor: — Eu sei como te sentes. E posso apreciar-te. Estás emocionada. Mas quero que percebas que não há nada de pouco prático nisto. Poderias até dizer que não há nada de muito maravilhoso nisso, porque afinal de contas, o que é a coisa maior que realmente importa além de todas as coisas? Na vida, quer seja no teu mundo, quer seja neste, é uma coisa, e uma coisa apenas: o amor. E o amor que enviaste para aqueles neste mundo, o amor que sentiste durante tanto tempo por certas pessoas, como o Chopin deste lado, a tua mãe, o teu irmão; tal amor deve certamente encontrar a sua própria recompensa. E se a tua recompensa parece estar atrasada, não deixes que isso te preocupe.

Mas não, o esforço ganhou tudo o que vem a ti. Não é algo que aconteceu num sentido milagroso. É uma recompensa que justificaste pelos teus pensamentos, pelo teu amor e pelas tuas ações. Todos temos fé, minha criança. Tudo virá, como dizem, a seu tempo. Sê paciente. Trata isto não apenas como uma ciência, mas geralmente contigo; se te lembrares, é também um sentido de religião, mas não o tipo de religião que todos os discursos entenderiam ou aceitariam, mas a religião natural, é uma religião de amor. É o amor que nos une. É o amor que torna possíveis todas as coisas, e o amor certamente torna-se amor. E é isso que tens agora. E eu sei, e tenho a certeza, que tu tornaste isso possível. E não te preocupes. Acredita, está tudo nas nossas mãos. A tua fé tornou isso possível. Devo ir. Adeus.

Rosie: — Oh, obrigada, Dr. Dan. Adeus, Tia. Eu sei. De nada. Tens cuidado?

Voz: — Sim. Oh, estou bastante feliz. Eu sei que estás. Mas tenho de sorrir para ti. Abençoados sejam todos. Adeus. Adeus.

Rosie: — Não vou pôr isto na minha vida. Estou apenas a sentir pela fotografia, para ti. Estás a ficar num estado tal com isto. De qualquer modo, foi realmente interessante esta tarde. Entre ti e a tua mãe, entre ti e o teu pai. No próximo ano, sim. Foi bom falar convosco, gente querida, estou ansiosa por isso. Parece um imbróglio quando venho. Nunca consigo pensar em coisas para dizer. É tudo sobre a cobertura. Estou ansiosa por isso. Espero que tenhas tido um feliz

aniversário, Sr. Rome. Compreendo que vais ter um jantarzinho logo à noite. Sim, podes. Então gostaria de vir um minuto. Podes. Há algo na janela. Estávamos a falar no chão. Sim, vou tentar fazer. Acho melhor olhares para isso. Tenho de dizer que vais para a caixa. Espero que não caias dela.

Sessão de 12 de Novembro de 1953

Rosie: — Desculpem, vejam lá isso por favor. Que entusiasmo! Stephanie Helleck, como de costume!

Voz: — Espera, porquê? Achei que fosses tu. Porque é que me preocupo contigo, Rosie?

Rosie: — Eu sei. Oh, não sei, querido. Não faço ideia. Não, não faço. Ela achou que a terias levado de férias? Não te portaste bem? Mudaste? Estou bastante feliz com ela.

Voz: — Estás? Sabes, metade das coisas são iguais. Onde é que eu construí o carro da minha irmã? Vocês nunca saem para a beira-mar, pois não?

Rosie: — Eu saio. Esse é o problema. Ficar por Brighton e por aí, sim?

Dr. Barnett: — Oh, olá, doutor. Boa noite, minha querida. Boa noite. Boa noite a todos vós. Bem, estou muito satisfeito por vê-lo de volta, meu amigo. Espero que consigamos continuar as sessões sem mais interrupções. Embora, claro, se você se for embora, minha querida, depois de umas férias, e talvez você também, senhor, isso signifique que tenhamos de fazer outra pausa. Mas esperamos certamente que eles não ganhem a corrida. Queremos passar aos negócios. Vejo que têm aqui este aparelho de gravação. Muito interessante.

Rosie: — Vai ser a primeira vez que gravo, sabe? Estamos a tentar ver como se faz.

Dr. Barnett: — Bem, espero que seja um sucesso. Eu já tentei isto antes noutras ocasiões, sabe? Não aqui. Não me refiro às vossas quintas-feiras à noite, mas noutras ocasiões em Hinden. Bem, temos de manter a conversa; se não o fizermos, desperdiçamos a fita, e creio que é cara. Faço disto apenas uma experiência esta noite. Por isso, queremos ver se conseguimos passar o máximo possível; há aqui um bom número de amigos que querem falar. Portanto, acho que esta noite vamos apenas experimentar tentar passar o máximo de pessoas possível, para que possam ter o máximo de vozes diferentes. Assim, podem testar o microfone e a máquina, ver como grava. Realmente achamos que é o melhor ponto para esta noite. Vamos apenas tentar que vários amigos gravem, para que vejam a diferença nas vozes e na qualidade. Assim, dar-vos-ei uma ideia do que

esperar no futuro. E talvez, se precisarem de ajustar a vossa máquina no futuro, possam fazê-lo a partir desta gravação específica. Não ficarei aqui se vier mais alguém; se eu não voltar, boa noite e que Deus vos abençoe.

Rosie: — Boa noite. Foi claro, não foi? Sim.

Voz Feminina: — Olá, querida. Oh, como estás? Boa noite a todos. Oh, estão de volta. Como vão? Como estão? Divertiram-se?

Rosie: — Sim, obrigada.

Voz Feminina: — Pois. Não suponho que tenhas trazido muito contigo, pois não?

Rosie: — Trouxe imenso.

Voz Feminina: — Espero que gastes a tua sorte toda com isso agora. O quê, com dois filhos e uma mulher também? Já deste cabo dos teus trocos todos? Exatamente. E ela esteve em algum lado, querida, não esteve? Se formos por aí, podias ter ficado em Brighton no teu próprio mundo. Eles olham para ti à direita e à esquerda. Oh, aí vêm vocês. Não se consegue perceber quase nada. Acho que é difícil. É esperto. Eu cá pensava que ias para um sítio onde eles nem se incomodavam a vestir nada. Foi o que sempre entendi de França. Bem, eles são um bocado assim. Tendem a ser. Oh, bem. E eu diverti-me. É espantoso. Como estás, Willis?

Willis: — Estou muito bem, obrigado.

Voz Feminina: — Estás a dirigir o negócio da máquina, não estás?

Willis: — Sim, bem, estou apenas interessado em ti. E, na verdade, ela está a dirigir-se a si própria agora.

Voz Feminina: — Está o quê?

Willis: — A dirigir-se a si própria.

Voz Feminina: — Oh, bem, tu é que o disseste. E depois continua sozinha.

Willis: — Sim, está apenas a avançar. É um trabalho muito mais fácil do que o que eu fazia.

Voz Feminina: — Sim. Bem, minha querida, como estás?

Rosie: — Estou muito bem, obrigada.

Voz Feminina: — Estás com um aspeto impecável, não estás? E uma coisa: vais comprar para uns meses já? Acho que não. Acho que aguentas mais 20 anos. Isso fica-te bem. Eu sei, porque se te víssemos por aqui, terias um tempo de qualquer maneira. Bem, bem, não gostas de mim? Isso é dos anos 90. Oh, sim, é espantoso. Espero que subas ao teu quarto, sabes, e oiças a tua peça no teu piano. Ouves? Não, estive lá em cima na outra noite.

Rosie: — Oh. Teremos de tocar piano. Sabes, não tenho talento nenhum.

Voz Feminina: — O que é que fazes?

Rosie: — Eu? Sou tão realista comigo mesma.

Voz Feminina: — Sim, eu sei. Mas quero dizer, não tens nenhum passatempo, pois não?

Rosie: — Muitas vezes, o meu trabalho não é o meu passatempo. É tempo de vender as minhas flores, o tempo em que vendi tudo. Bem, é hora de ir para a cama. Pode ser que beba uma cerveja a caminho de casa, era isso. Bem, ela não saberia o que é isso. O que fazes aqui? Tudo bem. Bem, quero dizer, tendo de trabalhar o dia todo. E, sabes, sendo guardada aqui durante o dia, indo para casa para a cama? Oh, bem. Bem, tu não tens nada assim no nosso quarto. Oh, não, eu tenho os meus interesses aqui. Sim, tenho-vos a vós. Conto-vos então. Bem, estou particularmente interessada nos animais. Tenho passado muito tempo com eles. E, claro, acho que isso vos soa um pouco estranho. Mas, sabem, temos todo o tipo de animais de estimação por aqui. E eu sempre gostei de animais. Lá vamos nós. Há um reino animal especial ali.

Rosie: — Ah, sim.

Voz Feminina: — Mas, sabes, os animais de que se fez muita troça, aqueles a que chamam animais de estimação... sabes, tu cuidaste e compraste muitos deles. Eles tornam-se muito perspicazes. Provavelmente conhecem-te bem. Sim. E, aqui, eles têm muito mais inteligência do que na Terra. E, claro, conseguem explicar-se melhor. Não que consigam falar. Mas, aqui, vês, podemos comunicar inteiramente pelo pensamento. Não temos de falar da forma normal. Podemos ser tão egoístas quanto um pensamento. Com o tempo, habituamo-nos. E, claro, consegues captar os pensamentos dos animais. Claro que eles pensam, sabes, são muito sabidos. Oh, eu gosto muito dos animais. E tenho um bom número de gatos, sabes. Claro que esse não é o meu trabalho, por assim dizer. Mas... oh, é muito, muito impressionante, não é? É o que eu adoraria fazer quando for para aí.

Rosie: — Eu tenho um belo jardim lá.

Voz Feminina: — Oh, eu tenho um jardim magnífico. Oh, não tenho de as vender agora. Eu apenas as cultivo.

Rosie: — Como é que as cultivas?

Voz Feminina: — Oh, apenas as ponho na terra para ver. Tal como tu fazes. E isso acontece. Agora vais perguntar-me pelas estações. O que estás a pensar, sabes? Bem, nós temos estações. Mas não exatamente como tu entendes. Não temos inverno e verão e primavera e por aí fora. Mas temos uma espécie de mudança na atmosfera. Suponho que seja de uma forma... não sei como explicar. Não temos neve nem granizo. Não temos chuva. Mas, lá está, não é necessário aqui. As flores crescem naturalmente no seu próprio tempo. E flores maravilhosas também. Crescem muito mais alto do que no vosso lado. Tudo parece maior quando começo a pensar nisso, sabes? Por isso, estou livre.

Rosie: — Suponho que as cores sejam magníficas.

Voz Feminina: — Oh, as cores, minha querida. Nem imaginas. As cores aqui, nunca viste nada igual no mundo. Cores maravilhosas que temos. Oh, tens algo para experimentar? O que dizes? Podes dar-me atenção? Acho que mais alguém quer tentar este negócio da máquina. Oh. Eu sei. É melhor eu ir. Mas não posso dar. É apenas uma tentativa, não sei. Sim. Bem, boa noite.

Rosie: — Boa noite.

Mister Madison: — Sim, mas, para o caso de seres tu, não és, querida? Não me conheces. Ela agora é o "caso da olaria". Eu disse-lhe, "saia", deixe-a saber que o tempo dela acabou. Sabes, o "caso da olaria" está aí, não estás, Rosie? Não, as pessoas estão em todo o caminho. Não, é uma experiência fantástica. E, portanto, queremos passar o máximo possível dela. No tempo. Sim, sim. Olá. Conseguem ouvir-nos, por favor?

Rosie: — Sim, por favor.

Madison: — Olá. Conseguem ouvir-nos, por favor?

Rosie: — Sim. Olá.

Madison: — Conseguem ouvir-nos, por favor? Oh, sim. Não. Olá. Como estão esta noite?

Rosie: — Muito bem, obrigada. Quem fala?

Madison: — O meu nome é Madison. Madison. Olá. Não me conhece. Não. É a minha primeira tentativa esta noite; acho que qualquer um queria aparecer hoje, apenas para testar esta coisa. Sabe o quê, um pouco de mim, não, não uma experiência, mas o melhor de tudo seria se eu pudesse ser interessante do seu ponto de vista. O meu nome é Madison.

Rosie: — O senhor é o Madison.

Madison: — Sim. Vim aqui para a outra parte da guerra. Consegue ouvir o que estou a dizer?

Rosie: — Sim, consigo.

Madison: — Aqui está. Não sei o que estou aqui a fazer, ridículo. Mas não importa. Pode ser muito confuso para si, Madison. Bem, de certa forma, é confuso. Sim. Não sei bem como explicar. Mas está a tentar manifestar-se ou a tentar falar numa condição estranha. É desconcertante. Não se consegue pensar direito. Não se consegue pensar com clareza, sabe. Essa é a razão principal. É ridículo. Não conte comigo para dizer grande coisa. Não importa. Digamos qualquer coisa às vezes. Há uma vaca aqui. Gostaria que pudesse dizer algo mais padrão. E aqui, não há apenas duas ou três, mas dezenas e dezenas de pessoas. Eu diria pelo menos cerca de cento e meia. Acho que alguns deles obviamente são pessoas que têm vindo aqui regularmente. É imenso. Sabe, apenas a curiosidade, suponho. Não faz ideia do número de pessoas que vêm para perto da Terra, apenas na esperança de entrar em contacto, sabe, especialmente em contacto com a sua própria gente.

Rosie: — Sim. Oh, sim, o senhor é canadiano, não é?

Madison: — Bem, eu sou canadiano. Sim, sim. A minha gente, a minha gente é da Escócia. Sim. Mas eu fui para o Canadá. Oh, sim. Consegue ouvir? Sim, tenho ouvido um pouco sobre isso. Sim. Se não vai ouvir como mostrar, mas eles dizem que não se deve mostrar. Se o fizer, se o fizer, gasta-se demasiado tempo e demasiado poder. É melhor fixar o tempo. Quero dizer, não sei bem. Sim. De qualquer modo, está a falar muito claramente e nada alto. Tudo bem. Bem, espero que esteja tudo bem para a vossa máquina. É tudo o que eles querem. É apenas uma máquina, um pouco... sabe, diferentes amigos aqui. É apenas, pelo que entendi, algum tipo de experiência que se testou. Mas, de qualquer forma, acho que é melhor ir, caso contrário, terei problemas por tirar tempo à minha dieta. Bem, pode voltar e dizer-me o que tem. Como vai? Como vai? Convidá-la-ia a vir falar consigo. Como encantaria a Sra. Keith?

Sra. Keith: — Estou muito bem, obrigada. Os seus amigos também. Espero que estejam a viver bem. Oh, sim. Bem, esta é a experiência mais interessante. E acho que o seu marido a consideraria muito interessante.

Rosie: — Sim, acho que sim. Não tenho dúvidas.

Sra. Keith: — É pena que ele não possa vir juntar-se a si. Seria interessante e útil para ele. Mas agora, claro, tem esta máquina. Seria uma vantagem. Sabe,

para a ouvir, se quiser. Sim. E tenho de ser capaz de trazer algumas das pessoas dele de tempos a tempos para lhe dar uma pequena mensagem.

Rosie: — Oh, sim. Isso seria adorável. Tenho a certeza de que ele gostaria. Sra. Keith?

Sra. Keith: — Sim. Não, não sei quem é. Conheço muito bem o seu marido. Já falei muitas vezes consigo antes?

Rosie: — Sim. É a Ruth Keith?

Sra. Keith: — Sim. Não sei. Consegue ouvir-me? Claro, possivelmente, sabe, por vezes as vozes podem mudar de acordo com as condições. Somos muito afetados pelas condições. Sabe?

Rosie: — Sim, eu sei. De qualquer modo. O que está a dizer, minha querida?

Sra. Keith: — Não sei. Apenas um fardo. Apenas um fardo. Tome nota disso.

Rosie: — O quê? O que disse, Jingyang? Pediu por alguma razão? Eu não... o quê? O que disse, Jingyang?

George: — Boa noite. Boa noite. Boa noite.

Rosie: — É o pequeno George, não é?

George: — Como é que soube? Eu sei, certo? Eu não lhe disse. Mas parece que adivinhou; suponho que seja porque a minha voz passa assim. Como, sabe, geralmente holandês, vês.

Rosie: — Sim, passa. Muito, muito clara.

George: — Vamos mais depressa? Nem sempre conseguimos dizer como soa. E suponho que se habituem a um certo tipo de voz e digam: "oh, isso é tão triste". Bem, na verdade, eles trabalham para usar o mesmo mecanismo; e é um bocado espantoso, de certa forma, conseguirmos qualquer variação na voz quando se consideram as complicações e tudo o que é preciso para as comunicar de qualquer maneira. Consegue ouvir-me, certo?

Rosie: — Sim, está correto.

George: — Bem, ainda estamos bastante... alguma vez nos conheceu a todos hoje?

Rosie: — Não, não.

George: — Isso é bom. Bem, isso é simpático.

Voz: — Toda a gente devia ter coisas de áudio e afins. É bom ter uma mudança, não é? Eu tenho de ter. Já tens o teu dia feito no início ou no fim? É feito com uma mudança, não é? Sim, é verdade. Alguém percebe as palavras que sentes ali? Bem, se tens duas palavras, duas palavras muito distantes, isso faz com que fiques inquieto quando voltas. O segredo é não deixar passar muito tempo, creio eu. Tenho uns dias e voltas a sentir que fizeste um pouco de bem a ti própria, e depois tens mais uns dias mais tarde. Claro, é apenas a minha ideia. Afastas-te três ou quatro semanas, voltas e sentes-te perdido.

Rosie: — Sim, é bem verdade. Senti-me bastante perdida durante grande parte da semana.

Voz: — Sim, completamente. Não, não, não, não. Não estou a conseguir, não estou a conseguir. Estás na parte do teu pequeno discurso, o teu discurso interessante, algo com que possamos aprender.

Rosie: — Oh, sim. Receio que não tenhas muito em mim. Não sou um desses tipos altamente educados e evoluídos, sabes.

Voz: — Bem, isso não importa. Diz apenas o que pensas.

Rosie: — Bem, o que devemos fazer em relação a isso?

Voz: — Tudo o que quiseres.

Rosie: — Bem, sim, eu estava sentada nisto à tua espera.

Voz: — Oh, não, estás aí, eu consigo ver-te. Não, estou apenas, estou apenas a falar para ali. Acho que precisas de muito apoio, não precisas?

Rosie: — Bem, é útil. Não sei o que estou a dizer. Não importa o suficiente, estou apenas a dizer algo. Se não fores nada menos, os teus olhos vão repetir. Isso não deve ser difícil. Não magoaria alguém que tem de voltar à infância, pois não? Para quê? Tu foste? Não, eu não vim para aqui. Oh. Espera. Espera. O que aconteceu ao George, eu? Olá. Olá. Quem fala? Sou eu, eu, eu. Eu, eu.

Chopin (Frederick): — Extraordinário. Não o conseguimos ouvir, mas tu dizes as coisas em voz alta. Tentarei falar da melhor forma, dentro da minha capacidade, mas continuo a achar isto muito complicado. Não sei se sou claro, se me ouvem ou não.

Rosie: — Sim, conseguimos ouvir-te agora, levanta-te. Bem, monsieur, o que pensa do retrato?

Chopin: — Ah, não tenho a certeza sobre ele. Achei que estava muito bom. Sei que foste lá vê-lo e acho que tu... porque estava bastante bom.

Rosie: — Sim, estamos a considerar a partir do que ele começou, o que ele copiou. Achei que estava muito bom. Tu não gostaste da metade inferior.

Chopin: — Não, achei que não estava totalmente terminado. Não, é verdade. Eu, antes, percebo pelos teus pensamentos que achas que o rosto, o rosto está bom. O corte não é satisfatório, mas a camisa e a rugosidade... Sim, sim. Pode ser mau. Está inacabado. Inacabado. Creio que o entreguei assim para chamar a atenção para o rosto.

Rosie: — Sim, eu também achei isso. Aceitei-o como ele é, sabes. Não está mau, sabes. Não é diferente do original, embora a coloração seja um pouco diferente. Mas, no geral, está bastante bom. Qual era a sua coloração, Monsieur? Olá. Olá. E os seus olhos eram cor de avelã, não eram? Castanho-claro.

Chopin: — É ao que chamas avelã, não sei. Sim. E o meu cabelo também era outonal. Não ruivo, ou não. Não. Era o que se diz castanho-claro. Sim. Castanho-claro. E como estou muito, muito feliz com isso. Não, acho que é uma imagem muito boa. Acho que o homem deve ser cumprimentado.

Rosie: — Sim. Eu disse-lhe que ele está muito satisfeito por você apreciar isto. E vou emoldurá-lo, e não sei o que me aconselharia a fazer.

Chopin: — Acho que o plano da moldura seria melhor. Sim. Não sei. Deixo isso para ti. Tudo bem. Mas estou muito interessado no que vais fazer com o quadro. Mas tu pões-no lá.

Rosie: — Sim. Bem, vou pô-lo em cima do meu piano, sabes? Sim. No fundo. De lado. Sabes onde está a minha lente? Não sei se consegues ver isso.

Chopin: — Eu sei. Eu estive lá. Eu sei. Para que os teus olhos possam estar em mim, Marshall? Sabes, tu... Sim. Estou muito contente por ser um espírito. Caso contrário, ficaria extremamente embaraçado por... Sim. Não sei. Claro que por aqui as coisas são diferentes. Sabes, deixa-se para trás, quando se parte, há tantas coisas que outrora foram vitais e importantes. Por aqui, trata-se de um desenvolvimento da mente e da alma, do espírito. Na Terra, muitas das coisas que são importantes deixam de o ser por aqui. É por isso que, quando viemos e olhamos para trás para o jogo da Terra, e vemos as pessoas a lutar, e ficamos perto de quem...

Eles lutam por isto e por aquilo, mas raramente lutam pelas coisas que realmente importam. O desenvolvimento da mente, a cultura, o desenvolvimento do espírito e o progresso; todas as coisas que são vitais e importantes para a raça humana, eles ignoram-nas. É uma pena. É sempre uma questão de coisas materiais, posição material, uma posição, tudo o que é insubstancial, sabes, tudo o que é da terra e que deve ser deixado para trás eventualmente; sempre esta luta por essas coisas. Se ao menos lutassem pelo futuro da vida. As coisas que são vitais e importantes, as coisas que estiveram nos seus pés, as coisas que são sempre importantes, sempre tão vitais na vida. A maioria das pessoas não se preocupa com elas.

Desejaria que o mundo estivesse cheio de artistas. Seria um lugar tão belo. Não haveria ódio, nem malícia, nem intolerância. As pessoas aprenderiam a amar e a expressar-se em todas as formas que são belas, sabes, na cor, na riqueza, na música, na arte, em tudo, sabes. E por aqui é tão diferente. Se pudesses ver os nossos planos, tão diferentes, tão belos, sabes. E quando vens para aqui e vens para esta esfera de música, és como uma criança, Lúcifer. Sabes?

Sabes que tens estado aqui. Tens estado aqui. Tens estado aqui desde o princípio. Às vezes vens aqui, tu, o teu irmão Hibriño (?) — foi o teu irmão quem te apresentou a mim porque ele sabia que tinhas uma afeição tão vasta pelo meu trabalho. E foi ele quem te apresentou a mim. E desde então tens vindo muitas vezes e vais a vários concertos e ouves e ficas como que transfigurada, sabes, o teu rosto. Não sabes como é belo por aqui. É muito belo do teu lado, apesar de todas as complicações do teu trabalho. Mas aqui é totalmente diferente. Não sabes o que isso te faz.

Rosie: — Oh, quem me dera poder lembrar-me quando acordar outra vez. Gosto de te ouvir tocar piano.

Chopin: — Às vezes fico um pouco irritado contigo. E penso: oh, gostava de fazer algo. O que posso fazer com aquilo? E sabes, às vezes tocas, ah, como se diz, depressa demais. Sim. Às vezes apressas-te, sabes, e empurras as notas uma para dentro da outra, em vez de as separares e as fazeres soar... Oh, tu dizes, tens toda a razão. Gostaria que levasses mais tempo, que não estivesses tão ansiosa por te apressares. Preferia que tocasses devagar, muito mais devagar, sabes, do que depressa demais.

Mas a tua amiga, sabes, ela não toca bem Chopin, mas não digas isto assim. Tu tocas cada vez melhor, mas o meu trabalho sabe. Ela é muito, como se diz, sente as coisas melhor para mim, mas ela é... não sei, não é o meu temperamento. Tu tens mais o meu sentimento, o meu temperamento. Tocas melhor a minha música. Se apenas praticasses, poderias ser muito boa. E eu poderia ajudar-te. Como sabes, tu não praticas, sabes. Passas muito, demasiado tempo longe da sala de música.

Rosie: — Sim, eu acho que não.

Chopin: — Devias praticar todos os dias durante estas três horas.

Rosie: — Eu tento.

Chopin: — Isola-te. Tranca as portas, se necessário. E então eu posso inspirar-te e impressionar-te. Mas quando te levas para casa, pensas: "tenho de fazer isto, tenho de fazer aquilo". O telefone toca. E tu atendes e dizes: "sim, sim, não". E corres de volta para o piano. Como podes esperar ter esta vitalidade? Como podes entrar no estado de espírito se estiveres sempre a ser distraída?

Rosie: — Eu sei, é isso mesmo. Estou ansiosa por quando o inverno chegar e te trancares com o piano e comigo. Sabes o que vou fazer contigo? Apenas com a luz da lareira. Apenas o fogo. E vou apenas estabelecer o meu poder e improvisar.

Chopin: — Tu improvisas? O meu trabalho não é suficientemente bom para ti? Tens de improvisar?

Rosie: — Não, quero dizer... não, não, o teu trabalho é maravilhoso, mas apenas por improvisação.

Chopin: — Eu sei. Passo o dia divertido contigo. Porque sais-te com cada uma. Eu diria apenas: sim, sim, sim. Dizes que admiras o meu trabalho, achas que é a coisa mais maravilhosa do mundo, e depois dizes-me, calmamente: "eu improviso. Sento-me e improviso". Porquê?

Rosie: — Eu digo-lhe porquê, Monsieur: porque acho o seu trabalho muito, muito difícil. Eu amo a mente.

Chopin: — Por que não praticas? Dizes que o achas difícil. Bem, claro que o achas difícil se não trabalhares nele. És irremediável. Às vezes penso para comigo: "bem, ela está a ficar um pouco melhor". E depois penso: "oh não, aquilo foi pavoroso". Não sei. Mas ajudo-te muito, ajudo mesmo.

Rosie: — Tu ajudas-me com os meus pensamentos, espera, diz-me lá, então eu farei.

Chopin: — Acho que começas com exercícios durante seis anos.

Rosie: — Bem verdade. Oh, acho que vais adorar. É uma gravação muito boa. Consegui.

Chopin: — Bem, devo ir. Outras pessoas querem falar, mas espero voltar em breve. E espero fazer muitas gravações, como dizes. Oh, sim. E quem sabe?

Talvez um dia seja suposto ele tocar piano e ficar gravado. Oh, sim. Todo o tipo de coisas que temos em mente para ti. Oh, nada. Tenho de ir. Tenho de ir. Adeus.

Rosie: — Oh, a noite está boa. Amor, eu digo amor. Oh, a noite está boa. Amor, eu chamo. Oh, o sol está prestes a dizer agora. Achas que algo da Rosie pode entrar na tua própria máquina? Eu acho. Oh, sim. Quanto tempo durou esse dia, Bill? Bem, há um ano, claro, uma hora, achas? Quanto tempo fizemos agora, Ba'aba?

Ba'aba: — Não, mais do que isso. 340, creio eu, 11?

Rosie: — Oh, tudo bem. Mais alguém vem contigo? Oh, sim, eu sei. Estou a perguntar-me quanto tempo isto vai gravar. Outro possível. O que é que importa? Estás sozinha. Esta não sou eu. Quero dizer, estás sozinha, sozinha. Obrigada. Sabes, eu sabia que era, mas ninguém te causou isso. Não. Eu mostrei-te à minha família. Era sobre sozinha, sozinha. Na verdade, a tensão deve ficar péssima, não fiques. Que Deus abençoe cada um de vós aqui.

Voz: — Por que é que nós...? Oh, por que é que tu...? Não costumo ter o hábito de vir falar convosco, mas não é porque não tenha uma grande afeição e consideração por vós. Tenho, como sabeis. Mas não venho sempre que se sentam para falar, porque sei que há outros que têm um trabalho específico a fazer, eventualmente, aqui. Além disso, a minha tarefa é trabalhar mais nos bastidores e construir um mundo de proteção para que nenhum indivíduo venha que não esteja em condições de ser recebido por vós. Temos de construir este mundo de proteção para que aqueles que são, eu saberei quem, possam ser mantidos fora. Pois, como sabeis, há muitos tipos de indivíduos aqui. Aqueles que fizeram pouco progresso, fisicamente; outros, claro, progrediram consideravelmente. Mas aqueles que estão muito próximos da terra em alguns casos, que estão muito presos à terra, muito presos às mentes como estavam em relação às coisas materiais... Nós, pelo menos durante algum tempo, mantemo-los afastados de vós. Pois não seria bom para eles aproveitarem-se deste tipo de células.

Voz (Frederick): — Quero que saibam que temos grandes planos, mas sabemos que isso exigirá tempo e paciência da vossa parte, bem como da nossa. Não quero que fiquem desanimados. Quero que percebam que pode haver estas ocasiões em que parecerá que estamos a fazer pouco, mas muito estará a acontecer nos bastidores. Estou muito satisfeito por terem a máquina. Estou muito satisfeito, Monsieur, por terem a máquina, porque ela tornará o que dizem bom, pois seremos capazes de vos dar muito que valerá a pena guardar e que talvez um dia considerem uma grande ajuda para muitas almas, se for publicado. Sabem, tenho grande esperança de que, eventualmente, sejamos capazes de vos dar muito valor real para publicação em forma de livro.

Rosie: — Sim, isso é muito interessante para todos nós.

Frederick: — Sabem, por aqui há tanto que não conseguimos encontrar palavras para expressar, mas faremos o nosso melhor. Sei que há várias pessoas aqui que têm muito para vos dar à sua maneira, mas levará muito tempo para que todos venham e treinem para o encontro, e não enviem apenas mensagens para vós; mas descobrirão que todos terão algo de valor a dizer. Apenas tenham paciência com eles e, sabem, estes itens que queremos que percebam, o círculo... mas dir-vos-emos mais tarde quem escolher.

Rosie: — Sim.

Frederick: — Creio que tenho de ir, mas deixo a cada um de vós a minha bênção. Que a paz esteja convosco. Posso colocar a mão direita por vós?

Rosie: — Por que ainda estás num bando? Não, estou tão feliz, é por isso.

Frederick: — Começas apenas quando estás feliz?

Rosie: — Sim, eu sou uma professora muito complicada.

Frederick: — E quando estás delirantemente feliz, choras copiosamente?

Rosie: — Sim, querido, tu és mesmo assim. Eu choro copiosamente.

Frederick: — É copiosamente? O que é copiosamente?

Rosie: — Muito.

Frederick: — Está bem, obrigado. Sou um rapaz sortudo, querida. A emergência não diz nada em troca. Agora está na nossa cidade. Não preciso de dizer isto a todos vós. Não sei. Não sei. Aprendeste a arte, certo? Estás tão perdida. Monsieur Flint? Chamo-te Monsieur Encaracolado.

Rosie: — Por que estou tão nervosa? Talvez seja porque estou tão nervosa.

Frederick: — Não, não. Suponho que seja porque sou um Monsieur. Posso ser diferente do que me chamas. Sou um Monsieur. Sou um Monsieur. Ver-vos-ei a todos. Que ideia, querida? Não, eu percebi a ideia. Oh, eu tenho... Agora estou... Agora vou ver alguém ao meu redor. Bem, sim, isso não é guia, pois não? Mais alguém me está a chamar?

Voz: — Olá, querida. Venho apenas por alguns minutos. Sim, sim. Sabes que estou aqui, mas estou aqui. Sim. Sim, muito simpático. E não pares, querida. Fala.

Rosie: — Estou sem palavras.

Voz: — Tu apenas continua. Eu anseio sempre muito por vir a Tottenham, sabes. Mas acho que não consigo dizer muitas coisas secundárias. Mas eu só quero chatear um bocadinho com a múmia, sabes, e tentar pôr só mais um bocadinho na máquina de mão, sabes. Joey, conta à múmia sobre a máquina. Ela sabe sobre isso. Sabes, esperamos conseguir passar muita coisa eventualmente nela. Acho que é como te conheço para conseguires isso, é um bocado. Leslie, eu costumava fazê-lo. Oh, homem, depende de ti. Obrigada, querido. Oh, homem, depende de ti. E a múmia. Claro. Boa noite.

Rosie: — Boa noite.

Frederick: — Agora, meus amigos, damos as boas noites e deixamo-vos de facto com todas as nossas bênçãos. E aguardamos com antecipação e grande alegria os meses futuros, mas tenho a certeza de que seremos capazes de ajudar consideravelmente. Muitas almas estão reunidas no reduto, guiando-vos e ajudando-vos o melhor que podem. E sei que, com o tempo, cada um virá e dará a sua mensagem de esperança, dará a sua mensagem de alegria, pois aquilo que vos damos dos reinos do espírito transcende qualquer coisa que possais receber no plano terreno. Queremos que compreendam e percebam plenamente quão jubiloso é, de facto, o reino do espírito, quanto temos para vos dar nesta grande e gloriosa verdade. Portanto, meus amigos, sede pacientes, depositai todos os nossos agradecimentos nisto, na vossa mente e no vosso espírito. Pois quanto mais derdes em amor, mais vos poderemos dar em troca. Assim vos dizemos, até à próxima vez que nos encontremos na paz do Pai. Esteja convosco agora e sempre. Até lá. Boa noite.

Rosie: — Boa noite. Vemo-nos na próxima semana.

Narração: Este som foi gravado quase a 24 de [mês omitido], 1955. Sessão com Rosie Crete, Reservaringson, um médium diferente. Comunicadores: Dr. Marshall e Frederick Chopin.

Dr. Marshall: — Olá, olá, olá. Boa noite, meus amigos. Boa noite. Mais uma vez, temos outra oportunidade, após um intervalo bastante longo, de nos reunirmos novamente. E penso que todos nos podemos sentir muito gratificados com os resultados que já foram alcançados durante este período de descanso. Embora possa assegurar-vos de que houve bastante atividade da nossa parte, como penso que as fotografias mostram; infelizmente, algumas das nossas melhores experiências não resultaram.

Mas isso não altera o facto de termos alcançado algo. E penso que, considerando tudo de forma geral, saímo-nos realmente muito bem; teríamos naturalmente gostado de ter alcançado algo ainda mais definitivo. Mas penso que têm algumas fotografias bastante notáveis mostrando a formação de plasma, e as possibilidades que residem nessa direção são extremamente boas. E quero que, como já vos foi dito anteriormente, perseverem com essas experiências

fotograficamente, aqui no sentido onde as condições, claro, podem bem esperar ser ideais.

Fizemos uma coisa extraordinária, que penso que o Frederick vos mencionou. Foi feita como uma experiência interessante do nosso ponto de vista, para tentar provar que o tempo e o espaço, e até a própria câmara, pouco ou nada tinham a ver com o assunto. Por outras palavras, não estamos limitados pela distância, pelo tempo, nem mesmo pelo uso da câmara. É a placa sensível que é importante no que diz respeito ao aspeto fotográfico. A placa fotográfica é tão sensibilizada, muito mais do que o olho humano, e pode captar, sob condições ideais, muito mais do que o olho normal consegue ver, ou até talvez do que a pessoa comum consegue sentir. E vocês têm uma impressão fotográfica notável, suponho, desta sala, tirada a cerca de mil milhas de distância, o que em si é interessante. Infelizmente, a figuração na sala, ou seja, a pessoa, a entidade que estava tão ansiosa por ser fotografada depois de um amigo, Frederick, não apareceu. Mas isso é uma desilusão, contudo seremos bem capazes de alcançar algo mais definitivo; na forma de estarmos na placa ou filme, deveremos ser capazes de trazer imagens bastante diferentes.

Mas o que é extraordinário, do ponto de vista real, é que alcançámos duas coisas muito importantes. Na célula vêm, não totalmente formada, mas o astral do piano e a figuração astral de Chopin quando ele lá esteve durante um período; e devem lembrar-se de que foi nos meses de inverno que ele lá esteve, e o sol declinava muito mais cedo ao fim da tarde, e para obter mais luz no crepúsculo antes de o sol se ter ido totalmente, o piano foi colocado perto da janela, para que a maior quantidade de luz possível pudesse ser aproveitada. E ali veem o piano astral e a figuração da formação do próprio mestre, que é revigorada na atmosfera de Valldemossa, que em certas alturas, como creio que já vos foi dito, é muito marcante, muito forte; mas infelizmente, houve tanta perturbação na atmosfera e na condição que o sucesso que esperávamos não foi totalmente alcançado, mas considerando tudo, os resultados são bastante notáveis.

São coisas muito notáveis. Como disse no início, nesta sala, podemos alcançar resultados em todas as direções, seja do ponto de vista fotográfico, seja do ponto de vista da voz direta, seja do ponto de vista da materialização e noutros aspetos que esperamos alcançar. Este vai ser um período notável, sinto-o, e maravilhoso, este próximo inverno, quando verão e ouvirão e pressentirão e sentirão e saberão e terão provas de tantas formas diferentes, incluindo as fotografias que, bem, ficarão mais do que satisfeitos e mais do que felizes, porque será algo único.

Sempre quisemos usar o instrumento da forma que estamos agora a começar a usá-lo e desenvolver as suas outras faculdades. Durante anos, contentámo-nos em usá-lo da forma a que se habituaram, a voz como lhe chamam, mas isso é apenas um aspeto. As fotografias provaram-nos que é factual, o dom reside na liderança fotográfica, mas há outros dons que estamos a

tentar trazer à tona. Este vai ser um período muito interessante, este próximo inverno, e apenas quero que sejam pacientes, porque sei que serão, e quero que sejam cooperantes, como sei que serão, e verão por vós mesmos o resultado de tudo o que se tenta fazer. Mas as fotografias, considerando tudo, foram muito bem-sucedidas; e há ainda um facto infeliz: têm uma que ainda não mandaram imprimir, que pode revelar-se ainda mais bem-sucedida do que qualquer uma das outras.

Rosie: — Qual delas é melhor?

Dr. Marshall: — Infelizmente, entendo que ainda não mandaram revelar o filme real. Oh, sem dúvida que o farão. Isso está na outra câmara de voz, suponho. Sabes que eu poderia dizer-te tantas coisas.

Rosie: — Sim, por favor.

Dr. Marshall: — Sim, eu sei. Mas, por cima, um jovem tem um psiquismo extremamente fino e trouxemo-lo aqui por várias razões. Mas o elemento psíquico é muito importante; vocês verão. Descobrirão que ele tem um poder psíquico extremo, do qual penso que encontrarão na placa fotográfica alguma indicação. Mas, de momento, não queremos que ele se junte a esta sessão. Mas mais tarde, quando estivermos prontos, e quando sentirmos que ele está pronto — o que é tão importante, se não mais importante — então pediremos que o tragam para o círculo.

Mas, por enquanto, não o queremos aqui como assistente. Mas provavelmente dentro de alguns meses, quando sentirmos que o tempo está maduro, então pediremos que ele entre. Mas, vêm, como já, penso eu, vimos de vários pontos de vista, vários ângulos, como comprometemos tudo junto, como cada pequena parte do puzzle, se quiserem chamar-lhe assim, encaixa. E cada um de vós é importante para este trabalho, como bem sabem. E as pessoas que não estão realmente sentadas neste grupo, se é que se pode chamar a três pessoas um grupo, também são importantes. E quando estivermos prontos, traremos certos indivíduos para este trabalho mais plenamente. Mas temos de ser pacientes. O jovem em questão não está pronto para entrar neste grupo, mas eventualmente entrará.

Rosie: — Quem mais virá, Doutor?

Dr. Marshall: — Oh, por uns tempos, o caminho. Temos de acertar certas coisas. Sim. Bem, Sr. Robinson, como está?

Sr. Robinson: — Ouça, não consigo usá-lo muito bem esta noite, Doutor.

Rosie: — Ele está a perguntar: como está?

Sr. Robinson: — Estou bem, Doutor. É bom ter isso em qualquer lugar. Comece de novo. Estou muito feliz por saber que podemos dedicar-nos ao trabalho sério. Sinto que as férias, embora tenha havido atividade psíquica no que diz respeito ao médium, foram, no entanto, férias, o que tem sido muito central e o que reforçou a sua saúde e melhorou psiquicamente o seu poder. Claro, tentámos estas experiências, mas, no entanto, isso pode prejudicar a sua saúde ou as suas férias. Oh, não. Foi algo que ele quis testar. Não, tudo o que fazemos...

Rosie: — Doutor, sabe o que estou a dizer? O que é que eles dizem? Estou a aprender, pediram-me para fazer algo sobre isso. Numa outra fotografia, onde ao lado parece um pilar, há um rosto jovem, ou de um rapaz ou de uma rapariga. E só reparámos nisso hoje à noite. Estava a pensar se nos poderia dizer o que é que ela está toda encapuzada.

Dr. Marshall: — Bem, tudo o que posso dizer definitivamente são duas imagens. Uma é a que foi tirada na cela de Chopin, na qual verão a formação, o piano e o próprio mestre. Há também, claro, aquela com que experimentámos, tentando transportar... quero dizer, que expressão... este quarto, psiquicamente, de Valldemossa, para que tivessem dois aspetos: o aspeto psíquico deste quarto e o aspeto psíquico da cela de Chopin, ligando o trabalho que estamos a fazer; por outras palavras, tentando apontar e provar-vos que o tempo e o espaço são pouco importantes, que podemos utilizar poderes de tal forma que não vos conseguimos explicar, que podemos dispensar o tempo e o espaço como tais. Podemos fotografar à distância, mesmo pelo mero processo da mente, impressão, por assim dizer, fotograficamente, numa placa sensível. Da mesma forma que podemos imprimir certas coisas num sensível, que é o médium, também o podemos fazer numa placa ou filme sensível. E têm isso com a placa deste quarto tirada em Nova Iorque e também, claro, o piano de Chopin na sua cela. Mas há outras coisas que eu sei, das quais não temos a certeza, mas o próprio Chopin tentou muito fortemente imprimir-se noutra placa tirada no mosteiro, mas não creio que tenha sido bem-sucedido.

Dr. Marshall: — Mas há uma que nos deixa bastante surpreendidos por não ter saído de forma uniforme, e só podemos assumir, pelo facto de ainda não ter sido revelada, que esta outra fotografia deve estar no outro rolo, o que ainda não foi revelado, porque é uma tentativa muito boa e sentimos que deve ter sido uma tentativa bem-sucedida, deve ter resultado; só podem assumir que ainda não está revelada.

Rosie: — Que fotografia é essa?

Dr. Marshall: — Do próprio mestre.

Rosie: — Oh, dele próprio?

Dr. Marshall: — Sim, ele disse que sentia que tinha aparecido numa e provavelmente está na outra. Bem, só posso esperar, e creio que posso, e dizer que é mais do que provável que, no outro rolo de filme, na câmara do outro jovem, esteja esta fotografia. Porque, embora provavelmente não pensem ou não associem este jovem a este trabalho, e não o considerem psíquico de forma alguma — e não têm razão para pensar assim, sabem absolutamente pouco sobre ele —, ele é um psíquico e tem este poder; e nós tentámos usar o seu poder, obviamente, enquanto tínhamos a oportunidade, tal como no médium.

Chopin (Frederick): — Olá. Olá. Boa noite.

Rosie: — Boa noite. Boa noite. Bem-vindo de volta.

Chopin: — Oh, açúcar. Sim, apenas por alguns minutos, sabes, para dizer... bem, gostaste muito das fotografias e, tal como te expliquei, assim foi.

Rosie: — Sim, exatamente.

Chopin: — Mas estou desapontado por não teres a minha fotografia.

Rosie: — Bem, o doutor estava a dizer-nos que talvez esteja na outra câmara que pertence ao outro rapaz.

Chopin: — Sim, não sei, mas deveria estar lá, sabes, porque se te convenceres, eu consegui, sabes, este sucesso; estou convencido de que deve estar lá, sabes. Sim, quando tivermos revelado a infantaria, e vês, acho que os sons de Roma foram realmente maravilhosos. Tu aprecias, eu quero fazer algo, sabes, algo tão diferente, e algo que nos levou... tu riste, não foi? Do homem das notícias.

Rosie: — Ah, sim, rimos.

Chopin: — Eu quero inverter o processo, sabes.

Rosie: — O quê?

Chopin: — Achei que seria um museu, sabes, porque o tempo todo tu pensas: "ah, serão fotografias da cela e por aí fora", vês. Pensei: "ah, se eu te puder dar uma fotografia da cela e assim por diante, em 140 responsabilidades, isso seria notável".

Rosie: — É mesmo a tua cara.

Chopin: — Gosto de inverter as coisas, sabes.

Rosie: — Foi uma boa ideia. Oh, uma ideia adorável. É mesmo a tua cara, Frederick.

Chopin: — Nós. E ficámos tão intrigados com isso, não conseguíamos compreender como é que a cela e tudo o resto podiam possivelmente caber ali.

Frederick: — Bem, sabes, é um pequeno santuário e está sempre nos nossos pensamentos e na nossa mente. E pensei: "ah, acho que apanho a sala, tudo". E aparece, muito bem, o que serve para te mostrar como se pode fotografar o pensamento, vês.

Rosie: — Sim, e tens a porta; a porta nunca está aberta na sala dos sons, mas tu conseguiste lá chegar.

Chopin: — Sim, pensei que seria diferente, para que não confundisses, talvez, com algumas fotografias extra que possas ter tirado há muito tempo, quando a porta estava fechada. Sim. Por isso penso que, se a porta estiver aberta, ah, então eles sabem que não pode ser nada, sabes. Tem de ser diferente. Oh, querido. Por isso tenho de pensar bem, agora o que está do outro lado da porta? Sabes, o piano, ah, isso foi fácil. Depois a janela e tudo o resto. De qualquer modo, tens uma fotografia muito boa.

Rosie: — Sim. Mas a tua cabeça, temos de a ter.

Chopin: — Oh, sim, tenho estado à procura dela. Não sei por que não está lá. Deve estar noutro rolo teu. Sim. O jovem, ele está lá, sensível. Ele tem bons temas. Sim. Mas, devagar, sabes. Não fiques demasiado ansiosa, mas usamos a experiência com ele da mesma forma. Ele vai ser um bom psíquico.

Rosie: — Vai, pois vai? Sim, vai? Estás a ver.

Chopin: — Oh, não, não. Como é que vocês organizaram tudo? Oh, não penses que apenas deixamos acontecer. Trazemos tudo unido, lenta mas gradualmente. Sim. Sabes, não deixamos ninguém entrar num pequeno padrão a menos que seja importante. Posso tentar? Posso tentar? Ah! Doutor. Hum? Diz-lhe algo. Eu sabia que sentia isso.

Narração: Este som foi gravado a 24 de fevereiro de 1956. Equipamento privado para Rosie Crete. Teremos muito que fazer hoje.

Dr. Marshall: — Muito satisfeito por teres vindo hoje por todas as razões e porquê.

Rosie: — Bem, porquê?

Dr. Marshall: — Não fiques alarmada nem preocupada com isso. É apenas que temos estado a refletir e a discutir as coisas. E, bem, não preciso de te dizer que o teu amigo, Frederick, tornou-se um membro muito ativo de um grupo. E ele está tão ansioso como qualquer um de nós por realizar certas experiências. Bem, ontem à noite estiveste neste recital, neste concerto. Eu não pretendo ser músico. Não sou músico, mas interesso-me por música. Sei o que ela significa, especialmente por aqui, com mais certeza do que tu entendes do teu lado. Embora não pretenda ser músico, como tal, aprecio-a. E sei que ontem à noite houve um forte poder vibracional do qual, por exemplo, o público nada soube. E nada disso importou para o pianista. Mas se visses o que estava a acontecer entre o teu camarote e aquele pianista, terias ficado espantada. Vês, é sempre como se, tomemos por exemplo os médiuns, a central elétrica.

Rosie: — Sim.

Dr. Marshall: — E depois toma-te a ti, num sentido, um instrumento, não num sentido físico ou cíclico. Tu foste uma tremenda central de energia para a personalidade, mentalidade e, num sentido, para o Chopin. Não sei se entendes.

Rosie: — Sim, eu entendo.

Dr. Marshall: — Mas foi extraordinário para eu testemunhar. Quero dizer, nem o médium é músico — ele sabe pouco ou nada sobre música e provavelmente não a entende — eu aprecio-a muito. O ponto é que ele pareceu fornecer algo que foi dele para ti e de ti para o pianista. E tu estavas a sentir muito mais, provavelmente, do que o próprio pianista estava a sentir, por estranho que pareça. Tu estavas a dar, através de um amigo, ao pianista, alguma qualidade, algum poder, que o próprio Chopin foi capaz de captar e influenciar e afetar o músico. Atrever-me-ia a dizer, não sabendo nada de música, que aquele pianista, ontem à noite, tocou como nunca tocou na vida e é duvidoso que volte a tocar tão bem. Espero que ele tenha sido influenciado muito fortemente, porque não o tinha ouvido antes numa sala de concertos. Por isso não posso dizer ao certo. Não sei.

É preferível que estivesses no camarote, nalgum sentido, do que estar sentada naquela plataforma ao lado dele. O que teria acontecido? Bem, não posso dizer o que teria acontecido. Mas sei isto: que havia uma força tão tremenda a fluir de vós os dois para aquele pianista, que o Chopin, de uma forma peculiar e estranha que não te consigo explicar exatamente, estava a utilizar. Sabes, no final daquele programa, aquele homem devia persistir. Tenho a certeza.

Agora, quando começámos, ele estava a tocar — imagino pelo que o Chopin me disse — na sua forma normal e natural, bastante bem, de forma brilhante, e tudo o que esperarias que uma pessoa treinada como ele fizesse. Mas ele não estava a tocar excecionalmente bem. Embora estivesse a tocar bem num sentido. Como é que ele estava a ser, por assim dizer, ofuscado ao ponto de estar

a tocar como Chopin teria tocado? Ora, no final daquele programa, era tanto o Chopin a tocar aquele piano quanto o pianista. Tenho a certeza, especialmente os encores; houve um encore especial, uma valsa dele, que estou perfeitamente seguro de que nenhum pianista poderia tocar como ele tocou ontem à noite.

Sabes, é muito difícil para nós realmente pôr em palavras o que queremos transmitir. Porque estamos a lidar com forças, estamos a lidar com poderes além do teu conhecimento. E o que quer que tenhamos de te dizer, temos de tentar fazer-te compreender no sentido material, quando nos referimos apenas a forças espirituais, referimo-nos a poderes que estão além do normal. Mas havia um poder tremendo a fluir através do médium para ti, para o Chopin, para o pianista. Se pudesses ter visto, era como se estivessem todos ligados por uma espécie de raio ou força, que era como uma espécie de eletricidade. Sabes que aquele pianista ficou absolutamente espantado consigo próprio.

Rosie: — O quê?

Dr. Marshall: — Sim. Acho que ele ficou realmente espantado consigo próprio. E se pudesses ter falado com ele depois — o que, claro, não foi possível, e não suponho que ele tivesse sido tão pessoal ou íntimo contigo para to dizer —, mas ele sabia que havia algo diferente na forma como tocou ontem à noite, algo que ele não conseguia explicar. E o médium também sentiu que havia algo ali?

Rosie: — Sim, mas sempre que tens algo dessa natureza... quero dizer, por exemplo, sempre que fores novamente a um concerto desse género, que significa tanto para ti, onde o Chopin está envolvido, aconselhar-te-ia a tentares manter o teu grupo restrito àqueles que compreendem e que são simpáticos a este assunto. Porque, geralmente, se houver ali uma condição que seja contrária, mesmo que não seja, como dizes, um contrário agressivo ou um contrário maldoso, se estiver lá, não ajuda.

Rosie: — Sim, eu percebo isso.

Dr. Marshall: — Não quero que entendas mal. Sobre a pessoa, não há nenhuma pessoa envolvida, de forma alguma. Mas é apenas que, obviamente, se vais realizar uma experiência, se estás interessada num assunto particular, seja ele qual for, não convidas estranhos totais, não esperas que venha muita gente e que não haja nada que estrague tudo e interfira. É como num laboratório: não sonharias convidar um estranho completo e deixá-lo brincar ou interessar-se por algo, não fazer nada e deixar que se transformem noutros.

Rosie: — Sim. Oh, eu achei que sim. Uma boa noite aquelas. Não viste nada. Ouviste algo. Por outras palavras, ouviste, provavelmente, o mais perto que alguma vez chegarás de ouvir o próprio Chopin a tocar.

Rosie: — Sim, ouvi. Ouvi. Não foi o tempo todo.

Dr. Marshall: — Não, não, não. Sobretudo no final do programa.

Rosie: — Sim. Numa composição que ele tocou, era absolutamente Chopin. Absolutamente, eu senti isso.

Chopin (Frederick): — Sabes, estou a falar sobre isso. Estou a falar sobre isso. Estou a falar sobre isso. Não tenho a certeza. Ele tentou explicar um pequeno enredo. Sim, acho que é um dos maus. Bem, é verdade. É verdade. Há tanto tempo que estou interessado em tudo, em ti, em tentar comunicar e em experiências. Sim. Oh, por que é que experimentas aquela noite em que eu estive lá, sabes? Trabalhei muito, mas sabes, foi muito interessante para mim aquele homem; ele era como cera.

Rosie: — Oh, contigo, sim.

Chopin: — Era como se ele fosse cera na minha mão. Sim. Foi espantoso, porque ele é um sujeito muito adequado. A banda está tão contente. E no final da atuação, especialmente, parecia que eu conseguia obter o controlo total, sabes. Sabes, a banda que eu era.

Rosie: — Sim, eras tu.

Chopin: — O quê? Sim, era. E o encore. Portanto, era eu. Sabes, ele estava tão cansado que mal sabia o que estava a fazer. Mas ele estava como um homem em transe.

Rosie: — Não, eu ouvi a coisa toda assim. Oh, tive ideias tão grandes. Foi maravilhoso. Estava tão entusiasmada.

Chopin: — Eu estava contigo. Sei que estavas naquela altura, sabes, o tempo todo. Sim. Com o momento, tenho de pensar, pensar, pensar. Achas que não falamos, mamã? Não sei, falamos? Estamos apenas a dançar. Certo? Estou a ficar tão assustada, mamã.

Rosie: — Sim, é tudo muito emocionante. Sabes, consigo sentir como uma mão, como se estivesse a ir.

Chopin: — Sabes, acho que é isso; sem ele o saber, sabes, ele é o que chamas um homem de cabeça mediúnica. Ele é. Não sei como é que ele tocava anteriormente, mas certamente acho que tocou melhor ontem à noite. Os teus vídeos foram joias absolutas. Ele fê-lo lindamente. A técnica dele é excelente, o que claro foi uma grande ajuda, mas ele sentiu a minha música.

Rosie: — Sim.

Chopin: — Mas estou a fazê-lo sentir um pouco mais. Acho que ele se surpreendeu um pouco a si próprio, sabes. Sabes, eu queria muito ir para trás e não fui. Bem, de qualquer forma, não importa. Foi muito bom no camarote, porque era como uma pequena central elétrica. Sim. Foi pena que os teus fãs não compreendam mais sobre isso.

Rosie: — Sim, bem, da próxima vez que houver um programa do Chopin, vamos apenas nós os três. Vamos? Próximo mês.

Chopin: — Sim. E tu tentas ficar um pouco mais perto. Um pouco mais perto.

Rosie: — Mais perto, sim, tudo bem.

Chopin: — Foi um pouco mais. Sim.

Chopin (Frederick): — Mas não penses que podemos fazê-lo sempre. Sabes, ele por acaso é um sujeito instável. Mas o que me interessa realmente não é tanto o público, mas o privado. Ele, nesta sala. Agora, nesta sala, temos todas as oportunidades para fazer estas coisas. Porque sinto que as condições serão muito melhores se tivermos a minha música. Não quero parecer, como se diz, convencido.

Rosie: — Não, isso não importa.

Chopin: — Estás tão em sintonia comigo e eu contigo. E toda a atmosfera será melhor. Podemos trabalhar mais em harmonia com a vibração e a condição criada pela minha música.

Rosie: — É uma ideia brilhante, Frederick. E paramos com a conversa fiada. Temos um belo recital de uma hora com a minha música.

Chopin: — E enquanto estiveres a ouvir a minha música e a ser transportada, eu trabalharei.

Rosie: — Muito bem.

Chopin: — E veremos então alguns resultados.

Rosie: — Com certeza. Acho isto excelente. Todos gostam da ideia.

Chopin: — Porque, sabes, estou muito em harmonia com as pessoas aqui. Sou como um irmão mais velho, sabes?

Rosie: — Não, eu sei.

Chopin: — Sou mais o chefe. Não. Sou o irmão mais velho. Somos todos amigos. Oh, eu sei que o Marshall te ama e tu amas o Marshall. Ele diz que não percebe muito de música, mas não está a dizer toda a verdade. Ele sabe um pouco sobre isso, mais talvez do que pensa. Oh, porque... sabes, ele é como os meus movimentos, lá vais tu. Ele não percebe nada disso, mas sente-o por dentro. Ele não o compreende totalmente. Por isso, educamos ambos ao mesmo tempo. Oh, ele também está bastante entusiasmado com isto, sabes?

Rosie: — Que bom. Doutor. Estou tão satisfeita. Com este arranjo.

Chopin: — Eu sei. Ele gosta da ideia. Sim. Oh, mas sabes, há tantas pessoas fora. Poderias ver todas as pessoas que aqui vêm, dia após dia.

Rosie: — Sim.

Chopin: — Sabes que eu me interesso. Oh. Tenho muito bons amigos hoje.

Rosie: — Tenho a certeza de que sim.

Chopin: — Oh, todo o tipo de pessoas, sabes? Elas amam a música.

Rosie: — Sim.

Chopin: — E, como te digo, qualquer pessoa que se sintonize com a minha música, sintoniza-se comigo. Sim.

25 de Fevereiro de 1955

Narrador: Esta gravação não é um registo completo da sessão original. Parte da sessão era pessoal para a Sra. Crete e apenas as observações gerais e interessantes de Frederick Chopin foram regravadas para reprodução ao público.

Rosie: — Sim, eu sei. Frederick. Sim, Frederick. Sim, tão feliz por teres vindo ter connosco novamente.

Chopin: — Estava a tentar pensar no que deveria fazer. Não falar de nada mau esta noite, e pensei que devíamos ser apropriados. Estamos a pensar no que é comum aos nossos corações: a música. Sim, por favor. Tentei muito encontrar uma forma de te expressar certas coisas relativas à música nas esferas do amor,

mas não sei como vou encontrar as palavras que possam possivelmente dar-te a compreensão correta.

Acho que a melhor comparação, a forma de o fazer, é dizer-te que aquilo que para ti é música na Terra — belas damas, damas importantes, e essencial como é para aqueles que sentem, conhecem e compreendem estas coisas —, contudo, em comparação com as coisas do espírito onde a música é suprema, é infinitesimal. Quando penso nas composições, na música que escrevi na minha última vida, embora eu esteja, no sentido... por favor, apaga. Percebo que é tão pequena em comparação com aquilo que fui capaz de fazer aqui. Aqui não há limitações. Na Terra, eu costumava lutar. As limitações pareciam muitas. Coisas que tinha no coração, no cérebro, coisas que corriam dentro de mim, descobri que, por vezes, a compressão do instrumento não era suficiente. Havia notas que, no meu coração, eu sentia tão fortemente que não podiam ser expressas, pois o instrumento era insuficiente.

Aqui há uma gama tão vasta. Vês, aqui não estamos limitados como tu estás. Tu só consegues ouvir até um certo tom ou até um certo ponto; além disso, os teus ouvidos não ouvem. Connosco é diferente. Há uma gama muito maior que podemos ouvir e, em consequência, os instrumentos que temos são compostos numa escala muito maior. Portanto, podemos tocar notas e acordes e criar harmonias que estão além da tua imaginação. Pensa em algo que hoje consideras na Terra um grande estudo ou uma peça fluida com grandes harmonias. É tão pequena em comparação. Tal como um espírito é maior na sua experiência, na sua sabedoria, no seu conhecimento e na sua expressão quando está livre do corpo físico e da missão étnica, assim é também a música. É apenas uma limitação da Terra que limita o coração humano, que limita a capacidade humana de criar.

Qualquer artista que seja artista — bem, seja na música ou noutro campo de atividade, como sabes — muitas vezes expressará a mesma coisa. Ele dirá: "simplesmente não consigo captar, não sinto". E simplesmente não virá. Ele tem o momento de humor, onde sabe que pode fazer uma obra, e sairá à noite e, se for realizada, sem dúvida que se sentará e pensará que está terminada, mas não está como ele gostaria totalmente. Por outras palavras, o seu material limita-o e, no entanto, o que ele criou é aceite pelo mundo como uma grande obra, o que de facto é, dentro das limitações da Terra.

Mas aqui, onde não há limitações, onde o poder do espírito é tal, o homem pode tornar-se tão grande quanto desejar num sentido espiritual e a sua obra pode tornar-se também tão grande. Não há limitações para aqueles que se esforçam, para aqueles que procuram, para aqueles que tentam expressar essa parte de Deus que está neles próprios, pois na música está Deus. Como de facto estão, sabes, as coisas que são boas. Há os olhos, o coração, a emoção do Altíssimo. Pois vemos com olhos que não são da Terra e ouvimos com os ouvidos da Terra e expressamos em volume e intensidade coisas que não podem ser confinadas

como as entendes num sentido material. Todas as limitações do artista são quebradas por aqui e ele ou ela pode realizar grandes coisas, e todas essas coisas são uma expressão não apenas do próprio homem, mas de Deus a trabalhar pelo homem. Pois Deus é a perfeição e todos nós, que somos artistas, lutamos pela perfeição no nosso coração. Por outras palavras, estamos todos a tornar-nos mais parecidos com Deus e parte de Deus e, consequentemente, a nossa obra e o nosso coração crescem também.

Portanto, nas diferentes esferas, descobres que, à medida que aqueles que passaram de uma esfera para a outra progridem, deixam para trás na sua esfera particular — tal como quando uma pessoa deixa o teu mundo e vem para este — deixam para trás alguma expressão de Deus, alguma expressão da emoção do Espírito e da beleza do Espírito e da vossa própria pureza e graça. Na minha vida, tentei deixar para trás alguma expressão de Deus na minha obra, e os artistas e os poetas e todos aqueles que lutam por se expressar — a alma que é parte de Deus — deixaram um património para aqueles que vêm depois. E assim nas esferas, conforme progredimos de uma para a outra, à medida que aprendemos, simulamos e utilizamos todas as oportunidades em cada esfera individual em que vivemos, criamos e deixamos para trás, para aqueles que vêm do teu mundo para essa esfera particular, algo de nós mesmos; para deixar para trás em amor, para ajudar aqueles que seguem depois, tal como esses músicos no teu mundo.

Hoje, pega nas obras dos grandes mestres e encontra uma nova grande beleza e reverência e harmonia e som de música grandiosa e jubilosa; eles sentem e sabem que há ali alguma parte de Deus, e a alma do músico deve progredir além das coisas materiais. É assim que todos nos ajudamos uns aos outros; somos todos irmãos e irmãs, como ficaste surpreendida há muito tempo quando vim a ti pela primeira vez; durante muito tempo não conseguiste acreditar, pensavas que não era possível. Por que haveria ele de vir a mim? Porque és humilde de espírito, porque percebes a grandeza na música, percebes a grandeza na arte e percebes também que havia ali alguma parte da alma... talvez sentisses que não podias tocar-lhe, mas, minha criança, é exatamente isso que estamos a lutar por fazer: tocar-te, para que possas, em certa medida, ligar-te a nós na harmonia das esferas.

É o nosso dom para a humanidade ajudar aqueles que seguem depois, para que possam ser inspirados também a expressar e a dar ao mundo, na escuridão em que se encontram, a harmonia e o amor das esferas que se expressam na música que fomos capazes de dar através de níveis elevados. Portanto, vocês estão muito bem unidos em todo o amor e afeição; a música é a harmonia do amor que flui através de todos os seres humanos e nos une. Na minha música, quando a tocas, estás a tocar a minha alma e eu estou consciente disso; quando a amas e quando tentas expressá-la com tudo o que tens para lhe dar, eu estou consciente disso. E quando descubro que há tal amor, então sou atraído. Quantas vezes temos lutado deste lado para criar elos com pessoas na Terra que não compreendem. Há aqui e ali alguns artistas, poucas pessoas na música — embora

não saibam o significado do que chamais espiritualismo — que no seu eu mais profundo têm a consciência de estarem ligados através da música à alma que a criou e tentam expressá-la. E se forem bons artistas, se tiverem talento, se tiverem uma habilidade natural, podemos usá-los, como frequentemente fazemos, para tentar ajudar aqueles que lutam no vosso mundo, tal como nós gostaríamos de ter sido ajudados quando estávamos na Terra.

Há alguns no vosso mundo a quem ajudo frequentemente, alguns que conheces. E assim, porque amamos com toda a plenitude que isso significa, não vamos necessariamente apenas àqueles que se podem tornar músicos consumados na vossa vida, mas àqueles que sentem tão intensamente que, por vezes, de facto, eu iria ao ponto de dizer que é até mais importante do que a execução da música. Pois onde há uma intensidade de amor e uma grande compreensão dentro de um coração para expressar, no meu caso, a minha música, então sou um com ela. E se eu puder ajudá-los e guiar os seus dedos trémulos sobre as teclas, essa é a minha alegria e privilégio, pois venho para servir. Pois a minha música é para servir a humanidade, para os ajudar a elevar-se acima das coisas mundanas, para as harmonias do espírito que agora desfruto.

É assim que a música nos liga, muito mais talvez do que qualquer outra forma de arte; é na música que encontramos tal paz, e é na música que encontramos consolo na nossa dor e angústia, como eu sei que fiz tantas vezes na nossa vida. Pois muitas vezes fui para o piano com o coração partido e encontrei paz e grande harmonia e grande consolo nele. E assim, a minha maior composição foi feita na minha hora mais terrível, pois é sempre quando Deus chama com o amor mais forte, a causa última, a harmonia do espírito, que nada pode tirar do mundo, pois fica para trás. Como de facto fica para o serviço, pois mesmo na morte, como lhe chamam, servimos ainda de várias formas. Eu não estou morto, estou vivo e sempre estive; mais consciente, mais capaz de servir e ajudar, e grandes harmonias posso agora criar, mais do que alguma vez fui capaz de fazer nos confins do material, do corpo, que foi sempre uma mágoa para mim e, por vezes, um novo sentido.

Mas isto eu sei: o teu amor, o teu desejo de expressão dentro de ti, torna possível esse elo que tenho contigo. E se não executas a minha obra como sabes que gostarias de o fazer, é o coração dentro de ti que torna possível esse elo entre nós: o desejo. É sempre o desejo, o desejo sincero no coração da alma, que nos chama mais do que as outras coisas que muitas vezes as pessoas ao teu redor mais valorizam. Sei que há desilusão e desencanto para o artista, para a alma que se esforça e sente intensamente e cujo corpo físico não é capaz de fazer o que o coração lhe diz.

Mas, no entanto, estás a criar, nalgum sentido, uma grande harmonia porque sentes. Quantas vezes sabemos de pessoas que executam tecnicamente, brilhantemente, a obra de um compositor, mas há algo em falta que a torna monótona e desinteressante, porque é sem sentimento, é sem alma. Eles não

tocaram na alma do compositor. E a menos que a alma do compositor seja colocada na técnica — se não estiver por trás daquilo que está a ser feito —, há, apesar do seu brilhantismo de execução, nada mais do que frieza e nada mais do que desilusão.

Mas aqueles que sentem tão intensamente, aqueles que apreciam a música e não a conseguem tocar, são os grandes músicos. Pois têm algo que o homem com toda a técnica do mundo não tem: ele não tem Deus no seu coração, não tocou o coração do músico, não sentiu essa união maravilhosa; a união que surge entre aqueles que tanto amam aquilo que é e que foi criado neles. Pois no amor, nós que criamos música servimos a humanidade. Cada grande obra de arte no vosso mundo foi criada através da instrumentalidade do músico, de alguma forma, pela mão de Deus. Pois é a mão de Deus que ajuda todos aqueles que lutam por enviar para a Terra beleza e harmonia gloriosa.

São os dedos de Deus que se movem por trás dos dedos — muitas vezes os dedos trôpegos — do músico humilde. Pois Deus conhece todas as coisas e Deus exprime-se de todas as formas: através do artista que pinta, através do músico que cria e toca, através do cantor que canta as harmonias que outros compuseram. Em todas as belezas da Terra, encontras sempre Deus. E por trás do músico, Deus está.

E quando aqueles que sentem Deus na música, embora os seus dedos não consigam tocar as notas, há ali um músico, há harmonia, há música gloriosa. É a música da alma. Ela flutua e nas esferas é ouvida, e nós estamos conscientes disso. E somos atraídos por aqueles que, embora queiram fazer tanto, conseguem fazer tão pouco devido às limitações da Terra; mas os corações estão cheios de amor e os corações estão conscientes de todas as harmonias das esferas e dos nossos pensamentos. Estão com os grandes músicos e grandes compositores que partiram antes, mas que deixaram o património para os filhos da Terra seguirem.

Eu sei como te sentes. E porque sei como te sentes, é uma alegria para mim vir e servir e ajudar e abençoar. Nunca sinto que estou a dar um segundo em vão se o passo com aqueles que amam, como tu, a música que é de Deus. Devo ir, mas não te sintas triste; sente-te jubilosa, pois há grande beleza em todos nós. Pois somos todos Deus em harmonia uns com os outros.

Rosie: — Muito obrigada. Muito obrigada.

1 DE ABRIL DE 1963

Por que é que as pessoas pensam que temos celebrações, pelo menos no Natal e noutras ocasiões? E creio que às vezes — acabei de dizer isto a um de vós, não sei, a cada um de vós. Oh sim, é verdade, eu tenho algum tipo de celebração nalgumas esferas. Creio que depende, quero dizer, dos indivíduos e

das circunstâncias; não temos celebrações no sentido das crianças, não temos propriamente festivais religiosos e não temos...

Oh, não, não. Por outros meios.

Sim, mas que tipo de coisas fazem?

Bem, temos belos concertos musicais e temos, suponho que lhes poderiam chamar, uma espécie de passeios; vamos para o campo e passamos momentos felizes, com cantares e música e tudo isso, mas é sempre alegre — o que vocês chamam festivais religiosos. Oh, não, não. Suponho que algumas pessoas o façam.

Sim, e de acordo com isso, dizem ao meu...

Sim. O que aconteceu àquele padre católico romano, o meu Mickey?

Oh, eu vejo-o. Tenho andado por aí. Não. Pergunto-me o que me aconteceu. Eu deveria saber que foi a morte dele. Sim. Oh, céus. Estou desejoso de levar a Louise à minha cidade. Está em pleno esplendor agora, querida? Vale a pena. Está em pleno esplendor agora?

Sim. Creio que sim. Não achas?

Não, acho que sou eu agora, querida. Ela teve de ir à casa de banho e beber água depois, não foi?

Sim. Está bem. O que estava a acontecer esta noite? Estás a falar comigo? Estás a ver, ela calou-se. Ela quer, querida. Mickey? Puseste isso em todos eles, mãe? Sim. Mickey. Mickey. Espero que ainda estejas aí, mas não queres falar porque algo está a dar lugar a alguém. Oh, mãe, sinto que não devia ter tido a minha cidade. Seja como for. Estou bastante feliz sentado aqui. Sinto-me bastante feliz sentado aqui. E estou bastante feliz por vir aqui.

Oh, tu vieste. Claro, eu digo-te que não me é permitido morrer. Pensas que eu não cumpriria a promessa que te fiz?

Não, às vezes não podes.

Oh, mas às vezes não é possível. Às vezes temos ideias de fazer coisas que nem sempre é possível gerir. Mas, se for o caso, eu venho, eu prometo. Eu venho, eu ouço. Estou aqui. Como estás hoje?

Oh, estou bem.

Bem. Obrigado. Sobre o que deveríamos falar? Sobre o que gostarias que eu falasse? Quando eu digo, tu. Tu, tu, tu. Fala comigo. E, à medida que fores avançando, se eu quiser perguntar alguma coisa, perguntarei.

Queres perguntar-me algo? Tu perguntar-me-ias. Não consegues pensar em nada para me perguntar agora. É por isso que me dizes para continuar até pensares em algo.

Não, não é isso, Frederick.

O que é então? Queres apenas ver o que eu direi?

Sim.

Tu és, por vezes, muito astuta.

Bem, espero não perder a astúcia quando passar para o vosso lado.

Estou convencido de que não perderás a astúcia. A arte de ser si próprio é sempre importante. Algumas pessoas parecem pensar que o progresso por aqui significa perder-se a si mesmo. Talvez por vezes tenha sido dada essa impressão, o que num certo sentido tem verdade. Mas permanecemos sempre individuais. Temos o nosso próprio tipo de perspetiva e o nosso próprio aspeto, sabe, o padrão pessoal. É quando aprendemos a perder o caminho do mestre e a amalgamar-nos com muitas outras pessoas. Por outras palavras, quando somos abrangentes, damo-nos em amor e em serviço aos outros. Quando nos fundimos, tornamo-nos, num certo sentido, mais.

O que queres dizer com a palavra fundir? Agora, explica-me isso.

O que eu penso que fundir significa, no sentido verdadeiro, é quando perdes o egoísmo da natureza; quando perdes de ti próprio apenas os aspetos que te impedem de te tornares uma boa pessoa. Quando começas a perceber que a única forma de realmente te desenvolveres no sentido verdadeiro é fundires-te com os outros, compreender os outros, simpatizar com os outros, querer estar com os outros, tornar-te parte de outras pessoas na medida em que queres partilhar, queres aprender com elas, queres dar-lhes tudo o que podes dar de ti em amor. Por outras palavras, quando te fundes, tornas-te mais completo.

Mas não tens tentações como as que todos temos, pois não?

Não, não sabemos, mas não, depende, novamente, devemos lembrar-nos.

É mais fácil.

Ah, agora não compreendes. Dizes que é mais fácil porque pensas que é mais fácil, porque provavelmente não te dás conta. Claro que não existem o mesmo tipo de tentações, mas deves lembrar-te que em certas esferas, mais próximas da terra, para onde vai um número considerável de pessoas quando chegam aqui pela primeira vez, existem formas de tentação, mas não são o mesmo tipo de forma de tentação da vida. É onde o indivíduo se torna consciente, possivelmente de si próprio de forma mais clara, e começa aí — claro, depende do indivíduo.

Mas algumas pessoas retêm por bastante tempo em certas esferas tanto de si mesmas que vivem nesse tipo de estado mental e, em consequência, embora não sejam tentadas da mesma forma que na terra — não têm o mesmo tipo de tentações — ainda existe o tipo de tentação, se preferires, de se tornarem possessivas, de se tornarem autoritárias, reter a possessividade ou reter o desejo pelo "eu". Estou a falar agora de esferas próximas da terra.

Oh, compreendo.

Deve-se aprender a sacudir de si próprio a personalidade pura que se tem na terra, suponho.

Sim. Vês, tens de te lembrar — até perceberes quando vens para aqui — que uma das primeiras coisas que penso que percebes é que, pela primeiríssima vez, podes ser visto completamente como realmente és por todos. Por outras palavras, já não podes manter a fachada falsa ou o fingimento. Não te podes tornar uma aparência, o que a terra permite.

Sim.

Por exemplo, uma pessoa na terra pode, para todas as aparências exteriores, ser uma pessoa muito agradável, mas isso pode ser parcialmente falso porque ela pode ser bastante diferente. Aqui não podes fazer isso. Aqui és verdadeiramente visto por quem és, e é um grande choque para uma pessoa quando começa a perceber que as pessoas conseguem ver dentro dela e conhecê-la como ela é verdadeiramente. E, em consequência, a pessoa média depressa começa a perceber que há muita necessidade de mudança. Começam a ver-se a si mesmas. Ah, sim, sim. Sabes?

Sim.

E ficam muito conscientes de si mesmas. Ora, uma pessoa pode estar consciente de si própria do ponto de vista de querer ser diferente porque está enojada ou infeliz com o que vê. Ou uma pessoa pode estar bastante feliz com o que vê em si mesma. Por isso, nalgumas esferas, encontras pessoas que não estão de todo perturbadas consigo mesmas. Elas gostam de si mesmas. Sabes, há pessoas no teu mundo que se conhecem, por assim dizer, e estão bastante

satisfeitas consigo mesmas. E não querem particularmente ser diferentes. Sabem que são más em muitos aspetos, mas não querem necessariamente ser diferentes.

Sim.

E pensam que é uma coisa boa, por vezes, ser como são. Pensam que é uma proteção para si mesmas contra outras pessoas que se aproveitariam delas. Orgulham-se de ser duras, sabes?

Sim.

E encontras pessoas que, quando chegam aqui, ainda mantêm essa atitude em certas esferas próximas da terra. E, por vezes, não mudam durante muito tempo. Leva-lhes muito tempo a perceber que devem mudar se quiserem avançar. As pessoas vivem no tipo de mundo que elas próprias criam; isso aplica-se ao teu mundo até certo ponto. É verdade que vivem num tipo de mundo que foi criado por gerações de pessoas e, em consequência, sofres pelas más ações de pessoas que foram injustas ou desleais e assim por diante. Quero dizer, as circunstâncias da tua vida terrena são como são por causa das pessoas que as criaram como tal.

Quem é inocente sofre mais do que o culpado, em consequência, porque quanto mais sincera a pessoa é, quanto mais sensível a pessoa é, quanto mais bondosa a pessoa é, obviamente mais difícil será para ela ser feliz e ser compreendida. Mas aquelas pessoas aqui que são assim, automaticamente — pela sua própria natureza e pelo sentimento intenso que têm dentro de si pelos outros, pelo bem da humanidade — isso em si, poder-se-ia dizer, é a própria essência do início, se preferires, de uma existência mais feliz.

Sim, automaticamente elas tornam possível para si mesmas encontrar uma existência mais feliz porque entrarão num estado de ser que é tão parecido com elas próprias, aquilo que elas desejam. Elas vêm de um mundo de crueldade, vêm de um mundo de intolerância e vêm de um mundo onde as coisas materiais são consideradas mais importantes do que as coisas da mente, do espírito e do coração. E, em consequência, entrarão automaticamente nas condições que elas próprias teriam desejado que a terra tivesse e não teve, mas entrarão nas condições que elas próprias criaram e desejaram a partir do seu interior.

Portanto, tudo depende inteiramente do indivíduo quanto à receção que recebe aqui ou à condição de vida que lhe é apresentada. E, claro, é por isso que te disse — não apenas para ti, mas para muitas pessoas como tu — que haverá uma condição de vida que será extremamente feliz, porque não haverá nenhuma das coisas terríveis ou das coisas deprimentes ou infelizes que encontras na terra. Porque tu estás demasiado consciente dessas coisas e detesta-las tanto, e isso deixa-te tão triste e infeliz, que elas cessarão automaticamente de existir aqui para ti, porque estarás na condição de vida ou atmosfera aqui onde essas coisas não existirão; apenas o bem permanecerá.

Graças a Deus por isso.

Não sabes o quanto tiveste de trabalhar para isto. Às vezes pensas: "oh, eu não faço nada". Incontáveis vezes ouvi-te dizer: "eu não faço nada", "eu sou uma tola", dizes tu, "eu sento-me e não faço nada", "eu não consigo ter um lugar real". Sabes, dizes todo o tipo de coisas sobre ti própria, mas não sabes — não é apenas nesta vida, mas noutras vidas contribuíste imenso. E nesta existência atual talvez tenhas feito muito mais. De facto, eu sei que fizeste muito mais do que aquilo que te dás crédito. Muito mais. Ficarias surpreendida com o quanto alcançaste. Sem estares consciente.

Sabe, graças a Deus, eu sei. Porque quando alguém faz algo e está muito consciente disso, não estou a dizer que não seja bom — é sempre bom fazer o bem. Mas quando alguém faz as coisas automaticamente, como se fossem a coisa mais natural do mundo, isso é bom, muito bom. Mas se fazes algo porque achas que deves fazer, porque é a coisa certa a fazer, às vezes é um incómodo e tu apenas o fazes porque "tenho de o fazer", isso não é tão bom. Compreendes?

Sim, sim, eu sei.

Mas isso é humano e, afinal, temos de levar em consideração todo o tipo de coisas. Eu sei que fazes muitas coisas. Não me refiro apenas às rotinas normais que fazes, essas são naturais para o teu "eu cósmico", mas outras coisas que não sabes bem o que fazes. Às vezes tem a ver com a tua alma interior, onde parece que não estás a fazer nada num sentido material. Mas é apenas o amor intenso e o sentimento intenso de desejo de alcançar e fazer coisas que são boas para as pessoas que são as coisas mais importantes. Às vezes não fazes nada materialmente, não é possível, mas isso não é tão importante.

Claro que há muitas coisas que se podem fazer de natureza material que são muito importantes, se alguém for capaz de as fazer. Mas a maioria das coisas boas, as coisas realmente boas, são feitas a partir da alma interior. A intensidade do amor que emana tem o seu efeito; às vezes não vês os resultados. Às vezes pensas "de que serve?", como tantas pessoas, pensam para si mesmas "de que serve, não consigo fazer nada". Mas a própria intensidade desse sentimento vindo do interior da alma tem um efeito tremendo, um efeito maior do que alguma vez poderás imaginar na humanidade e nos indivíduos em particular com quem estás preocupada, ou em quem pensas, ou que amas.

Sabes, às vezes falas sobre as coisas maravilhosas que nós fazemos. Bem, estamos gratos por esses pensamentos, claro, mas muitas das coisas pelas quais nos dás crédito — embora sejamos, num sentido, parcialmente responsáveis — não poderiam ser alcançadas se não fosse pelo amor tremendo que os indivíduos em causa, tais como tu própria, dedicam e pela fé que têm.

Quero dizer, por exemplo, neste momento tens esta tua amiga que está muito doente, que teve uma recuperação milagrosa do ponto de vista material; mas, claro, com todo o amor do mundo que possas emanar e todo o amor que nós possamos dar e toda a cura que possa chegar até ti de épocas passadas e das almas aqui... só há um certo limite para o que podemos fazer. Estamos a fazer tudo o que é possível fazer. E eu diria — e creio que é muito verdade dizer isto — que é uma força combinada de amor e uma ligação combinada de todo o nosso esforço que tornou isto possível.

Mas isso não quer dizer que possamos necessariamente curar. Talvez seja para prolongar; mas o que sentimos que pode ser alcançado, pode ser alcançado pelo indivíduo em causa, a paciente doente, por exemplo, que, neste caso, talvez não perceba totalmente o que está a ser feito deste lado. Não se pode culpar a paciente. Quero dizer, isto aplicar-se-ia a muitas pessoas, não apenas a esta. O ponto é que o indivíduo que tentamos assistir ou ajudar, é a eles que damos todo o nosso amor e todo o nosso poder, mas eles devem retribuir.

Sabes, não estou a dizer que esta paciente não retribua. Creio que é a possibilidade de ela não se dar conta plenamente, mas estamos a fazer tudo. Mas, como o Francis te disse, creio, ou talvez tenha sido o Mestre do Diabo [Master of the Devil - possivelmente erro de transcrição no original para um nome próprio ou título], não sei, que um milagre poderia acontecer e, de certa forma, aconteceu. E se isto pode continuar, não se saberia dizer, de momento, sabes, é... como se coloca isto? Sabes, poderia ser assim: se tens um balão e bombeias ar para dentro dele, faz com que ele se insufle.

Sim.

Bem, desde que não ponhas ar a mais, ficará tudo bem, pelo menos por algum tempo. Mas se empurrares e empurrares e empurrares e puseres ar a mais lá dentro, ele rebentará.

Sim, sim.

Bem, nós só podemos fazer até certo ponto. Sabemos o quanto podemos fazer. Sabemos que, se tentássemos fazer demasiado, seria insensato. E sabes, muito depende da resistência. E essa é a do indivíduo. Creio que esta alma, ela consegue aguentar-se, mas se ela conseguir lutar e aguentar-se ela própria, a partir do seu interior, e ajudar-se tanto quanto possivelmente consiga mental e fisicamente, então creio que ela pode ser mantida consideravelmente por um tempo. Sabes, talvez por mais alguns anos, quem sabe?

Sim.

Mas é uma coisa muito difícil, porque me pareceu que a pobre senhora, ela não veio, como se diz... ela tem várias coisas. Complicações, sim, complicações.

E isso é difícil, vês. E sabes, muito honestamente, não sei se deveria dizer isto, mas pelo que consegui apurar, ela negligenciou-se terrivelmente. E fez muitas coisas. Não digo que sejam coisas más. Não quero dizer isso, mas creio que ela tem sido uma mulher muito insensata em relação à sua saúde. Não a considerou suficientemente. E, evidentemente, pelo que me contaram, ela já sabia há muito tempo que não devia fazer certas coisas ou comer certas coisas e assim por diante. Deveria ter sido mais cuidadosa.

Não, não, ela deveria ter-se ajudado a si própria. Sim, sim.

Mas ela simplesmente estragou tudo ao deixar-se ir. Sim, tens toda a razão, Rachel. E isso é uma grande pena, porque sabes, na vida — não suponho que isto seja igual de certa forma — mas se queres fazer algo realmente importante, tens de fazer sacrifícios. Tens de considerar cada aspeto, sabes, tens de pensar em tudo, é verdade, mas pôr tudo no devido lugar. Mas se estás a fazer algo muito grande, muito importante, no qual estás a dar todo o teu tempo, toda a tua energia, tudo o que tens, só podes fazer até certo ponto.

Sabes, simplesmente não podes continuar e continuar e continuar. Isso é mau. E depois, claro, toma-me a mim por exemplo — quero dizer, comigo, eu também fui um homem muito insensato. Eu percebia a minha doença, percebia a possibilidade de, eventualmente, vir a ser muito mau para mim. E, de certa forma, poderias dizer que eu tentava cuidar de mim por vezes, mas era sempre de acordo com o meu humor ou com as circunstâncias.

Sim.

Se fosse possível e não houvesse nada mais atraente para, como direi, atrair a minha atenção, eu levaria as coisas, como se diz, calmamente; mas isso só durava comigo por muito pouco tempo. Eu não conseguia ficar comigo mesmo por muito tempo. Estava muito confuso por vezes também. Tinha um pouco de medo, mas era, num certo sentido, medo de mim próprio. Sabes, havia momentos em mim, uma espécie de melancolia, eu ficava tão deprimido que tinha de ter alguém.

Às vezes, quando não estava lá ninguém, eu mesmo quando o tempo estava pavoroso, agasalhava-me e saía. Quando sabia que o meu bom senso me dizia que eu deveria ter ficado em casa, no quarto junto à lareira, mas eu saía porque tinha de ver pessoas, tinha de ouvir vozes, tinha de estar com pessoas.

Claro que naqueles dias não era bem como é hoje em dia; hoje em dia tens uma máquina, tens um telefone e dizes: "olha, pelo amor de Deus, vem falar comigo, estou farto disto até à morte". Sabes, mas naqueles dias isso não era possível. Claro que, em muitos aspetos, quero dizer, temos muitas vantagens talvez, mas havia grandes desvantagens também; por isso eu, às vezes, quando estava desesperadamente sozinho — e houve momentos em que estive

desesperadamente sozinho — procurava amigos. Talvez, de forma pouco sensata, e via, bebíamos, e talvez fôssemos a algum lado, e depois a outro lado, e depois talvez eu caísse.

Mas então eram as coisas para ti.

Eu sei. Mas sabes que há algumas coisas piores do que isso. Quero dizer, creio que a mais terrível das coisas pode ser, para algumas pessoas mais do que outras talvez — especialmente artistas, especialmente pessoas sensíveis, especialmente pessoas que vivem tanto dentro de si mesmas. Existe o sentimento terrível de estar, às vezes... sempre... às vezes eu gostava de estar sozinho, mas havia momentos em que não conseguia suportá-lo. É como se as paredes estivessem a pressionar-me e eu tivesse de fazer algo, como se não conseguisse respirar; e eu às vezes deixava o piano — talvez estivesse concentrado e estivesse perdido, no meu íntimo, por assim dizer.

E depois, de repente, vinha um sentimento, algo de apreciação, e eu sentia uma humidade, não sei como explicar.

Eu sei, eu percebo a tua experiência.

E eu tinha de fazer alguma coisa, estava a sufocar, desapertava o colarinho, ia à janela, escancarava-a, debruçava-me e tentava respirar o ar; e às vezes estava num tal estado mental que tinha apenas de fazer algo. Às vezes fazia as coisas sérias — agora percebo — sabes, por vezes, eu andava, andava e andava, e não fazia nada a não ser olhar para as pessoas e pensar; e às vezes nem via nada, era de acordo com a minha mente. Às vezes ia num barquinho — não sei se sabes, no final do Leste — mas houve um tempo em que tive um amiguinho, era um homem que tinha um barquinho, e eu não era grande apreciador da água.

Não me entenda mal, eu nunca gostei deste mar; mas ele era um homem interessante, às vezes era bastante divertido, por vezes levava-me a remar pela água até ao outro lado. Isso era o suficiente para mim, eu nunca gostei de ficar muito tempo na água; por vezes ele remava pela água e eu caminhava e caminhava, às vezes visitava amigos, claro, do outro lado.

Mas sabe, eu costumava fazer todo o tipo de coisas; uma vez lembro-me que caminhei e caminhei, e estava cansado, e parecia não haver lugar nenhum para ir, nem café, nem nada, parecia que me tinha perdido, e vejo uma igreja, e entro, e sento-me, e fico apenas a ouvir a música do órgão. Sabe, eu nunca fui um entusiasta do órgão, embora o soubesse tocar, mas nunca quis que soubessem muito sobre isso; mas às vezes penso para comigo: sim, talvez um dia componha algo, porque havia um amigo meu que estava sempre a insistir comigo para que eu fizesse obras para o órgão, não apenas para o piano.

Ele dizia-me que era uma grande abrangência, sabe, eu nunca consegui ver isso, porque para mim o órgão era — não sei, estava bem para o que era, mas para mim não tinha o mesmo sentimento; e lá está, sabe, era que eu não me conseguia exprimir dessa forma, para mim era — não sei que palavra usaria, mas nunca era nada claro. Porque nenhuma nota era clara para mim, não, não, era — uma nota passava para a seguinte, e não havia uma ideia do órgão.

Oh, diga-me Fredrik, era maravilhoso ouvir!

Às vezes fico muito zangado com o homem que me cortou o cabelo.

Porquê?

Bem, ele era um tolo, mas creio que foi logo após eu ter tido uma má crise intestinal, eu não tinha estado em condições de tratar do meu cabelo, que ficou ainda mais comprido do que o habitual. E eu queria que ele — sabe — e ele cortou-o muito mais curto. E eu estava, na altura, em conversa com alguns amigos, não me lembro agora exatamente de quem. Mas estávamos a falar, e eu não estava a pensar no meu cabelo, e o homem estava a cortar e a ouvir a nossa conversa. Mas tive o pressentimento quando ele terminou. O meu cabelo estava diferente de um lado ao outro, tinha desaparecido atrás. Fiquei muito zangado com isto, mas também tinha orgulho no meu cabelo.

Eu sei, e a tua barba. Meu Deus! Não a tua, sabes, as tuas patilhas.

Oh, referes-te àquelas? Eu nunca tive barba. Não, barba não. Uma vez tive bigode. Não, eu digo sempre — ah, tu nem sabes nada sobre isso. Foi muito engraçado. Quando vim de Pula pela primeira vez, deixei crescer um pequeno bigode.

Oh, sim.

Mas não durou muito tempo. Nunca gostei de me ver assim. Não gostava muito de mim próprio, sabe, não parecia de algum modo correto. Por isso livrei-me dele.

Ah! E as tuas patilhas de um lado cresciam. E do outro lado não conseguias que crescessem. Foi...

Eu não conseguia deixá-las iguais, por isso tive de cortar uma mais curta.

Ah! O Marshal estava a dizer-me no almoço que te viu. E tinhas endireitado, tinhas endireitado o nariz. Não conseguias suportar o nariz que tinhas. E estavas vestido magnificamente com um... O que era? Em lavanda e cinzento. Lembro-me dele me contar isso um dia. E tinhas cortado o cabelo curto, muito curto. Ah! Estava correto?

Sim, mas consigo compreender por que é que ele pensa isso. Porque assim é. Mas sabes, nunca deves pensar — porque somos o que disseste, progresso — que não somos ainda humanos. Porque temos, por exemplo, aqui o bom senso do humano. E adoramos rir, o que é bom. É um grande dom. E eu gosto de brincar às vezes.

Eu sei.

Às vezes gosto de pregar partidas até aos meus amigos. Sempre. Às vezes gosto de pensar: oh, gosto deste novo traje. Gosto de ter este vestido novo. E talvez pense para comigo sobre aquele nariz. Gostava que não fosse grande. E pelo mero pensamento e desejo, posso mudá-lo.

Podes mudá-lo?

Mas lá está, não importa. Vês, é um capricho do momento. Vês, por exemplo, se eu quisesse ter um aspeto diferente, não há nada que realmente o impeça — e afinal de contas, senta-te. Porque deves lembrar-te que, basicamente, todas as coisas são mentais.

Sim.

E depois, claro, quando alguém se apercebe que é uma pequena vaidade, se quiseres, então apercebe-se disso. É uma fraqueza. Não permanece necessariamente. Afinal, lá está, vês que temos de nos lembrar disto: se alguém teve, como esta pessoa teve, muitas encarnações, obviamente os corpos físicos e essas encarnações não eram necessariamente todos iguais na aparência. Não. E em várias encarnações, alguém pode ter sido de um sexo diferente, ou pode ser que alguém passe para o outro lado com uma idade muito mais avançada. Vês, os corpos físicos podem variar e ser diferentes. E aqui, um corpo espiritual pode ser uma reconstrução, de acordo com, de acordo com o que sentes.

Sim, sim.

É um traço bastante maravilhoso. Claro, se quiseres ser uma mulherzinha gorda, aqui podes ser uma mulherzinha gorda. Se quiseres ser uma jovem elegante e magra, então podes ser uma jovem elegante e magra.

Não, é isso que eu quero.

Bem, quando vieres para aqui, saberás que somos muito belos e muito bem dispostos. Tu és bela agora, mas o que não percebes — e isto é o mais importante — as pessoas estão sempre a dizer: "olha para nós, não somos bonitos". Oh, eu gostaria de ser alta e bela. Gostaria de poder usar roupas bonitas e fazer de mim uma criatura de boa aparência. Mas o que as pessoas não percebem é que, se

fossem assim, não seriam necessariamente tão simpáticas. Às vezes queixas-te porque dizes que és gorda e tudo isso. Como é que não sabes que és muito melhor assim? Quero dizer, fisicamente, talvez não te sintas melhor porque achas desconfortável.

Sim.

Mas o que é importante não é a forma da pessoa. Eu descobri isso muito rapidamente porque costumava ser uma pessoa muito, muito — descobri que, apesar de tudo, não é a aparência de uma pessoa. Quer dizer a forma física daquele corpo ou a coragem do outro. O que importa é o que a pessoa é e o que serve.

Isso é bem verdade, mas quando se está na terra, as pessoas julgam-te pela aparência.

Ah, isso é porque não compreendem.

Sim, é isso.

Afinal, há uma grande beleza e felicidade. Não estou a sugerir que sejas feia. Não me entendas mal. Mas há uma grande beleza e felicidade que as pessoas não compreendem. É por isso que, às vezes na música, algumas pessoas não compreendem, algumas pessoas não apreciam ou talvez não percebem a música. Dizem: "oh, eu adoro aquela parte, era tão bela, era tão suave e tão romântica e tudo mais", o que claro que era e pretendia ser. Mas às vezes não percebes que certas passagens têm de ser discordantes porque é importante.

Sim, sim.

Deves ter todos os aspetos em tudo — deves ter os opostos, as diferenças, as nuances. Deves ter todos estes desafios.

Mas a tua discordância em alguma da tua música — posso usar a palavra — funde-se no núcleo comum.

Bem, creio ser certo que deve ser uma parte integrante do todo. Caso contrário, é inútil e não tem propósito nem sentido. É por isso que penso em tantos músicos hoje em dia, especialmente. Eles tentam ser espertos. Mas não há sentimento, não há profundidade. Oh, algo... não há realidade ali. É uma coisa superficial. O mesmo acontece no teu mundo hoje. Há tanto que é aceite como arte, que é aceite até por autoridades que consideram que sabem. Mas muito disso é muito forçado. Não tem profundidade, não tem realidade. Tem uma fachada falsa que tantas pessoas assumem ser a realidade. Pessoas como pessoas são aceites no teu mundo pela sua fachada. Mas até que conheças realmente, lá no fundo, como é a pessoa...

Bem, suponho que estas pobres pessoas estejam a lutar.

Sim, eu sei.

Não creio que isso esteja certo.

Eu sei, mas não penses que não sou compreensivo. Mas o que eu penso é que tantas pessoas que são aceites hoje como artistas nos seus vários campos estão realmente a lutar. É verdade, mas elas não estão prontas em si mesmas. Não tiveram profundidade suficiente nas suas vidas. Sabes, elas não viveram. Não me refiro apenas nesta encarnação, mas noutras. Não têm a sensibilidade. Não têm a perceção da vida para serem capazes de a exprimir na sua arte. Toda a gente está a tentar ser simples. Mas, de uma forma estranha, estão a tentar ser simples. Não percebem que é exatamente isso que eu estou a tentar transmitir. Mas tantos artistas dizem que não deves ser tão complexo. Frequentemente referem rostos. Estão a lutar para ser simples. Tentam ser complexos. Tens hoje, talvez, um homem que é escultor, e ele cria algo a partir da pedra. É muito rude e tu olhas para aquilo e pensas para ti: "ora, o que é isto?". E não sabes até que, talvez, ele te diga, e então pensas que não se parece nada com o que ele diz que é suposto parecer.

Mas a questão é: houve um tempo em que um escultor era perfeito. Tão perfeito quanto as mãos humanas o podiam fazer, era uma reprodução perfeita. Era uma imagem da realidade. Mas hoje, um homem tenta simplificar tudo. Tenta trazê-lo para um nível muito simples. Um nível infantil, se quiseres. Mas para mim, isso não é realmente arte. Isso é ser preguiçoso.

Sim, eu ia mesmo dizer essa palavra.

No meu tempo, os artistas, os verdadeiros artistas — era uma luta constante. Era, num sentido, uma luta, uma luta constante com o próprio, não apenas com o mundo exterior, mas até com aqueles que professavam ser teus amigos. É verdade que tive, felizmente, alguns amigos sinceros muito bons, mas tive muitas pessoas que foram muito bondosas comigo de muitas formas, que foram muito compreensivas talvez. E suponho que, de certa forma, eram meus amigos. Mas sabes, às vezes, sem se aperceberem, não eram meus amigos, porque frequentemente aceitavam coisas. Diziam coisas que eu sabia no meu coração que não eram verdadeiras sobre o meu próprio trabalho.

Eu sabia quando tinha criado algo que era realmente importante, que era realmente vital, que era realmente uma contribuição para a música, que valia a pena. Mas houve muitas coisas que tive de fazer porque sabia que era necessário para mim ter dinheiro. E, em consequência, às vezes simplesmente compunha todo o tipo de coisas com as quais nunca ficava satisfeito. Eu sabia que havia algum gérmen de verdade na música, exceto em certas peças de música, mas eu

deveria ter trabalhado nelas durante meses, debruçado sobre elas, para ter criado algo realmente importante a partir delas.

O gérmen da ideia às vezes não era desenvolvido, mas as pessoas diziam: "oh, isso é perfeito, isso é maravilhoso". E eu sabia que só tinha feito aquela coisa em particular porque precisava desesperadamente de dinheiro naquele momento. Mas sabes, uma vez tentei introduzir alguma música que nem sequer era minha. E as pessoas disseram: "oh, isso é fabuloso, ninguém poderia ter feito isso a não ser tu". Ah, digo eu, é aí que estais errados então, porque não fui eu que a fiz.

Oh, oh.

Foi feita por um aluno meu.

Oh, sim.

Eles não acreditavam em mim, mas diziam: "bem, o aluno é como o mestre, ele imita-te tão bem, sabes, que és simplesmente impossível de reconhecer". Isso pode ser verdade, não sei. Mas sabes, ri-me muitas vezes das pessoas que, na sua bondade, suponho, pretendem realmente ser bondosas, mas não são verdadeiras consigo mesmas; e é mau para as pessoas não serem verdadeiras com um artista, porque às vezes a um artista podem ser dadas ideias falsas.

Sim.

E nada é pior para um artista do que receber ideias falsas e trabalhar sobre elas, e consequentemente destruir a sua verdadeira arte, sabes.

Sim.

Porque às vezes um artista, mesmo sendo altamente sensível e versado e percebendo-o, pode por vezes ser enganado.

Por outras pessoas.

Por outras pessoas. Sim, bem verdade. Percebo que desperdicei muito do meu tempo. Olho agora para trás, para a minha vida, e penso que poderia ter alcançado muito mais. Claro que muito se perdeu, isso é verdade. Mas às vezes penso que poderia ter feito muito mais do que fiz.

Sim, Frederick. E é uma grande pena, sabes, que fosses tão fã de ópera. Nunca escreveste uma ópera, compuseste uma ópera, pois não?

Estava a pensar fazê-lo.

Eu estava muito interessado em ópera e estava muito ansioso por criar uma ópera; queria que fosse diferente, em certos aspetos, do tipo de ópera que me tinha habituado a ver. A única coisa em que estava muito ansioso, se algum dia compusesse uma ópera — para além da música, ou seja — era que as pessoas fossem reais, que tivessem alguma realidade de vida. Sabes, não deveriam ser como as personagens artificiais, que apareceriam mais no meu tempo, possivelmente, do que agora.

Oh, sim, sim. Claro que, sabes, é muito difícil. O Liszt estava muito empenhado em que tu o fizesses.

O Liszt estava muito empenhado em que eu fizesse todo o tipo de coisas, porque ele era o Liszt; mas era um bom amigo.

Já estiveste com ele?

Claro, somos muito bons amigos e estou mais do que grato, naturalmente, sempre ao Liszt. Mas sabes, o Liszt — deverei dizer isto? E não creio que estaria a ser desleal.

Sim.

O Liszt foi um bom amigo para mim, mas, ao mesmo tempo, ele era um bom amigo para o Liszt.

Oh, tantos são assim.

Mas ele era sincero. Ele apreciava. Ele gostava muito de ti.

Eu sei que ele gostava muito de mim e ajudou-me mais do que uma vez, exceto uma vez em que me deu o pior piano em que alguma vez tive de tocar.

Oh, céus.

Houve uma vez uma loja em Paris, que já não existe agora.

Uma loja?

Sim.

O que é que tinha?

Oh, eu costumava ir lá muito em tempos. Costumava vender o que vocês dizem, fondants, doces.

Oh, fondants.

Sim, eram os fondants. Sabias que eu era um grande comedor de doces, como tu?

Não.

Eu sei que nunca fumaste assim tanto.

Não, bem, eu costumava comer doces, sabes, porque não fumava, mas era do meu gosto.

Sim.

Mas eu era muito apaixonado por... Adorava fondants. Adorava fondants. E havia uma pequena loja onde eu costumava ir frequentemente.

Sim.

Para doces. E havia lá uma pequena mulher que era sempre... ela era a proprietária.

Sim.

Era uma mulher muito encantadora. Ela costumava fingir que gostava de música. Não creio que gostasse realmente.

Ela gostava de ti.

Bem, às vezes ela era muito generosa comigo.

Oh, pois.

Às vezes, quando eu estava um pouco curto de dinheiro, ela dizia: "Oh, Sr. Chopin, não importa agora, mais tarde, mais tarde, somos bons amigos, você e eu, hein?". Sabes, isto foi há muito tempo, o nome dela era Hortense.

Hortense.

Não creio... não, tu não saberias nada.

Não, não.

Não. Eu guardo as pequenas coisas. E agora que estás, sabes, com disposição para conversar, Frederick, talvez me pudesses dizer quem é a Fanny. Lembras-te da Fanny, que falou contigo duas ou três vezes?

Ah, Fanny. Ela não te contou ela própria?

Não. Tenho estado à espera.

Quero dizer, a Fanny era uma grande amiga de uma amiga. Às vezes eu tocava para ela, porque era uma mulher muito bondosa e ela tinha... às vezes eu tocava para ela, ela tinha amigos, e tínhamos um pouco de música, e ela fornecia sempre comida abundante, por isso era muito popular.

Oh, ela contou-me. Ela disse: "Deverias tê-lo visto a comer".

Bem, ela era muito bondosa com muitos músicos em dificuldades naquela época em Paris, e ela fazia estes pequenos encontros. A desculpa era a música, o que era apenas meia verdade, porque ela fornecia tanta comida e bebida, sabes, porque sabia que alguns dos artistas — e não eram apenas músicos, mas todo o tipo de artistas — estavam frequentemente famintos e em grande necessidade, sabes, e ela era sempre muito bondosa. Ela não era uma mulher da alta sociedade, nada disso. Ela era apenas... Na verdade, conheci-a através de um amigo meu que era músico na ópera. Ele estava na orquestra. Mas a Marie era muito amiga dela.

A Marie disse... é verdade, mas lá está, vês, é muito difícil para ti compreenderes. Vês, as pessoas no meu tempo, embora não houvesse um código rígido, como dizes, havia uma separação entre as classes. E havia certas pessoas que eram capazes de quebrar a barreira; a Fanny era assim. A Fanny era uma pessoa que era uma mulher bastante rica, e o dinheiro falava naqueles dias, possivelmente como fala hoje. E ela era aceite porque, sabes, o marido tinha sido oficial e havia ali um certo contexto, mas ela... a Fanny não era uma dama. Essa era a parte engraçada. Uma das coisas mais engraçadas sobre a Fanny era que ela adorava fingir ser uma dama.

Oh, sim.

Mas ela nunca enganou ninguém, mas era uma doçura porque era engraçada.

Sim. Deverias falar com o teu marido.

Oh, sim, ela veio duas ou três vezes e disse: "grandes amigos, e nós tagarelávamos". Oh, tagarelávamos. Oh, tagarelávamos sobre as nossas coisas sociais. Não eram apenas chapéus. Ela falava sobre homens. Falava sobre as nossas coisas sociais. Falava... ela tinha um pássaro. Ela falar-te-ia sobre o pássaro.

Um pássaro?

Não.

Não.

Bem, ela tinha um pássaro que era um pássaro muito rude. Dizia todo o tipo de coisas.

Sim.

E a Fanny, sabes, nem sempre percebia que às vezes repetia coisas, como se faz sem pensar. E o pássaro imitava. E às vezes, quando ias à casa dela, o pássaro dizia algo. E deixava toda a gente tão surpreendida porque era obviamente algo que a Fanny andara a dizer sobre alguém. Era muito divertido. Mas toda a gente levava na brincadeira porque todos diziam: "Pergunto-me o que é que o pássaro vai dizer esta noite".

Oh, sim.

Bem, ela era muito engraçada. Teve este pássaro durante muitos anos. Tinha uma casa muito bonita. E estava belissimamente decorada.

Sim.

Mas como eu disse, ela cultivava a sociedade. Mas certos membros da sociedade iam lá. No entanto, ela não era aceite nalgumas partes, sabes, nalguma sociedade.

Oh.

Era uma mulher muito doce. Mas era muito bondosa com as mulheres e era muito boa para os artistas.

Oh, muito doce. Vem, fala comigo. Ela falou connosco três vezes. Ela não te falou da Nanine.

Oh? Nanine. Nanine?

Não.

Não.

Não. Ela provavelmente não pensaria na Nanine.

Quem é essa?

Nanine era a criada que ela teve durante muitos anos.

Oh, sim.

Era tão bondosa com toda a gente.

Oh.

Sim. Às vezes acontecia que fazíamos coisas, sabes. Ríamos. Claro, às vezes. Mas ela era sempre tão bondosa, tão compreensiva. E às vezes, quando sabia que os artistas se tinham zangado, ela convidava-os deliberadamente para lá para tentar reuni-los.

Tu e o Liszt zangaram-se uma vez.

Bem, isso é verdade. Mas, sabes, às vezes mantínhamos as zangas por algum tempo.

Sim, claro.

Porque, sabes, quando tens consideração por alguém, quando amas muito alguém e o admiras muito, às vezes não o podes evitar, porque falas abertamente, possivelmente mais para eles do que farias com qualquer outra pessoa. E às vezes a tua franqueza perturbava-os um pouco e eles ficavam perturbados ou chateados com isso, e talvez ficassem como crianças, sabes, amuavam, não queriam falar contigo.

Sim.

Mas a Fanny conseguia frequentemente reunir as pessoas. Ela era muito boa. Reuniria muitas pessoas. E, sabes, sinto que lhe devo muito. Mas depois descubro sempre, olhando para trás para as minhas ligações terrenas, que devo muito a muitas mulheres. Na verdade, não creio que teria existido... bem, claro, não poderia ter existido sem a mulher que me deu à luz. Mas, sabes o que quero dizer?

Sim.

As mulheres foram sempre boas para mim.

Sim, são.

Foram sempre boas para mim, mas às vezes foram más para mim. E eu não acho que as mulheres, por regra...

Não.

De qualquer modo, foram. E tu eras um homem que queria atenção, procurando delicadeza e por aí fora.

Oh, eu sei. Eu dei umas risadinhas até ao fim.

Bem, quando tu partiste, ela não estava em lado nenhum perto, pois não?

Não. Então já não era tanto. Ela possivelmente não estava perto. Não. Ora foi engraçado. Então ela não estava contigo. Muitas pessoas tinham morrido. Muitas pessoas se tinham ido embora. Muitas pessoas tinham perdido o contacto comigo. A Europa era um lugar diferente.

Sim.

E era mais difícil de circular; hoje em dia não pensas em nada, em duas ou três horas poderias estar perto.

Eu sei.

De qualquer modo. Mas naqueles dias levava vários dias de viagem de carruagem. Tu costumavas chamar-lhes... como é que lhes chamavas? Chamavas-lhes... as viagens que costumavas fazer. Esqueci-me agora como se chamavam. Um nome especial que tinhas para as viagens que tinhas de fazer por carruagem e por aí fora. De qualquer modo. Não importa, não me incomodes.

Queres dizer que era um nome engraçado? Era uma piada.

Não, não, não era uma piada. Eram chamadas por esse nome. Não, mas não te recordas. Tu apenas, tu apenas falas sobre coisas. Tu lembras-te. Sabes, gosto muito, às vezes, quando posso vir e ser apenas eu próprio.

É adorável, Fred.

Eu também me divirto muito com isso porque penso em coisas quando venho trabalhar assim.

Sim.

Esqueci-me, sabes, de algumas pequenas coisas que já não se praticam, de certa forma, que tinham influência. Claro, não têm influência na minha vida agora. Mas eram coisas importantes na altura. E eram coisas muito felizes frequentemente. E estou sempre grato. Eu sei que alguém pode parecer esquecer as coisas. E da forma como se esquece as coisas, obviamente, à medida que se progride, é-se obrigado a isso. Mas uma vez na alma, quando se está sempre consciente de toda a bondade e do bem e do amor das pessoas... É como se tudo

se tivesse tornado tão, não sei, tal humildade, que nos transporta. Creio que somos transportados nas asas do amor.

Com certeza.

Nada se vai alcançar. Nenhum de nós se pode tornar nada, a menos que seja através dos esforços dos outros. Temos pensamentos. Nem sempre sobre coisas materiais, mas os pensamentos de amor que as pessoas nos dão. Sabes, eu fui afortunado. Às vezes podes pensar, lendo a minha vida, que fizeste tantas coisas. Mas eu fui um homem muito desafortunado. Mas, de muitas formas, fui muito afortunado por ter feito bons amigos e ter os companheiros que tive. É verdade, tive o meu desgosto, dor e o meu desapontamento. Isso é humano, isso é a vida. Mas deve-se estar grato pelo pouco que se tem de tempos a tempos, e eu tive, em muitos aspetos, uma grande quantidade. A minha saúde foi o meu principal problema.

Sim.

Suponho que se a minha saúde tivesse sido mais forte, a vida talvez tivesse sido prolongada para mim e eu teria alcançado muito mais. Mas então talvez fosse melhor assim. Quem sabe? Tudo o que sei é que estou grato por tudo o que experimentei em qualquer encarnação, não apenas naquela, mas em todas. E todas as pessoas que fizeram parte da minha vida, de toda a vida, e tudo o que foi contribuído por elas para mim, e por mim para elas, sinto apenas que não importa, de certa forma, o número de anos; as pessoas dizem sempre: "Oh, estou a ficar...", "Quem me dera poder ser jovem outra vez", ou as pessoas dizem: "Tenho medo de envelhecer", e as pessoas inventam todo o tipo de coisas. Dizem... na verdade, o que é importante é não quão velho és ou quantos anos possas vir a ter, é o que és dentro de ti e o que podes ter alcançado, não para ti próprio, mas para o bem das nossas vidas. O amor que dás às nossas vidas, essa é a coisa importante. Não é no tempo, é na qualidade e no esforço. Não explico isto muito bem, mas sinto-o com muita força.

Sabes, tu e eu — não sei isto, tu simplesmente não acreditas. És uma mulher tonta, não te consigo dizer. Mas sabes, tu e eu estivemos intimamente entrelaçados, muitas vezes; mas quando vieres para aqui, como já te foi ensinado, compreenderás o que não podes possivelmente compreender agora, e então, estamos ligados por, por vezes, de amor, ao qual estive atento em todo o tipo de gosto, todo o tipo de tensão, e em consequência alcançámos mais do que talvez até eu saiba, e como disse, tu não sabes; o que importa é que estamos juntos. Mesmo agora, tu talvez nem vejas isto, mas nem consegues compreender o milagre disto, porque é no sentido de milagre, suponho, porque não o compreendes devidamente, mas o ponto é que isso é algo que sempre sentiste, e sempre soubeste, dentro da tua alma interior, que deve ser; tu talvez não o aceites, mas é verdade, pois esta unidade que partilhamos, que está ligada, que é

tão forte, que nada pode quebrar. Tentei explicar isto, e é porque não é apenas nesta presente encarnação, é por causa de muitas anteriores.

Quando nos reunirmos aqui, será num sentido perfeito, e não haverá qualquer tipo de infelicidade de espécie alguma, porque ninguém sofrerá; porque, vês, no teu mundo, muitas vezes, quando parece haver uma união perfeita, talvez nem sempre seja tão perfeita quanto parece e, em segundo lugar, muitas vezes, a felicidade de certas pessoas é frequentemente à custa da expressão de outras pessoas. Aqui isso não acontece, aqui há felicidade plena, porque há compreensão total, há conhecimento total, realização total, e não somos egoístas nem possessivos. Damos livremente e aceitamos livremente.

Não há desonra em aceitar; nas tuas palavras, às vezes as pessoas têm uma ideia errada sobre o aceitar, às vezes as pessoas não gostam de aceitar — e não me refiro apenas ao amor, mas em sentidos diferentes — pensam que é inferior à sua identidade, que é errado, ou que na verdade se deveria perceber que é tão bom aceitar quanto dar; e de muitas formas diferentes, aqui percebemos que o amor perfeito, a união perfeita, a realização perfeita acontece quando as pessoas podem ser completamente livres em si mesmas, nesse dar e nesse aceitar. Aqui há uma harmonia perfeita e completa, como se houvesse uma fusão que, sendo ainda natural em si mesma, faz com que nada mais importe, nada a possa afetar, porque é amor perfeito. Isso é tudo o que conta. É algo que tu e eu partilhamos com um número incontável de pessoas, e haverá uma perceção perfeita disto, eventualmente, para ti.

Mas por que é que eles lhe chamam única, o Valentino quando veio? E isto também, e até o Dr. Marshall, todos disseram que é muito única.

Creio que querem dizer que é única na medida em que, embora isto aconteça com outras pessoas, leva muito tempo; vês, há muitos estágios de evolução, há muitos estágios de desenvolvimento aqui, e talvez sejam apenas alguns que se conheçam que tenham alcançado isto, mas o que tento dizer é que há milhares e milhares e milhares de pessoas, neste estágio de evolução, aproximando-se e trabalhando para esse objetivo, mas eles podem conhecer muito poucos que o tenham alcançado. Isso não quer dizer que não haja milhões incontáveis que o alcançaram, para além do conhecimento deles, compreendes.

Vês, isso é algo que, lá está, deve ser um pouco confuso, mas ao mesmo tempo não deveria ser, porque, afinal de contas, nós, que podemos viver numa certa esfera de evolução, podemos não conhecer certos indivíduos ou povos que possam ter alcançado o estado de ser mais elevado. Sabemos que existem, mas não os conhecemos necessariamente, não sabemos como é realmente esse estado de ser, porque nós próprios ainda não atingimos esse estágio de perfeição; e assim é que, obviamente, virão pessoas de... e mesmo pessoas que sabem, que vêm e dizem: "sabes, isto ou aquilo, isto é realmente único", pode ser único para elas, porque não sabem que ele o é. Sim, é verdade. Mas isso não anula o facto de

que... e o que devemos ter, um pobre homem, e ele sabe que ainda não alcançou isso, do ponto de vista de que ainda não encontrou o parceiro perfeito. Ele pensou que o pudesse ter encontrado quando estava na terra, e ficou desiludido. Mas lá está, vês, pode ser que ele não seja uma alma tão antiga; creio que ele alcançou grandes coisas, tendo passado por muitos, muitos estágios de evolução. Mas eu acho...

Data precisa desconhecida- 1963

É o momento de o encontrar com um amigo. És simpática, não és?

Sim.

Bem, estamos um pouco atrasados, provavelmente por tua causa. Como é que ele vai?

Não sei.

Boa noite, senhor.

Boa noite. Ele está a preservar a energia. Olha, a voz dele é tão suave. É verdade, Mickey? A forma como falámos com ele realmente, pensávamos que ele era uma criança naquela altura, é o choque das nossas vidas quando realmente o vimos como ele é na realidade. Podes começar agora? Sr. Stoff?

Sim.

Boa noite. Consegue ouvir-me?

Sim, consigo ouvi-lo muito bem. O que é isso? Espera um momento. Continua a falar. Bem, isso é estranho para nós. Consigo ouvi-lo muito bem. Por favor, continue a falar, sim? Não acho que devas dizer "quem é este e quem é aquele?". Fala, amigo, sim? Olá. Não sei se consegues ouvir.

Sim, consigo ouvi-lo muito bem. Bem, como estás esta noite?

Sim, estou muito bem. Alguém tentou passar. Tentaram falar contigo?

Sim. Talvez tenha sido um dos outros. Sabes, eles dizem que é algo... Oh. Oh, como estás?

Estou bem. Estou bem. Olá. Acho que alguém acendeu a luz e as luzes da entrada passam pela porta. Essa porta está fechada? Empurra-a, Rose, com a mão. Está fechada. É o que é. Estás a empurrá-la?

Não, não consigo chegar à porta. Não sei. Não sei. Não sei. Isto é povoação?

Sim. É uma fresta do lado de fora da porta. Devem vir as luzes. Provavelmente alguém acendeu a luz do patamar. É muito mais claro e passou pela bandeira da porta. Não te preocupes com isso. Esquece. Não nos estragues as condições. Está bem. Bem, o que estavas a tentar tocar? Tocar. Quando?

No outro dia. Ontem, creio que foi.

Sim, não consigo tocar nada hoje em dia. E ando de um lado para o outro. Não tenho força. Não consigo colocar nada nisso. Estás aí? Espera. Acender uma vela, porquê? Quem estava aí antes do Frederick passar?

Mickey. Quem era?

Oh. Pensei que fosse um cientista. Se calhar foi o William Crookes. Olá. Ainda estou aqui.

Oh. Não sei se consegues ouvir bem.

Sim. Consigo ouvir-te muito claramente agora, Frederick. Acabei de te ouvir. Consegues ouvir-me? Eu ainda estava a tentar falar, por isso não consigo ouvir nada. Quem era? Sim. Olá. Não sei. Não sei. Olá. Não sei. Não sei. Não sei. Robin.

Sim?

Robin. Quê? Alguém disse Ruben, pareceu-me. Eu disse Ruben ou algo assim. O que estás a tentar dizer, amigo? Não conseguimos ouvir muito claramente. Tenta outra vez. Ruben. Alguém disse Ruben. Não conheço ninguém. Portanto, esse Ruben fez isso. Tu disseste, não é um dos meus clientes habituais. Ele disse isso. Sim? Estás aí, amigo? Olá. Estavam a sussurrar, creio, uma mulher e o homem.

Ainda estou aqui. Lamento que tenha havido um pouco de interferência, sabes, mas creio que está tudo bem agora. Acho que me vais ouvir bem.

Sim, consigo ouvir-te bem.

Há uma pequena dificuldade, mas creio que a resolvemos. É por isso que estás aí. Claro que estou aqui. Adorável. Não apenas aqui para resolver as coisas, sabes, porque quero falar contigo. Não te quero desiludir. Consegues ouvir-me?

Sim, consigo ouvir-te. Consegues ouvir-me?

Eu sei, não tenho de ouvir exatamente. Posso dizer-te o que estás a pensar antes de o dizeres sobre ele. Sim. Às vezes os teus pensamentos chegam-me mais depressa do que os teus desejos. Oh, sim. Isso é interessante, sabes. É isso. Gostaria que percebesses o que isso significa.

Quem me dera. Mas fala sobre isso. Pergunta-me algo.

Não consigo pensar com clareza esta noite. Estás bloqueada. Pelo menos não no momento. Parece que não consigo limpar a minha mente, ou como se diz, não sei como pensar. Então, bem, sobre o que falas?

Bem, se achas difícil, Frederick, não te canses.

Oh, não sejas tão séria. És sempre tão bondosa. Não. Se achas que vai ser difícil, poupa-te, querida. Não te incomodes. Espera até que seja fácil para ti.

Bem, posso bem imaginar o quão difícil deve ser.

Oh, às vezes é extremamente difícil. Às vezes é mesmo impossível. Mas não gosto de te desiludir.

É por causa das vibrações? As vibrações estão a interferir ou algo assim?

Às vezes é demasiada atividade, demasiadas vibrações diferentes, demasiada confusão. Às vezes não é assim. Outras vezes é difícil. Parece haver várias pessoas aqui esta noite que parecem estar, não sei... parecem estar em sofrimento, em sofrimento.

Oh, compreendo. Oh. E não queres que elas interfiram. Gostas de um canal limpo?

Oh, sim. Claro que gosto de um canal limpo. Gostas de paz? Gosto. Não quero confusão, nem interferência, nem vibrações cruzadas. Estás muito melhor hoje, hein?

Sim, obrigada, Frederick. Estou muito melhor.

Estás a ficar mais calma. Não, o Maserah tem estado constantemente com a tua amiga.

Oh, sim. Eles estão muito preocupados com ela. Pergunto-me se ela vai partir ou se vai melhorar.

Bem, não sei, mas parece que ela piorou, portanto... sim... mas depois parece recuperar um pouco. Creio que vai levar muito tempo até que ela possa estar realmente bem. A menos que algo aconteça, sabes, não sei. É muito incerto.

Foi tudo tão repentino, não foi? Estas coisas são frequentemente tão repentinas. E eu creio... não sei, o Dr. Maserah parece pensar que ela teve vários avisos sérios, mas ela não lhes deu atenção.

Sim, creio que sim.

Ela ignorou-os, sabes, ela meio que... Ah, sabes. Ela é como muitas pessoas. Pensa que não é nada. Sim. Não sei o que dizer esta noite, minha senhora.

Eu também não sei o que dizer. Acho que estamos ambos no mesmo barco. Temos o desejo de falar.

Oh, valha-me Deus, apraz-me falar. Só não sei sobre o que falar. O Dr. Maserah está aí?

Não. Quero dizer, não aí. Bem, não vale a pena fazer perguntas se queremos respostas longas ou algo do género. Não quero que tenhas de pensar muito. A parte extraordinária disto, Frederick, é que tu dizes que há tantas, tantas pessoas em redor. Elas não chocam umas com as outras?

Não, não nesse sentido. Não, não. Sim, um de vós pode estar, às vezes... Quando olhas para isso do ponto de vista material do pensamento, é tão estranho que não choquemos uns com os outros ou não nos atravessemos no caminho. Achas que a sala é grande o suficiente? É que a própria sala tem um tamanho importante, o calor que é sólido para ti e é sólido para nós.

Mas eles devem ocupar espaço. Os corpos devem ocupar espaço, não devem?

Os corpos devem ocupar espaço. Bem, não sei. Como direi? Alguma vez viste um bando de milhares de aves a migrar?

Sim, mas elas estão a migrar no espaço.

Mas o que somos nós senão espaço? Sim. Aves na atmosfera são como um grão de areia no deserto.

Sim, mas quando entras numa sala como esta...

Nós não entramos, não. Tornamo-nos conscientes dela, o que é uma coisa inteiramente diferente. Estás consciente desta sala neste momento ou estás nela?

Ambas as coisas. Hein? Ambas. Estás nela. Só estás em algo quando estás consciente disso; quando estás inconsciente, não estás lá. Oh, céus, tenho uma mala cheia de óbvia... Não percebes o que estou a tentar transmitir? Quando nos

tornamos conscientes do teu desejo de comunicar connosco, vimo-nos para ti. Quando chegamos a ti através da tua consciência da sala, estamos conscientes da sala. Oh, compreendo. Tu não estás... não estás na sala, mas através dos nossos pensamentos, através da tua mentalidade, através dos teus pensamentos e da tua consciência das tuas condições e da tua sala, nós estamos conscientes da tua sala, através de ti. Sim. Mas para nós, a sala é inexistente, porque é sólida e material, o que é inteiramente diferente da nossa própria atmosfera e condição de vibração. Por outras palavras, só estamos conscientes das coisas através da consciência, e recebemos a consciência da solidez do vosso mundo através dos vossos pensamentos. Mas isso não a torna necessariamente sólida para nós, embora seja sólida para ti.

Agora, neste momento, enquanto falas comigo, Frederick, estás consciente de onde estás?

Estou consciente de estar aqui nesta casa. Sim. Estou consciente de estar nesta sala, através da tua consciência e da consciência do médium. Ora, vês que isto é importante, porque tens de ser capaz de compreender isto. Falo sobre esta consciência do médium e, claro, na comunicação, um dos nossos principais desejos é não ter a consciência do médium. Sim. Por outras palavras, esse é o nosso grande problema. Eu diria: "oh, bem, claro, sabes, o médium intromete-se na comunicação às vezes, desenvolve-a e destrói-a". Isso é provavelmente verdade. Mas, ao mesmo tempo, temos de ter a consciência do médium ou dos presentes, e às vezes também do médium. Caso contrário, não poderíamos tornar-nos, por assim dizer, conscientes das condições. Não poderíamos tornar-nos conscientes da comunicação que queremos transmitir-te. Por outras palavras, temos de ter um ponto focal. Se compreendes.

Sim. Mas uma vez, em tempos, perguntei-te: "consegues ver-me?". E tu disseste: "claro que te consigo ver".

Fredrick: Claro que te consigo ver. Oh, querida, tu és complicada. Sim. Claro que te consigo ver. Mas vejo-te num sentido não tanto físico, mas vejo-te mentalmente.

Oh, vês? Não sei.

Fredrick: Agora, lá está, vês, isso é de uma forma feliz. As pessoas falam sobre o contacto consciente. Mas só podemos estar conscientes até certo ponto. Podemos estar conscientes através da mente e da condição e do pensamento do médium. Podemos estar conscientes através da mente e da condição de quem se senta e do recetáculo que deseja a comunicação. Afinal, pensa nisso. Agora, por exemplo, se uma certa pessoa quer fazer uma comunicação — digamos, se um ser humano está doente, e é a mãe de uma pessoa que é desconhecida para o médium. É apenas porque quem está sentado está ansioso pela comunicação com a mãe. Mas a mãe estabelece o contacto com quem está sentado. E quando quem

está sentado vai a um médium, é porque a mãe consegue contactar indiretamente. Percebes? Através do médium. Mas não seria possível se não fosse o facto de quem está sentado possibilitar o elo com o comunicante.

Por exemplo, poderias dizer-me: "oh, eu adoraria falar com uma certa pessoa". Mas eu não posso ir procurar essa pessoa. Isto é assim — às vezes é possível, mas frequentemente não é. Se essa pessoa, deste lado em particular, quer fazer uma comunicação e se torna consciente das tuas forças de pensamento, e está interessada e ansiosa por comunicar, o facto de o teres tornado possível deve-se ao poder do amor e do pensamento que enviaste. E é a mesma história que tentamos dizer-te desde o início. É o poder do amor. São as forças de pensamento que tornam todas as coisas possíveis. O que é uma realidade ou uma solidez para ti em relação ao teu mundo material? É insignificante para nós. O que é uma realidade para nós? É o pensamento consciente de indivíduos como tu, que querem estabelecer contacto comigo ou com alguma outra alma.

E é através da tua consciência, através da tua capacidade e consciência, que é possível atrair-nos para ti. E depois, uma vez que estamos nas tuas condições, tornamo-nos, até certo ponto, conscientes dos teus pensamentos, mais do que do material. E, em consequência, através de um instrumento ou de um médium, estabelece-se um contacto. Mas, lá está, estamos limitados até certo ponto quanto ao que podemos transmitir pelas próprias condições sob as quais temos de nos esforçar para comunicar, que são as condições que tu e o médium criam através das vossas forças de pensamento. Se a vossa força de pensamento for forte, e se estiverem a pensar, digamos, num plano de pensamento que nos permita comunicar de uma maneira inteligente ou de uma maneira compreensiva — talvez de uma maneira espiritual — então podemos fazê-lo.

É por isso que as pessoas não compreendem; sabes, há algo que às vezes as pessoas dizem: "não sei, consegui falar com fulano e tal, mas não foi muito bom". Talvez tenha sido num nível material; mas se essas pessoas, quando se sentam, estão muito vacilantes na atitude mental em relação ao assunto e não são, digamos, muito compreensivas, ou talvez estejam à procura de certa informação que é de uma natureza material específica, tudo isso afetará a sessão e elas receberão, até certo ponto, exatamente o que elas próprias fornecem na força de pensamento. Por outras palavras, são as forças de pensamento dos presentes que principalmente fazem de uma sessão, como lhe chamas, um sucesso ou um fracasso.

Mas quando há grandes sons, e é uma grande reunião como um som, não é muito confuso por um momento?

Fredrick: Essa é, claro, uma das grandes dificuldades. Certamente há duas maneiras de olhar para isto. Se tens um grupo grande de pessoas experientes, que são muito compreensivas e harmoniosas, então, claro, o poder acrescido que se funde com tantas pessoas torna a comunicação muito mais simples, muito mais

fácil. É uma coisa maravilhosa, mas como se diz, acontece. Mas quando tens o grupo habitual de sete, oito, nove pessoas ou mais, que estão todas a pensar de forma muito egoísta, talvez na linha material, e estão também a enviar pensamentos sobre coisas que lhes pertencem a elas próprias, e não estão preocupadas ou ansiosas por outras pessoas — por outras palavras, se estão a enviar pensamentos que, em si mesmos, são egoístas...

Sim, sim.

Fredrick: Então é tudo muito complicado e difícil. E, claro, devemos lembrar-nos disto também: como somos atraídos para a terra pelo amor e pelo desejo de comunicação, às vezes as pessoas que estão, talvez, perto da terra, estarão mais conscientes, como dizemos, das condições da terra e, em consequência, quando as condições são preparadas para sessões como esta pelo poder que é construído pelas vibrações e pelos pensamentos do médium ou dos presentes, às vezes isso atrairá indivíduos que não estão muito longe de nós e que, por vezes, serão um incómodo.

Como conseguem manter afastados aqueles que se podem tornar, talvez, um perigo?

Fredrick: Oh, bem, isso é muito certo. Na verdade, não creio que possamos sequer considerar que haja qualquer perigo, no sentido de perigo. Não. Mas o que devemos lembrar — e creio que todos se deveriam lembrar agora — em todo este assunto, é que, fundamentalmente, deve ser, e só pode ser, o poder do pensamento. Se eu quero falar contigo, é o meu pensamento que se transmite a ti. A caixa vocal meramente reconstrói, até certo ponto, alguma parte da minha personalidade através da própria voz, que pode — afinal de contas, o dispositivo em si não pode ser completamente uma coisa natural, é artificialmente reproduzido e, em todo o caso, qual é o valor? Não existe tal coisa; é outra relação no sentido de ser uma vibração da atmosfera.

Talvez seja, mas como é que se podem reconhecer vozes assim que elas surgem?

Fredrick: Bem, o que estás a reconhecer não é tanto o sentido da voz, mas a personalidade. É verdade que tens uma inflexão e um tom diferentes na voz, tudo isso, mas o que não estamos a tentar — isso é, claro, por parte de comunicadores experientes, geralmente.

Sim, sim.

Fredrick: Mas o que estamos a tentar transmitir, deves lembrar-te, é que o tempo todo a substância que é usada para construir a réplica da laringe e dos órgãos vocais é extraída principalmente do médium, mas há alguma contribuição também de quem assiste, e isso é, o tempo todo, uma coisa viva, é uma coisa

vibrante, uma coisa pulsante, e muito esforço é feito pelos cientistas para manter isso em ação. Bem, não esqueças, isto é algo que afeta toda a gente porque, embora seja uma espécie de substância viva extraída principalmente do médium, há também uma contribuição feita pelos assistentes; sim, uma contribuição feita pelas pessoas deste lado, que a moldam, utilizam e fundem, e possivelmente — e muito frequentemente — é possível que, às vezes, algo de si próprios se interligue. Por outras palavras, por exemplo, alguém pode vir e falar, e pode haver outros atrás dele, a assistir com esse poder e esses pensamentos, e às vezes tens uma fusão de personalidades e uma certa mudança que é, por vezes, subtil, sabes.

E nota uma coisa: se o médium tem uma constipação e há um tom anasalado, a voz do espírito também fica assim. Por que razão? É porque vocês o assumem?

Fredrick: Creio que isso se explica possivelmente de forma simples pelo facto de que, uma vez que — os físicos, nós chamamos a isto, como dizes, fenómenos físicos. Por outras palavras, é algo que é trazido para o ser físico.

Sim.

Fredrick: E, portanto, se estamos a usar alguma força, algo do médium, o que temos de fazer, então deve haver condições atmosféricas físicas. Sim, e também toda a emanação em redor do médium varia e muda e flutua constantemente.

Sim. E também, quando tu... eu conseguia ouvir a respiração às vezes.

Fredrick: Bem, isso é natural. Não muito frequentemente, mas às vezes. Sim. Isso é compreensível porque, para criar som através da vibração da laringe, deve haver respiração. Sim. E usamos principalmente a respiração do médium. Sim. É por isso que é sempre difícil, suponho, para o médium manter a comunicação ao mesmo tempo. É feito, mas é difícil.

Sim. É interessante. E fizeste-o de forma tão simples, de certa maneira, mas é muito complexo para as pessoas que simplesmente não compreendem e não entram nos detalhes disto. Oh, eu gosto de saber os detalhes de tudo. Gostaria de ir ao "circuito", estar por trás dos bastidores e ver o que os cientistas estão a fazer — não para escrever, mas para perceber minimamente.

Fredrick: Bem, não sei como se pode descrever isto exatamente, como se poderia perceber isto. Quero dizer, a ciência, eu compreendo, tem sido capaz de criar sons artificiais no vosso mundo. E, no sentido do que estamos a fazer, criamos sons artificiais, mas eles soam, tanto quanto os conseguimos tornar, naturais.

Creio que haveria mais conhecimento ou mais crença nestas coisas se os vossos cientistas daí fossem chamados a fazer algum tipo de instrumento, como a televisão — vê como toda a gente se amontoa para a televisão, ficam tão fascinados com ela que nunca a questionam nem nada.

Fredrick: Sim, eu sei, mas consegues imaginar que caos seria e o quão pavoroso seria? Se toda a gente corresse para a sua televisão todas as noites, às oito em ponto, para falar com o Fred e o Charlie. Pelos céus, nunca teríamos paz. Tu não me darias paz nenhuma, graças a Deus que não existe tal coisa.

Oh, eu não daria. Não. Não, eu dar-te-ia paz, Fred. Eu tenho sentido de humor. Mas consegues imaginar se tivesses um aparelho no teu quarto, todas as noites estarias lá deitada na tua cama a dizer: "vá lá, Fred". Não, mas a razão por que eu gostaria disso é porque, vês, através de um ser humano... eu sei porque dizes isso. Aqueles céticos dizem: "oh, foram os presentes que criaram", eles não teriam oportunidade de dizer isso então.

Fredrick: Bem, não sei. Creio que há imensas formas de provar que não é assim. Afinal de contas, se tornas o médium incapaz de falar, então como é que se pode pretender que é ele? Não. Mas eles não conseguem ver no escuro. Oh, eu adoraria que o mundo inteiro soubesse disto sem suspeitas. É por isso que não sei.

Bem, não creio que terias essa satisfação. Haveria sempre suspeita entre as pessoas. Não apenas sobre isto, mas sobre tudo. Frederick, disseram-me que os cientistas estão tão interessados no seu trabalho do outro lado que não se importam muito com o que acontece ao médium.

Fredrick: Bem, creio que isso acontece com alguns, mas não com todos.

Espero bem que não.

Fredrick: Creio que com certos cientistas que têm quaisquer intenções — isso é melhor ainda — quanto mais avançados espiritualmente são, mais espiritualmente científicos são, e é uma questão diferente. Eles não fariam nada e, em qualquer caso, tenho a certeza de que não desejariam fazer nada que pusesse em perigo, por exemplo, o médium, ou fizessem algo que fosse prejudicial. Em todo o caso, eu não quereria. Tinha a certeza de que eles não pensariam nisso. Não.

Mas esses não deveriam ser autorizados, esses que estão perto, muito perto, a criar o caos no mundo, a infiltrar todo o tipo de ideias.

Fredrick: Claro que isso é natural. É natural que penses assim, mas isso é possível porque não te dás conta plenamente da lei natural por trás de todas as coisas. Quero dizer, pode-se dizer constantemente: "oh, isto não deveria ser" ou

"aquilo não deveria ser". Mas tudo está sujeito à lei natural. Não há ninguém num lugar de ditadura. Não há ninguém que possa comandar ou exigir. Tudo deve seguir uma sequência natural. E, naturalmente, pessoas que partiram apenas recentemente ou pessoas que não progrediram muito, ainda pensarão e agirão de acordo com isso. E se as suas condições, pela própria natureza, as mantêm próximas da terra, claro que esses pensamentos podem ter algum efeito nas pessoas na terra. Mas, por outro lado, só afetarão as pessoas que tiverem a mesma mentalidade.

É por isso que é importante, essencial, que as pessoas tentem elevar-se além do mundano e do comum, que se elevem num sentido espiritual. Essa é outra razão pela qual é da maior importância que, quando fazes uma sessão, a abordes da maneira correta e que estejas apenas preocupada com coisas que são importantes.

Sim, espiritualmente.

Fredrick: Quero dizer, não deverias apenas brincar com isto. Muitas destas pessoas apenas brincam com isto. Olham para isto como uma forma de...

Excitante.

Fredrick: Bem, tu sabes como. Sim. Bem, claro, elas atrairão pessoas que não lhes serão de grande ajuda.

Como estão as minhas esferas de homens a sair-se, tudo bem?

Fredrick: Oh, eles estão frequentemente aqui. Eu vi-os. Deves pensar muito neles.

Penso. Eu sei que eles vêm frequentemente ter contigo, e tenho a certeza de que estão à espera que te juntes a eles. Mas ainda não é o momento.

Quanto tempo vai demorar?

Fredrick: Não sei. Não te posso dizer.

Não dizes?

Fredrick: Eu não sei. Eu não vejo. Possivelmente um pouco mais perto da hora seja possível, sim, mas no momento não vejo sinal disso. Não vejo sinal disso. Eu não sei, Fred, na verdade. O que dizes? Não sabes, não sabes. Não, o que queres dizer? És um malandro, porque eu acho que tu sabes, mas não queres dizer.

Fredrick: Que benefício teria para ti se eu soubesse e te contasse?

Não sei. Está bem, não importa. Como sabes que ainda não vais vir para aqui? Ainda não vens.

Não, talvez ainda não venha. Suponho que ficarei por mais um pouco de tempo.

Fredrick: Creio que ainda tens algumas surpresas reservadas antes de chegares aqui. Sim. Surpresas com condições no teu mundo e com pessoas. Não creio que venhas já. Além disso, estás a divertir-te, apesar de tudo.

Sinto-me mais feliz quando estou nesta sala.

Fredrick: Por que esta sala em particular?

Porque temos as nossas reuniões. Reuniões aqui.

Fredrick: Bem, eu gosto muito, embora, num sentido, a sala em si não me importe nada. Só estou consciente dela, num sentido, através de ti e do médium, mas sei que as condições que tu crias são importantes e, portanto, estou atento às condições na sala e às condições que são criadas na sala. E creio que é uma atmosfera agradável. É agradável, não é?

É muito simpática. Gosto que te sentes aqui. Gosto muito. Tenho a certeza de que teremos momentos muito felizes aqui. Não sabes?

Fredrick: Sim. Embora a sala, num sentido, seja importante — eu digo: embora a sala, num sentido, seja importante — creio que fomos capazes de te mostrar que não é tanto a sala, num sentido. Pensas no passado?

Sim. Tenho sido muito feliz ao vir ter contigo.

Fredrick: Eu também. Estou tão feliz.

Claro que acredito que é retórica. Claro que acredito, mas sabes.

Fredrick: O que é? Agora dizes: "acredito que é retórica". Claro que acreditas, mas agora qual é o "mas"?

Não, mas eu estou muito melhor agora do que estava. Por favor, diz-me uma coisa.

Fredrick: Sim.

Há alguma coisa que eu pudesse fazer por ti que te desse a convicção definitiva então? Porque ainda sinto que às vezes achas que isto é tudo bom demais para ser verdade.

Bem, suponho que é desde pequenina. Sabes.

Fredrick: Não, mas se me pudesses dar uma coisa — se pudesses pensar em algo que me pudesses pedir para fazer, algo muito especial talvez, se eu pudesse fazê-lo para te dar a convicção — então obviamente ainda acho que às vezes precisas.

Claro, se eu te visse, mas mesmo assim não saberia como eras realmente.

Fredrick: Bem, mas agora já te tenho. Onde está aquela mecha de cabelo?

Bem, admito que não a produzi.

Fredrick: Mas supondo que fosse possível — não estou a dizer que o vou fazer, porque não sei. Creio que não. Não creio que seja possível. A certa altura pensei que pudesse ser. Mas supondo que eu me pudesse materializar e tu pudesses cortar uma mecha do meu cabelo e ela não desaparecesse depois da reunião. Então o quê?

Oh, eu guardá-la-ia então. Claro, então isso convencer-te-ia. Eu acredito que serias capaz de te materializar.

Fredrick: Oh, achas que seria uma alucinação?

Não, não acharia.

Se eu tivesse a minha mão e a sentisse, e visse que isto era cabelo real... Claro, não sou assim tão tonta. Mas achas que é possível materializares-te, Frederick? Eu tinha essa esperança, e ainda a tenho. Mas agora quase tenho medo de fazer profecias.

Fredrick: Sim. Porque isto é algo tão... não sei, isto é algo que não é tão... Num sentido, é intangível.

Sim.

Fredrick: É impossível. Um dia achas que é possível fazer algo; no dia seguinte, achas que não. E talvez um dia, quando menos esperares, aconteça.

Sim.

Fredrick: É assim que as coisas são. Às vezes, quando vimos, não conseguimos fazer grande coisa. Noutras alturas, é tão diferente. Somos capazes de conseguir um encontro. Suponho que seja demasiado dispendioso. Não podemos ser sempre os mesmos. Não podemos esperar conseguir sempre manifestar-nos ou estabelecer contacto. Por que haveria de ser assim?

Sim, é verdade.

Fredrick: Afinal de contas, todas as noites quando vais dormir, não sabes se vais mesmo dormir. Às vezes não dormes bem. Às vezes dormes muito bem. Às vezes viajas também no teu "eu", mas aqui por vezes sonhas sonhos engraçados, que não fazem sentido nenhum. Às vezes ficas farta e lês um livro, pousas o livro, levantas-te, fazes uma chávena de chá. Nunca sabes, quando vais para a cama, quando vais dormir ou que tipo de sonhos vais ter. Aqui é diferente. Tudo está sujeito a desafios.

Sim.

Fredrick: Olha para ti. Num dia estás em cima, no outro em baixo. Alguns dias corres de um lado para o outro; outras vezes rastejas; às vezes apenas te sentas a esperar.

Sim, é verdade.

Fredrick: Sim, mas eu não forço tanto, como todos nós fazemos, pelo momento em que te juntarás a nós. Mas sabemos que ainda nos falta permitir que passe um pouco de tempo. E deves tentar ser tão feliz quanto te for possível. Acho que te divertes muito na vida, apesar de tudo.

Oh, sim.

Fredrick: Não gosto que fiques deprimida.

Oh, eu nunca estou deprimida agora. Gosto da quietude e do silêncio.

Fredrick: Gostaria muito de fazer algo de espetacular para ti. Não sei, mas sinto que te daria um sentimento maravilhoso se eu pudesse. Além de apenas vir falar, talvez, quem sabe, uma noite quando aqui estivermos, aconteça.

Eu acho que sim. O Mickey disse que poderia acontecer. Que as coisas poderiam acontecer.

Fredrick: Não, parece que sim. Não apenas o Mickey. Bem, só nos resta esperar que sim. Tenho de ir. Lamento, mas está a ser um pouco difícil.

Está bem. E não ficarás desapontado comigo.

Fredrick: Não. Estamos num amor de bênção para ti. Sabes disso?

Sim. Dá o meu amor à mamã e a quem está aqui. Tenho estado lá há tanto tempo. Eles vêm falar contigo outra vez. Eles deviam, sabes. E ao querido e velho Sam, diz-lhes que não os esqueci. Oh, todos os teus amigos. Tenho de ir.

Está bem. Obrigada por vires, Frederick. Deve ser muito difícil.

Fredrick: Não, eu dei o meu melhor.

Eu sei.

Fredrick: Sim, querida. Muito obrigado. Bye-bye.

Bye-bye mamã. Bye-bye mamã. Bye-bye mamã. Bye-bye mamã. Bye-bye mamã. Bye-bye mamã. Sabes se algo está errado? Ainda achas que tens dúvidas? Tens?

Mickey: O quê?

Às vezes acho que tu duvidas, não duvidas?

Mickey: Não, eu não duvido. O que é? Não sei. O que é? Não sei. Tu própria estás segura.

Não, sim, é verdade. Mas... bem, não sei. Tu tiveste tanto ao longo dos anos, conforme eu soube que tiveste ao longo dos anos antes de me conheceres. Tiveste todo o tipo de evidências da natureza mais extraordinária. Foi acima da minha compreensão. Não é dúvida, minha senhora. Sabes, quando algo em ti é maravilhoso. Compreendes o que quero dizer?

Sim. Como se o teu cérebro não conseguisse realmente perceber, isso é excesso de sentimento. O quê? Oh. Oh. Maravilhoso, maravilhoso. Oh. E vou tirar esta cama deste quarto. Um pouco mais tarde, querida. Eu sei que ele vai. Lamento, és uma das pessoas mais simpáticas que já conheci.

Mickey: Sim. E duas pessoas simpáticas trazem juntas a minha maravilhosa atmosfera de harmonia.

Eu sei. Não veio o Rudolph dizer isso? Maravilhoso. O quê? Ah. Que palavra é que ele usou? Harmonia?

Mickey: Não. Esqueci-me. Harmonia? Que longo discurso ele deu, não foi?

Sim. Tiveste sorte.

Mickey: Hein?

Tiveste sorte. Ele também me pregou uma partida, sabes. Acho que o Frederick o ensinou a provocar. O que está a acontecer, Mickey?

Mickey: Nada de momento, não és toda dedos?

Pensei que estivesses zangado porque eu não estava...

Mickey: Não, eu estava a pensar na minha mente quando vieste e falaste. Estavas tão claro. Onde está a campainha? E depois continuaste e eu queria saber a razão. O melhor é ficar apenas quieta.

Sim. Não podemos falar?

Mickey: Sim. Oh.

Não podes falar comigo?

Mickey: Não. Oh. Sim. Está bem. Relaxa, eu falarei. Está bem. Seja como for. Ficarei muito contente por relaxar. Estou a pensar na minha pobre fita, vamos perder tudo.

Porquê?

Mickey: Bem, se eles se resumem, de repente começa a dizer algo e a fita está no fim. Não podes escrever?

Ele está a tentar salvar-me, querida. Ah! Não sei. O que achas? Bem... Oh. Olá. Tu és... Sim. Olá. Olá. Olá. Olá. O que é? Oh. Nada. Estamos apenas sentados calmamente. Tive medo que a fita acabasse.

Mickey: Não, acho que não. Acho que é possível por um momentinho, sabes. Como estás esta noite? Eu sempre penso que me tinha esquecido de ti e que não vinha mais falar contigo.

Ah, bolas. Não. Não pensei nada disso. Obrigada por enviares o Rudolf Valentino. Oh. Antes de mais, Valentino. Ah. Rudolf. Ah. E?

Mickey: Ele é uma personalidade interessante. Somos muito bons amigos.

Eu sei. Porque, sabes, se queres dar-te bem com este médium, tens de ser bom amigo do Valentino. Portanto, sabes...

Mickey: É assim? Não, estou a brincar. Não. Mas é que ele está muito associado, sabes. Então...

Sim. Ele é uma alma muito boa, sabes. Eu, sim. Não imagino o termo terrível que aquele pobre homem deve ter tido. Acho que ele deve ter ficado contente por se livrar de todas aquelas mulheres. Oh, pobre... um emplumado. Como é que tantas milhares de pessoas têm tanto interesse até hoje? Mesmo jovens que nunca o viram no ecrã.

Mickey: Não sei. Acho que é... suponho que há algo a que muitas pessoas eram sensíveis, mas que não percebiam bem, sabes. E também, claro, há muitas razões, suponho; afinal de contas, há muitas pessoas que procuram uma fuga, sabes. O vosso mundo é tão... como se diz? Infeliz em tantos aspetos, e tantas pessoas acham... romântico.

Sim.

Mickey: Uma fuga, sabes. Como as pessoas... Na minha música, suponho que muitas pessoas encontram... Sim. Na minha música. Sim. É o mesmo tipo de coisa, de certa forma. Sabes, afinal de contas, devemos estar gratos, de certa forma, por sermos capazes de assistir, de ajudar as pessoas, de terem algum tipo de sucesso. Face às duras realidades do mundo material em que vivem. No meu caso, a minha música; no caso dele, suponho, o glamour da sua personalidade e dos seus campos, sabes. É a mesma coisa, suponho. Foi uma forma de fuga, não é? Para muitas, muitas almas que são muito da sua personalidade e dos seus campos, sabes. É a mesma coisa, suponho. Foi uma forma de fuga, não é? Para muitas, muitas almas que são muito pesadas — como se diz? Pesadas com tantas coisas da terra a puxá-las para baixo, sabes.

Mas nunca houve tantos milhares e milhares atrás de um homem assim.

Mickey: Bem, não creio que estivessem atrás dele no sentido de que, sabes, é romântico. Suponho que ele tenha criado alguma imagem, sabes, nos corações, um símbolo de romance. Tal como a minha música: é romântica e simbólica para muita gente. Muitas pessoas encontram na minha música uma forma de fuga das duras realidades da terra. E é bom fechar as portas e trancar o vento lá fora e apenas perder-se na beleza e no som.

Ah Frederick, tu consegues fechar-te a toda a gente quando te empenhas nisso.

Mickey: O que quer que se deseje; se se desejar, pode-se escapar. Se se puder usar a expressão aqui, não se procura escapar. Não há necessidade disso, mas pode-se, por assim dizer, retirar-se e estar só, ou tornar-se inconsciente do resto do mundo no qual se existe. Se sentires que é necessário fazer isso, podes fazê-lo.

Mas vês, aqui a vida é tão diferente, é tão pacífica, tão serena. Não sentimos necessariamente que as outras pessoas se intrometam. Ninguém aqui sonharia em intrometer-se noutra pessoa. É algo de que se tem consciência dentro de si mesmo: qual é o momento certo, ou o instante correto. Nunca se causaria, de forma alguma, qualquer infelicidade a ninguém aqui, ou qualquer dor, ou qualquer tipo de interferência. Sabes, quero dizer, aqui tudo é lei natural, e somos tão mais sensíveis que temos consciência, imediatamente, da necessidade, digamos, de silêncio, ou da necessidade de retirada, se necessário; e ninguém se intrometeria em alguém que, saber-se-ia imediatamente, desejasse estar, por assim dizer, só, sabes, consigo próprio, se compreendes o que quero dizer.

Algum de vós parece ser um com o outro desta forma, ou todos vós pareceis saber tudo uns sobre os outros, e tudo sobre as pessoas com quem comunicam.

Mickey: Bem, não sei se sabemos tudo. Suponho que, de certa forma, não seja bem assim. Sabemos tudo o que, digamos, é necessário saber para a harmonia. Compreendes isso?

Sim, mas a julgar pelas comunicações que recebo de diferentes pessoas, alguém vem e diz-me algo sobre qualquer coisa, tu vais-te embora, e uns dias depois disso, vem outra pessoa e diz: "oh, ouvi isto e aquilo sobre ti", como se tivessem andado a conversar uns com os outros.

Mickey: Oh, bem, claro que conversamos, como dizes; pelo menos estamos em contacto uns com os outros e, obviamente, porque amamos os nossos amigos e estamos interessados neles. E, claro, quando estamos preocupados com as pessoas na Terra, temos de adotar, se preferires, algum tipo de atitude mental não muito diferente da atitude mental das pessoas na Terra. Por outras palavras, se vamos discutir as pessoas na Terra e os seus assuntos, temos de entrar nessas condições e nesses assuntos, e temos de estar, por assim dizer, no mesmo nível mental, até certo ponto, para sermos capazes de os discutir.

Claro que fazemos isso, mas estamos mais interessados, naturalmente, não tanto no aspeto material dos indivíduos que amamos na Terra, mas no aspeto espiritual e melhor, onde... sabes, quero dizer... não é que não seja verdade, mas claro que às vezes falamos sobre as coisas materiais comuns, porque se estamos interessados em alguém e amamos alguém na Terra, estamos ansiosos por ajudar essa pessoa; às vezes somos compelidos, poder-se-ia dizer, a entrar nesse modo de pensamento e a discutir nesse nível.

É simples, se apenas conseguisses compreender que podemos entrar em qualquer condição, ou qualquer tipo de vibração, ou podemos entrar em qualquer tipo de estado mental particular de qualquer indivíduo específico em quem estejamos interessados. Se desejarmos, e isso não nos perturba necessariamente quando estamos, digamos, no nosso próprio ambiente aqui, fazer isto — que é

entrar no estado mental ou na condição de uma pessoa numa esfera diferente ou sobre a Terra; então temos de entrar nessa condição e tornar-nos parte dela, e abordá-la desse ponto de vista particular, ou dessa condição de vida específica, e isso não é difícil. É apenas uma questão de mudar, pelo momento, pelo menos, a nossa atitude, a nossa própria condição, e entrar na outra; depressa conseguimos retomar a nossa própria condição vibratória.

5 DE MARÇO DE 1954

Acredita em mim. Um álbum poderá acontecer. Digo-te sempre — disse-te que ias falar russo. Quando eu era jovem, qual é aquele nome? Oh, ele faz isso? Sabias que ele estava a tentar rir-se de mim? Oh sim, eu estava a tentar ir. Onde, na estrada agora? Sentir-me-ia bem. Ainda sei mais do que o Stan, Mickey. Oh, és um homem querido. Não tens mais tempo para ajudar quando comes um lanche ali. Sim, é uma pena. Eu não fui responsável. O quê? Eu não fui responsável ali. Um monte de quê, querida? Oh, eu sei. Perdão? Ao que te estavas a referir? Bonito. Não podes. Onde estavas? O que está ali? Não sei de nada do que foi feito. Não, não, não, não é. Eu sabia o que ia fazer. Não se incline para a frente, Sr. Robinson, relaxe. Obrigado. O que quer dizer com isto? Olá. Consegue ouvir-me? Sim, muito bem. É um herói, hein? Sim, é a primeira pessoa a conseguir passar. Oh, sim. Tu também achas? Eu pensei, creio que não teria avançado muito apenas de improviso. A primeira aparência é uma das coisas mais importantes se vais fazer o que quer que seja, de qualquer maneira. É por isso que penso no que vais fazer. Tens de resistir, sabes, e continuar a afastar, a afastar. Não sei se algum de vós consegue ver todas estas pessoas por aqui. Suponho que teriam muito que falar sobre isso. Eles dizem-nos, porque não conseguem. Eles passarão. Oh, certo, aqui mesmo. Mais vale dizer-nos algo sobre quem estava lá.

Bem, não creio que estaria muito errado se considerasse que está aqui alguém, esta pessoa, de todas as nacionalidades e de todas as gerações de tempos, debaixo do sol. Sabes? Quanto mais se vê a vida, mais se percebe o quanto temos de saber. Mesmo deste lado, sob os olhos, estão almas que aqui estão há séculos e séculos e séculos, que progrediram para além de qualquer aparência exterior do corpo físico. E, no entanto, ainda retêm, poder-se-ia dizer, personalidade. Mas é uma personalidade que se sente e que se pressente. E pressentes o que vês, mas não vês essa personalidade. Não vês esse indivíduo, se preferires. No físico, no exterior, não conheço a vergonha. Há algo de que se tem consciência. E são almas muito elevadas que deixaram para trás, completa e absolutamente, qualquer condição que seja vestígio da vida material. São completamente de alma e espírito santo. E, em consequência, o seu órgão físico exterior, o seu organismo, desapareceu por completo.

Creet: Queres dizer que estás apenas abaixo dos seis? Quero dizer, não consegues ver nada.

Fredrick: Bem, isso pode ser porque eu consigo chegar até elas e elas não conseguem manifestar-se no meu plano particular de mente e existência. Sem dúvida, se com o tempo subir suficientemente alto, elas tornar-se-ão visíveis para mim como seres humanos. Ou seja, digamos, como almas de espíritos, como pessoas. Se isso será exatamente igual na forma, duvido, não sei. É uma coisa que penso que se torna muito óbvia para ti aqui, quando já cá estás há algum tempo. Ou, se preferires dizer, quando és colocado numa espécie de foco real, então podes realmente notar que todos os aspetos materiais e físicos, os diferenciais entre masculino e feminino, desaparecem gradualmente. E tens, em seu lugar, um indivíduo assexuado ou um espírito assexuado, sem qualquer diferença física real. Não sei se estou a ser minimamente claro.

Mas penso que, quando chegamos às coisas básicas, percebemos que a forma física exterior de um corpo humano é apenas uma questão de — bem, se não quero dizer "atrações", quer sejam atrações sexuais ou não, não sei. Mas quer tenhas pessoas de um sexo ou de outro, nos sentidos em que me refiro, e simplesmente acontece crescer — ou és fêmea ou macho, ou faz de ti os dois. De qualquer modo, por aqui, começas a perceber que há uma fusão — por ser muito mais do que alguma vez foi na Terra — de homem e mulher. Há uma espécie de rejuvenescimento, não sei se será sequer o termo a usar, mas há uma consciência de um despertar para as realidades cósmicas e para a consciência da vida espiritual, que gradualmente retira todas as velhas ideias terrenas relativas ao masculino ou feminino, e muitas das coisas que pertencem ao sexo do vosso lado. Isso não tem necessariamente as palavras... estou bem certo de que não é certamente o meu caso, e no de muitos dos meus amigos aqui; sei que eles retêm fora disso, identicamente, a mesma aparência que tinham na Terra, embora possivelmente tenham ficado um pouco mais jovens. Sei, por alguns daqueles com quem me liguei e comuniquei, que, para todas as aparências exteriores, não há sexo. Não sei se vou descrever isto minimamente bem, mas a questão é que te soltas.

Creet: Estavas apenas solto para as emoções, suponho.

Fredrick: Sim, bem, tudo se torna numa dança muito, muito altamente refinada. Estás no teu estágio de estado de evolução, onde o amor é para colocar esse efeito, mas é um amor que é completa e absolutamente espiritual, onde os velhos desejos e as velhas condições físicas se perdem — porque isto pode não acontecer a alguns durante muitos, muitos séculos de tempo, mas tu conta-lo. E então os órgãos do corpo também, e os órgãos do corpo selvagem, por exemplo, estão todos a desaparecer gradualmente.

Sim, sim, mas vês, eu penso — e nalgum lugar não me foi dito, não sei se usei isto antes — que gradualmente os órgãos internos sagrados desaparecem. Por exemplo, mal se chega, sente-se desejo de comer e beber, e temos essas coisas. Gradualmente, isto é o nosso lazer para comer, isto é o nosso lazer para

beber. Assim, descobres num processo de tempo, sem qualquer tipo de, talvez, consciência interna ao início, que certos órgãos começam gradualmente a desaparecer, e descobres eventualmente, à medida que perdes o desejo de comer e beber — não tens o mesmo tipo de abordagem mental das coisas — que certas partes, por assim dizer, do corpo desaparecem. Deixam de ter o novo valor e as utilidades. Portanto, aplica-se aos órgãos físicos, órgãos sexuais, por exemplo.

Creet: Sim, mas durante um certo tempo, deve haver forma, e nada mais.

Fredrick: Oh, sim, sim, eu sei disso. Eu sei, mas o que estou a tentar dizer-te é que há este processo gradual de mudança da mentalidade, e a mudança gradual na personalidade, onde estás a mudar o carácter da pessoa, à medida que o corpo espiritual começa a ser afetado pelo mental, pelo emocional e pelo "eu" interior, a alma da tua vida. Portanto, tens estas mudanças a ocorrer gradualmente, e podes chegar a tal estado que cessas de existir numa determinada esfera ou esferas, e vais para um estágio de ser muito mais elevado, um estado de vida muito mais alto, onde as coisas são bastante diferentes, onde perdes a forma exterior tal como a entendes.

Creet: Tens de passar por uma certa forma de morte, digamos, como nós temos de passar?

Fredrick: Sim, de certa forma, passas, mas não é o mesmo tipo de morte, não sei como to descrever. Não, repara. Repara, foste até informada pelo Natal sobre isso para mim; tens uma ideia muito vaga do que quero dizer. À medida que progrides, progrides, descobres gradualmente que o corpo que tens estado a usar já não tem qualquer necessidade ou valor para ti. À medida que o descobres, entras numa espécie de coma mental, direi? E descobres, quando sais desse estado de coma, que estás sem o corpo — que, de qualquer modo, em primeiro lugar era apenas uma réplica do corpo físico — e descobres que tens uma forma muito mais purificada e rarefeita, ou não na forma que era conhecida sem a morte. Vês, o oitavo corpo é uma contrapartida exata do corpo físico, mas esse não és o verdadeiro tu, tal como o teu corpo de hoje não é o verdadeiro tu. É apenas a cobertura, é apenas o veículo da alma.

Creet: Sim.

Fredrick: E é a alma que continua e continua. Não eu, é o próprio corpo que pode durar séculos, o tempo que tu entendes por tempo. Talvez há milhares de anos, através de muitas fases da vida, muitas esferas de atividade, reténs a tua forma e feitio exterior durante séculos. Sei que no meu caso, estou certamente muito longe de me tornar uma alma completa, e apenas no momento sou o indivíduo que progrediu até certo grau, mas sei que ainda retenho toda a minha aparência e forma exterior tal como era conhecido na Terra, e creio que continuarei por muito tempo, porque sei que ainda tenho muito para aprender.

Mas não sei, eventualmente, tal como estas pessoas que não vemos, mas que sabemos que pressentimos — se preferires, não sei como dizer — e temos médiuns aqui, num sentido tal como tens médiuns no teu mundo; seres altamente elevados que estão numa posição não de ir para lá até que cheguem aos estágios de ser muito altos, mas nós receberíamos uma certa quantidade de informação e ajuda, que eles nos passam, ou digamos, e deixamos dificilmente desenvolver.

Cada fase, cada estágio da humanidade, tem de ser alcançado e ultrapassado, para saber, progredir para uma nova Terra, mais elevada; cada indivíduo passa por estágios, como tu estás a passar por um estágio agora, e quando vieres para aqui, passarás por um processo de mudança, continuarás, e viverás de forma muito parecida como vivias, ou viva nalguns aspetos — ou seja, terás as mesmas reações mentais que tiveste durante algum tempo, no que respeita ao amor e à afeição, terás a mesma paixão e paciência. O amor físico existe deste lado, não é algo que é descartado e, igualmente, não é algo que seja mal visto; é algo perfeitamente natural, ainda tens a mesma atitude mental perante certas coisas — daquelas coisas importantes, daquelas coisas da vida. Ainda tens a capacidade de continuar da mesma forma, não há desonra nisso, ninguém se pode tornar subitamente uma alma completa e perfeita; tens de permitir todas estas diferentes condições e estados.

As crianças também nascem por aqui, em certas esferas, e essas crianças são muito bonitas, porque nascem da mente e da alma e do espírito; nascem, é uma palavra de amor, e em toda a exibição física — se puder usar tal palavra — os corpos psíquicos são usados para criar o jihad [esforço/luta espiritual] na união; no entanto, não há contaminação boa, por assim dizer, a real essência material da arte. Sabes, há tantas coisas que temos de explicar, mas a questão é que é muito difícil; deveríamos realmente dividir, suponho, se estivéssemos a tocar em muitas secções, isso poderia ajudar, mas é muito difícil; ou uma pessoa pode dizer-te, como um amigo que acabou de falar, sobre a casa nos nevoeiros, e essa foi a experiência dele, mas isso foi porque ele só tinha alcançado um certo desenvolvimento, um certo estágio — na verdade, poderias possuir uma alma, dizendo que, no caso inicial, ele não tinha chegado muito longe de todo, mas teve de transpor o abismo para si próprio, por algo que tinha de fazer.

Mas a receção dele, uma vez que tenhas desejado, virá orientação; e acredito que quando — talvez seja mais fácil para a fé dele ajudá-lo — gradualmente ele avançará. Mas há algumas pessoas que, quando aqui chegam pela primeira vez, porque não aceitaram quando estavam do vosso lado, fazem um progresso muito maior, e a receção delas é bastante diferente, e essa experiência é diferente.

Creet: Mas eu, como digo, cada um que vem vai olhar para a sua própria estrela, à sua maneira; e embora possa haver diferenças, de certa forma, é fantástico que encontres tudo o que lhe diz, que tudo lhe diga, e eu consigo guardar tanto, cada pequeno detalhe é importante para o mundo inteiro.

Fredrick: Sim, isso não deveria, não deveria constituir uma alma inteira; é muito, muito interessante, todas as valiosas, elas serão... muito interessantes, eu sei disso. Mas sim, é de boa fé, sabes; primeiro, sabes, não é fácil ter de contar ao teu povo, não é fácil para nós cairmos no pior, para as grandes coisas que te queremos dar, sabes. O que quer que te digamos — e quero que percebas — só pode ser vislumbre do que tentámos transmitir; temos de o baixar para a linguagem material, e muito deve perder-se. Está bem. Façamos o nosso melhor, sabes. Essas coisas ajudar-nos-ão a todos, e muito, sabes, sobre tudo o resto.

E o que quer que a tua vida tenha sido na terra, quer tenha sido muito boa, preparada ou não preparada, como a maioria das pessoas, há uma oportunidade, há um lar, há uma esperança; e, acima de tudo, há muito para sustentar, para te ajudar, para te guiar, para se amarem uns aos outros, para te salvar. Há tantos amigos aqui, de todos os graus, de todas as condições, para te pouparem o desenvolvimento, e sempre prontos a dar uma mão a um recém-chegado. Ninguém precisa de temer o tempo, não importa qual seja a sua condição.

Mas no fim, eventualmente, há um caminho, não importa se é alguma alma antiga que fez algumas coisas bastante grandiosas; talvez houvesse algumas características medievais nela própria, talvez houvesse algo lá atrás na sua história, na história dos seus pais, talvez, que plantou uma semente que, bem, se transformou em certas coisas que estavam bastante erradas, provavelmente muito erradas. Mas o que era seu era um amor, o que era seu era um poder, era um caminho para cada um dos filhos de Deus; ninguém é negado, eu juro, pois uma vez que existe o desejo redentor, poder-se-ia dizer — quando eu próprio, poderei lembrar-me do meu mundo?

Pode não ser uma estrada fácil, pode ser uma estrada difícil para alguns, mas nunca saberás. Tal como uma família que te foi mencionada, que se perdeu no nevoeiro; essa condição de nevoeiro foi criada pelos pensamentos, os pensamentos malignos, os maus pensamentos de números e cânticos incontáveis que o criaram no teu mundo, que ganharam o teu mundo como um nevoeiro suave, como o lar estava sobre a terra pela pobreza negra. Algumas pessoas podem deixar o teu mundo e passar diretas por ele, porque nem sequer sabem que está lá, porque as suas mentes, as suas vidas, foram animadas como tal, e não poderiam estar conscientes desta existência.

Há muitos para quem esse nevoeiro é uma realidade e eles chafurdam ou pairam nele durante bastante tempo; porque, por vezes, ele ainda sobe até nós, eles acham mais fácil descer até vós, e pairam em redor do vosso mundo em vez de entrarem nesta condição de depressão e nevoeiro em redor do vosso mundo; e têm estado eles próprios nas mentes, na televisão, as pessoas fracas, é por isso que tens de ser forte no teu mundo.

Tens de aprender a superar-te a ti próprio, tens de aprender a superar as coisas em ti que sabes que são más, mas que estão erradas. É por isso que é importante que tenhas coragem, fé; que tenhas em ti próprio amor suficiente pela humanidade, não importa quem seja o indivíduo; deves ter alguma simpatia e tentar ter alguma compreensão. Pois, conforme emanas os teus próprios pensamentos, conforme dás amor, conforme dás simpatia, assim estás a ajudar não só os indivíduos em causa, mas a ti próprio e, também, aqueles que são deixados no valor do teu mundo.

E acredita-me, há muitos. Só tu os podes ver e, se conseguisses ver o tipo de lugares onde eles se sentem em casa, não te aproximarias de ninguém. Considera o homem que era um ébrio; ele assombra por vezes os lugares que lhe eram familiares na terra. Ele vê a sua antiga presa, não vê? Os seus companheiros, parados no bar, a beber outra. E frequentemente, ele obtém uma grande satisfação ou prazer disso. E descobres que os vícios da lei sobre si próprio entram no seu mundo, no organismo físico do amigo — nenhuma pessoa que alguma vez possa estar na condição terrena.

E tens influências postas a trabalhar. Sabes, olhas para os teus jornais, lês, não lês? Alguém foi atacado, algumas raparigas foram atacadas e, na noite seguinte, será sobre outra. E na noite seguinte, será preciso saber de mais. Bem, há um tipo de condição que surge porque afeta as mentes e outros. Impinge-se sobre a mentalidade fraca. E talvez o dinheiro aqui, que num momento de tolice e loucura chegou ao assassinato; ele pode pairar em redor e impinge esses pensamentos sobre outra pessoa com uma mentalidade fraca de natureza semelhante. E outra pessoa faz a mesma coisa. Se tudo foi encontrado no teu mundo, um feito desencadeia uma dúzia de outros e mais. E o mesmo que uma guerra. Cresce e é intensamente impiedosa. Assim que defines, por assim dizer, o entrelaçamento ósseo, ele ganha velocidade e reúne em si uma força e um poder tremendos. Quanto maior a taxa, maior a força por trás de ti. Tu simplesmente não sabes no teu mundo como é o poderoso.

Por isso, é importante que, quando pensas, penses corretamente por nós. Para que vivas vidas corretas. E faças as coisas certas. E eu sei que, se te esforçares sempre por fazer o teu melhor, podes seguir o caminho errado porque há imensos bons amigos aqui que vêm a ti, para te guiar, para te ajudar, para te ajudar a partilhar todos os teus problemas e as tuas angústias e guiar-te novamente. A vida é para ser vivida. Mas ao mesmo tempo há uma maneira de a viver. Sim. Consegues ouvir o que eu digo? Oh, quem? Sim. Alguém me perguntou. Sim, é um saco escocês [gaita de foles/referência a Jock]. Oh, escocês. Não é? Sim, não é. É algo para mudar. Sim. Eu sei.

Jock: Ei, está tudo bem. Eu já percebi, mas não. Não me cansei. Por isso pensei em assumir o lugar por ti porque pensei o mesmo pensamento para os britânicos. Passei bastante facilmente pelos pensamentos dele.

Creet: Oh, isso é interessante. É uma mudança muito curta. Ei, consegues ouvir-me ou ao que estou a falar?

Jock: Oh, sim. É bom. Estiveste aqui muito depois. Eu estive aqui preso no passado. É bom. Tenho estado bem perto do incidente há muitos anos agora.

Creet: Tens?

Jock: Certamente estiveste aqui. É verdade. Lembro-me de ti então, senhora. Foi o que eu disse. Jock.

Creet: Oh, como é que o Jock aconteceu? Ele cansa-se de alguma coisa?

Jock: Não. O que tens de te lembrar é do facto de estarem todos a trabalhar juntos aqui e a trabalhar num plano mental. Sim. E é a mente e o tempo todo. Enquanto que é difícil para ti perceberes, talvez, no teu mundo que é mais físico, obviamente. Sim. Aqui é mental. Sim.

Creet: Poderias explicar isto?

Jock: Podemos transmitir. Vale todos os nossos pensamentos através? E, no entanto, todos podemos ter um objetivo. E, no entanto, um pode assumir automaticamente o lugar do outro. Todos a pensar juntos. Oh, esta é a primeira vez que nos tens. Eu estou limpo. Eu estava nas coisas. Tu ainda não sabes nada. Eu sou. Tenho imensas coisas. Dormirei aqui. Eu sou. Todo o tipo de experiências, também. Acho que esta noite de sexta-feira vai ser uma das verdadeiras. Bem, acho que vai ser algo mais do que possas imaginar. Mas vai levar tempo. Sim. Assim que estivermos no plano mental brilhante, a trabalhar contigo e em harmonia completa no fim, sei que podemos fazer algumas coisas maravilhosas.

Creet: Oh, tenho a certeza de que sim.

Jock: Sim. Oh, aposto. Nós somos. Sim. Nós somos um das maiores coisas. Sim. A realização de que somos. Efetivamente, o que somos nós próprios. Somos nós próprios? E uma vez que aceitamos o facto de que somos o que criámos, não o que outra pessoa fez primeiro. Mas o que nós próprios fizemos. Sim. Dá-nos uma grande oportunidade de fazermos muito mais de nós próprios. Muitas vezes ouves pessoas no teu mundo dizerem: "não sei. Não sei porquê. Alguns são capazes de fazer isto. Alguns são capazes de fazer aquilo. Eu não tenho oportunidade. E, no entanto, eles parecem seguir muito melhor do que eu". Eu sei que às vezes as coisas no teu mundo parecem muito desiguais. Mas há uma razão por trás de tudo. Temos de nos lembrar disto.

Embora sejas um indivíduo, ou digamos que te estás a formar como indivíduo, em grande medida, estás a reagir ao longo de uma linha natural

peculiar a ti própria. E ninguém te pode afetar. Embora possas ter nascido, deves estar em melhores circunstâncias. Não há dúvida sobre isso. Deves ainda ter seguido esse tema, assim escrevi. Podes não ter feito exatamente as mesmas coisas. Podes não ter tido os mesmos padrões sociais, por assim dizer. Mas, fundamentalmente, ainda terias tido as mesmas intuições. Ainda terias tido o mesmo tipo de reações emocionais perante as pessoas em certas instâncias. Continuas a ser muito a mesma personalidade. Embora as tuas aparências exteriores tivessem sido diferentes devido às circunstâncias.

O ponto fulcral é que tu és o que és. O que estás a formar em ti própria. Tornaste-te o que és pelos teus pensamentos e ações anteriores. Não tens dúvidas na tua própria mente. Não há dúvida na tua própria mente. De que és um indivíduo separado. Mas isso não quer dizer que te possas dar ao luxo de negligenciar ou ignorar o outro indivíduo. Ou os indivíduos em redor e perto de ti. E também não afeta o facto de seres, até certo ponto, hoje o que as circunstâncias fizeram dos teus pais. Sabes, há sempre um velho ditado que diz que os pecados dos pais caem sobre os filhos. Bem, isso não é totalmente correto. Mas há uma certa verdade nisso agora. Porque a vida é toda fluidez. A vida não é algo que começa no nascimento e termina na morte. A vida continua. A vida na sua essência. E lembro-me de ter usado a palavra essência. A vida na sua essência é a força fluídica do poder. Que flui e flui continuamente através do tempo e do espaço, não tendo princípio nem fim. Mas pode fluir, como deve eventualmente, para um organismo ou corpo físico. Esse corpo torna-se uma casa através de um caso. Mas essa pequena parte do indivíduo torna-se o espírito individual. Gradualmente começa a exprimir-se. Gradualmente começa a emergir como uma personalidade. Mas ainda é uma parte essencial do todo. De qualquer modo, não sei se consegues acompanhar bem o que estou a tentar atingir.

Creet: Sim, definitivamente.

Jock: Tens de te tornar uma personalidade. Tens de te tornar um carácter. Antes de poderes evoluir separadamente da essência. Sim, sim. Embora a essência esteja lá. É como a pequena faísca. Ela é gradualmente inflamada numa chama tremenda. Sim. A casa física é meramente a casca exterior por um período de tempo, no qual é capaz de viver de forma expansiva. Mas podes ter muitas casas. Não necessariamente outras na terra. Mas muitas casas deste lado. Muitas casas de fadas. Muitas casas psíquicas, se quiseres chamar-lhes assim. Vais de esfera em esfera. Plano em plano até te tornares parte, mais uma vez, do todo. Mas numa tal força, de tal maneira, que és uma essência vital tremenda. Enquanto que anteriormente, nos estágios muito iniciais, eras apenas um suspeito em tudo.

Creet: Sim. Mas depois, uma vez, conforme um dos presentes e eu te perguntámos: consegues ver-me? Tu dizes: claro que te consigo ver.

Fredrick: Claro que te consigo ver. Oh, querida, tu és complicada. Sim. Claro que te consigo ver. Mas vejo-te num sentido não tanto físico, mas vejo-te mentalmente.

Creet: Tal como deves sentir que, às vezes, estás a falar no tempo dos estados materiais.

Fredrick: Assim, nos estágios iniciais, és capaz de suspeitar em matéria espiritual ou tempo espiritual. És meramente o mais pequeno grão de força espiritual ou poder da alma. Mas, eventualmente, conforme evoluis e evoluis e evoluis, tornas-te... tu expandes-te. E tornas-te uma unidade. Tornas-te uma parte integrante e importante do todo. Para alcançar esse estágio de estar em existência. Para alcançar esse magnífico [estado], tens de passar por todo o tipo de condições e fases da vida. Compreendes?

Creet: Sim. Agora, quem é este agora? Ainda és tu a falar? Ei, vem cá, por favor, anda. Fala contigo. Oh, porquê?

Espírito (Jock/Outro): É um pouco difícil para mim. No momento. Até agora. Expande tudo. Tão claramente como os meus amigos. E eu só queria que soubesses que eu também estava aqui. Bem, posso dizer-te em coisas muito posteriores que a minha música está a sair, porque a música é a base. Num sentido de vida. Pela vibração. A sua vida, a vibração é música. Quantos anos? Oh, é muito fácil.

Nota Biográfica (Narrador): Frederick Chopin nasceu a 22 de fevereiro de 1810 na Polónia, um menino prodígio do piano. Viveu uma vida relativamente curta. No entanto, é hoje considerado um dos eternos mestres do piano e da sua composição. Famoso pelas suas obras românticas, era referido por aqueles que lhe eram mais próximos como um homem difícil e quase assexual. No entanto, foi sempre profundamente apaixonado pela música, fosse no ensino, na escrita ou na performance, mesmo quando tal se tornou doloroso para ele, ao ficar demasiado doente para atuar publicamente. Lutou contra a tuberculose toda a vida e acabou por perder a batalha em Paris em 1849, quando tinha 39 anos.

Fredrick: Não sei, bem, é apenas da tua mente, do teu carácter, e depois ficamos confusos com isso, mas isso não é importante. Na verdade, somos providos de uma boa quantia. O dinheiro que sou hoje está em tudo, como estás a tentar fazer agora. Tu tens, eu diria, a maior ambição de fornecer este impulso às pessoas que fizeram esta máquina com um colega, porque é interessante. É uma coisa magnífica, creio eu. Quem me dera que fosse possível no meu tempo que isto fosse assim por diante. Temos isto no mês, mas depois, claro, era diferente. Tu não conheceste nada assim. Não. Foi há muito tempo agora. O meu nome é Chopin.

Creet: Oh, Chopin!

Fredrick: Chopin é muito Chopin. Que grande coisa seria ter isto para fazer uma gravação de música. Teria sido um esforço tremendo, sabes, imagina só. Claro, vocês têm tudo. A ciência fez descobertas maravilhosas. Portanto, o vosso mundo mudou, além de qualquer reconhecimento. As pessoas têm tal benefício hoje em dia. Muitas vezes vemos pessoas no vosso mundo a queixarem-se da era moderna, mas ela tem tantas coisas, tantas coisas.

É verdade que, em alguns aspetos, tendes muitas coisas que causam dano e preocupação, e fazem-vos sentir muito infelizes. Isso é mera competição. Vês, nós tratamos de tudo isso nós próprios. Qual é a pergunta habitual que tens, como falas com eles e como te encontras? O que estás a fazer agora? Tens, para mim, perguntas: como passei para o outro lado, como passei para o outro lado. Queres dizer como morri?

Creet: Sim.

Fredrick: Fiquei muito surpreendido. Eu provavelmente tinha muito pouco, como direi, conhecimento. Não tinha qualquer conhecimento de que não tinha nenhuma relação particular. Suponho que, na verdade, eu era [religioso] constantemente, mas não muito bom. Receio que fosse um mau atleta. Não tinha ideias sólidas sobre nada. Quando cheguei aqui, foi surpreendente. Encontrei tantos amigos, pessoas que conheci há anos, amigos que conheci quando era um menino pequeno. Tudo isso... só me lembro que estava muito doente, deitado na minha cama. Os meus amigos, alguns dos meus amigos, estavam a ouvir.

E, gradualmente, tudo parecia afastar-se cada vez mais de mim. E tudo parecia parado; já não ouvia, pois não? Já não sabia como estar consciente de nada. Era como se estivesse à deriva, a afastar-me, e longe de tudo, nada parecia real já. Coisas que tinham existido já não me pareciam reais. E então comecei a ver a vida. Como se houvesse uma vida normal. Como se fosse como um profundo, um minúsculo sonhador. Depois tornou-se brilhante e brilhante e brilhante.

E comecei a ouvir sons. Era música. Começou a crescer e a crescer e a tornar-se mais alta. E era como se houvesse uma velha, velha orquestra, magnífica. E eu tentei ouvir. Sabes, tu dizes: eu tentei ouvir que melodia era esta. Parecia haver um tema que me fascinava. E eu não conseguia ter... não, não reconheci. Não era música a que eu estivesse habituado de todo. Estava além da minha compreensão. Era profunda e muito mais à vontade do que qualquer coisa que eu alguma vez ouvi.

E então pareceu que de repente comecei a estar consciente de estar num edifício magnífico. Era um lugar tremendo. E todo o auditório, todo o lugar, estava cheio de gente. E havia uma cor magnífica. Todo o lugar parecia estar infuso com cores magníficas. E, no entanto, era transparente. E eu conseguia ver

através desta cor. E, no entanto, parecia que a estava a respirar. E toda esta cor envolvia-me. E estava a tornar-se conforme era. E não sei como explicar isto. Era tudo tremendo. Era matéria viva. E, no entanto, havia tal beleza. E era tudo comédia ali. Era difícil, impossível de descrever.

E vejo este edifício magnífico vivo com cor e vibração e música. Gradualmente, vejo indivíduos no meio da massa de gente. Alguns que eu conhecera. Alguns que tinham sido muito próximos de mim na minha juventude, os meus familiares. Foi maravilhoso. E então a música para. E a cor começou a tornar-se mais intensa. Mais definida. Porque antes tinha sido tão suave e tão maravilhosa. E então as cores pareceram fundir-se e tornar-se uma cor bela de... não sei como dizer isto. Era como azul, mas era um azul diferente. O significado que alguma vez vi desenvolveu muitas cores. Estava tudo a mudar. E era tudo de um azul perfeito. E tudo parecia refletir-se nesta luz.

E as pessoas começaram a vir em direção a mim. E eu disse para mim próprio: fiquei surpreendido pelo amor e calor e harmonia. Muitos indivíduos que eu não fazia ideia acolheram-me. E mostraram-me gradualmente. Não sei como fazem isto. Mas gradualmente foram capazes de iluminar a minha mente, suponho. E eu conseguia ver além das palavras deste edifício; parecia que, se eu me movesse com eles numa só massa, a partir deste edifício, as palavras pareciam desaparecer. E eu estava num tipo de lugar magnífico, que era como os jardins de uma casa magnífica.

Mas eu conseguia ver ao fundo aquela casa maravilhosa, bela com cores e cores lindas. E eu construíra um lago cheio em frente a esta casa, se isso me fizesse lembrar os dois lados superiores. Novas fontes e os pássaros e animais. Vi alguns dentes e eu pertencia a um local maior, mas as árvores... eu parecia estar a passar por estas pessoas ao meu redor. Eu sei o momento, sinto como se estivesse a ir a algum lado, como se estivesse prestes a ouvir, não sei. Mas essa era a impressão, que eu estava a ser transportado para este edifício.

E lembro-me que, quando cheguei a ele, havia muitos degraus. E pensei para mim: quantos degraus para subir, sabes. E não me lembro de tocar com o pé, o pé tocar sequer no degrau. Era como se eu fosse transportado um a um e, no entanto, não era necessário qualquer esforço. Essa foi uma das coisas que mais me impressionou. Senti que nada mais era um esforço. Enquanto que, pelo que fui na terra, tudo o que tinha de fazer — por ser esforço — era terrível. Não consegui fazer muito durante muito tempo. Tinha de descansar. Mas aqui sinto-me tão leve, tão diferente, tão cheio de vitalidade. Nada era um esforço. E, no entanto, na minha mente, ao ver aquele degrau enorme, sabes, penso: oh, quantos degraus para subir. Era ainda, suponho, a minha vitalidade da minha terra.

Lá, quando comecei a perceber isto, já não era afetado pela doença ou por problemas com o meu corpo. Era um corpo diferente, mas eu não o tinha visto. Sentia que era diferente. E estava ansioso por ver como eu era. Estranho como

pensas tanto nisto. E penso: ah, sinto-me diferente. Não tenho mais esforço. Pergunto-me se pareço diferente. E neste estágio, começo a perceber que uma grande mudança ocorreria em mim. E conforme chego a estes degraus, subo e subo, e desço um degrau. Como dás o passo?

E chego a um edifício. Tinha-o visto ao longe. À minha frente, havia um grande pátio. Há um arco grande e enorme, como dizes. E eu passo por ele. E sigo em frente para dentro deste edifício. E era enorme, com grande altitude. E o chão era, presumo, como pedra bonita, mas altamente polida, e de muitas cores. E havia quadros belíssimos por todo o lado, de pessoas. E eu olho conforme vou caminhando por aqui. É como se eu estivesse a ser interrogado, e no entanto ninguém me tinha indicado o caminho. Mas eu parecia saber para que lado tinha de ir.

E então vou ao longo desta sala grande, esta galeria. Vejo estes quadros. E pensei: ah, esta pessoa, creio que eu... eu conheço. E reconheço várias pessoas destes quadros, que tinham passado para o outro lado há muito tempo, sabes. E penso que há espaço. Eu ainda não percebia plenamente tudo o que me tinha acontecido. E conforme vou avançando e avançando, e eventualmente chego a uma sala muito grande. E vejo muitas pessoas. E no fim desta sala, havia como que uma sala de preparação. No topo, dizes tu, pequenos degraus e depois... fez-me sentir a figura de um homem.

E ele estava vestido com vestes belíssimas, um manto de ouro e púrpura. E o seu cabelo era lindo, era negro como azeviche, e muito ondulado, e cortado rente ao ombro. E ele tinha olhos castanhos belíssimos, grandes e luminosos. E eu disse: ele está na presença de alguém muito importante, um ser maravilhoso. E aproximei-me disto. E senti como se estivesse a ser recebido por alguém que poderia ser um Papa ou algo assim. E esta pessoa vem em frente e cumprimenta-me. E que ele seria o meu anfitrião, que me estava a dar as boas-vindas em nome de todas aquelas pessoas. E que me seriam mostrados os arredores e eu seria apresentado a várias pessoas. Eu seria levado para a minha casa, que seria no terreno, que isto poderia ser apenas uma planta.

E ali eu continuaria a fazer música e a estudar. Foi como se eu estivesse a ser iniciado numa grande sociedade que, claro, de certa forma era: era uma sociedade de artistas e músicos. Conheci todas as grandes pessoas, Michelangelo, tantas pessoas que foram grandes, Cellini, muita gente. Oh, como está isto? Muito interessante, sim.

Sabes, é extraordinário. Não sabemos nada sobre nós próprios quando somos simpáticos. A outra equipa é igual. Há, voltando nalguns aspetos, é importante que não nos seja permitido saber demais, mas é sábio. Sabes, encontro pessoas deste lado que foram tão justas para comigo quando eu estive naquela encarnação anterior. Lembro-me de que, há muito tempo, quando estive lá, costumava discutir a possibilidade de ler. Não era uma teoria popular. Não era

algo que fosse considerado importante. As pessoas não discutiam isto. As pessoas que conheço são religiosas, por isso não são religiosas. Tinham aceitado o Cristianismo completamente, conforme lhes tinha sido ensinado, ou tinham de aprender não religiosamente. Tinham nascido em árduo, ou algo assim, mas havia grupos em Paris, sabes, que não estavam interessados em todos estes ismos, todas estas coisas estranhas.

E eu estava interessado até certo ponto, mas não tive muito tempo para me aprofundar nisso. Sabes, não sabia muito sobre isso, mas os meus amigos em Paris costumavam discutir estas coisas. Mas agora sei que nenhum deles são almas novas. Gostamos talvez, às vezes, de pensar que somos almas novas. Gostamos de pensar que nascemos, e depois morremos, e que vivemos novamente no plano mais elevado, e que estamos com Deus. Eu também simplificara que a vida é muito mais difícil, num sentido, e mais complexa, o que creio que a torna muito mais interessante. Estivemos cá muitas vezes antes disso. Acabei de chegar, vivi muitas vezes, de formas diferentes.

Fredrick: Vês, a minha vida, como a de algumas pessoas, tem sido uma progressão de estágio em estágio, de semente em semente, e por vezes tem sido necessário regressar à terra novamente, ou realizar algum trabalho especial, sabes, ou encontrar certas pessoas para as ajudar nesse desenvolvimento. Não sabemos o quanto contribuímos uns para os outros. É muito importante perceber que não vivemos sozinhos; vivemos uns pelos outros, uns para os outros e uns nos outros. Somos todos o mesmo espírito, conhecendo diferentes corpos, e estamos todos a contribuir com algo, uns para os outros. Na minha vida, nada pode advir disso [do isolamento], e eu contribuo não só na música; em outras vidas, contribuí de outras formas. Não te posso contar tudo isto agora, mas sei que quanto mais velhos [os espíritos], mais progressistas se tornaram, e é essencial que aprendamos através do "ser".

O mundo terreno é uma escola na qual é essencial que aprendamos e também contribuamos para a aprendizagem de outras pessoas; e, por vezes, sentamo-nos de volta como professores. Agora eu terminei com a terra e, desse ponto de vista, tenho sido feliz com este corpo inteiro; ainda mantenho as coisas porque sinto que posso ser útil. Tento também ajudar vários músicos — saber onde começar a ser — que se esforçam, que têm habilidade, que penso que talvez possam ser grandes, e tanto quanto possam contribuir para um grande ano, para a vida, para a beleza da vida. E também, claro, tentamos na música sugerir e dar algumas impressões e ideias que talvez não pudessem ser colocadas em palavras. Sabes, músicos... e essa mesma pessoa motora... então as palavras...

A religião é algo que está profundamente dentro de si próprio; há muitas coisas que não se podem colocar em palavras, não se pode descrever, não se pode ler uma palavra. As pessoas não sabem como escrever um corpo. A verdadeira religião é algo que vem da alma e do homem interior, que não pode ser descrito ou analisado. É algo que tu fazes, que tu expressas; é aquela parte de ti que é

divina, é Deus, que Ele faz, que não pode ser destruída, que é sempre viva através de toda a humanidade, através de todo o tempo. Esta é a verdadeira natureza, esta é a verdadeira realização, este é o verdadeiro desenvolvimento; e a compreensão da alma sobre isso não é algo que algumas pessoas pensam que se pode colocar num livro, e que esse é o princípio do fim e nada existiu antes ou depois. Isso é ignorância, é o que faz as pessoas dizerem essas coisas.

A verdadeira religião, a verdadeira compreensão da religião, a verdadeira realização de si próprio, a verdadeira realização da unidade de alguém com o divino e o propósito do plano... todas estas coisas estão além do espaço e do tempo, além dos livros, além das coisas que o homem pode dizer. São coisas que, em si mesmas, estão profundamente escondidas no interior, mas podem ser expressas com o tempo, com a experiência, e não podemos fazer tudo numa só vida.

Creet: A música dos dias de hoje deve ser seguida passado algum tempo, não é verdade?

Fredrick: Bem, de alguma não gosto, e de outra não desgosto. Acho que há muitos aqui e ali a tentar sugerir, a tentar reproduzir coisas que são provavelmente, e em muitos casos, muito produto da época. Sabes, a música muda. Embora haja um número limitado de notas, é espantoso o que se pode fazer com elas; e pode-se reproduzir muitos sons e experiências da alma interior, e pode-se reproduzir também muito da condição de uma vida, ou experiência de uma vida, ou de uma era. Não gosto da maioria da vossa monopatia [provável erro de transcrição para "cacofonia" ou similar], mas, no entanto, respeito alguns que estão em temor e se esforçam por reproduzir algo que sentem intensamente, o que representa para eles o seu tempo e a sua era.

Mas porque a verdadeira música, a música real, a grande música, é algo que está além do vosso mundo; ela brota do espiritual e fala ao homem a realização da grandeza e a instância única do vosso Deus. A grande música é algo muito importante, e o espírito é reproduzido, talvez muito mal, no vosso mundo. Os grandes génios da música, seja de uma era ou de outra, eles são o que chamarias de "reprodutores" de certos aspetos do plano superior através do som, da aspiração do homem.

Creet: Vais dizer que isto é algo mais comovente, muito diferente da terra, muito mais avançado?

Fredrick: Claro que é muito diferente. Por exemplo, temos muitos instrumentos que vós não possuís. Além disso, no plano superior, no plano muito altamente evoluído, podemos criar música com essa instância pelo mero esforço do pensamento. Poderias pensar-me em criativo? Tu, um grande músico, por exemplo, pode completar e realizar toda a obra sem o uso de um instrumento sequer; ele pode, por assim dizer, em si mesmo, criar todos os sons a partir de si

próprio e, em consequência, aqueles que estão sintonizados com os seus pensamentos ouvirão a reprodução daquilo que o compositor criou.

Vês, tu tornas-te, muito naturalmente, naquilo que fazes no mundo material, e é difícil para ti passar de outra forma; tu tornas-te num tipo de... em tudo tendo de ser material. Precisas de uma pá para cavar buracos, precisas de um violino para tocar violino, um crescendo... mas todo o corpo é... estes instrumentos são, em si mesmos, mecânicos; são coisas que foram construídas e compiladas pelo homem para criar certas coisas para certos propósitos. Aqui, percebemos que o pensamento é tão... tão... que quando sabes como usá-lo e como controlá-lo, e como torná-lo, por assim dizer, algo que é muito fundamental e real, poderoso, podes criar algo sem o auxílio de um instrumento. Podes criá-lo de dentro de ti próprio, podes vibrar a harmonia e a atmosfera; podes criar música sem instrumento.

Afinal, tu pensas, pensas antes de falares; o teu pensamento está lá antes da palavra, antes do som. E aqui, os nossos pensamentos podem ser percebidos por aqueles que estão em harmonia connosco, na nossa vibração. Afinal de contas, podes fechar os olhos e há escuridão, e no entanto podes ver imagens, podes reconstruir ou construir coisas na tua própria imaginação. Ninguém respondeu à pergunta: o que é a imaginação? É uma realidade; aquilo que imaginas é muitas vezes mais real, ou pelo menos é disso que tens consciência. O homem no teu mundo, de certa forma — embora não tivesse braços em muitos aspetos, tremendamente — ainda é muito ignorante do passado, do seu espírito. E o passado, que é profundo, ele não pensa. Dizem-me... disse-te... não, e deveria estar aberto para ti, mas para poucas pessoas; preferem saber que estão contidos naquilo que lhes foi dado.

Frequentemente aqueles que estão mais conscientes de ver e de saber são os mais ignorantes, porque não percebem o passado que está dentro de si mesmos; estão contidos, em muitos casos, em aceitar aquilo que foi ensinado e, sabes, aquilo que leram, e não veem porque não sabem. Há muitos no teu caminho que são muito sinceros, pessoas muito bondosas, muito boas, muito honestas, muito felizes, mas são muito infantis.

Creet: Podes considerar a criança numa pergunta tola, mas qual é a tua impressão de um piano quando o vês pela primeira vez, o que é que eu alguma vez disse?

Fredrick: A minha impressão de um piano quando o vi pela primeira vez... eu estava em casa, suponho, porque sem um piano eu era uma pessoa perdida; mas quando encontro um piano aqui e posso tocar, sinto-me feliz. Bem, a diferença... eu não a senti de todo. Sabes, parecia exatamente o mesmo, mas ao mesmo tempo parecia ter um tom mais rico, mais belo, e não parecia tão distintivo ou limitado como parecia sem isso. Mas, claro, isto foi mais tarde, nos outros estágios; por isso venho aqui para me fazer sentir feliz, para me fazer

sentir em casa. Gradualmente, conforme comecei a perceber as possibilidades e capacidades aqui, então comecei a emergir e a tornar-me mais apto a fazer coisas maiores.

Vês, nós limitamo-nos por falta de conhecimento; à medida que obtemos conhecimento, tornamo-nos menos limitados, e aquilo que começamos a fazer torna-se mais prático e, em consequência, torna-se muito maior. Oh, é maravilhoso. Não percebes o quão maravilhoso é? Este mundo, embora sob limitações... apenas as limitações que nós próprios impomos; nada é impossível. Tudo o que é bom é possível, e torna-se maior por causa da nossa luta. Quero dizer, o teu mundo é restritivo, mas apenas restritivo porque o homem o fez assim na sua ignorância. Ele não vê, não percebe as capacidades, as possibilidades no teu mundo; limita-se pelo pensamento e ação materiais e, em consequência... mas não há limite para o que o homem pode alcançar se procurar profunda, certamente e seguramente por aquilo que vem e fala a parte disto, que vai ser uma comodidade, como sabes, através dos meros termos... como Jesus... e de outra forma.

Portanto, estas coisas que parecem restritivas não o são; não há nada impossível se o homem tiver fé — fé no Criador e em enfrentar o caminho do pensamento. Estou muito feliz por poder vir aqui falar contigo. Estou feliz por vir aqui...

~~~~~

Esta sessão foi gravada a 17 de Outubro de 1955

Fredrick: Olá. Olá. Olá. Feliz aniversário, querida.

Creet: Muito obrigada.

Fredrick: Bem, embora eu saiba que é muito importante, sabes, que te lembres do meu aniversário, quero dizer que isso não significa assim tanto para mim. A única coisa que é importante é que tenhas tal afeição, mas deves lembrar-te disso também. Sim. Mas, num sentido, tem a sua importância. Na verdade, quando me ponho a pensar nisso, o aniversário mais importante é o aniversário da minha vinda para aqui. Esse é um aniversário muito importante para as entidades que passaram das coisas terrenas para os reinos da iluminação e da oportunidade.

Creet: Obrigada. Gostava que me contasses algo sobre isso. Farias isso?

Fredrick: Sobre o quê?

Creet: Sobre como vieste. Eu fui para lá.
~~~~~

Fredrick: Queres dizer, quais foram as minhas reações?

Creet: Sim. É algo em que penso.

Fredrick: Sim. Bem, sabes, foi, claro, uma grande — não direi choque — foi uma surpresa muito grande. Sim, mas não era bem essa a palavra que eu queria encontrar, foi uma Revelação. Durante algum tempo eu estive [doente] e, nos últimos dias, estava muito consciente do facto de que estava a morrer, sabes, e estava muito dividido dentro de mim. Queria ficar na terra e, ao mesmo tempo, outra parte de mim queria morrer, sabes, tinha perdido a vontade de viver até certo ponto; mas havia sempre a minha música. E essa era a única coisa que parecia de alguma forma importar-me, e eu sentia que era tão horrível, sabes, ter de deixar tudo tão cedo quando tinha tantos planos, tanto dentro de mim ainda por fazer, sabes.

Creet: Sim.

Fredrick: E havia aquela espécie de meio-medo de como as coisas seriam, se havia algo para fazer antes ou depois da morte, sabes. Estava tão confuso — suponho que essa seja a palavra, mentalmente confuso quanto à vida no mundo vindouro. Tinha medo e, no entanto, sabes, sentia-me esperançoso; e, ao mesmo tempo, estava ressentido por a minha vida ser cortada tão cedo, era também difícil, sabes. Não conseguia organizar-me de todo, e vejo — vejo mesmo antes de passar — várias pessoas que vêm a mim do Espírito, e que me dão grande encorajamento, fazendo-me sentir tão diferente. Tal como acontece na minha vida: quando as pessoas pensam que não estou consciente, eu estava consciente de coisas das quais elas não estavam conscientes.

Creet: Sim.

Fredrick: Sabes, a primeira coisa que ouço é música. Foi isso, creio eu, que me deu mais encorajamento, me deu mais esperança, me fez sentir tão diferente em relação a tudo, porque creio que deve ter sido uma hora ou duas antes de eu partir da terra. Sim, ouço muito distintamente uma música magnífica, e foi exatamente como se eu fosse transportado, sabes, parecia que a minha alma, ou eu próprio, saía limpo de dentro do meu corpo. E lembro-me de voltar à terra por apenas alguns segundos e estar consciente do quarto e de tudo, mas depois, alguns segundos mais tarde, foi como se não houvesse mais terra, e tornei-me plenamente consciente de estar envolvido — é a única forma que posso usar — não apenas com música, mas foi como se eu fosse transportado por música e mãos invisíveis, não sei como explicar.

E no entanto no meu... não visualmente, mas mentalmente suponho que deve ter sido — suponho que achei que era visual — mas no meu íntimo, no olho da minha mente, eu estava consciente de todo o tipo de amigos, mas a única coisa

que, estranhamente, parecia ser mais forte era a música; foi a música que pareceu cortar-me da terra para o mundo espiritual.

Creet: Suponho que foram grupos especiais de músicos, provavelmente, que te vieram receber.

Fredrick: Bem, claro que agora sei do que se tratava, na altura era confuso, mas não era... percebo agora que foram muitos músicos, muitos claro que eu nunca conhecera, alguns que conhecera, todos os que me vieram saudar. E sabendo do meu amor tremendo pela música e de como ela era importante e de como era, de facto, a minha vida, eles sabiam que a forma mais fácil de me ajudarem, de tornarem a minha passagem da terra para o verdadeiro espírito fácil e feliz, era trazer música. E por isso deve ter havido um número tremendo de pessoas que têm espetáculos musicais, que estavam a tocar a música mais divina, que pareceu retirar de mim absolutamente toda a minha preocupação, todo o meu cuidado, toda a minha incerteza, todo o meu medo, toda a minha dor. E tudo me foi tirado, por assim dizer, quase no momento de um segundo.

Parece que então soube, pela primeira vez, como seria morrer. Não ia ser pavoroso ou horrível. Não ia ser cortado da música. Ia ser tudo o que se poderia desejar, ia ser cada vez mais divino, no sentido de que ia ser o meu céu, como eu teria desejado, se me tivesse sido possível criá-lo; ia ser uma transportação musical para uma esfera celestial. Onde a música era tudo, e assim foi; os meus amigos — invisíveis e, no entanto, consciente como eu estava deles — estavam ali a criar a mais bela corrente de música. Isso transportou-me completamente para longe da terra. E creio que nos últimos momentos da minha terra, quando eu estava um pouco consciente das coisas, o momento fugaz da verdade, creio que os meus amigos estão conscientes das tendências.

Creet: Transfiguração. Ou transe.

Fredrick: Transfiguração. Sim. Não sei como colocar estas coisas em palavras. Não sei.

Creet: Foste transportado para onde, Frederick? Tinhas uma casa lá?

Fredrick: Durante algum tempo fiquei em locais belíssimos, em casas belíssimas, com amigos, pessoas que deliberadamente se propuseram ajudar-me e encorajar-me, sabes, e tudo o mais. E a primeira coisa de que me lembro foi quando acordei num quarto magnífico, um quarto muito alto, muito belo, com tudo magnífico — os móveis, tudo — janelas magníficas, através das quais parecia estar a vir uma luz maravilhosa; e no entanto não era a luz do sol como tu a conheces. Era apenas uma luz que, quando fui ver a fonte de onde vinha, não havia nada visível exceto este magnífico halo de luz, e a vista magnífica de parques e tudo o mais, flores belas, jardins belos. Mas o que, claro, era mais importante para mim: ali estava o meu piano.

Creet: Sim.

Fredrick: E isso era, para mim, o lar. Não importa. Sabes, nos velhos tempos, quando eu ia a um lugar, a primeira coisa que procurava era um piano. "Ah, não há piano, isto não presta".

Creet: Sim, sim, sim, sim, sim.

Fredrick: Boa tarde. O que é exatamente o que eu vi? Vem cá. Acorda neste lugar, este lugar magnífico, mas belo. Havia este piano belíssimo. Mas vi, pela primeira vez creio que em toda a minha vida, que não fui direto para o piano. Suponho que foi porque estava intrigado. Estava um pouco incerto sobre onde estava, e estava curioso. E limitei-me a caminhar e fui até àquela janela, e vi aquela vista magnífica. E, de alguma forma, suponho que a perceção me chegou de que eu estava em casa. E no entanto sabia em mim próprio que não estava vivo no sentido terreno. Não estava numa existência física, terrena, em casa. Mas senti-me contente. Senti-me em casa. Mas apenas um pouco surpreso e inquieto, na medida em que não parecia saber bem o que tinha acontecido. Era tudo um pouco vago, mas senti que, de alguma forma, estava tudo bem na casa de banho.

Aproximei-me apenas do piano e, de algum modo, tudo pareceu correto, completamente. E enquanto eu tocava o piano, a sala encheu-se de gente. Mas eu estava tão preocupado com o meu piano — com o tom e tudo o mais — que nem olhei para ver quem tinha fabricado o piano. Na verdade, agora lembro-me de que não havia nome de fabricante no piano. Mas, de repente, pareceu que a sala estava cheia de gente. E então percebi que tinha muitos fãs, mas eram todos fãs que eu tinha feito através da minha música. Foi a minha música que me trouxe os meus amigos.

E depois disseram-me mais tarde... bem, essa é uma longa história. Há tantas coisas que tenho de omitir. Sabes, dizem-me que tenho tantos fãs que amam a minha música e que, em alguns casos, foram capazes de me ajudar, mas na terra com a minha música, que assim que toquei o piano, eles souberam que eu tinha, como dizes, acordado do meu sono entre a passagem do vosso mundo para este, e que a música me tinha despertado plenamente para a minha nova vida. E então souberam que era o momento de virem ter comigo, de me verem, de se tornarem, como dizes... bem, de se fazerem notar mais para mim.

Dizes: "oh, eu apenas vou embora, toco, toco", e então as pessoas vêm e sentam-se, e esperam por mim, por exemplo, e toda esta sala magnífica — e sabem que eu disse na minha condição — bem, encontro-me rodeado por um lar, rodeado de gente que me ama e à minha música. E sei então que estava em casa. Já não era um estranho numa casa estranha, já não era um estranho numa terra estranha. Estava em casa com amigos que eram músicos, que eram da música. Eles eram meus amigos. Alguns deles nunca os conhecera na terra, claro, mas

isso não importava. Percebi, pela primeira vez, que é a música que faz amigos, é a música que une as almas das pessoas. É a música que torna, por assim dizer, a humanidade num só acordo.

Quando penso agora, olho para trás e sei tão bem — olho para a vida terrena — e sei que há milhares de pessoas que nunca conheceram Chopin e, no entanto, de certa forma conhecem Chopin através da sua música; e por isso tenho muitos amigos, ou milhares e milhares de amigos nos reinos do espírito, e milhares de amigos ainda na terra. Portanto sou um só com qualquer pessoa que ame a minha música; eles são meus amigos, são tudo para mim, e eu sou tudo para eles. Porque a música está além do indivíduo terreno, está além dos caracteres — como dizes, é algo que é comum a todos nós. É algo que nos liga em harmonia completa; pois o que é a música senão harmonia completa, onde vibrações de tal beleza e tremendo poder buscam e tornam todas as coisas calorosas.

Assim, encontro-me no reino do espírito, algo que nunca tinha antecipado, algo de que nem sequer tinha estado consciente; percebo que foi a música que o tornou possível. Foi aquilo que fluiu de dentro de mim mesmo que criou para mim próprio, através de todos os elos que foram forjados com milhares de pessoas que amam a minha música, e por isso nunca me faltam amigos, nunca me falta companhia. Aqui tenho tudo o que a alma poderia desejar, e é sempre belo, tudo é perfeito, é tudo tão completo, pois nada falta onde a música é a base. Não coloques estas coisas com isto.

Creet: Sim, estás a colocá-las belissimamente para tudo.

Fredrick: Assim contigo, quando vieres para aqui — sabes que te dissemos isto antes — lutas por ti própria, descobres que tens tudo. Tens tudo o que precisas, porque o tornaste possível. Foi a música que foi a tua vida. O resto foi sem importância para ti. Foram coisas, coisas que tiveste de fazer, coisas que tiveste de experienciar, mas em si mesmas não foram materialmente importantes. Foram necessárias, provavelmente, mas não foram a questão essencial; mas tiveram de acontecer. O ponto é: é a música, é a música que encontrará para ti tudo o que precisas.

Por isso, quando vieres para aqui, é perfeitamente natural que eu seja um dos primeiros a criar-te [a receber-te]. Serei uma das primeiras pessoas a ajudar-te, uma das primeiras pessoas a mostrar-te outras coisas pelas quais o teu coração anseia. E terás, como te disse, quando fores ter com a tua mamã, o teu papá e o teu irmão e outros aqui, que amas, encontrarás para ti, com mãos tão amorosas, tudo o que queres; e o piano, oh, que tu queres, é um instrumento perfeito, e haverá um executante perfeito ao piano, eventualmente. Mas leva muito tempo, sabes, a tocar muito bem. Isso dar-te-á grande alegria, sabes. Porque quando vieres para aqui, serás quase como se fosses a criança outra vez, sabes.

Creet: Sim.

Fredrick: Com este tempo, tudo à tua frente, tudo para te ajudar, tudo para te encorajar; faz de mim uma pessoa, piano, e eu como tutor. Já começaste a tua lição há algum tempo, e sais-te bastante bem.

Creet: Sim.

Fredrick: Mas eventualmente serás também compositora, o que é ainda mais importante.

Creet: Sim.

Fredrick: É muito agradável que toques a minha música muito bem, e eu gosto que sejas capaz de o fazer, e eventualmente fá-lo-ás. Mas isso não é suficiente, sabes. Porque o coração deve estar em posição não só de bater no tempo, mas em outros; deve ser capaz de criar, por sua própria vontade, deve ser capaz de fazer a sua própria harmonia e melodia, independentemente.

Creet: Sim.

Fredrick: E farás isso também. Serão apenas duas pecinhas juntas, coisinhas simples, e serás capaz de o fazer. Não, não, não. Não. Porque percebo apenas de duas formas: são todas as coisinhas simples que adotei que fazem as coisas grandes.

Creet: Sim.

Fredrick: Afinal de contas, sabes, não podes fazer a música certa até aprenderes as coisas simples que vão ajudar, sabes, a tornar possível.

Creet: Sim. Porque ela cantará. Sim. Eu gosto sempre de ser vista nos teus dias. Eu ainda tenho certas [coisas] todos os dias. Eu sei disso. Oh, basicamente, diz-me isso.

Fredrick: O quê?

Creet: O homem com quem te deixo ir embora.

Fredrick: Está bem. Não, seriamente, eu sou humano, claro. Sim. Não progredi tanto que não tenha, como dizes, algum traço do meu antigo "eu" remanescente. Eu ainda gosto de... bem...

Creet: Oh, eu espero que tenhas percebido isso.

Fredrick: Oh, eu sei, eu percebo o Holandês na Rússia. Gosto por vezes de pregar uma pequena partida, sabes.

Creet: Eu sei disso.

Fredrick: E dá-me um pequeno prazer, às vezes, mistificar-te ou pregar-te uma pequena surpresa, ou fazer-te saltar, sabes.

Creet: Sim, eu sei, eu sei, eu sei, eu sei imensas coisas que me disseste. Queres continuar a ser assim?

Fredrick: Além disso, num aniversário tu tens sempre um tratamento especial, como dizes, uma espécie de... [atenção]. Então, sabes, todos se curvam perante ti, sabes?

Creet: Sim.

Fredrick: Mas tu livras-te de coisas, o que não acontece em nenhum outro dia, sabes?

Creet: O que está a acontecer por aí? Eu não estou triste no teu aniversário.

Fredrick: Nada. Nada. Nenhuma celebração. Bem, não, não. É o aniversário. Não é nada para nós. Se não fosse pelos amigos e pelos entes queridos na terra que se preocupam com os seus aniversários, isso não significaria nada para nós. Não. Não. Está bem.

Este som foi gravado a 19 de Dezembro de 1959, médium, Leslie Flint. O comunicador, Frederick Chopin, descreve a sua passagem e as condições em que se encontrou.

Fredrick: Não sei se é realmente tarde ou manhã, o tempo é a coisa mais complicada para termos a certeza quando entramos nas nossas condições. Temos tendência a guiar-nos por certas coisas, o tempo é sempre para eles, não sabemos às vezes e eu diria, se pudesse dizer, quando lhes ensina a todos, eles não sabem, bem, é apenas da vossa mente ou do vosso carácter, e depois ficamos confundidos com o tempo, por isso isso é algo importante. Na verdade, somos brindados com um bom dia.

Creet: Bom dia.

Fredrick: Eu sou maioritariamente — hoje é outra coisa, como estás a tentar fazer, sabes, estás muito ocupada. Eu diria, quem me dera que vós guiásseis estes dois, três, quatro, e eu faria esta gravação na máquina porque é interessante, é uma coisa magnífica, creio eu. Apenas gostaria que fosse possível no meu tempo que isto fosse assim, nós temos estes instrumentos, mas na altura, claro, era diferente, ele não tinha nada parecido com isto, não, foi há muito tempo, não.

Creet: Qual é o teu nome?

Fredrick: O meu nome é Chopin.

Creet: Oh, Chopin?

Fredrick: Chopin é o seu Chopin. Que grande coisa seria ter tido isto para fazer uma gravação de música, teria sido um aspeto tremendo, sabes, imagina só. Claro, vocês têm tudo. O meu próprio mundo fez memórias, as descobertas são... o vosso mundo mudou, sabes, o reconhecimento. As pessoas têm tal benefício hoje em dia. Frequentemente vemos pessoas no vosso mundo a queixarem-se da era moderna, mas ela tem tantas coisas, tantas coisas. É verdade que, nalguns aspetos, tendes muitas coisas que causam dano e preocupação ou vos fazem sentir muito infelizes, mas elas são muito compassivas, sabes.

Vês, quando nos contas tudo sobre ti, qual é a pergunta habitual que tens? É como passas para o outro lado e como te encontras, o que estás a fazer agora. Tens, para mim, a questão de como passo, como passo para o outro lado — queres dizer como morro? Oh, fiquei muito surpreendido. Eu provavelmente tinha muito pouco, como direi, conhecimento; não tinha qualquer conhecimento de que não tinha nenhuma relação particular, pois na maioria das vezes eu era constante, mas não um muito bom; receio ter sido um mau companheiro. Não tinha ideias sólidas sobre nada. Quando cheguei aqui, simplesmente surpreendeu-me. Encontrei tantos amigos, pessoas que conheci há anos, amigos que conheci quando era um menino pequeno; e de tudo isso apenas me lembro que estava muito doente, deitado na minha cama. Os meus amigos, alguns dos meus amigos, estavam a ouvir, e gradualmente tudo pareceu afastar-se cada vez mais de mim, e para as outras coisas paradas, já não ouvia, já não sabia como estar consciente de nada. Era como se estivesse à deriva, a afastar-me, e longe de tudo, nada parecia real já, as coisas que tinham sido reais já não me pareciam reais.

E então comecei a ver a vida, como se houvesse uma vida normal, como se fosse como um profundo... diminuindo até se apagar; depois tornou-se cada vez mais brilhante, e comecei a ouvir sons, e era música, começou a crescer e a crescer e a tornar-se mais alta, e era como se houvesse uma velha, velha orquestra, magnífica, e eu tentei ouvir, sabes, tu dizes: "eu tentei ouvir que melodia era esta", parecia ser um tema que me fascinava, e eu não conseguia reconhecê-lo, não era música a que eu estivesse habituado de todo, estava além da minha compreensão, era diferente, muito mais magnífica do que alguma vez ouvi.

E então pude pensar que de repente comecei a estar consciente de estar num edifício magnífico, era para tornar este lugar [especial], e todo o auditório, todo o lugar, repleto de gente, e havia uma cor magnífica, o lugar inteiro, as estátuas da base com cores magníficas, e no entanto era transparente, eu conseguia ver através desta cor, e no entanto parecia que a estava a respirar, como se toda esta

cor me envolvesse, e estava a tornar-se como se estivesse viva, não sei como explicar, era tudo tremendo, era matéria viva, e no entanto havia tal beleza, e era tudo harmonia ali, porque era difícil, impossível de descrever.

E vejo este edifício magnífico, vivo com cor e vibração, e música, e gradualmente vejo indivíduos no meio da massa de gente, alguns que eu conhecera, alguns que tinham sido muito próximos de mim na minha juventude, os meus familiares, portanto foi maravilhoso. E depois a música para, e a cor começou a tornar-se mais intensa, mais definida, porque antes tinha sido tão suave, e tão maravilhosa, e então as cores pareceram fundir-se e tornar-se uma cor bela de... não sei como dizer, mas era como azul, mas era um azul diferente, sonhando, que alguma vez vi, e ainda há muitas cores, parecia dar a volta, igreja, e era tudo um azul perfeito, e tudo parecia refletir-se nesta luz, e as pessoas começaram a vir em direção a mim, e eu disse para mim próprio: fui atraído por sangue [laços familiares] e calor, e harmonia, e muitos indivíduos que eu conhecera saudaram-me, acolheram-me, e mostraram-me gradualmente — não sei como fazem isto — mas gradualmente foram capazes de iluminar a minha mente, suponho, que eu conseguia ver além das palavras deste edifício, parece que se eu me mover com eles agora, a partir deste edifício, as paredes pareciam desaparecer, e eu estava num tipo de lugar magnífico que era como os jardins dos corações magníficos, que consigo ver nos dentes, e este coração maravilhoso, bela retaliação, cores belas, e eu sou belo como em frente a este coração, se me recordares um pouco de um sinal, novas fontes, novos nascimentos, os animais, vi algumas divindades e, ao longo de uma grande avenida de árvores, parece que estou, claro, com todas estas pessoas ao meu redor, porque se eu sei o momento, sinto como se estivesse a ir a algum lado, como se estivesse prestes a estar nestas árvores, não sei, mas essa era a impressão, que eu estava a ser transportado para este edifício.

E lembro-me que, quando cheguei a ele, havia muitos degraus, e pensei para comigo: que estranho, sabes, quantos degraus para subir, sabes, e não me lembro de tocar com o pé, o pé tocar sequer no degrau, era como se eu fosse transportado um a um e, no entanto, não era necessário esforço nenhum, essa foi uma das coisas que mais me impressionou, senti que nada mais era um esforço, enquanto que, naquilo que fui quando estive lá [na terra], tudo o que tinha de fazer era com tal esforço, era terrível, não conseguia fazer muito durante muito tempo, tinha de descansar, mas aqui sinto-me tão leve, tão diferente, tão cheio de vitalidade, nada era um esforço, e no entanto na minha mente, ao ver aquele degrau enorme, sabes, penso: oh, quantos degraus para subir. Era ainda, suponho, a minha mentalidade da minha vida lá.

E comecei a perceber que já não era afetado pela doença ou por problemas com o meu corpo, era um corpo diferente, mas eu não o tinha visto, senti que era diferente, e estava ansioso por ver como eu era, estranho como pensas tanto nisto, e penso: ah, sinto-me diferente, não tenho mais esforço, pergunto-me se pareço diferente, e neste estágio, comecei a perceber que uma grande mudança

ocorreria em mim, e conforme chego a este degrau, subo e subo esta escadaria — como dizes, degraus — e chego a um edifício maior, vejo-o ao longe, à minha frente havia um grande pátio, com um arco grande e enorme, como dizes, e eu passo por ele, e sigo em frente para dentro deste edifício, e era enorme, com salas de grande altitude, e o chão, como o meu "eu" superior, com uma pedra bela, mas altamente polida, e de muitas cores, e havia quadros belíssimos por todo o lado, de pessoas, e eu olho conforme vou caminhando por aqui, não é verdade? Como se devesse ser interrogado, e no entanto ninguém me mostrará o caminho, mas eu parecia saber para que lado tinha de ir, e então vou ao longo desta sala grande, esta galeria, vejo estes quadros, e pensei: ah, esta pessoa, creio que conheço, e reconheço várias pessoas destes quadros que tinham passado para o outro lado há muito tempo, sabes, e penso que há espaço.

Eu ainda não percebia plenamente tudo o que me tinha acontecido, e conforme vou avançando e avançando, e na verdade chego a uma sala muito grande, e vejo muitas pessoas, e no fim desta sala havia como que uma sala de preparação, no topo, dizes tu, degraus para entrar, e depois, fez-me ver alguma figura, um homem, e ele estava com estas vestes belíssimas, um manto de ouro e púrpura, e o seu cabelo era lindo, era negro como azeviche, e muito ondulado, e cortado rente ao ombro, e ele tinha olhos castanhos belíssimos, grandes e numerosos, e senti que estava na presença de alguém muito importante, uma pessoa maravilhosa, e aproximei-me disto, e senti como se estivesse a ser recebido, como alguém o poderia ser por um Papa ou algo assim, e esta pessoa vem em frente e cumprimenta-me, e dá-me as boas-vindas, e diz-me que fui trazido para esta esfera da música, e que ele seria o meu anfitrião sagrado, que me estava a dar as boas-vindas em nome de todas aquelas pessoas, e que me seriam mostrados os arredores e seria apresentado a várias pessoas, seria mostrada a minha casa, que seria no terreno deste lugar magnífico, e ali eu continuaria a fazer música e a estudar, foi como se eu estivesse a ser iniciado numa grande sociedade que, claro, de certa forma era: era uma sociedade de artistas e músicos. Conheci todas as grandes pessoas, Michelangelo, tantas pessoas que foram grandes, Cellini, muita gente.

Oh, como é tudo isto interessante? Muito interessante, sim. Sabes, é extraordinário, não sabemos nada sobre nós próprios, talvez sobre as nossas vidas. A outra equipa — como dizes — mas de certa forma é importante que não nos seja permitido saber demais, mas é o porquê. Sabes, encontrei pessoas deste lado que tiveram tanto medo comigo quando estive lá na encarnação anterior. Lembro-me de que, há muito tempo, quando estava no liceu, costumava discutir a possibilidade de ler, e não era uma teoria popular, não era algo que fosse considerado importante, as pessoas não discutiam isto, as pessoas que eu conhecia eram religiosas — ou mais religiosas — tinham aceitado o Cristianismo completamente conforme lhes tinha sido ensinado, ou tinham de saber religiosamente, bem, como muitos não são tu, ou algo assim, mas havia grupos em Paris, e tudo isso, quando eu estava interessado em todos estes... todos estes ismos estranhos, e eu estava interessado até certo ponto, mas não tive muito

tempo para me aprofundar nisso, sabes, não sabia muito sobre isso, mas os meus amigos em Paris costumavam discutir estas coisas.

Mas agora sei que nenhum deles são almas novas. Gostamos talvez, às vezes, de pensar que somos almas novas, gostamos de pensar que nascemos, e depois morremos, e que vivemos novamente no plano mais elevado, e que estamos com Deus, tudo isso simplificado, que a vida é muito mais difícil, num sentido, mais complexa, o que creio que a torna muito mais interessante. Foram-nos oferecidas muitas vezes antes de eu descobrir que vivi muitas vezes, de formas diferentes.

Vês, a minha vida, como a de algumas pessoas, tem sido uma progressão de estágio em estágio, de mar em mar [progresso contínuo], e por vezes tem sido necessário regressar à terra para ganhar mais conhecimento, ou para realizar alguns passos de trabalho, sabes, ou para encontrar certas pessoas, para as ajudar no seu desenvolvimento. Não sabemos o quanto contribuímos uns para os outros. É muito importante perceber que não vivemos sozinhos, vivemos uns pelos outros, e uns para os outros, e todos uns nos outros. Somos todos o mesmo espírito, há corpos diferentes, e estamos todos a contribuir com algo uns para os outros; na minha vida, a minha vida numa questão, e eu contribuo não na música, mas em outras vidas, contribuí de outras formas.

Não te posso contar tudo isto agora, mas sei que quanto mais velhos [os espíritos], mais progressistas se tornaram, e é essencial que aprendamos pelo campo [da experiência], e o mundo terreno é uma escola na qual é essencial que aprendamos, e também contribuamos para a aprendizagem de outras pessoas, e por vezes sentamo-nos de volta como professores, e agora eu terminei com a terra; e é do ponto de vista de ter tido um corpo físico, eu ainda mantenho a mente, porque sinto que posso ser útil. Tento também ajudar vários músicos no vosso mundo que estão a lutar, que se estão a esforçar, que têm habilidades, que penso que talvez possam ser grandes, na medida em que podem contribuir para um grande ano, para a beleza da vida, e também, claro, tentamos na música sugerir e dar algumas impressões e ideias que talvez não pudessem ser colocadas em palavras, sabes, a música e às vezes diz mais a uma pessoa do que as palavras.

A religião é algo, que é algo que está profundamente dentro de um passo, há muitas coisas que não podes colocar em palavras, não podes descrever, não podes ler uma parte, as pessoas não sabem como escrever uma parte; é a verdadeira realização, é algo que vem de uma alma e da mente interior, que não pode ser descrito ou analisado. É algo que tu fazes, que tu expressas, que é aquela parte de ti... é Deus, é isto que Ele faz, mas não pode ser descrito, que é tudo, através de toda a humanidade, através de um tempo; isto é verdade, isto é verdade quando eu nutro, isto é o verdadeiro desenvolvimento da alma, é sempre uma compreensão disso, não é algo que algumas pessoas pensam que se pode colocar num livro, e que esse é o princípio do fim e nada existiu antes ou depois;

isso é ignorância, é o que faz as pessoas dizerem essas coisas. Verdadeira religião, verdadeira compreensão da religião, verdadeira realização da cabeça de alguém [consciência], verdadeira realização da unidade de alguém com o divino, e o propósito de outro homem; todas estas coisas estão além do espaço e do tempo, além dos livros, além das coisas que o homem pode dizer bem; são essas coisas que, em si mesmas, estão profundamente escondidas no interior, mas não podem ser expressas apenas com tempo e experiência, e não podemos fazer tudo numa só vida ou numa só era.

Creet: A música dos dias de hoje, deve ser permitido que se espalhe por todo o lado, não é verdade?

Fredrick: Bem, de alguma não gosto, e sobre outra não me decido. Acho que há muitos, aqui e ali, a tentar sugerir, a tentar reproduzir coisas que são, propriamente — e em muitos casos — muito o produto deles, da época, sabes. A música muda. Embora haja um número limitado de notas, é espantoso o que se pode fazer com elas; e pode-se reproduzir muitos sons e muitas experiências da alma interior. Pode-se reproduzir também muito da condição de uma vida, ou da experiência de uma vida, ou de uma era. Não gosto da maioria das vossas coisas monótonas, mas, no entanto, respeito alguns que vejo que se esforçam por reproduzir algo que sentem intensamente, o que representa para eles o seu tempo e a sua era.

Mas porque a verdadeira música, a música real, a grande música, é algo que está além do vosso mundo; ela fala a partir do espírito para o aspeto do homem, a realização da grandeza e a unidade dos deuses. A grande música é algo que nasce realmente no espírito e é reproduzida, talvez muito mal, no vosso mundo. Os grandes génios da música, seja de uma era ou de outra, eles são o que chamarias de "reprodutores" de certos aspetos do plano superior, do "eu", em som, a aspiração do homem. Tu vais ver que isto é algo... não é realmente muito diferente da terra, como gostarias de ver.

Creet: Muito mais avançado?

Fredrick: Claro que é muito diferente. Por exemplo, temos muitos instrumentos que vós não possuís. Além disso, no plano superior, no plano muito altamente evoluído, podemos criar música pelo mero esforço do pensamento. Sendo o pensamento criativo aqui, um grande músico, por exemplo, pode completar e realizar toda uma obra sem o uso de um instrumento sequer. Ele pode, por assim dizer, em si mesmo, criar todos os sons a partir de si próprio. Em consequência, aqueles que estão sintonizados com os seus pensamentos e com ele próprio ouvirão, por assim dizer, a reprodução daquilo que o compositor criou.

Vês, tu tornaste-te, de forma bastante natural — o que o mundo material te incutiu — e é difícil para ti compreenderes. Caso contrário, tornas-te habituado a

que tudo tenha de ser material. Precisas de uma pá para cavar um buraco, precisas de um violino para tocar, um violino, um crescendo. Mas todo o corpo é estes instrumentos; são, em si mesmos, mecânicos. São coisas que foram construídas e controladas pelo homem para criar certas coisas para certos propósitos. Aqui, percebemos que o pensamento é tão, tão, tão... não sabemos como usá-lo e como controlá-lo e como torná-lo, por assim dizer, algo que é muito fundamental, real e poderoso. Podes criar algo sem o auxílio de um instrumento. Podes criá-lo a partir de dentro de ti próprio, podes vibrá-lo, a harmonia e a atmosfera; podes criar música sem ele.

Afinal de contas, tu pensas antes de falares; o teu pensamento está lá antes da palavra, antes do som. E aqui, os nossos pensamentos são pensamentos que podem ser recebidos por aqueles que estão em harmonia connosco, na nossa progressão. Afinal, podes fechar os olhos e há escuridão, e no entanto podes ver imagens, podes reconstruir ou construir coisas na tua própria imaginação. Ninguém respondeu à pergunta: o que é a nossa geração? É uma realidade dele; aquilo que imaginas é, por vezes, mais real do que aquilo de que tens consciência. O homem, na tua mente, é de certa forma como se tivesse de vir. Em muitos aspetos, tremendamente, ele costumava ser muito ignorante do poder do espírito e do poder que é profundo; ele não deveria sê-lo. Dizem-me... foi-te dito: "bate e abrir-se-te-á". Mas poucas pessoas se dão ao trabalho de bater. Estão contentes com aquilo que lhes foi dado.

Frequentemente, aqueles que estão mais conscientes de ver e de saber são os mais ignorantes; eles não percebem o poder que lhes é suficiente. Estão contentes, em muitos casos, em aceitar aquilo que lhes foi ensinado, ou aquilo que leram, e não procuram por si próprios. Eles não sabem. Há muitos na tua mente que são muito sinceros, pessoas muito bondosas, muito boas, muito honestas, muito felizes, mas são muito infantis. Místicos e infantis, numa [perspetiva] cristã.

Creet: Mas quais são as tuas impressões de um piano quando vês pela primeira vez o que eu tenho do outro lado?

Fredrick: A minha impressão de um piano, quando aqui cheguei pela primeira vez, foi de que estava em casa, suponho, porque sem um piano eu era uma pessoa perdida; mas quando encontro um piano aqui e posso tocar, sinto-me feliz. Bem, não se diz que seja um piano [comum]. Não, parece exatamente o mesmo. Mas ao mesmo tempo parece ter um tom mais rico, e não parecia tão distintamente limitado como parecia na terra. Mas, claro, isto foi tudo feito nos estágios iniciais da minha vinda para aqui, para me fazer sentir feliz, para me fazer sentir em casa. Gradualmente, conforme comecei a perceber as possibilidades e capacidades aqui, então comecei a emergir e a tornar-me mais apto a fazer coisas maiores.

Vês, nós limitamo-nos por falta de conhecimento; à medida que obtemos conhecimento, aquilo que nos esforçamos por fazer torna-se mais possível e, em consequência, torna-se muito maior. Oh, é maravilhoso. Não percebes o quão maravilhoso é este mundo, onde não há limitações? Apenas as limitações que nós próprios impomos. Nada é impossível. Tudo o que é bom é possível e torna-se maior por causa dos nossos esforços. O teu mundo é restritivo, mas apenas restritivo porque a loucura [do homem] o fez assim na sua ignorância. Ele não vê, não vê a falta de capacidades, as possibilidades no teu mundo. Ele limita-se pelo pensamento material e pela ação inconsequente. Mas não há limite para o que a humanidade pode alcançar se procurar profunda, certamente e seguramente por aquilo que vem no Espírito. O poder do Espírito vai tornar-se a nossa essência. Como sabes, através dos milagres de Jesus e de outra forma. Portanto, estas coisas... e também não há nada impossível se a humanidade falha — falha no Criador e falha no caminho de pensar que... estou muito feliz por poder vir aqui e ficar contigo.

~~~~~~~

A data desta gravação em fita é desconhecida. Médium: Leslie Flint; assistentes: Sr. George Wood e Sra. Betty Green; comunicador: Frederick Chopin.

Não sei se é realmente tarde ou manhã; o tempo é sempre a coisa mais complicada para termos a certeza. Quando entramos nas nossas condições, temos sempre tendência a ser guiados por certas coisas; o tempo é sempre um problema. Não sabemos, às vezes é muito difícil dizer; quando é demasiado tarde, já não há mais. Existe apenas a partir da vossa mente, do vosso carácter, e depois ficamos confusos com isso, mas é impossível que sejamos nós a dar o comando.

Fico muito satisfeito com outra coisa que estão a tentar fazer agora. Estão muito, diria eu, ambiciosos por provocar esta decisão de ter esta máquina a gravar, porque é muito interessante, é algo espantoso. Acho que apenas gostaria que no meu tempo fosse possível que isto existisse. Tivemos isto nalguns aspetos, mas porque era diferente, não conhecíamos coisas como esta, não. Foi há muito tempo agora. Deixem-me mostrar-vos. Mostrem-me, mostrem-me.

Gostaria de vos agradecer por fazerem a gravação de música. No fim, tem sido tremendo, eu disse, sabem, imaginem só; estais sempre na ciência, que progrediu, descobriu que o vosso mundo mudou além de qualquer reconhecimento. As pessoas têm tal energia hoje em dia. Frequentemente vemos pessoas no vosso mundo a queixarem-se da era moderna, mas ela tem demasiadas coisas. É verdade que, nalguns aspetos, tendes muitas coisas que
~~~~~~~

causam dano e preocupação, ou vos fazem sentir muito infelizes, mas elas são compensações. Vês, estamos a tentar superar algumas delas.

Qual é a pergunta que quero saber sobre esta, como te encontraste, o que estás a fazer agora? Tens, para mim, as perguntas: como passei, como passei para o outro lado — queres dizer como morri.

Fiquei muito surpreendido. Eu provavelmente tinha muito pouco, como dizes, conhecimento. Não tinha qualquer conhecimento de que não tinha nenhuma relação particular; como na maioria das vezes eu era católico — sinto-me bem por ter esse nome — fui um mau católico. Não tinha ideias sólidas sobre nada quando cheguei aqui, apenas me surpreendeu. Encontrei tantos amigos, pessoas que conheci há anos, amigos que conheci quando era um menino pequeno.

De todos esses momentos, apenas me lembro que estava muito doente, a morrer na minha cama. Os meus amigos, alguns dos meus amigos que estavam comigo, e gradualmente tudo pareceu afastar-se cada vez mais de mim. E perante as outras coisas, parado, já não ouvia, já não sabia, nem estava consciente de nada. Era como se estivesse à deriva, à deriva, a afastar-me, e longe de tudo; nada parecia real já, as coisas que tinham sido reais já não me pareciam corretas.

E então comecei a ver a vida. Como se houvesse uma luz enorme, como se fosse como um brilho profundo e minúsculo; depois tornou-se cada vez mais brilhante. E comecei a ouvir sons, e era música; começou a crescer e a crescer e a tornar-se maior. E era como se houvesse um velho, velho foco, magnífico, e eu tentei ouvir — sabes, tu dizes — tentei ouvir que melodia era aquela; parecia haver um tema que me fascinava. E eu não conseguia saber, não reconheci; não era música a que eu estivesse habituado de todo, porque estava além da minha compreensão; era profunda e muito mais profunda, e então estou aqui.

E então pude ver, como se de repente ficasse consciente de estar num edifício magnífico; era um lugar tremendo, e todo o auditório, todo o lugar, e perante as pessoas. E havia uma cor magnífica, o lugar inteiro, e para ser confundido. Com cores magníficas, e no entanto era transparente, eu conseguia ver através desta cor, e no entanto via como se a estivesse a respirar, como se toda esta cor me envolvesse, e estava a tornar-se como se estivesse viva; não sei como explicar, mas era tudo tremendo. Era realmente matéria, e no entanto havia tal beleza, e era tudo harmonia ali.

Era difícil, impossível de descobrir; e vejo este edifício magnífico, vivo com cor e vibração, e música; e gradualmente vejo indivíduos no meio da massa de gente, de modo que conhecera alguns que tinham sido muito próximos de mim na minha juventude, entre a minha gente, portanto foi maravilhoso. E então a música parou, e a cor começou a tornar-se mais — como dizes — mais diferenciada, porque antes tinha sido tão suave e tão maravilhosa; depois as cores

pareceram fundir-se e tornar-se uma cor bela de — não sei como dizer, mas era como azul, mas era um azul diferente do que alguma vez vi; em vez de ser de muitas cores, mudou tudo, e era tudo de um azul perfeito, e tudo parecia refletir-se nesta luz; e as pessoas começaram a vir em minha direção, e eu disse para mim próprio: como amor e calor e harmonia.

Muitos indivíduos que não me tinham saudado acolheram-me, e mostraram-me gradualmente — não sei como fazem isto — mas gradualmente foram capazes de lidar com isso. E suponho que eu conseguia ver além das paredes deste edifício; parecia que, se eu subisse com eles agora, numa só massa, a partir deste edifício, as paredes dentro deste edifício... agora está num tipo de lugar magnífico, que era como os terrenos de uma casa magnífica, com o que consigo ver no Oriente, e disse "casa maravilhosa", bela, com correntes, cores belas, e eu sou belo, tal como em frente a esta casa; lembrou-me um pouco de um sinal, novas fontes, novos pássaros, animais; vi alguns veados, e ao longo de uma grande avenida, como árvores que pareço estar a percorrer, todas estas pessoas ao meu redor.

Sei que no momento sinto como se fosse a algum lado, como se fosse para um lugar completamente seguro; não sei, porque essa foi a impressão: que eu estava a ser transportado para este edifício. E lembro-me que, quando chego para comer, havia muitos degraus, e pensei para comigo, marido [possível confusão de termo], sabes, quantos degraus para subir, sabes. E não me lembro de tocar com o pé, o pé tocar sequer no degrau; era como se eu fosse transportado um a um e, no entanto, não era necessário esforço nenhum.

Essa foi uma das coisas que mais me impressionou: senti que nada mais era um esforço, enquanto que, pelas poucas coisas que fui na terra, tudo o que tinha de fazer era com tal esforço, era terrível; não conseguia fazer grande coisa durante muito tempo, tinha de descansar. Mas aqui sinto-me tão leve, tão diferente, tão cheio de vitalidade; nada era um esforço. E no entanto na minha mente, ao ver aqueles degraus enormes, sabes, penso: oh, quantos degraus para subir; era ainda, suponho, a minha mentalidade da minha terra.

Lá, ao começar a perceber, já não era afetado pela doença, ou pelo que aconteceu com o meu corpo; era um corpo diferente, mas eu não o tinha visto, sentia que era diferente. E estava ansioso por ver como eu era; estágio de quanto pensas, sinto-me diferente, não tenho esforço, já não; pergunto-me se pareço diferente. E neste estágio, começo a perceber que uma grande mudança virá para mim; e conforme chego a estes degraus, subo e subo esta escadaria — conforme dás o passo, passo — e chego a um grande edifício, vejo ao longe, e por baixo havia um grande pátio, com uma casa enorme e grande ali, arco, e eu passo por isto, e sigo em frente para dentro deste edifício.

E era enorme, e eu quero mover-me, e o chão era como, eu estava a dizer, era uma pedra bela mas altamente polida, e de muitas cores. E havia quadros

belíssimos por todo o lado, de pessoas, e eu olho conforme vou caminhando por aqui, como se estivesse a ser dirigido para me mostrarem o caminho, mas eu parecia saber para que lado tinha de ir. E conforme vou ao longo desta sala grande, esta galeria, vejo estes quadros, e pensei: esta pessoa, creio que eu... eu conheço; e reconheço várias pessoas destes quadros, que tinham passado para o outro lado há muito tempo, e penso que isto é melhor.

Eu ainda não percebia plenamente tudo o que me tinha acontecido, vou avançando e avançando, e na verdade chego a uma sala muito grande, e vejo muitas pessoas, e no fim desta sala havia como que um estrado; no topo, dizes tu, degraus para entrar, e uma figura magnífica; e ele estava vestido com vestes belíssimas, um manto de ouro e púrpura, e o seu cabelo era lindo, era negro como azeviche e muito ondulado, e cortado rente ao ombro, e ele tinha olhos castanhos belíssimos, grandes e numerosos. E senti que estava na presença de alguém muito importante, uma pessoa maravilhosa, e aproximei-me disto.

Senti-me como se estivesse a ser recebido por alguém que poderia ser o meu Papa, ou algo assim; e esta pessoa veio em frente, e saudou-me, e acolheu-me, e disse-me que eu tinha sido trazido para esta esfera da música, e que ele seria o meu anfitrião, que me estava a dar as boas-vindas em nome de todas aquelas pessoas, e que me seriam mostrados os arredores e seria apresentado a várias pessoas. Seria mostrada a minha casa, que seria nos terrenos deste magnetismo, e que eu continuaria a fazer música e a estudar; foi como se eu estivesse a ser iniciado numa grande sociedade, que era de certa forma, ou como era, uma sociedade de artistas e músicos. Conheci todas as grandes pessoas: Michelangelo, ou tantas pessoas que foram grandes, Cellini, muita gente.

Oh, como está isto? Muito interessante, sim. Sabes, isto é extraordinário: não sabemos nada sobre nós próprios, mas somos simpáticos. A outra coisa — como dizes — eles, passando por algum lado; é importante que não nos seja permitido ir demasiado [além], passar é sensato. Sabes, eu preciso de pessoas deste lado que estiveram associadas a mim quando eu fui tudo aquilo, numa encarnação anterior. Lembro-me de que, há muito tempo, quando costumava discutir a possibilidade de ler arte, não era uma teoria popular, era algo que era considerado importante, as pessoas não discutiam isto. As pessoas que conheço são religiosas — as religiosas normais — tinham aceitado o Cristianismo completamente conforme lhes tinha sido ensinado, não tinham religião [própria]; diziam: "bem, como soubeste?".

Creet: Tu eras algo melhor. Então os grupos em Paris, tu sabes disso, quando estou interessada em todas estas coisas, todas estas coisas estranhas; e estou interessada até certo ponto, mas não tenho muito tempo para me aprofundar nisso, sabes. Eu não sabia muito sobre isso, mas os meus amigos em Paris costumavam discutir estas coisas. Mas agora sei que, oh sim, não sou uma alma nova. Gostamos talvez, às vezes, de pensar que somos almas novas. Gostamos de pensar que, bem, que nascemos e depois morremos, e que vivemos novamente no

plano mais elevado e que estamos com Deus. É também tudo muito simplificado; a vida é muito mais difícil num sentido, mais complexa, o que creio que a torna muito mais interessante. Estivemos cá muitas vezes antes disso, eu descubro; vivi muitas vezes, de formas diferentes.

Fredrick: Vês, a minha vida, como a de algumas pessoas, tem sido uma progressão de estágio em estágio — para o ver, para o ver — e por vezes tem sido necessário regressar [à terra] para ganhar mais conhecimento ou para realizar algum trabalho especial, sabes, ou para encontrar algumas pessoas para as ajudar nesse movimento de desenvolvimento. Não sabemos o quanto contribuímos uns para os outros. Isto é tudo muito importante de perceber: que não vivemos sozinhos, vivemos uns pelos outros. Estamos sozinhos num sentido, comemos em corpos não indiferentes [reencarnações diversas], e estamos todos a contribuir com algo, uns para os outros. Na minha vida, na minha última encarnação, e eu contribuo não na música, mas em outras vidas contribuí de outras formas. Não te posso contar tudo isto agora, mas sei que quanto mais velhos [os espíritos], mais progressistas se tornaram, e é essencial que aprendamos pela experiência.

E o mundo da arte é uma escola, na qual é estabelecido que aprendamos e também contribuamos para a aprendizagem de outras pessoas; e, por vezes, somos enviados de volta como professores. E agora eu terminei com a arte; do ponto de vista recente, tenho tido isto no meu corpo, ainda mantenho o elo porque sinto que posso ser útil. Tento também ajudar músicos que se esforçam, que têm habilidade, que penso que talvez possam ser grandes, e tanto quanto possam contribuir, todos queremos chegar aqui para viver a beleza da vida. E também, claro, tentamos sugerir e dar algumas impressões e ideias que talvez não pudessem ser colocadas em palavras. Sabes, a música, por vezes, diz mais a uma pessoa do que as palavras.

E eu creio que isso está profundamente dentro de mim; há muitas coisas que não podes colocar em palavras, não podes ser descrito, não podes ler uma parte, as pessoas não sabem como escrever uma parte disso. A verdadeira relação [com o divino] é algo que vem da alma e do homem interior, que não pode ser descrito ou analisado. É algo que tu fazes, que tu expressas, que não pode ser descrito, que é evidente através de toda a humanidade, através do tempo; isto é verdadeira literatura, isto é verdadeira realização, isto é verdadeiro desenvolvimento da alma e compreensão da mesma. Não é algo que algumas pessoas pensam que se pode colocar num livro, e que isso é o começo do fim e nada existiu antes ou depois; e é esta ignorância que faz as pessoas dizerem estas coisas. E o propósito do plano... todas estas coisas estão além do espaço e do tempo, além dos livros.

O homem pode falar, mas estas são coisas nas quais existe uma visão profunda no interior, que pode ser expressa com o tempo, e não podemos fazer tudo numa só vida ou numa só era.

Creet: Sim. A música dos primeiros tempos, deve ser seguida depois de Chopin, por vezes, não é?

Fredrick: Bem, de alguma não gosto, e de outra não desgosto. Acho que há muitos aqui e ali a tentar sugerir, a tentar reproduzir coisas que são, provavelmente e em muitos casos, muito o produto deles. A época, sabes, a música, o génio... embora o número relevante de notas seja espantoso, o que se pode fazer com elas. E pode-se reproduzir muitos sons, muitas experiências de ser uma alma; e pode-se reproduzir também muito da visão de vida, ou a experiência de uma vida, ou de uma era. Não gosto da maioria do vosso conhecimento [música moderna]. Mas, no entanto, respeito alguns que veem outra perspetiva, para reproduzir algo que sentem intensamente, o seu tempo e a sua era. Isso, claro, através da música; através da música, que é algo que está além da vossa riqueza [material]. Vem do aspeto espiritual do homem, a realização da grandeza e das maravilhas com Deus.

A grande música é algo que nasce realmente no espírito e é reproduzida, talvez deliberadamente, na vossa riqueza. Os grandes génios da música, seja de uma era ou de outra, eles são o que chamarias de reprodutores de certos aspetos do "eu" superior em algo. A explicação do homem... vais dizer que isto é algo. Sim, é provavelmente muito mais profundo do que a terra, mais avançado; claro que é muito diferente. Temos muitos instrumentos que vós não possuís. Além disso, no plano superior, no plano de nível muito alto, podemos criar instrumentos musicais enquanto pensamos. Não poderia ser declarado? Se tu, um grande músico, por exemplo, podes completar e realizar uma obra inteira sem o uso de um instrumento sequer? Ele pode, por assim dizer, em si mesmo, criar todos os sons a partir de si próprio. Em consequência, aqueles que estão sintonizados com os seus pensamentos e com ele próprio ouvirão, por assim dizer, a reprodução daquilo que o compositor criou.

Vês, tu tornaste-te, de forma bastante natural — o que a riqueza material te deu e o que é difícil para ti ultrapassar — caso contrário, tornas-te habituado a que tudo tenha de ser material. Tens de ter uma pá, tens de ter um violino para tocar violino, mas todo o corpo são estes instrumentos; são, em si mesmos, mecânicos. São coisas que foram construídas e controladas pelo homem para criar certas coisas de certos propósitos. Aqui, percebemos que o pensamento é tão predominante e tão forte, que saberemos como usá-lo e como controlá-lo e como o utilizar. Algo que é muito fundamental e real e poderoso; podes criar algo sem o auxílio de um instrumento. Podes criá-lo de dentro de ti próprio, podes vibrar a tua harmonia e a atmosfera; podes criar música sem instrumentos.

Afinal de contas, tu pensas antes de falares; tu estás lá antes da palavra, antes do som. E aqui, os nossos pensamentos são tais que podem ser recebidos por aqueles que estão em harmonia connosco, na nossa vibração. Afinal, podes fechar os olhos e há escuridão. E no entanto podes ver imagens. Podes reconstruir ou construir coisas na tua própria imaginação, ou na imaginação dele.

Ninguém respondeu à pergunta: é uma realidade; aquilo que imaginamos é, por vezes, mais real do que aquilo de que podemos estar conscientes. O homem no teu mundo, de certa forma, embora tivesse um homem [guia], muito bem, tremendamente, ele costuma ser muito ignorante do poder do espírito e do poder que é o pensamento... tem sido dito a ti: "bate e abrir-se-te-á", mas poucas pessoas se dão ao trabalho de bater. Estão contentes com aquilo que lhes foi dado.

Apenas para o ver agora, deve ser conhecido, porque eles não perceberão o poder que está dentro de si mesmos. Estão contentes, em muitos casos, em aceitar aquilo que lhes foi ensinado, ou aquilo que leram, e não veem por si mesmos. Eles não sabem. Quero dizer, tu sabes onde ter esse sentido aqui; pessoas muito bondosas, pessoas muito boas, pessoas muito honestas, pessoas muito felizes.

Creet: E houve alguma pergunta? Agora que... qual foi a tua impressão de um piano quando viste pela primeira vez que não viste o outro lado?

Fredrick: A minha impressão de um piano, naqueles dias aqui, foi a de que estava em casa, senti-o. Porque sem piano eu era uma pessoa perdida. Quando encontro um piano de chá [referência a algo delicado/específico], e pude tocar, senti-me feliz. Era uma conversa muito especial, mais bela. E parecia tão restrito e limitado como parecia sem isso. Mas, claro, isto foi tudo... as outras etapas de vir para aqui, para me fazer sentir feliz, para me fazer sentir em casa. Mas gradualmente, conforme comecei a perceber as possibilidades e capacidades aqui, então comecei a emergir, poder-se-ia dizer, e a tornar-me mais apto a fazer coisas maiores.

Vês, nós limitamo-nos por falta de conhecimento. Tornamo-nos menos [limitados], e aquilo que começamos a fazer torna-se mais possível e, em consequência, torna-se muito maior. Embora seja maravilhoso perceber o quão maravilhoso é este mundo onde, sob limitações... apenas as limitações que nós próprios impomos; nada é impossível. Tudo o que é bom é possível, e pode tornar-se maior por causa de nós lutarmos por isso. O teu mundo é restritivo, mas apenas nesse estado difícil. O homem fê-lo assim; na sua ignorância, ele não vê. Ele não percebe as suas capacidades, as suas possibilidades no mundo.

Ele limita a sua morte pelo pensamento material e pela ação inconsequente. Mas não há limite para o que o homem pode alcançar se procurar profunda, certamente e seguramente por aquilo que vem no estado [de espírito]; a parte disto que vai sair. Como sabes, através dos milagres, como Jesus e outras grandes almas; estas coisas que parecem restritivas e o são, não há nada impossível. Se o homem tentou, na criação do poder que ele fez... estou muito feliz por poder vir aqui, ficar contigo. Espero que consigas imaginá-lo.

Creet: Sim, visita.

Fredrick: Vou dizer, não estou a tentar senti-lo. Não estou a tentar senti-lo. Mas não estou a tentar senti-lo. Estou a tentar saber a minha presença. Porque sei que muitos dos meus vizinhos... eu tento e desfruto, talvez algo que eu seja a estrela mais velha, ou estarei sentado no topo, e deixarei o lançamento para ali. Ouvirei o som e tocarei um tambor na música. É algo que está a afetar valores e conhecimento. Estou muito feliz por ser o articulador das vítimas da corda [referência aos cordofones/piano]. Isso é como uma vacina, sabes. Como uma vacina para alcançar. Significa esforço. Precisamos de fio. Não importa onde, deves ter o fio; com o piano, deves conhecer o piano. Como é que se chama? E os teus dedos devem ser habituados, devem ser subtis e assim por diante. Vês em ti própria, obviamente há um desejo importante de ser criativa, de criar e de tocar.

E quando vieres para aqui, do confinamento e limitação da carne, então saberás que criaremos, e farás música, porque estás limitada no teu mundo por falta de experiência, e porque em criança não foste amiga [não tiveste oportunidade], todas estas coisas são limitadoras. Mas sabes, ainda assim, apesar de todas estas limitações, não é de todo impossível para uma pessoa que nunca tocou piano, que não teve medo; eles podem ser teus, e podem ser controlados, e de tal forma que poderiam tocar piano como um mestre. Vês como estes aspetos materiais são [pouco] importantes. Não são necessariamente sempre o obstáculo que às vezes pensaríamos; nada é impossível e, se alguém tem fé, o que pode ser feito?

Fredrick: Mas não seria exatamente o mesmo, talvez signifique, de ti própria. Mas se pensares no que dizes — que um médium pode ser controlado e usado, o que frequentemente ele é — tu podes ser controlada, de certa forma, para tocar um piano. Mas ainda saberias que seria de ti própria. Percebes o que quero dizer? Mas se vieres para aqui, se tiveres este desejo, e vires o que tens, sem dúvida serás encontrada. A música tem um longo percurso musical, gradualmente. Tudo deve ser-te concedido. Nós devemos sofrer demasiado. De qualquer modo, não sou pequeno, porque o poder virá; mas tem sido uma alegria para mim vir ter contigo. Desejo-te uma feliz nova era. Desejo-te uma feliz nova era. Bye-bye!

~~~~~

2 de Fevereiro de 1959

Fredrick: ...Mas nesta comunhão e nesta perceção de que somos todos um. Estamos todos juntos na alegria e no sofrimento. De alguma forma, isso muda tudo e percebemos que a música é universidade [universalidade]. Representa a humanidade com toda a grandeza, a beleza e a força, a alegria e a felicidade, e toda a tristeza e fraqueza, as provações, as relações. Todas estas coisas são a vida e, na minha música, creio que tento expressar estas coisas. E sei que sou muito
~~~~~

infeliz e devo dizer que em momentos a minha grandeza foi mais uma vez uma bainha.

Não tenho quaisquer arrependimentos pela infelicidade na minha vida, pela doença, pelas desilusões e deceções em mim próprio e nos meus amigos. Percebo que foi isso que me moldou, tal como te moldará a ti e a outros. Não devemos ter medo destas coisas, mas devemos aceitá-las como um desafio e saber que são boas para nós. São como os remédios que devemos tomar: podes não gostar do sabor, mas frequentemente fazem-te bem. Às vezes não fazem, mas frequentemente ajudam. Por outras palavras, somos todos patrícios, somos todos fracos, estamos todos doentes, estamos todos enfermos. Todos precisamos de força.

E devemos lembrar-nos de que a força vem de dentro da nossa fonte, dessa fonte divina. Dentro de nós há uma grandeza porque é o poder de Deus, e Deus dá-nos esta força tremenda, que nunca nos falhará enquanto tivermos fé n'Ele, na Sua vontade e no Seu poder, na Sua bondade e no Seu amor por nós. Nada se perde; um dia virás para aqui. Irás saltar de alegria e ficarás tão entusiasmada e tão excitada em ti própria, animando-te com tudo o que vires, com as pessoas que conheceres e a música que ouvires; será como ser transformada num mundo que se tornou uma realidade maravilhosa.

Mas aceita o teu mundo, aceita a tua vida, aceita os teus amigos, aceita tudo o que conheces e percebe que, por trás de todas as coisas e de todas as pessoas, existe esta centelha do divino; se houver deceção, se houver desilusão, se houver fraqueza, no entanto essas coisas existem em ti tanto quanto neles. Pois ninguém é perfeito. Quando chegas, não és perfeita. Somos criaturas imperfeitas, todos nós, mas gradualmente tornar-nos-emos mais aperfeiçoados através do amor e da transmissão do amor, da compreensão do amor, do viver do mundo, por assim dizer, do amor e da manifestação do amor em todos os nossos pensamentos e ações, em todos os nossos caminhos. Estas coisas tornar-nos-ão mais próximos e mais parecidos com Deus. Estas coisas são o nosso fôlego, certo? Estes são os nossos dons naturais, a nossa herança natural.

Tento fazer todas estas coisas de uma forma menor, talvez, mas na minha música e na minha vida — talvez as vibrações do fracasso — foi nos fracassos da minha vida que encontrei o meu verdadeiro eu, como os seres humanos também encontrarão; e se a minha música sobrevive, como sobrevive, indefinidamente, ajudará em certa medida a mostrar ao mundo que o que senti no meu tempo de vida — que pode ser para eles centenas de anos antes — é exatamente o mesmo. Tem sido assim desde o princípio dos tempos: o homem deve encontrar-se a si próprio e deve ser forte e ter fé e saber que pode vencer, que pode de facto tornar-se verdadeiramente um filho digno do divino pelos seus próprios esforços, pelos sacrifícios que deve fazer — pois é apenas pelo sacrifício que podemos esperar alcançar.

Um grande músico só pode ser um grande músico se sentir intensamente a tristeza e os desgostos dos outros, bem como os seus próprios. E ele coloca tudo o que tem de si e dos outros na sua música, alguém que está preparado para trabalhar dia e noite, esforçando-se e lutando pela perfeição, sabendo que nunca alcançará a perfeição, mas que poderá alcançar algo que ultrapassará a perfeição, pelo menos por um tempo; porque à medida que obtemos mais conhecimento e nos desenvolvemos para mais compreensão, percebemos que aquilo que outrora pensámos ser grande não era assim tão grande, na verdade, porque aprendemos uma grandeza maior; é assim que deve ser: sempre a procurar, sempre a descobrir, sempre a encontrar grandeza em várias formas.

O homem que diz que sabe todas as coisas, ou que descobriu isto ou aquilo, e que isso é um feito que não pode ser superado, é um tolo; pois pode-se sempre encontrar ainda mais, e descobrir ainda mais, saber ainda mais e ser um pouco mais. Ah, não deves preocupar-te contigo própria; preocupas-te demasiado. Tens feito progressos e farás muito mais progresso, e eventualmente encontrarás a felicidade que o teu coração procura; entretanto, sê paciente contigo própria, sê paciente com a tua música, sê paciente com os teus amigos e procura apenas o que é bom dentro de cada um, e serás muito feliz. Sei que és infeliz, e sei que te esforças muito, mas às vezes ficas muito triste, ficas muito dececionada com os teus amigos, às vezes contigo própria e frequentemente com a tua música; mas, no entanto, percebe que é uma luta, que vale sempre a pena, e que podes ter alguém aqui ou ali a ajudá-los a compreenderem-se a si próprios e a encontrarem os seus verdadeiros eus, eventualmente, e a colocarem-se num caminho melhor de retorno e progressão.

Somos todos servos, muitos de nós. Podemos escapar uns aos outros; eventualmente, devemos perceber que estamos aqui para servir uns aos outros. Fiquei muito divertido quando estiveste ao serviço, porque... por que foi muito apropriado? Fiquei muito divertido quando vieste como serva a uma festa, e achei que era muito apropriado, ou estavas a servir em algum lado, e de alguma forma eras tu, pois era muito típico de ti própria, tal como és por dentro, porque te amavas a ti própria e ajudavas nisto; e fiquei muito feliz, porque sabes, aqueles que frequentemente têm mais fome são muitas vezes os mais elevados. Tu não queres ser uma duquesa, não queres ser grande como o mundo entende a grandeza; estás contente por seres quieta e simples, e na simplicidade há grandeza. E quero que todos nós sejamos... que aprendamos a coisa mais importante: que na simplicidade das coisas encontras a grandeza e a beleza e, de facto, encontras Deus. Deus encontra-se nas coisas humildes muito mais do que nas coisas grandes, conforme o mundo entende o que é grande.

A terra em si é importante, como todos sabemos; é a escola da vida e aprendeste muitas lições lá, e há mais algumas ainda para aprender. Mas quando chegar a altura de terminares a tua escolaridade, virás para aqui e serás uma aluna premiada, e dar-te-emos um prémio maravilhoso. E tu és uma escola... agora não te preocupes, e anima-te, está bem? E não te esconderei nada, nem

espiritualmente nem mesmo coisas materiais, que às vezes desaparecem, as coisas mais misteriosas.

~~~~~~

07/06/60

Rose Crete: Frederick, como estão as pessoas a dar-se nas esferas inferiores? Sabes que tens descido até elas?

Fredrick: Algumas estão muito bem, outras não estão tão bem. Algumas fazem um pequeno progresso, mas muitas não o fazem, o que é muito difícil. Tentamos desafiar a mentalidade, a perspetiva. Nalguns casos temos sucesso, e em muitos casos não temos sucesso. Mas há sempre alguns que podemos ajudar. Mas tudo depende do indivíduo: que mostrem alguma iniciativa, se souberes que mostram algum interesse, que querem comportar-se, então podemos ajudá-los. Mas alguns são tão cegos, sabes, que não os conseguimos fazer ver.

Rose Crete: Sim. O Frederick fez uma melhoria vasta, não fez?

Fredrick: Oh, ele teve um desenvolvimento notável. Ele é uma alma muito boa. Já faz imenso para ajudar as pessoas. Ele está muito mais próximo nalguns aspetos, claro, e é mais fácil para ele ajudar mais algumas pessoas, e talvez alguns de nós o possamos ajudar.

Rose Crete: Sim.

Fredrick: Porque ele está mais perto das condições.

Rose Crete: Oh, sim.

Fredrick: Mas ele fez uma progressão maravilhosa. Ele é uma pessoa muito fina.

Rose Crete: Sim. Sobre o que deveríamos falar? Sobre qualquer coisa que gostes?

Fredrick: Bem, eu gosto de falar sobre ti.

Rose Crete: Sobre mim. Bem, da última vez que falei sobre ti, respondi porque a gravação foi destruída. Não, continua.

Fredrick: Sabes, foi uma pena. Sim. E eu apenas, como te disse, tantas vezes, é difícil para ti associares-te a certos aspetos do passado; o passado para ti é algo que está escondido em grande medida. E estás ansiosa por saber. E, de certa forma, estamos ansiosos por te contar o melhor que podemos. Mas deve-se
~~~~~~

sempre apreciar o facto de que progredimos e, à medida que progredimos, somos capazes de sacudir de nós muitas das coisas velhas, muitas das velhas ideias. Desenvolvemo-nos, progredimos, caso contrário seria uma aliança sem sentido e sem valor. Não ficamos iguais, mudamos. E às vezes olhar para trás é uma coisa boa, mas às vezes esquecer algo também é bom. A questão é sempre saber quanto te contar e quanto podemos contar, o que é bom para ti saber.

Mas acho que o que é importante, mais importante do que tudo, é o estado presente, o ser de alguém; quer seja como tu própria do teu lado da vida, quer seja eu próprio do meu lado da vida. Para o grau de desenvolvimento que superei, a questão é estar plenamente consciente do que nos tornámos. E é bom, de certa forma, perceber e recordar o que fomos. Mas o importante é o momento; o passado é precioso e importante, mas não é tão vital. E através dele há também um futuro.

É estranho, talvez penses por vezes que nós, deste lado, podemos falar sobre o presente, o passado e o futuro, quando é tudo um só; é tudo como uma linha que não tem sentido nem fim, através da qual viajamos. É como se estivéssemos a passar por fases, uma variação de experiência e existência, e nunca estamos estacionários, nunca parados; estamos evidentemente sempre — como é? — a esforçar-nos, sempre a atingir, sempre a alcançar um pouco mais e uma perceção maior do que somos, do que podemos ser. E olhamos para trás e vemos isto como degraus e a escada na qual subimos; cada degrau é importante.

Quando começamos, se tivermos sequer visão, olhamos para a frente e vemos a escada a desaparecer no espaço; não tem fim, parece insuperável, parece impossível. Mas podemos subir e, no entanto, sabemos que com o tempo e a experiência, subimos de facto; subimos a grandes alturas e, quanto mais alto subimos, mais difícil é olhar para baixo. E quando olhamos para baixo, temos muito medo. Quando digo medo, estamos preocupados, não por nós próprios, mas por aqueles que estão mais abaixo nos degraus da escada. E sentimo-nos ansiosos por podermos, de alguma medida, estar abertos a um sistema [de auxílio]; é por isso que regressamos. Regressamos por várias razões, é verdade. Mas o nosso maneirismo para voltar, para descer, por assim dizer, é cuidado.

É para que possamos, de alguma medida, ser capazes de ajudar alguma alma num período difícil da sua vida, para lhe dar uma nova perceção da possibilidade que reside dentro de si mesma; para as ajudar a superar o pior do "eu", para que possam encontrar o verdadeiro eu e, em consequência, não terem medo. Mas para que subam constante e seguramente às alturas da perceção e do alcance; e até que se possa sacudir de si próprio este medo, este pavor que tantas pessoas têm no vosso mundo da morte — pois a perceção da vida continua; que o amor é o poder que tudo conquista e que vence todas as coisas, todos os males, todas as coisas que nos impedem de progredir. Quando percebemos esta força tremenda dentro de nós para o bem, sacudimos de nós os medos, e os passos são firmes e seguros; subimos, e alcançamos, e atingimos.

Fredrick: E se olharmos para trás, percebemos que não temos medo por nós mesmos; tememos por aqueles menos afortunados, e queremos ajudá-los e regressar, e dar-lhes uma mão para que olhem para cima, para que se juntem a nós, para que estejam connosco. Queremos tornar todo o mundo consciente da possibilidade que existe dentro do próprio homem.

Sim, como é que percebemos isso? Há muitas pessoas no vosso mundo que alcançaram imenso, mas não falam sobre isso e, nalguns casos, podem nem sequer estar conscientes disso. E creio que é verdade que aqueles que progridem mais são os menos conscientes da sua progressão; eles podem olhar em seu redor e ver os não desenvolvidos, os não iniciados, as almas que se esforçam e lutam, e que frequentemente falham repetidamente, mas mesmo assim, na perceção de si mesmos, são tão humildes que não veem a sua própria bondade. Na verdade, apenas veem as suas próprias falhas, e estão até conscientes de um esforço maior.

A verdadeira progressão só pode vir quando o homem é mais humilde em si mesmo, quando não se esforça pelo "eu" no sentido em que algumas pessoas usam o termo, mas esforça-se para que possa ser cada vez mais capaz de ajudar os outros, os mais afortunados, sabes. O teu conhecimento é sempre essencial para lembrar que, quando dás algo, não o fazes porque queres receber em troca; fá-lo porque queres dar, queres ajudar, queres encorajar, queres tornar as pessoas conscientes dos seus verdadeiros eus, para que possam alcançar algo através dos seus próprios esforços.

Alguém pode apontar o caminho, alguém pode elevar, alguém pode mostrar o trilho, mas não se pode percorrê-lo por eles; às vezes pode-se ajudá-los um pouco, mas muitas vezes não é sensato ajudar demasiado. Pois, a menos que tornemos uma pessoa forte e capaz de cuidar de si própria, capaz de alcançar por si mesma, é inútil. Há muitas pessoas no vosso mundo que parecem fazer alguma forma de progressão através dos esforços de outras pessoas, mas não têm nada no seu próprio caminho ou iniciativa. Isso não é uma provisão. Na verdade, às vezes é até pior para elas, pois quando são deixadas consigo mesmas, e são deixadas para fazerem o esforço sozinhas — porque lhes foi mostrado o caminho antes, atrás — e nem sequer conseguem parar agora, ficam em pior situação.

Sabes, há muitas pessoas no vosso mundo a quem foi dada alguma visão, a quem foi dada alguma verdade. Elas têm uma compreensão, por assim dizer, de algumas coisas, mas elas próprias são fracas e mutáveis. Não têm a certeza, estão incertas, têm receio, estão amedrontadas, assustadas, estão incertas sobre isso, mesmo apesar das coisas que lhes foram ditas, das coisas que sentem em si mesmas; são tão fracas nas nossas religiões, na mente disto, porque há tantas religiões preocupantes, tantos credos, e muitas pessoas são muito sinceras e esforçam-se muito por viver a vida como sentem que devem, e lutam, e no entanto estão cheias de medo. Elas não encontraram este consolo e a verdade que tu encontraste. Tu não vais à igreja, não vais rezar, mas o que é importante é que

conheces a verdade, tu vês através dela, e no teu coração tu esforças-te. Nem sempre é possível ter sucesso, mas esforças-te por fazer o que sentes ser o correto para os outros, e isso é importante.

É o mesmo com a música, é o mesmo com todas as coisas que são boas; apenas aqueles que se esforçam e lutam, apenas aqueles que estão conscientes do que pensam que pode ser, do que deve ser, são os que têm sucesso. Muitos no vosso mundo são tecnicamente — como muitas vezes te disse — brilhantes, não só na música, mas noutras coisas. Há pessoas no vosso mundo que suponho que, nalguns sentidos, poderiam ser chamadas de tecnicamente brilhantes nos seus pontos de vista religiosos particulares, na medida em que têm uma grande quantidade de verdade, têm uma grande quantidade de conhecimento, uma grande quantidade de perceção; têm também uma grande quantidade de oportunidade para conhecer esta religião e para a trabalhar, para que possam de facto recrutar a salvação para si mesmos e para os outros, mas são fracas e vacilantes, estão cheias de medo, estão cheias de dúvidas, não sabem, falta-lhes uma certeza real sobre certas coisas de que deveriam estar conscientes.

Por outras palavras, às vezes estão preparadas para abdicar das responsabilidades das suas próprias vidas ou de outros e, em consequência, embora tenham nalguns sentidos, talvez bem como no seu progresso, não progrediram realmente num verdadeiro sentido espiritual. Pois ninguém pode partilhar a responsabilidade, ninguém pode tocar piano, a menos que esteja preparado para praticar, preparado para dar tudo o que pode dar, percebendo as grandes possibilidades do estudo constante, de se aplicar constantemente à sua arte, ou a perceção de que dentro de si mesmo está o poder e a possibilidade de se desenvolver de tal forma que se pode tornar um grande músico, um grande artista, ou o que quer que seja que esteja a estudar ou a querer fazer; e assim acontece que tens muitas pessoas que são muito medíocres, muitas pessoas que são tecnicamente brilhantes e não têm alma, a menos que algo brote delas mesmas, que o faças porque o queres fazer por eles, e não apenas porque estás consciente apenas da bondade que lá está, e queres expressá-la na palavra e nela, queres que eles ouçam e tenham a certeza de que Deus existe, e que Deus é bom, e que o amor permeia todas as coisas.

Estas coisas que expressamos, qualquer que seja a forma que tomem, seja na música ou de outras formas, só podem ser um sucesso se vierem da alma. O corpo pode estar fraco, e o corpo pode estar frágil, o caminho pode ser duro e difícil, pode haver poucos amigos, pode haver obstáculos, pode haver todo o tipo de coisas, pode não haver quase impossíveis, existe uma estação mundial; mas se a alma está segura do seu curso, e luta pela sua liberdade de se expressar, nada a pode deter. Mas no vosso mundo as pessoas são fracas, não são muito fortes, têm crenças, mas não têm força por trás da sua crença, não põem em prática as coisas que sentem e sabem, não fazem as coisas porque podem ser consideradas talvez, nalguns quadrantes, tolas; podem ser consideradas pouco sensatas, e no entanto é

na humildade e no espírito, e na certeza e na segurança da compreensão e perceção da alma que reside a força.

As pessoas têm medo de coisas como a alma e o espírito, elas só têm a certeza do corpo, só têm a certeza do dia para a manhã, do sol na cidade; não acreditam em nada que não vejam, ou não possam tocar, não possam sentir, e nos seus corações sabem que estas coisas não são claras, são as coisas intangíveis; parecem tangíveis, parecem reais, parecem sólidas, mas sabem que elas devem desaparecer para elas, e as coisas que são seguras, as coisas que permanecem, as coisas que se mantêm firmes, são outras coisas a partir de si mesmas, as coisas da alma, estas outras realidades. As pessoas sabem isto, têm medo disto, e não o admitem a si mesmas; é difícil fazer as pessoas saberem e perceberem estas coisas.

Obrigado, Frederick.

É por isso que te digo sempre que és uma excelente música, não porque possas sentar-te ao piano e tocar as notas, não importa quão bem ou quão mal, isso não faz um músico. É como te sentes, e o que sentes, e como expressas aquilo que sabes que é música.

Fredrick: Os teus dedos podem não responder, mas a música que é criada na atmosfera ao teu redor, isso é o que importa; essa é a verdade da música: é o que tu és em ti mesma, o que emanas, o que dás ao mundo, o que sentes, o que pressentes, o que sabes, o que tu és.

Podes entrar numa sala onde há música e, no entanto, ela é metálica, é tão oca e tão sem assinatura como as pessoas que ali estão sentadas e a pessoa que está a tocar. Tecnicamente pode soar, segundo o entendimento do mundo, brilhante; mas continua a ser metálica e sem alma, tal como frequentemente as pessoas que se sentam ao redor e aplaudem. Mas a pessoa que se atrapalha e está incerta, e que está de facto consciente da sua própria inferioridade no seu coração, na sua alma — ali há música, há uma grande beleza, e é isso que importa. Eles trazem uma iluminação e uma luz que os outros não trazem.

Sabes, nós vemos de forma diferente porque sabemos de forma diferente, compreendemos de forma diferente; mas apenas compreendemos a verdade. Não estamos preocupados com a fachada, não estamos preocupados com a aparência, não estamos preocupados com o esplendor, qualquer que seja a forma que tome; apenas nos preocupamos com o que é, e o que sabemos que é profundo, o que sabemos que é duradouro, o que sabemos ser o nosso Deus. Na boa música, quer seja música criada no sentido em que a entendes através de um instrumento no teu mundo, é o espírito, o que a pessoa é, o que a alma está a exibir; é a virtuosidade da alma que importa, como ela se consegue exprimir, como se faz sentir, como a sua música vibra na harmonia das esferas. E mesmo aqueles que

não compreendem, sentem a presença, sentem a beleza, sentem a alegria duradoura disso; estas são as coisas que são importantes: é a música da alma.

E é isso que eu tento colocar na minha música. Quando estava do teu lado, era frequentemente por isto que ficava tão impaciente comigo próprio, com o meu piano, com os meus amigos por vezes — é porque nem eles conseguiam ver. É verdade que elogiariam, é verdade que diriam que isto ou aquilo era belo ou que isto ou aquilo era maravilhoso, mas no meu coração eu sabia que eles não viam totalmente o que eu tentava transmitir, porque não conseguiam tocar propriamente o meu coração.

Mas, não obstante, devemos construir as nossas casas [mentais], pois devemos lembrar-nos de que os filhos do Senhor e de Deus estão em diferentes estágios de ser; devemos tentar encontrá-los, por assim dizer, ao seu próprio nível, mesmo que isso signifique que tenhamos de baixar o nosso. Pois, ao fazer isso, estamos a fazer algo grandioso; não estamos a rebaixar-nos, estamos a tornar-nos ainda mais elevados, ainda maiores, em espírito e em verdade. Não pensamos no "eu", mas quando esquecemos o "eu", nem sequer temos consciência de estar a descer, por assim dizer, de um céu para um plano inferior; apenas estamos conscientes do amor, que nos liga a todos os filhos do Universo, independentemente do que possam ser ou do que são.

Estamos apenas conscientes de uma coisa: do que eles se podem tornar, e de que um dia aprenderão a apreciar, aprenderão a perceber que o verdadeiro eu, o eu individual verdadeiro, a alma, encontrará o seu caminho para voar, para longe das coisas que a prendem e que tornam impossível, por enquanto, ver e saber. Sabemos que as correntes serão quebradas, quando toda a humanidade for livre, e eles verão, saberão, compreenderão e habitarão em harmonia, paz e amor como nós.

E devemos ser pacientes, devemos ser tolerantes, devemos tentar compreender as razões pelas quais as pessoas não veem o que vemos, por que não compreendem como compreendemos, por que não conseguem criar harmonia a partir do caos. Devemos tentar ensinar-lhes o trilho e o caminho; devemos ser pacientes com elas, tal como, de facto, devemos oferecer-lhes [auxílio]; devemos ser pacientes connosco próprios quando falhamos nas nossas tentativas de servir e de ajudar.

Temos grandes responsabilidades. Eu venho a ti, e sou apenas um entre milhares de pessoas que vêm do nosso mundo de Espírito para trabalhar, para ajudar e para nos elevar primeiro; é o nosso poder, onde seremos capazes de o fazer. Não podemos forçar a nossa vontade sobre as pessoas — o que não é o nosso desejo fazer — mas onde vemos a faísca, onde vemos o desejo no coração, livre de nação, onde vemos, pelo próprio laço vibratório, um indivíduo, pela própria cor, por assim dizer, da emanação orgânica, somos capazes de entrar

nisso, até certo ponto, e ajudá-los, elevá-los, tornar possível para eles verem um pouco mais além.

Somos todos viajantes na estrada; alguns estão cansados e com os pés doridos, outros avançam com grandes passadas, têm maior força, maior compreensão, maior capacidade mental, o que torna possível que o façam. Mas mesmo aqueles que avançam com força não deixam de parar à beira do caminho para ajudar os menos afortunados, pois a única maneira de alcançarmos uma compreensão real, um desenvolvimento real de uma mente de espírito, é quando nos esquecemos de nós próprios.

Como é estranho, quando pensas que há tantos que têm tanto e tu tens tão pouco; aqueles que frequentemente têm tão pouco têm muito mais. Nós não vemos como agora verás, como o mundo vê; mas isto eu sei, como já te disse antes: tu tens uma grande força, uma grande força interior, uma grande perceção, um grande poder, uma força enorme e, acima de tudo, um grande amor, que torna todas as coisas possíveis para ti. Podes olhar ao teu redor e por vezes podes suspirar, por vezes podes ficar triste e por vezes podes sentir-te impotente; mas alcançaste mais do que alguma vez saberás, pois emanas amor, emanas compreensão e simpatia. O teu coração está cheio por todas as criaturas de Deus, não importa quem sejam ou onde estejam; se for apenas sobre o pássaro que voa, tu acolhê-lo-ás, estimá-lo-ás, guia-lo-ás e ajudá-lo-ás se pudesses.

Para mim, há música na tua alma — mais do que em qualquer músico que conheço no teu mundo — e isso, para mim, é tudo o que espero, ou o que quero, ou o que peço.

Que o meu amor e as minhas bênçãos estejam contigo. Adeus.

Creet: Adeus, Fred. Obrigada.

~~~~~~~~

19 DE FEVEREIRO DE 1954

Fredrick: Olá. Estás perto dos meus amigos? Boa noite. Eu, hã, não creio que serei capaz de falar onde estamos esta noite. Até que, hã, eu deva... hã, não ser capaz de manter a calma perante as circunstâncias também.

Creet: Sim, conseguimos ouvir-te bem.

Fredrick: Sim, mas é que, hã, tu não me reconheces. Hã, é possível, hã, que as condições não sejam assim tão boas. O que queres dizer com a falha, hein? Isso deve-se à atmosfera, creio eu, um e meio. Mas, hã, tu não me conheces. Hein? Eu, eu, eu, eu vi, mas, hã, perguntei logo primeiro, hã, como dizes, pensei
~~~~~~~~

que seria possível se tu não soubesses. Mas ainda assim, ofendeste-me um pouco, mas eu só queria que soubesses que estava aqui.

Creet: Sim. Sim, estou tão feliz por teres vindo. Sabes, é tão amável da tua parte vires.

Fredrick: Mas é um grande prazer. Afinal, sabes, não venho apenas a ti, vou a muita gente.

Creet: Sim, eu sei.

Fredrick: Embora tu sejas a única pessoa que se apercebe que eu venho. Os outros são cegos, e são surdos também à minha presença. Mas tento ajudá-los com a música deles. Gosto de sentir que posso servir e ajudar. E há alguns jovens músicos nos quais tenho muito interesse, que estou a ajudar a incentivar deste lado. Oh, sim. Mas, hã, sabes, é dececionante estarem inconscientes da minha presença. Mas, no entanto, tento ajudá-los o melhor que posso. Eu, hã... tu ocasionalmente, sabes, ias beber um copo; não tens sido capaz de fazer muita coisa agora?

Creet: Não, não tenho. Mas assim que o meu...

Fredrick: Ah, assim que o teu quarto estiver pronto, então irás recomeçar a praticar.

Creet: Sim. Sim. Eu prometo-te, vou fazê-lo.

Fredrick: Espero que sim. Espero que sim. Assim, teremos de praticar mais, e numa próxima vez. O padrão, o desejo e o teu coração para o fazer. Eu tenho de praticar mais. Agora, como se falasse por enigmas.

Creet: Sim, o que queres dizer com isso?

**Fredrick: Bem, acho que te vais encontrar muito mais a ti própria na tua música nos meses que virão.

Creet: Vou.

Fredrick: Para te afastares das coisas, talvez, mas é bom.

Creet: Oh, compreendo.

Fredrick: Mas, hã, ele será feliz. Está bem. Bem, foi bom saber. A música, hã, amansa a fera.

Creet: Sim. Amansa. Eu também me sentava quando estava em todo o tipo de humores, e ajudou-me imenso.

Fredrick: Bem, acho que podes dizer que este é o início do fim, sabes, da tua carreira.

Creet: Achas?

Fredrick: Sim. Oh, para ti. Sim. Não gosto de fazer profecias. Não. Não pretendo ser profeta. Sim. Mas sinto, e posso dizer isto, que vais ser testada apenas mais um pouco, e é tudo. Sim. E depois serás feliz, muito mais feliz. Sim. Sê paciente, minha amiga. Sim. Tudo está bem. Lembra-te, tudo está nas mãos de Deus.

Creet: Sim.

Fredrick: Às vezes, talvez, não pareça haver muito consolo. Especialmente quando se teve uma vida muito difícil. Foste muito testada, e há momentos em que talvez se perca o ânimo e a fé em Deus, mas acho que, na tua autodeterminação, sempre tiveste fé, sempre tiveste confiança.

Creet: Tive.

Fredrick: Tudo foi por um propósito. Embora nem sempre o tenhas visto, e talvez saibas que às vezes não se veem bem algumas das razões, mas tudo tem um propósito e, acima de tudo, quero que saibas que os anos de encerramento da tua vida serão os mais abençoados para ti, pois tu os mereceste, e tu os terás. É uma promessa que te fazemos, e não falharemos nessa promessa, minha amiga. Sê apenas paciente, tem fé, tudo está bem. Temos o teu bem-estar sempre no coração e, bem, tu verás. Está bem. Tenho de ir, sabes.

Creet: Está bem. Obrigada por vires, Frederick.

Fredrick: Não creio que vás falhar novamente. Boa sorte. Está bem. Não consigo pensar que muitos de vós o tenham feito.

~~~~~~
~~~~~~

Esta sessão foi gravada a 19 de Junho, numa sessão para a Sra. Creed para se reunirem, ouvirem e fluírem. Comunicadora: Flora Seedfield, discutindo a música de Chopin.

Flora Seedfield: Tenho estado a ouvir uma obra recente do teu amigo Ferry.

Creet: Tu tens estado a fazer uma obra?

Flora Seedfield: Não, tenho estado a ouvir uma das novas obras dele. É uma peça de trabalho espantosa. Mal se sabe por onde começar a subir, até para a descrever como um grande feito. Creio que ele já te contou tudo sobre isso, de qualquer modo.

Creet: Bem, não sei se é a mais recente. Ele falou-me de uma em que tinha de fazer uma composição sobre um enorme tempo com todas as nacionalidades.

Flora Seedfield: É isso mesmo. Bem, as mãos sendo magníficas, o topo deste edifício glorioso. Eu não o dediquei. E ele escreveu uma partitura, suponho. Sabes, o que é precisamente o oposto. Mas, na verdade, ele pareceu introduzir música nacional porque queres começar a música nacional. Queres representar as pessoas de cada nação que vi na terra, sabes. Tudo foi bom nisso. Muito representativo de todas as diferentes nações e povos. E, de alguma forma, pareceu derrotar as aspirações do desenvolvimento dos povos e nações e do tempo. Eu fui lá e tentei juntar-me. E o tipo mais maravilhoso de... não sei se consegues fazer isso.

Na parte final desta obra — não sei se é realmente a melhor forma de a descrever — na parte final desta obra, ele era um coro. Os tempos eram vozes. Toda a música de diferentes nacionalidades era realmente fabulosa. Combinar a música e a orquestração das vozes da música foi fabuloso. E então ele disse: "Gostaria de poder ter um edredão aqui fora no meio de algo". Mas se o quisesse para a honra e para a noção e para tudo o que se pode imaginar, por isso poderias colocar-te nesta obra e tudo o mais. Quando foi a experiência mais amável de nunca esperar que ouvisses algo assim, bem.

Creet: Sim, exaure.

Flora Seedfield: Eu sei, estamos aqui. Nós não sentimos cansaço. Agora está a chegar ao ponto de o admitirmos. Mas a parte final desta obra é absolutamente brilhante. Quero dizer, não sei como isso poderia ser, num certo sentido, porque não temos consciência do tempo. Se não estiveres ciente dele. Portanto, vejo como se tivesse tirado algo de mim própria. E, em consequência,

sentiste uma espécie de... Quando sentiste uma grande paz e calma, na mesma calma, sentiste que estavas suspensa num espaço tão bom, de tal forma que nada te tocava. Sentiste que não estavas a tocar o chão. Não há familiaridade, não sei como exprimir isto. Não, não há. Não, é um momento de que me lembro. Tão, tão levada.

Mas foi uma faca inteira como se tivesse sido tirada de mim por algum tempo. Presumo, de uma forma boa, não sei o que dizer. Por que não sentes isso? Sentiste uma ameaça naquela imagem. Bem, eu senti apenas que era apenas um modelo. Como se cada modelo estivesse a ser atirado em desfiladeiros na música, há uma inspiração possível. Há um modelo disso. Quero dizer, no sentido em que o hardware mais pequeno está a avançar. O sinal mais pequeno são edifícios enormes, dentro desta variedade enorme. E todo o ruído está simplesmente a afastar-se de nós quando envelhecemos. De acordo com a música de fronteira, estamos a mudar de uma forma subtil. Na verdade, o efeito da iluminação era incrível. E se tentares reproduzir isso num palco, simplesmente não conseguirias. Não precisas de ver isso. E percebe-se que seria bom vê-lo.

Era, porque a música aqui afeta toda a atmosfera. De tal forma que pode e de facto muda. Ao colorir toda a atmosfera, este edifício estava... estava infuso de luz. Era a massa, a massa do teto, de cor mutável, e brilhando com vitalidade e vibração. Todo o edifício parecia estar vivo. E havia enormes efeitos corais, que surgiram perto do fim, que pareciam, como se de algum modo, todo o edifício, sendo enorme, estivesse a ir... por assim dizer, mais alto do que, sendo movido para fora, não sei como é. Não, não para matar. Foi uma sensação extrema. Senti como se já não estivesse de pé nos meus pés, como se a minha terra estivesse longe de ti, e todo o edifício parecesse estar a emergir. De tal forma que o telhado parecia estar a subir. E as paredes pareciam estar a afastar-se cada vez mais. E uma sepultura parecia perder o tipo de consciência, e tudo o que se podia pensar, tudo o que se podia experienciar era este som glorioso. O que mais? Como é extraordinário? Quando eu estava aqui na altura, eu sei o que estava a acontecer. Bem, o teu pensamento estava correto, certeiro, e uma coisa de síndrome. Sobre quê? Valha-me Deus, homem. Se fosses ver o que estava a acontecer por todo o lado aqui.

Creet: O quê?

Flora Seedfield: Quero dizer, foi apenas um mergulho. Ele estava a banhar-se na visão do lar. A visão da vida, creio, não sei como começar a explicá-la, como se fosses comer o crânio e ele te explicasse, mas era como se ele estivesse de pé e tu estivesses tipo, não, não, não. Alguém no palco tem um grito focado nele, e eu sou uma espécie de holofote brilhante. Sim. E, num sentido, o termo mágico não o descreve realmente, no sentido da impressão que teria causado a qualquer um dos nossos convidados pela primeira vez, vendo-o estar assim, e depois percebendo logo o que era a mesma coisa. O ponto principal foi que eu penso em todo o seu ser, mas o que mais? Há tanta intenção e o sentido de

responder e tão sensível a esta música. Sim. Mas por todo o lado aqui, não se trata apenas de uma aura de luz, que vinha do seu "eu" interior, sabes, que estava a criar este efeito.

Senti que não parava, antes isso, pensei que não pararia. Não tinha um botão. E eu não sabia realmente, mas ele não ficava parado sob as suas coisas, vindo por todo o lado. Não. Estava ali outra vez. Era uma arte também. Era algo para experienciar a obra, e certamente não tinha qualquer pano de fundo, como um maestro faria o trabalho. Não. Do outro lado. Certo. Mas o ser mais antigo parece sobreviver, aquele que está tão vivo, e o que estava consciente do movimento nas mãos e na cabeça, no corpo, pareces ter um tipo de ritmo nisso. Não sei como fazê-lo. Tenho um tipo de ritmo. Não sei. Não sei. Não sei. Não sei como interpretar isto. Não sei. Não sei como descrevê-lo. Há um tipo de ritmo, suponho.

Sobre o movimento aproximado, descobri que, com o tempo, há algumas coisas que não sei. Não muito de mim. Sim. O corpo dele estava tão vivo. Sim. Parecia crescer, este tipo magnífico de vida puramente perolada, e no interesse, havia este tipo de personalidade vibrante. Quero dizer, quase consciente dele aqui, com a sua personalidade. Ao mesmo tempo, percebia-se que tudo aquilo de algo estava a acontecer em toda a música antiga, estava tudo lá. Esse foi o sentimento mais extraordinário. Alguém se perguntava tudo isto como se todo o artista, todo o mestre da orquestra, a luz que estás a fazer, tudo o que vai, tivesse sido ouvido no mundo.

Flora Seedfield: Mas alguém pensou que ele estava a fazer tudo, e eles eram como que... como marionetas, algumas bonecas mecânicas que repetiam tudo, estavam a fazer tudo o que vinha daqui. Não era que ele fosse eu. Era ele a ir para lá, por isso estou a ver no teste do arco-íris os instrumentos. Foi o sentimento mais interessante. Foi um momento da noite, como se as pessoas que estavam a tocar a música estivessem, na verdade, sob uma espécie de força hipnótica dele, ou vitalidade, ou poder — tudo sobre a vontade dele, mas ele é que fornecia a força e eles limitavam-se a repetir. Eles agiam como se estivessem sob a orientação dele.

Mas, se não podiam cometer um erro, houve uma coisa extraordinária que eu contei sobre eles, e visto que se fosses tu... eles são os teus concertos, e eles seguem o teu caminho na terra, saberias que tudo de mim, o teu ser, estás a tocar tudo de mim; é uma das formas pelas quais tenho sido capaz de voltar, é sempre uma possibilidade, não é, mas pode surgir nalgum lado. Não, mas a sério, é o mundo naquele sentimento, de todo. Serás capaz de perceber, é o mundo onde estas pessoas estavam, artistas em si mesmos, mas o artista continuava, ainda entrevistas com a arte do homem, e propondo música, e com tal devoção moderna, houve uma espécie de... absolutamente tremendo, bem, esta é a única forma de o dizer, sabes, eles tocavam como um só homem. Apenas um homem era o homem que lá estava, que estava a compor, e a dirigir, e a criar, e a tornar

tudo possível. Por outras palavras, eles estavam felizes, e imensos, e estavam a fazer, porque estavam sob o controlo dele.

Creet: Sim, compreendo o que queres dizer.

Flora Seedfield: Não acontece com eles. Oh, com certeza, eles tinham de fazer isso. E isto aconteceu tanto, não, não foi isso, e eu vi, e com este concerto em particular, havia um instrumento novo, na forma de quem, aparentemente, ele teve muita sorte, quando teve dívidas estáveis, sabes, ele era bastante fabuloso, e ali, houve um jovem que apareceu, e é um dos seus alunos, e ele era o unionista. Não. Ele era absolutamente fictício, e eu nunca vi as mãos de um homem, e ele é um pouco duro, ele usa os seus jovens companheiros, ainda assim eu preciso dele sempre apenas. Bem, quero dizer, só há um sentido no milagre. Não, estou contente por ter feito isso. Estou contente por ter feito isso. Bem, para o meu próprio, e ele estava sob algum hip-hop [hipnotismo], ele não caiu.

Por isso não tive a parte toda, e não tive algum esforço. Sabes que mais, vou falar sobre o tom elevado. Não creio, no sentido restrito, pois devo ter sabido disso. Agora, mas todos estes eram temas vencedores, e eram todo o tipo de almas que estavam devotadas à música, e à música do Fredrick, em particular, e creio que eram o seu próprio grupo. Vês, ele selecionou e desenvolveu, e treinou provavelmente ao longo de muitos anos de tempo terreno, conforme tu entendes isso, e eles estavam a tocar e a agir como se fosse uma só pessoa; estavam todos a interpretar perfeitamente tudo, e perfeitamente tudo, e perfeitamente tudo. Eu imagino que, se ele consegue o maior, sabes, porque provavelmente a única altura [em que se ouve] a música dele é quando ele interpreta — se ele nasce, se ele interpreta, se ele interpreta — é aqui em cima.

Creet: Sim.

Flora Seedfield: E depois, quando às vezes, creio que estamos a falar, estamos a pensar nos nossos artistas, creio que estamos interessados, porque ele não podia falhar, realmente, realmente formar uma organização musical, boa, ali, e diferente. Qualquer um tem alguns músicos, mas o ponto é que ele tem padrões tão elevados, e deve ser muito difícil para ele, às vezes, mostrar, num sentido, quem é que é, e quem é que ele tem, e o que queres dizer nesse campo. Não, não, já não estou a pensar nisso, estou apenas a retirá-lo. Sim. Quero dizer, por exemplo, se ficas muito entusiasmada, e uma peça de música foi tocada, se a compreendes muito bem, de facto ficas muito excitada por uma terceira organização, um artista, e sabes, que temos de ser; mas deves lembrar-te, nós os três, apenas oiçam a música, e ele tem composições elevadas, e toca-as ele próprio, e eu estava, ambos lá, aqui, de tal forma que, o que quer que faças aqui, deve ser, para ele, muito fresco, no fundo.

Creet: Sim, parceiro.

Flora Seedfield: Bem, novamente, o aspeto da tua casa.

Creet: O quê?

Flora Seedfield: Que o ponto é que aqui, ele conseguiu-o, na música, mas nenhum outro homem aqui, tanto quanto eu saiba. Sabes, a sério? Não me parece. Quero dizer, eu posso ser... quero dizer, muito bom, mas ele não concordaria. Eu provavelmente não me importaria se talvez... digo-te uma coisa, digo-te se estivesses aqui, caso não queiras saber, mas o ponto é que, eu diria, não há sombra de dúvida de que ele é o maior músico. Sabes, se lhe fores dizer, não tenhas isso, ele disse... ou outro, este é mais subtil do que outros, e ele parece, ou o mais subtil, a maior história. Poderíamos ter de ter toda a ajuda nisso, então? Quero dizer, acho que ela foi o último comboio, ele está a caracterizar o destino; o facto de ele conseguir apreciar algum outro músico, até esse ponto, mostra a humildade do negócio e o espírito. Sim, na música, de certa forma, relaciona-se com, nos anos do grande músico, para o músico, que tem um [conceito] mais elevado para essa ideia de si próprio, em vez de ser um bom músico. Bem, lembro-me de outro bom artista, um técnico, muitos quatro [quatro mãos?], um artista real, e ele estava satisfeito consigo mesmo, e creio que ele estava, ele estava satisfeito.

19 DE MAIO DE 1955

Fredrick: Agora, por que é que vocês os dois estão a dois? Estás com um fling [caso passageiro] no chão agora? Oh, cala-te. Estava um pouco sombrio, certo?

Nota: Esta gravação não é um registo completo da sessão original. Parte da sessão foi de natureza pessoal para a Sra. Crete e apenas as observações gerais e interessantes feitas por Frederick Chopin foram regravadas para reprodução pública. Por favor, desculpem a má qualidade da gravação; houve um problema na máquina original.

19 de Maio de 1955

Crete. Queremos apenas dizer, quero dizer... Oh, é o senhor, Maestro. Não te vou chamar Maestro, Frederick.

Fredrick: Como é que me vais chamar?

Creet: Frederick.

Fredrick: Frederick, é um nome que não tem importância. Bem, estamos todos muito excitados com tudo isto. Sabes, às vezes dizemos-te que deves estar muito excitada, mas nós somos igualmente maus. Alguém poderia até dizer que somos piores. Sabes, nós também não estamos excitados. Não há possibilidades que isto abra para todos nós. A possibilidade de sermos capazes não só de falar contigo e transmitir um grande número de coisas que ansiosamente queríamos transmitir ao mundo há tanto tempo, mas também de te dar outras coisas. A fotografia, por exemplo, é apenas uma de muitas coisas. Eu prometi-te, e sei que eventualmente — se não for já, eventualmente — acontecerá.

Tudo o que estamos a fazer é para o bem último de todos os envolvidos. Embora, por vezes, tenhamos de percorrer caminhos tortuosos para chegar a um determinado ponto. Não tem sido fácil chegar à condição atual. Tivemos de usar rotas difíceis para alcançar o que somos capazes de fazer no momento, sabes.

Creet: Sim.

Fredrick: Não tem sido fácil, mas já realizámos algo, e isto é apenas o começo. Agora já temos este palco, como dizes, montado. Agora temos de o povoar com diferentes personagens e temos de definir bem a história. Mas tudo virá a seu tempo. Estou a ficar tão excitado com tudo.

Creet: Eu sei, não te culpo, sei que é natural.

Fredrick: É uma tolice minha, ou de qualquer pessoa aqui, dizer "não fiques excitada", porque, afinal de contas, é a maior aventura de todas. As coisas mudam. Estamos todos no mesmo caminho, sabes. E devemos todos colocar tudo o que temos nisto para que seja um sucesso. Estamos a considerar tudo, cada aspeto, cada... eu sou bom para o bem de todos. E o que quer que façamos, por mais estranho ou peculiar que possa parecer, é tudo para o melhor, sabes.

Creet: Sim, tenho a certeza que sim.

Fredrick: Não penses por um momento que desperdiçámos o tempo, porque sempre, o que quer que tenhamos feito, foi para o bem de todos os interessados.

Creet: Sim, preciso da tua palavra.

Fredrick: Não apenas espiritualmente, mas também, de certa forma, materialmente. Vamos levantar a cortina e verás por ti própria muitas coisas que estiveram escondidas durante tanto tempo. E as razões e os propósitos de tudo.

Creet: De tudo.

Fredrick: De tudo. Na tua própria vida, a música que envolve o teu coração, a partir do trabalho que estamos a esforçar-nos por fazer pela humanidade, as

diferentes vias que têm de ser trilhadas pelos seres humanos para alcançar certas coisas, para chegar a um determinado estágio de desenvolvimento, tudo. Há tantas almas nisto — não sou apenas eu, sou apenas uma de milhares de almas. É verdade que eu assumi mais controlo, mas isso é apenas temporário.

Creet: Oh. Então que tipo de mundo?

Fredrick: Não te preocupes, não compreendas mal, não penses que, por eu dizer isso, vou desaparecer depois de todo o esforço que fiz durante tantos anos para vir para a linha da frente. Para ajudar neste trabalho, eu não desejaria, claro, dizer-te o que estamos a tentar fazer. É um esforço mútuo de todas as pessoas deste lado.

Creet: Sim.

Fredrick: Foi-me dado um certo trabalho para fazer e estou a tentar realizá-lo. E, de certa forma, estou ligado a cada aspeto dele. Mas, no momento, tenho um trabalho especial a fazer, que é ajudar a preparar o caminho. Eu poderia explicar tudo agora, mas fá-lo-ei a seu tempo.

Creet: Gostava que explicasses um pouco agora. Sabes, Frederick, lá para 1936, a sua mãe disse algo sobre eu ser capaz de trazer música da esfera.

Fredrick: Música... a música é mais do que som. Porque eu já tentei explicar-te antes: tu, naturalmente, como as pessoas em geral, associas a música ao som. Para ti, são harmonias, melodias belas, seja na voz, no piano ou no instrumento; ou seja, associas sempre a música ao som. E claro que o é, mas há outros aspetos da música dos quais tu e o teu mundo não têm conhecimento. Que, no nosso mundo, são tão reais como o som. A música aqui desempenha um papel vital e mais importante. E não é apenas audível, é visual. E foi sobre isso que tentei dar-te uma pequena pista no outro dia.

Por isso, quando viemos aqui, não só esperamos ser audíveis, mas esperamos, num sentido, ser visuais — mas não apenas como indivíduos, mas também num sentido diferente. Aqui há cores magníficas, um panorama de cor tal que nem se pode começar a descrever. Não há nada no teu mundo que se possa comparar a isso e nada que possa ser usado como comparação.

Assim, o que esperamos alcançar nos próximos meses e anos — e ainda tens alguns anos pela frente antes de te juntares a nós — é que olhamos para ti como uma grande ajuda para nós enquanto ainda estás no material, para alcançar certas coisas. E isso é que não só falaremos, mas seremos capazes, em certa medida, de retratar algumas das harmonias da vida, da vida espiritual, não apenas num sentido musical, mas num sentido pictórico. A câmara também faz parte do plano. A câmara pode retratar, pode reproduzir alguma da minha música, por exemplo. Música, não apenas na construção da figura ou do rosto, mas também

em cenas. Temos grandes planos, e a câmara vai ser uma parte muito importante do nosso trabalho.

Neste momento, tudo isto foi feito de forma pouco prática, porque é novo, porque é estranho, mas tu deves perceber que tudo o que nos esforçamos por fazer tem em cada parte um aspeto que é mais do que aparenta — isto não é muito claro. O que quero dizer é que eu falo contigo, mas por trás da minha voz está algo muito mais profundo. Quero dizer, o que ouves é uma voz artificial, não é uma voz natural. Pela simples razão de que estamos a reproduzir os nossos pensamentos de forma artificial; enquanto nós não temos... temos o nosso próprio corpo físico, e estamos no nosso próprio ambiente, e somos capazes de reproduzir automaticamente os nossos pensamentos em som, vibração de onda, e é uma voz nobre.

Mas esse é apenas um aspeto do que acontece. Vês, por exemplo, eu chego ao piano, toco-o, ele vibra, cria notas, harmonias, de acordo com o dedilhado e as notas que são tocadas; mas isso não é apenas música, isso não é toda a música. É o que brota de dentro do indivíduo; o piano apenas reproduz num sentido mecânico uma pequena partícula do que o compositor sente ou do que ele ouve em si próprio. É por isso que, por exemplo, não há dois músicos, pianistas, que interpretem uma peça de música exatamente da mesma forma; eles tocam as mesmas notas, mas isso não é necessariamente a mesma coisa.

Creet: Ah, sim, eu compreendo, compreendo melhor.

Fredrick: E se um certo pianista, quando está sentado, está num estado de divindade recetiva — creio que é o termo certo — ele pode inconscientemente aceder à fonte de inspiração de onde a música brotou pela primeira vez, e dar uma reprodução que, num sentido, é uma reprodução mecânica, embora possa ser muito melhor, e provavelmente o é e deveria sê-lo, do que talvez a de outro compositor que apenas reproduz notas automaticamente.

Vês, quando tocas uma peça de música, reproduzes as notas do compositor, mas as notas, embora denotem as diferenças em relação aos tons... Sim, não era bem o que eu queria dizer, mas ele não está necessariamente a reproduzir a palavra do mestre. Não, interpretação significa realmente o que o próprio pianista sente interiormente, e reproduzem no piano independentemente das notas. Assim, as notas são uma indicação — e deixem que todas sejam concebidas como tal — uma indicação, mas não são necessariamente (e muito raramente o são) exatamente o que o músico sente. E nenhuma música pode real e verdadeiramente habitar um compositor, pois não? Quero dizer, é impossível.

Mas depois, vês, eu percebo isto: quando me sento para compor — refiro-me à minha existência terrena — havia momentos em que nada vinha. Não conseguia compor absolutamente nada. Os meus dedos subiam e desciam pelo piano, mas não traziam nenhuma melodia, nenhuma beleza, nenhuma harmonia.

Mas em certos momentos, quando eu estava inspirado ou possuído — que creio ser talvez a palavra mais correta — eu era possuído por entidades do mundo do espírito, que eram capazes de tocar a minha alma, e eu era capaz, em certa medida, de interpretar algumas das harmonias, e das melodias, e da música das esferas.

Eu também fui um médium, é por isso que simpatizo, por isso compreendo os médiuns e a mediunidade; por isso sempre tive tanto interesse e estudei tanto para esta preparação para vir através [da comunicação]. Sei que os médiuns trabalham juntos de diferentes formas, ou em diferentes vibrações. Poderias ter pensado que teria sido melhor para mim, ou mais fácil para mim, com as visões que tenho no trabalho que quero fazer, tentar encontrar um instrumento que fosse músico, que fosse capaz de reproduzir [música], mas não, é exatamente isso que eu não quero.

Descubro que, desde que tenha um indivíduo simples, modesto — na medida em que ele não tem o desejo de compor ou de tocar — não tenho obstáculos, não tenho ideias preconcebidas quanto à minha música ou à música de outros. Desde que a pessoa que usamos goste de música, e saiba do que gosta, e seja bom aquilo de que gosta e aprecia; desde que haja o desejo de servir a humanidade e de ser usado como um instrumento. Desde que exista esse traço artístico, ou veia, como lhe chamam; desde que haja o toque de génio, que também é importante e que todos os grandes artistas devem ter de alguma forma, até os médiuns. Eles são artistas, não se dão conta disso, mas são artistas tanto quanto o deveria ser um melhor pintor, ou qualquer outra forma de arte.

Um médium, cujo trabalho é grandioso e que é um bom médium no sentido em que pode ser usado devidamente, e além de nós também, um artista é também, no sentido do génio. Mas sabes, a questão é que há poucos médiuns que se possam usar, ou encontrar para usar, que sejam adequados para um trabalho especializado. Podem ser bons para certas coisas, mas não prestam para outras. Para este trabalho, encontramos o instrumento certo, mas para fazermos o nosso trabalho devidamente, da forma que esperamos fazê-lo, também tivemos de esperar até ao momento em que ele tivesse cumprido uma certa parte do seu trabalho, e que a maré começasse a virar numa direção diferente, e as circunstâncias estivessem prestes a mudar, de modo a que ele ficasse independente de ter de se preocupar tanto com assuntos materiais e dinheiro e por aí fora. Portanto, preparámos o caminho, e levou todos estes anos.

Fredrick: Foram necessários todos estes instrumentos que ele, há anos, quase... E quando vieste comunicar pela primeira vez, e eu costumava falar contigo, eu já sabia e já tinha planeado, mas não te contei demasiado. Agora, trouxemos o instrumento dele para a tua vida, trá-lo-emos para a casa dele; temos de usar vários métodos para vos unir. Até temos de falar com ele enquanto dormes.

Creet: Fizeste isso, Frederick?

Fredrick: Fui eu. Mas vês agora, tu trouxeste a casa dele, eu entro em algo material; tu compras esta casa, não sabes bem por que a compras, pensas que sabes por que a compras, mas eu sei por que a compras. Mas é tudo por um propósito muito bom.

Creet: Conta-me mais, Frederick, então.

Fredrick: Bem, queríamos ver-te mais estabelecida e mais feliz, e queríamos que certas coisas prosseguissem neste mundo. Por isso, temos de usar vários métodos e vários meios. Algumas pessoas no teu mundo, por não compreenderem, diriam que foram métodos pouco claros, mas não foi assim. Pois tudo o que fazemos tem sido para o teu bem e para a tua felicidade pessoal; mostrámos-te a felicidade sob várias formas, mostrámos-te como a felicidade pode vir de diferentes maneiras. Mas, acima de todas essas felicidades, há uma coisa que é maior do que tudo, e que é o amor pela música; essa é a tua maior felicidade, e a comunhão, e a unidade que partilhas comigo e com outros músicos aqui, de mentalidade semelhante.

Acredita em mim — embora eu não deseje que fiquem com uma impressão errada sobre mim — quero que saibas que a música é um dos maiores, se não o maior desenvolvimento da alma humana, pois é quando a música transforma a humanidade e a retira de toda a monotonia e escuridão do materialismo para os reinos do espírito; então a música terá, de facto, encontrado o seu verdadeiro lugar nas vidas dos seres humanos. Isso já se está a tornar cada vez mais evidente; com as ciências a avançar no vosso mundo, as pessoas estão a começar a compreender mais a música e a apreciá-la, e até certo ponto estão a ser levadas para além das coisas materiais.

Quando elas se isolam do mundo, por um breve espaço do vosso tempo, e ouvem as harmonias que foram criadas pelos grandes compositores também do passado, então são transportadas, até certo ponto, para as esferas; e nas suas próprias mentes, são capazes por vezes — frequentemente, eu diria — de se sintonizarem com coisas do mundo espiritual, e são capazes de, em certa medida, ajudarem-se a si próprias a tornarem-se melhores homens e mulheres, e a tornarem-se espiritualizadas até certo grau. Todas estas coisas já estão a acontecer, em alguma medida, no vosso mundo onde a música existe; mas quando conheceres a música como nós a conhecemos, e como ela transforma o ser humano e faz brotar a alma em toda a sua beleza e glória, então saberás quão importante ela é.

Estamos a trabalhar para esta única coisa: unir a humanidade, quebrar todas as barreiras que se erguem entre os povos, independentemente da sua cor, classe ou credo; criar uma unidade com Deus e na harmonia das esferas, para que todos possam habitar em paz e em amor. A música transformará as vidas e os hábitos

dos homens no mundo, e traremos uma nova perceção, pois a ciência também entra nisto; virá o tempo em que a ciência aperfeiçoará métodos de comunicação sem palavras, e seremos capazes de vir e falar, e contactar convosco, tal como ligas os teus aparelhos sem fios e a tua televisão; isso certamente virá, quando tiverem meios científicos de nos contactar.

Creet: Oh sim, mas esses meios científicos serão um grande quebra-cabeças para a maioria das pessoas, porque nunca se saberá se é alguém, um humano que está a falar, ou se é alguém do mundo autêntico; haverá uma grande confusão.

Fredrick: Não, tu pensas assim, mas não, não será assim, porque as diferenças são tão grandes entre as pessoas do teu mundo e as pessoas do nosso; mas isso eu não posso explicar plenamente agora. É apenas uma visão, um pouco mais além; é do futuro que falo agora, e não do meu mundo presente.

Creet: Oh não, oh Frederick, acho que estás a sair-te maravilhosamente bem. Ontem à noite eu estive lá, eu estive.

Fredrick: Bem, se me saio bem, é em parte porque tu me ajudaste a que fosse possível.

Creet: Eu? Oh, o que é que eu faço para isso, Frederick?

Fredrick: Minha querida amiga, são pessoas como tu que ajudam a criar os degraus para atravessarmos o rio, por assim dizer, que separa o vosso mundo do nosso. Bem, existe tal amor, tal compreensão, tal desejo pelas coisas que são boas; quando a música desempenha um papel tão importante na vida de cada ser humano como desempenha na tua, e por causa dos elos que foram forjados entre nós há tanto tempo, então de facto é uma grande ajuda para mim. Eu explicarei todas estas coisas, pouco a pouco, sempre que vieres. Anda. Eu não consigo falar apenas contigo.

Creet: Por favor, Frederick, porque eu gostaria realmente de saber. E porquê? Não importa se vens todos os dias falar comigo, eu estarei aqui.

Fredrick: Oh meu Deus, quem me dera poder vir todos os dias. Mas eu acho... acho que é melhor não ser todos os dias, senão ficarás arruinada.

Creet: Ficar arruinada? Oh céus, isto é maravilhoso, Frederick, isto é apenas... oh, não sei. Não consigo explicar.

Fredrick: Não, há três coisas que tens de fazer. Eu digo-te: uma é manter os pés no chão, as mãos no teclado do piano e a cabeça nas nuvens.

Creet: Está bem, farei exatamente como me dizes, mas muitas vezes sinto-me como se estivesse a flutuar, não estou a caminhar.

Fredrick: Mas talvez seja porque o poder te está a envolver; a tua cabeça melhorou, estás muito mais feliz, estás mais estabelecida na tua mente, no teu coração; superaste as complicações que te afligiam e, no entanto, ao mesmo tempo, será necessário para ti. Porque, vês, antes de poderes por vezes limpar e arrumar o teu quarto e torná-lo limpo, fresco e agradável, o que tens de fazer? Tens de deitar fora o lixo.

Creet: Sim, Frederick.

Fredrick: Mas não penses que é tudo lixo. Pois tudo, acredita em mim, tem sido para o bem; e tu não tens sido dura, mas aprendeste e ganhaste em experiência, e isto serve para te libertar.

Creet: Oh, sim, é o que sinto mais.

Fredrick: E não posso falar contigo novamente com este [meio] bolorento também, sazonal; mas sempre que for o caso, tu vens, eu venho e falo contigo.

Creet: Está bem, oh, há tanto que quero fazer.

Fredrick: Eu sei, mas deves ser paciente.

Creet: E és o único que me pode dizer.

Fredrick: E quando eu vir isto, podes tentar novamente uma fotografia, mas não creio que haverá qualquer fotografia hoje. Não. Mas não faz mal tentar. Mas minha querida senhora, os elos que foram forjados são muito fortes, e aquilo que faremos juntos é muito grande. Muito depende das circunstâncias, mas essas circunstâncias foram... bem, foram elaboradas de tal maneira que não creio que possam deixar de ser bem-sucedidas para que todos fiquem maravilhosamente. Este ano é o ano mais importante para todos nós. E o outono do ano ver-te-á num estado mais feliz, mesmo do que agora, e muito mais capaz de lidar. E serás capaz de fazer as coisas que esperas fazer.

Creet: Ah, sim. É o que eu quero.

Fredrick: Nós seguiremos para nós, nós sabemos, mas lembra-te que devemos ser sempre pacientes nisto; pois embora façamos promessas que tencionamos cumprir, as circunstâncias por vezes afetam ambos os lados, sabes. Mas sabemos que vamos partilhar imenso. Tu sabes isso definitivamente, não sabes?

Creet: Claro. Oh, isso não é nada. De qualquer modo, também tenho medo, porque sempre que algo vem num convite que alguém deseja, vem por algum tempo.

Fredrick: Bem, não penses que vamos deixar que nada se atravesse no nosso caminho. Estou convencido de que este trabalho, que é tão importante, que é muito maior do que tu ou eu, deve seguir em frente, e nada será permitido para o impedir. E tu verás sobre tudo. O médium ficará praticamente bem e feliz, não ficará? Vês, por que não? Estamos a fazer por ti tudo o que podemos, e tu estás a ajudar-nos a fazê-lo também. Eu não [sei] porquê. Tenho as minhas próprias ideias, e tudo vai ficar bem. Vai? De maneira nenhuma. Ele regressa de Nova Iorque e sente-se tão, como se diz, "fino como um violino" aqui. E depois deitamo-nos a mãos ao trabalho sério, hein?

Creet: Oh, não assim. Eu trabalho, trabalho, trabalho, trabalho.

Fredrick: Eu sei, mas fá-lo. É o que eu quero. Quero que descanses e quero que tentes tornar-te... eu só preciso de te pedir o mesmo tempo. Não quero que fiques demasiado excitada. Oh, sim. Bem, eu só estou preocupado com a tua cabeça, sabes?

Creet: Sim.

Fredrick: Sei que tens muito que ocupar a tua mente, de várias formas, mas ao mesmo tempo quero que te lembres de que, até lá, cuidas de ti própria e deves ficar perfeitamente bem. Mas tenta ter um pouco de calma. Às vezes, sabes.

Creet: Está bem.

Fredrick: Tu ainda não tentes correr por estas escadas acima. Sobe-as apenas um degrau de cada vez, sabes?

Creet: Está bem.

Fredrick: Não faças disparates. Eu sinto-me tão cheio de... oh, não sei de quê, e sinto que tenho [em mim] a vitalidade do Espírito, que te valerá por muitos anos.

Creet: Oh, é assim?

Fredrick: Creio que não o sabes, mas estás carregada com um poder que é maior do que qualquer energia física. Mas é o poder do Espírito que te sustentará, e te apoiará, e que te trará a felicidade pela qual sempre rezaste; e verás muito mais nos anos vindouros. Exatamente quão maravilhoso: tu forneces o Espírito. É o teu amor que ajudou a tornar isso possível, e nós não falharemos, porque é algo demasiado grande para falhar. Mas eu devo ir. Não te preocupes. Tudo está bem.

Creet: Está bem. Adeus.

Fredrick: Adeus. Obrigado.

~~~~~~~

22 DE DEZEMBRO DE 1955

Fredrick: ...Segundo, eu desço por volta de 1955, um apartamento privado onde se acredita... realmente lembro-me das pessoas. Bem, as pessoas não parecem perceber, sabes, que misturaram muito a vossa visão. Quero dizer, bem, refiro-me a que as pessoas parecem pensar para si mesmas — como a maioria delas pensa — dizem-me que milhões de pessoas viveram e morreram desde que comecei e isto continua e continua e continua. E torna-se tão tremendo que fica além do que vos vai ajudar, sabem. E se realmente sentes que isto é melhor, eu uso os meus olhos agora porque apenas temos sido bons amigos. Quero dizer, milhões de pessoas nas células vão estar lá, mas não é assim. Porque as células das pessoas voltam, elas vão estar lá, elas vão estar lá.

Porque quando tomas mil anos, e não sabemos quantas pessoas podem nascer em mil anos, pode variar, mas talvez seja, digamos, um milhão; muitas pessoas, para fins de argumento, digamos, nasceram em mil anos, e depois essas pessoas vivem e morrem. Vão para um mundo espiritual, passam por vastos estágios de evolução, desenvolvem-se, começam a expandir-se, começam a crescer e, invariavelmente, muitas delas voltam à Terra. Não compreendo como, quantas pessoas voltam à Terra, em forma física humana, novamente, sabes. Mas elas têm de vir em gerações, não têm de nascer com elas, sabes. Nascemos em corpo físico, mas isso não é nada, é apenas nada. Ninguém pode, como dizes, nascer — não sei — a menos que as pessoas nasçam; ninguém toma nota disso, as pessoas depressa ficariam surpreendidas se ninguém nascesse de todo; nós queremos querê-lo, não é?
~~~~~~~

Certamente não há nada de milagroso em nascer, não é verdade. Vivemos nas mãos determinísticas, é um espírito, um espírito; um homem pode criar um corpo, mas apenas o grande criador pode criar um espírito. E o espírito é eterno, o espírito é antigo, não é jovem, é antigo. O espírito desce, o espírito começa a assumir uma nova vida na Terra, num novo corpo, e começa a usar esse corpo para se exprimir. Isso não é quando a criança está apenas a nascer. É desconhecido. Quando a criança nasce, o espírito é parte dela, na medida em que está lá, à espera que o cérebro da criança se expanda e cresça até um estágio adulto e então possa assumir o controlo e utilizá-lo.

Creet: E quando dizes que está lá, o que queres dizer, apenas fora do humano?

Fredrick: É como a — como direi — é como a sombra de muitos espíritos. E esta sombra acompanha o ser humano que vai ter este filho. É nisso que acreditamos.

Creet: E quando entra no corpo, quando a criança começa a mexer-se?

Fredrick: Quando a criança começa a ganhar vida, começa a formar-se neste espírito, ele pode ainda afetar e contactar-te.

Creet: Compreendo. Apenas tu és tão velho como o cavalo de um herói.

Fredrick: Sou? Oh, então eu também sou antigo.

Creet: Tu também és. Eu sei.

Fredrick: Gosto de ser assim, sabes. Aprendi imenso através das minhas muitas experiências comigo na terra e tu também. Olá. E não é apenas coincidência que nos reunamos novamente. Não importa.

Creet: Gostava que me contasses mais. Tenho a certeza.

Fredrick: Percebemos como tudo é simples. Não me tornes tão complicada.

Creet: É muito complicado para mim.

Fredrick: Por que é complicado?

Creet: Não sei. O meu cérebro não consegue absorver tudo. Não sei como te explicar.

Fredrick: É tão simples para mim e, no entanto, parece tão difícil para ti compreenderes.

Creet: É simples para ti porque sabes tudo. Vês agora desse lado, mas nós, pobres criaturas, não vemos. Os nossos cérebros materiais não conseguem absorver tudo como deveria ser absorvido. Esse é o problema.

Fredrick: Cruzámo-nos muitas vezes e, de cada vez, esta imagem foi apenas por um curto período. E espero agora que, quando vieres para aqui, seja o fim dos elos terrenos. Já começaste a ler, como dizes.

Creet: O quê? Muito bem. Tento encontrar o mais deslumbrante. Nós pesquisámos em nós próprios. Se nós, durante muito tempo, tivesses estado nesta encarnação, terias passado pela vida com uma espécie de vontade. Um sentimento de vontade, que tem de ser deixado, sabes, mas não muito para te alimentar. Mas mais tarde, viste que te tornaste mais entusiasta, mais segura, mais capaz de compreender certas coisas. E começaste a ligar-te realmente, como dizes, connosco um pouco. E é de tal forma que as coisas se estão gradualmente a desenrolar para ti. A última coisa é pedir-te isso, o que é natural. Mas como és destinada a ser, por assim dizer, mais para esta vida, os elos entre nós tornaram-se cada vez mais fortes. E tento explicar outras duas ou três coisas diferentes, que, como sabes por elas, podes perceber que é a coisa mais natural para nós voltarmos à terra e utilizarmos um corpo físico de uma forma material para certas experiências. Frequentemente é feito deliberadamente para ajudar em certa medida pelas pessoas; no meu caso, foi a música. Anda lá.

Esta sessão foi gravada a 23 de Março de 1959.

Creet: Bom dia.

Fredrick: Bom dia. Como estás?

Creet: Muito bem. Claro que sou eu. Muito bem. Tive o [momento] mais excitante. Estiveste a conversar com um amigo?

Fredrick: O quê?

Creet: Estiveste a conversar com um amigo, Frederick.

Fredrick: Não.

Creet: Frederick. Frederick. E ele estava a falar-me sobre aquele templo magnífico e a música maravilhosa que compuseste. Nunca me contas estas coisas.

Fredrick: Mas eu já te falei sobre isso antes, falei-te sobre a música e o temperamento da música.

Creet: Oh sim, falaste. Por favor, fala-me sobre ti e sobre como tu... Sabes, é diferente. Alguém fala sobre ti o que a própria pessoa não fala sobre si mesma. Estou muito zangada contigo.

Fredrick: O quê?

Creet: Ele diz-me que tu eras o pupilo e sobre a música. Sem sentido.

Fredrick: Eu não sou um figurão. E ele é uma má pessoa. Claro que lhe atira lama. E isso é verdade. Por isso precisas de falar sobre mim. Bem, isso é diferente. Não sei. Mas alguém num pedestal exatamente... é o dia. Uma grande referência para Mozart. Bem, tenho antes uma ideia pura do que acontece. Bem, a tua música é executada. Mas a minha música é executada. Tu tens melhor compreensão. Melhor. Tu és o que a Florence te disse.

Creet: Sim. Mas o que tu me disseste...

Fredrick: Bem, porque não me conheces para o fazeres. É diferente. Lamento. Mas acho que é muito mais agradável se os amigos te contarem coisas; e talvez se eu te contar, alguém não quer parecer ser, eu diria, sabes. E eu não perderia isto de todo. Nunca se perde nada. É apenas... Há um homem, ele tem. Houve um homem, o mais pianista. E quem toca? Não sei isso. Um dos teus pupilos. Estou a tentar pensar. Tento clarificar as coisas, os meus pensamentos, sabes. Porque não gosto do YouTube. Dececionou-me ao mesmo tempo. Quero dizer as coisas que deveriam ser importantes. Fico calado. É quase muito difícil, sabes. Descubro isso às vezes quando desço para pensar com clareza. Creio que a maioria das pessoas definitivamente descobriu isso.

Creet: Então a voz ajuda-te muito?

Fredrick: Às vezes é... Não, fico calado.

Creet: Não fiques calado. Gosto de ouvir a música da tua voz.

Fredrick: Oh, sim. É um elogio maravilhoso. Bem, creio que a voz tem música. Creio que a voz é muito importante. Não creio que pessoas suficientes se preocupem com a voz. Creio que se as pessoas conseguirem colocar na sua voz algo do "eu" interior, se for bom que ele esteja no próximo. Sabes, a voz das pessoas é muito musical. Porque provavelmente não são musicais em si mesmas. Talvez haja algo que seja dissonante.

Creet: Sim.

Fredrick: Porque, sabes, a questão é, creio que é natural que penses em música e músicos. Como só podes pensar neles como indivíduos que tiveste. Ouvi os compositores musicais que compuseram muito, em séculos passados, e tu ouviste a música deles, e conhece-los através das suas obras; não é possível, obviamente, para ti perceberes que há muitos grandes músicos aqui que nunca foram músicos lá [na terra]. Por outras palavras, eles aprenderam, estudaram, desenvolveram a arte por aqui.

Creet: Sim.

Fredrick: Tu és de França, quando a France te falava sobre este jovem, ele é um homem belíssimo.

Creet: Sim.

Fredrick: E ele não tinha experiência musical lá. Não teve oportunidade. Na verdade, duvido que percebas se ele tinha qualquer habilidade musical; eu interessei-me por ele porque ele se tornou muito entusiasta da música. Queria saber tudo sobre ela. Ele gosta de tantos jovens protegidos, sabes.

Creet: Sim.

Fredrick: Ficou muito excitado com isso, queria compreender o estudo, e eu disse-lhe: ele deve, de facto, gostar de fazer. E porque ele é um músico muito bom, um pianista muito bom. Mas, claro, devemos também lembrar-nos desta linha divisória, que tentei explicar-te, entre a música tocada em instrumentos — para que compreendas os termos — na terra, e a música tocada no éter; a música que é transmitida a partir da alma da pessoa. E, em consequência, os instrumentos não são necessários.

Creet: Não. Não creio que alguém possa alguma vez esperar fazer-te compreender isso, ou a qualquer outra pessoa. Esse é o caso menor.

Creet: Existem instrumentos, ele disse-te.

Fredrick: Oh sim, é por isso que estou a tentar dar-te a linha divisória. E sabes, em certas esferas...

Creet: Sim, eu sei.

Fredrick: Eu sei que os músicos são ensinados. Os músicos são desenvolvidos. E eles tocam instrumentos que são de uso comum na terra, por exemplo; e outros instrumentos também foram inventados ou criados por aqui, em certos planos. Mas na linha mais altamente desenvolvida, por exemplo, na expressão da música, aprendemos a dispensar a artificialidade. O que estou a tentar explicar-te é que existe uma música que vem de si próprio, que é transferida através de meios artificiais de instrumentos, e existe música que é dada a partir de uma alma, de tal forma que não precisa de nenhum dispositivo mecânico, nenhum dispositivo artificial para a transmitir ou transportar, transferir, sabes. Há uma diferença vasta.

Vês, por exemplo, ouves o piano e ouves sons, e ouves algo que é belo, que é muito expressivo, que compara imenso. Mas só podes, dentro dos seus próprios limites e confins, dar a ti o que o originador, o que o artista, o que o criador estava a tentar dizer ou dar em música; mas um grande músico veio para aqui pelo desenvolvimento que deve ocorrer gradualmente dentro de si próprio e da sua experiência, gradualmente, em certas esferas, transmitir música de tal forma a partir de si próprio que seja audível para as pessoas, sem o uso de instrumentos de todo, sabes.

Creet: Sim. Essa é a diferença. Mas neste caso, eles têm sons diferentes, e suponho que tu tornaste tudo belo, e quando eles ouviram, eu ouvi muito bem, eles são claros sobre mim, é isso?

Fredrick: Não, não, não, não. Mais uma vez, vês, nós temos... é por isso que estou tão ansioso por que tu tentes, se conseguires, apreciar a diferença; em certas esferas, os artistas desenvolvem as suas capacidades para tocar, exclusivamente de forma bela, para transmitir ou transferir os pensamentos do compositor em música, através dos meus instrumentos em som para aqueles que se põem a ouvir. Por exemplo, nesta ocasião, foi uma obra na qual eu tinha trabalhado durante um tempo considerável, que sou capaz, ou na minha própria esfera, na minha própria visão, de criar puramente para mim próprio, sem a necessidade de uma orquestra, sem a necessidade de indivíduos para a transferirem para alguma via da instância.

Mas nesta ocasião, visto que era uma obra que foi composta, que eu queria transmitir através de instrumentistas, através de uma orquestra, e a qual eu deveria dirigir, fui capaz de transmitir e transferir. Era essencial que fosse feito no que chamarias de uma forma normal, porque estava num plano que só era capaz de fazer isso. Mas a obra lenta, eu posso transmiti-la no meu próprio plano; se eu quiser dirigir ou criar, transmitir a minha obra, posso fazê-lo sem a necessidade de uma orquestra, apenas na minha própria esfera, ou apenas numa esfera de ordem superior. Vês, tudo é um processo gradual. Tudo deve ser. Vês,

tu começas quando não és, começas como uma criança pequena, sentas-te ao piano, é o instrumento, começas a aprender a notação, começas a aprender o dedilhado, começas a aprender tudo sobre o piano e a música; evoluis gradualmente, tornas-te ligeiramente mais proficiente, e o instrumento é o instrumento que transmite a notação em som.

Fredrick: Mas o que é importante é o que está por trás de tudo. Vês, quero dizer, tal como te disse, tu podes pressentir algo, podes sentir algo intensamente quando te sentas ao piano; lês a minha música e isso diz-te algo, mas o que é importante é o que tu sentes, e não serás capaz de o transmitir em som, para tua satisfação, e portanto podes considerar-te uma má música. Eu estaria realmente numa visão puramente materialista, técnica e fundamental, tu és, digamos, se preferires, uma má música, ou esta pessoa é uma má música, ou aquela é uma boa.

Mas para mim, para um artista, uma pessoa que é criativa, uma pessoa que é capaz de perceber e sentir a intensidade do ser, a realidade vem de dentro, da consciência de cada um, da alma de cada um; e aqui, o maior desenvolvimento é quando consegues exprimir a tua alma tão naturalmente, quase automaticamente, que não precisas de nada de natureza artificial, não precisas de nada, de absolutamente nada, além do facto de estares a sentir a intensidade do ser. Qualquer coisa que seja usada como instrumento, qualquer coisa que se interponha, está fadada a, até certo ponto, limitar.

Quero dizer, por exemplo, eu posso falar contigo, mas não posso ser verdadeira, completa e absolutamente eu próprio. Não te posso transmitir a clareza, a plenitude e a perceção consciente. Não posso, por outras palavras, ser o meu eu completo, a minha realidade, a minha... como direi... plena, plena expressão de mim próprio através de um instrumento artificial. Existe a limitação do instrumento; é aí que o piano está em limitação — o tempo é antigo — ou uma orquestra está em limitação, ou o compositor. Como pode o instrumento, por melhor que o instrumento seja, por melhor que o instrumento seja, por mais perfeito que toquem, em harmonia, em completa concordância uns com os outros, por melhor que produzam e criem... eles continuam sem conseguir conhecer plenamente, e como direi, ser capazes de transmitir através destes esforços o sentimento real, a emoção real, a intensidade real do artista, do outro compositor.

Creet: Eu compreendo isso muito bem. Estou muito interessada. Percebo-os perfeitamente.

Fredrick: Eu lembro-me... devemos lembrar-nos de que cada temor, cada plano, cada estado de evolução na vida humana, cada fase, é correta para aquele grupo em particular, correta para aquela pessoa em particular, de acordo com o grau do seu desenvolvimento. Portanto, um artista, ou um músico, o que quer que seja, que encontre grande felicidade, grande alegria, grande alegria no facto de

poder criar e ser criativo, e poder fazer coisas de acordo com o seu conhecimento naquela altura, de acordo com a sua oportunidade de condição, que é para eles um caminho natural.

Sim. Mas quando progrediste através destes mesmos estágios, fases de existência, então percebes que tudo isto é muito sensual; que não podes fazer algo até que tu própria, pelo teu próprio esforço e evolução gradual, o tornes possível. Portanto, uma pessoa que, na terra, cria uma atmosfera mais próxima e é feliz e se deleita com isso, isso dá uma grande oportunidade; uma pessoa que se interessa pela música e estuda, e consegue desenvolver a sua habilidade e tornar-se muito proficiente e uma música muito fina para aquele período ou aspeto particular da sua vida; mas [há] apenas aquele que aprendeu a arte e a forma de transmitir música a partir das suas capacidades, sem a necessidade de meios artificiais de qualquer descrição, meios artificiais.

E então nunca parece... não fútil, claro, é muito essencial; mas percebemos que é apenas um degrau de graduação no esquema das coisas, e sinto que estou muito feliz por ter sido capaz de alcançar o que alcancei, ou não; e percebi que era importante, e muito importante na minha própria evolução, ou entendimento, a apreciação da música e o seu desenvolvimento em mim próprio e a sua expressão através de mim, e todas as coisas que ela significava para mim e para estas outras pessoas, tudo muito importante.

Mas as prioridades são que isso é apenas um aspeto; o que tens da minha música dá-te alguns aspetos, algum conhecimento, alguma experiência de mim próprio, mas não te diz tudo. Isto é, existe o mistério, existe sempre algo mais a ser descoberto, existe sempre algo misterioso, algo muitas vezes dentro de nós próprios que é, talvez, irritante. Se fores como eu costumava sentir o piano, isto é... não era suficiente para mim, e fazê-lo com ele... eu sempre senti que estava limitado pelo instrumento que tinha de usar.

Posso fazer esta coisa num mundo onde não há limites, e portanto a minha música é ilimitada; por isso, sou capaz de me expressar, à minha música, portanto, tal como me conheço, através de gerações de tempo e de todas as experiências que acumulei, e de todas as influências que entraram na minha vida em diferentes períodos, e todas as experiências... todas estas coisas sou capaz de exprimir na música, de tal forma que não há nada automático, não há nada de automatismo, não há nada de artificial, não há nada que tenha tido de ser reduzido a um nível para que as pessoas o captem; aqui, no meu próprio ambiente, sou capaz de ser música, mais.

~~~~~~~~
~~~~~~~~

Esta gravação foi registada por volta de 24 de agosto de 1955. Participantes: Rose Crete, Leslie Rallingson; Médium: Leslie Flint. Comunicadores: Dr. Marshall e Frederick Chopin.

Dr. Marshall: Olá, olá, olá. Boa noite, meus amigos. Boa noite. Mais uma vez temos outra oportunidade, após um intervalo consideravelmente longo, de estarmos juntos novamente. E creio que todos podemos sentir-nos muito gratificados pelos resultados que já foram alcançados durante este período de descanso, embora vá mostrar-vos que houve bastante atividade da nossa parte, como creio que as fotografias demonstram.

Rose Crete: Sim.

Dr. Marshall: E, infelizmente, algumas das nossas melhores experiências não resultaram. Mas isso não altera o facto de termos alcançado algo. E creio que, considerando tudo de uma forma geral, saímo-nos realmente muito bem. Teríamos naturalmente gostado de ter alcançado algo ainda mais definitivo. Mas creio que têm algumas fotografias bastante notáveis que mostram a formação de plasma, e as possibilidades que residem nessa direção são extremamente boas. E quero que, como já vos foi dito anteriormente, perseverem nessas experiências fotograficamente. Refiro-me aqui no sentido de onde as condições, claro, são, como bem podem esperar, ideais.

Fizemos uma coisa extraordinária, que creio que o Frederick já vos mencionou. Foi feito como uma experiência interessante do nosso ponto de vista, para tentar provar que o tempo e o espaço, e até a própria câmara, tinham pouco ou nada a ver com isso. Por outras palavras, não estamos limitados pela distância, pelo tempo, nem mesmo pelo uso da câmara. É a placa sensível que é importante no que respeita ao aspeto fotográfico. A placa fotográfica é tão sensibilizada, muito mais do que o olho humano, que consegue captar, sob condições ideais, muito mais do que o olho normal consegue ver, ou até, talvez, do que a pessoa comum consegue pressentir. E conseguiram uma impressão fotográfica notável, realmente, desta sala, estando a cerca de mil milhas de distância, o que em si é interessante.

Infelizmente, a figuração na sala, ou seja, a pessoa, a entidade que estava tão ansiosa por ser fotografada, o Frederick, não apareceu; mas é uma desilusão, embora devamos ser capazes de alcançar algo mais definitivo no que toca a estarmos presentes na placa ou no filme; deveremos ser capazes de trazer imagens bastante diferentes. Mas o que é extraordinário, bem como do ponto de vista real, é que alcançámos dois temas muito importantes. Na cela, vê-se, não totalmente formado, mas o astral do piano e a figuração astral de Chopin, de quando ele esteve lá por um período; e indo para o... lembrem-se de que foi nos meses de inverno que ele lá esteve, e o sol declinava muito mais cedo ao entardecer; e para trazer mais luz no crepúsculo antes de o sol se ter ido

totalmente, o piano era mantido perto da janela, para que o máximo de luz possível pudesse ser aproveitado.

E ali veem o piano astral e a figuração da formação do próprio mestre, que está impregnada na atmosfera, para elevar o próprio eu, a qual em certas alturas, como creio que já vos foi dito, é muito grávida, muito forte; mas infelizmente houve tanta perturbação na atmosfera, na condição, que o sucesso que esperávamos não foi totalmente alcançado, mas considerando tudo, os resultados são bastante notáveis. São mesmo notáveis.

Como disse no início, nesta sala podemos alcançar resultados em todas as direções, seja do ponto de vista fotográfico, seja do ponto de vista da voz direta, seja do ponto de vista da materialização e noutros aspetos que esperamos alcançar. Este vai ser um período notável, sinto-o, e maravilhoso, neste próximo inverno, quando verão e ouvirão, e pressentirão e sentirão e saberão, e terão provas de tantas formas diferentes, incluindo fotografias, que bem, ficarão mais do que satisfeitos e mais do que felizes, porque será algo único. Sempre quisemos usar o instrumento [médium] da forma como estamos agora a começar a usar-vos, e desenvolver as suas outras faculdades.

Durante anos, contentámo-nos em usá-lo da forma a que se habituaram, na voz, como lhe chamam, mas esse é apenas um aspeto. As fotografias provaram, para nossa satisfação, que o dom existe para a liderança fotográfica, mas há outros dons que estamos a tentar trazer à tona. Este vai ser um período muito interessante, este próximo inverno, e só quero que sejam pacientes, como sei que serão, e quero que sejam cooperantes, como sei que serão, e verão por vós próprios o desfecho de tudo o que nos esforçamos por fazer. Mas as fotografias, considerando quão bem-sucedidas [foram], há ainda uma, infelizmente, que ainda não mandaram imprimir, que pode vir a provar ser ainda mais bem-sucedida do que qualquer uma das outras.

Rose Crete: Qual delas é melhor?

Dr. Marshall: Infelizmente, compreendo que ainda não mandaram revelar o filme real. Oh, sem dúvida que o farão. Está nas câmaras dos outros rapazes. Sabem que eu poderia contar-vos tantas coisas.

Rose Crete: Sim, por favor.

Dr. Marshall: Eu sei, sim, por favor, sim, por favor. Mas, perfeitamente verdade, aquele jovem é um sensitivo extremamente fino. E trouxemo-lo aqui por várias razões, pois o elemento psíquico é muito importante, como imaginarão. Descobrirão que ele tem um poder psíquico extremo, do qual creio que encontrarão na placa fotográfica alguma indicação. Mas, de momento, não queremos que ele se junte a esta sessão. Agora não, mas mais tarde, quando estivermos prontos e quando sentirmos que ele está pronto — o que é igualmente

importante, se não mais importante — então pedir-vos-emos que o tragam para o círculo. Mas, por enquanto, não o queremos aqui como assistente. Mas provavelmente, daqui a uns meses, quando sentirmos que o momento é oportuno, pedir-vos-emos que o tragam.

Mas a vossa cena já, creio eu, vimos de vários pontos de vista, de vários ângulos, como precisámos de tudo junto, como cada pequena parte do puzzle, se quiserem chamar-lhe assim, encaixa. E cada um de vós é importante para este trabalho, como bem sabem. E as pessoas que não estão propriamente sentadas neste grupo — se é que se pode chamar grupo a três pessoas — também são importantes. E quando estivermos prontos, traremos alguns desses indivíduos para este trabalho de forma mais plena. Mas temos de ser pacientes. O jovem em questão não está pronto para entrar neste grupo, mas eventualmente estará.

Rose Crete: Quem mais virá, Doutor?

Dr. Marshall: Oh, por um tempo, eles estarão lá. Têm de acertar certas coisas. Sim. Bem, Sr. Robinson, aqui estou eu, como está? Oiça, como está? Não o consigo ouvir muito bem esta noite, Doutor. Ele está a perguntar: como está?

Leslie Rallingson: Estou bem, obrigado. É bom estar de volta, em qualquer lado. É bom novamente.

Dr. Marshall: Sinto-me muito feliz por saber que podemos deitar mãos ao trabalho sério. Sinto que as férias, embora tenha havido atividade psíquica no que toca ao médium, foram no entanto férias, o que foi muito essencial, e que reforçaram a saúde dele e melhoraram psiquicamente o seu poder. Claro que tentámos estas experiências, mas, no entanto, isso pode prejudicar a saúde dele durante as férias. Oh, não. Pode ser algo que quiséssemos experimentar. Mas não importa o que façamos, Doutor, sabe o que é? Espere um minuto. Desculpe. O que é melhor dizer?

Rose Crete: Bem, eu andava por aí, perguntei ao Mickey sobre aquela outra fotografia onde, ao lado, num pilar, há um rosto jovem, ou de um rapaz ou de uma rapariga. E só reparámos nisso esta noite. Andava a pensar se nos poderia dizer o que é ou quem é.

Dr. Marshall: Bem, tudo o que posso dizer com certeza são duas imagens. Uma é a que foi tirada na cela de Chopin, na qual verão a formação, o piano e o próprio mestre. Há também, claro, aquela com que experimentámos, tentando transportar — passo a expressão — esta sala, psiquicamente, para Valdemosa, de modo que tivessem, por assim dizer, os dois aspetos: o aspeto psíquico desta sala e o aspeto psíquico da cela de Chopin, ligando o trabalho que estamos a fazer; por outras palavras, tentando apontar e provar-vos que o tempo e o espaço não são importantes. Mas nós podemos utilizar a pausa de uma forma que não vos conseguimos explicar, de modo que podemos simplesmente dispensar o tempo e

o espaço como tal. Podemos fotografar à distância, inclusive, pelo mero processo da mente, regra impressionável, por assim dizer, fotograficamente, numa placa sensível; tal como podemos imprimir certas coisas num sensitivo que é um médium, assim o podemos fazer numa placa ou filme sensível. E têm isso com a placa desta sala, tirada em Maiorca, e também, claro, o piano de Chopin na sua cela.

Rose Crete: Sim.

Dr. Marshall: Mas a outra coisa era, eu sei, da qual não temos a certeza: o próprio Chopin, com muita força, tentou imprimir-se noutra placa, tirada no mosteiro, mas não creio que tenha tido sucesso. Mas há uma que nos surpreendeu bastante por não ter aparecido evidentemente, e só podemos assumir, pelo facto de ainda não ter sido revelada, que esta outra imagem deve estar neste outro filme que não foi revelado; porque foi feita uma tentativa muito boa, e sentimos que deve ter sido bem-sucedida, a tentativa foi alcançada, e só se pode assumir que ainda não está revelada.

Rose Crete: Para que imagem é essa?

Dr. Marshall: Para o próprio mestre.

Rose Crete: Para ele próprio. Sim. Porque ele disse mesmo que sentia que tinha aparecido numa, em placas, e na outra.

Dr. Marshall: Bem, só posso esperar, e acredito que posso e digo: é mais do que provável que no outro mundo, o filme na câmara do outro jovem, esteja esta fotografia; porque, embora provavelmente não pensem ou associem este jovem a este trabalho, e não o considerem talvez psíquico de forma alguma, em todo o caso, na razão pela qual deveriam pensar, senhor, talvez saibam um pouco sobre ele, mas ele é um psíquico, e ele tem este poder, e nós tentámos usar o poder dele, obviamente, enquanto tivemos oportunidade, tal como o do médium.

Fredrick: Olá. Olá. Queres dizer? Achas? Queres dizer? Bem-vindos de volta.

Rose Crete: Oh, Chopin.

Fredrick: Sim. Apenas alguns dos vossos amigos, para vos visitar, senhor, onde estais agora; gostais muito das imagens. E, como vos expliquei, é apenas para nós; sim, exatamente correto. Mas estou desapontado por não terem a imagem de mim.

Rose Crete: Bem, o mestre estava a dizer-nos que talvez esteja na outra câmara; pertence ao outro rapaz.

Fredrick: Sim, não sei, mas deveria estar lá, sabem, porque sinto-me convencido; fiz como ela fez, sabem, este sucesso, estou convencido de que deveria estar lá, sabem.

Rose Crete: Sim, quando tivermos revelado a imagem e virmos... Acho que foi, sabem, os sons de Roma foram realmente maravilhosos. Vocês apreciam.

Fredrick: Eu queria fazer algo, sabem, algo tão diferente, e algo que vos causasse um pouco de riso, sabem, o homem das notícias. E sim, foi o processo, sabem.

Rose Crete: O quê?

Fredrick: Pensei que seria um museu, sabem, porque o tempo todo vocês pensam: "ah, serão imagens da cela e por aí fora", vêm, eu pensei: "ah, se eu vos conseguir dar uma imagem da cela e por aí fora, em 140, responsabilidade, isso seria notável". Tal como vocês, gosto de inverter as coisas. Tal como vocês. Foi uma boa ideia.

Rose Crete: Oh, uma ideia adorável. É mesmo a tua cara, Frederick. E ficámos tão intrigados com isso, não conseguíamos compreender como é que a resposta e, possivelmente, não estava lá.

Fredrick: Bem, sabem, é um pequeno século, e eu pensei na mente, sempre, e pensei: "ah, creio que, sabem, apanho a sala, tudo", e ficou bastante bom, o que serve para vos mostrar como se pode fotografar o pensamento, vêm.

Rose Crete: Sim, e tens o dólar, o dólar, nunca aberto na sala das sessões, conseguiste apanhar isso.

Fredrick: Sim, pensei que seria diferente, para que não o confundissem com algumas fotografias extra que possam ter tirado há muito tempo, quando a porta estava fechada. Sim. Por isso pensei: "se a porta... creio que a porta está aberta, ah, então eles sabem que não pode ser nada [falso]", sabem. Sim. Tinha de ser diferente. Oh, céus. Por isso tive de pensar muito, agora o que é que está do outro lado da porta, sabem. Sim. Piano, ah, isso foi fácil.

Fredrick: Refiro-me à porta e a tudo o resto. De qualquer modo, conseguiste uma fotografia bastante boa.

Rose Crete: Sim.

Fredrick: Mas a minha cabeça, deves tê-la.

Rose Crete: Oh, e sim, tenho andado à procura dela. Não sei por que não está lá. Deve ser outro rolo daqui.

Fredrick: Sim. O jovem, ele é muito sensível. Tem bons temas. Sim. Mas devagar, sabes. Sim. Não estejas demasiado ansiosa, mas nós usamo-lo, experimentamos com ele da mesma forma. Ele vai ser um bom psíquico. Ele é, não é? Verás. Ah, como todos vós tendes medo? Oh, não penses que apenas deixamos acontecer. Nós reunimos tudo, devagar mas gradualmente. Sim. Sabes, não deixamos ninguém entrar num pequeno padrão a menos que sejam importantes. Vem e tenta. Doutor? Doutor?

Dr. Marshall: Hmm?

Fredrick: Diz-lhe algo. Eu sei disso. Perfeito.

Fredrick: A data desta gravação em fita é desconhecida. Médium: Leslie Flint; assistentes: Sr. George Wood e Sra. Betty Green; comunicador: Frederick Chopin.

Não sei se algo é realmente tarde ou manhã; o tempo é sempre a coisa mais complicada para nos situarmos quando entramos nas nossas condições. Temos sempre tendência a ser guiados por certas coisas; o tempo é sempre um problema. Não sabemos, às vezes é muito difícil dizer quando é demasiado — haverá algo mais do que o não saber? Bem, é apenas da vossa mente, do vosso género, e então ficamos por vezes confusos. Mas existe a possibilidade de nos ser dado bom dinheiro [recursos]. Estamos mais inclinados a ter o mesmo problema que tenho de resolver agora. Tu estás muito, diria eu, ambiciosa para publicar o livro. Com este passo, sentes-te mais tu própria? Sinto que esta gravação na máquina — tu chamas-lhes interessantes. É uma coisa magnífica, creio eu. Desejava realmente que fosse possível, à minha maneira, que isto fosse tão honesto. Temos estes instrumentos, mas na altura, claro, era diferente. Não tínhamos nada parecido com isto. Foi há não muito tempo agora. Vou disparar sobre eles. Disparar sobre eles. Disparar sobre eles.

Gostaria de ouvir algo de que precisaria de ter tido antes de fazer a gravação de música. Teria sido um trunfo tremendo, sabem, imaginem só também. Claro, já viram que a ciência fez uma descoberta maravilhosa. Provavelmente viste que o teu mundo mudou além de qualquer reconhecimento. As pessoas têm tal benefício hoje em dia. Frequentemente vemos pessoas no vosso mundo a queixarem-se da era moderna. Mas ela tem tantas bênçãos. Tantas bênçãos. É verdade que, nalguns aspetos, tendes muitas coisas que causam dano e preocupação e sofrimento. Isso faz-vos sentir muito infelizes. Há muitas compensações.

Quando falas sobre isto e aquilo, qual é a pergunta que te quero fazer? Como te encontras? O que estás a fazer agora? Tens, para mim, a questão: como passo, como passo para o outro lado — queres dizer como morri?

Fiquei muito surpreendido. Provavelmente tive muito bom, como dizes, conhecimento. Não tinha qualquer conhecimento de que não tinha nenhuma relação particular com [o divino]. Suponho que, na verdade, fui amável para com o bom. Receio ter sido um mau compatriota. Não tinha ideias sólidas sobre nada. Quando cheguei aqui, foi uma surpresa para mim. Encontrei tantos amigos, pessoas que conheci há anos, amigos que conheci quando era um menino pequeno. De todos eles, apenas me lembro que estava muito doente, a morrer ou não melhor. Os meus amigos, alguns dos meus amigos, estavam comigo. E gradualmente tudo pareceu afastar-se cada vez mais de mim. E, ao mesmo tempo, as coisas pareciam paradas; já não ouvia vozes, já não sabia como estar consciente de nada. Era como se estivesse à deriva, à deriva, para longe e para longe de tudo. Nada parecia real já. As coisas que tinham sido reais já não me pareciam reais.

E então comecei a ver a luz. Como se houvesse uma luz enorme. Primeiro foi como um pequeno brilho, uma pequena centelha. Depois tornou-se cada vez mais brilhante. E comecei a ouvir sons. E era música; começou a crescer e a crescer e a tornar-se mais alta. E era como se houvesse uma velha, velha orquestra, magnífica. E eu tentei ouvir — sabes, tu dizes — tentei ouvir que melodia era aquela. Parecia haver um sentimento que me fascinava. E eu não conseguia — não, não reconheci. Não era música a que eu estivesse habituado de todo. Estava além da minha compreensão. Era diferente, muito mais magnífica do que alguma vez ouvi.

E então pude ver que, se de repente comecei a estar consciente de estar num edifício magnífico, era um lugar tremendo. E todo o auditório, todo o lugar, repleto de gente. E havia uma cor magnífica, o lugar inteiro, para não ser confundido. Com cores magníficas, e no entanto era transparente, e eu conseguia ver através desta cor. E no entanto parecia que a estava a respirar no fim, como se toda esta cor me envolvesse. E estava a tornar-se, por assim dizer, viva. Não sei como explicar. Era tudo tremendo. Era matéria viva. E no entanto havia tal beleza, e era tudo harmonia ali.

Era difícil, impossível de descrever. E vejo este edifício magnífico, vivo com cor e vibração, e música. Gradualmente vejo indivíduos na massa de gente, de modo que conhecera alguns que tinham sido muito próximos de mim na minha juventude, entre a minha gente. Portanto foi maravilhoso. E então a música para, e a cor começou a tornar-se mais — como dizes — mais definida, porque antes tinha sido tão suave e tão maravilhosa; e então as cores pareceram fundir-se e tornar-se uma cor bela de — não sei como dizer — mas era como azul, mas era um azul diferente, fazendo o que eu alguma vez vi; muitas cores, parecia tudo uma igreja, e era tudo um azul perfeito, e tudo parecia refletir-se nesta luz; e as pessoas começaram a vir em minha direção, e eu senti a minha alma, o meu sangue e calor, e harmonia; e muitos indivíduos de quem eu não fazia ideia acolheram-me, e mostraram-me gradualmente — não sei como fazem isto — mas gradualmente foram capazes de iluminar a minha mente, suponho, de

modo que eu conseguia ver além das paredes deste edifício; parecia que eu os conhecia agora, numa só massa, a partir deste edifício as paredes pareciam desaparecer, e eu estava num tipo de lugar magnífico que era como os jardins da casa magnífica, com como que uma peça única, da casa maravilhosa, belos ovos pequenos [decorações?] e cores belas, e um lago belo, e a partir desta casa, lembrou-me um pouco de um sinal, novas fontes, e os pássaros, os animais; vi alguns veados e, ao longo de uma grande avenida, como que árvores que pareço estar a percorrer, com todas estas pessoas ao meu redor.

Porque se eu sei o momento, sinto como se fosse a algum lado, como se fosse para ser recebido, não sei; foi isso que me impressionou: que eu estava a ser transportado para este edifício. E lembro-me, conforme chego a ele, que havia muitos degraus, e pensei para mim: tornou-se, sabes, inteiro, era uma data de degraus para subir, sabes; e não me lembro de tocar com o pé, o pé tocar neste degrau de todo; ou era como se eu fosse transportado um a um e, no entanto, não era necessário esforço nenhum. Essa foi uma das coisas que mais me impressionou: sinto como se nada mais fosse um esforço, enquanto que anteriormente, quando estava na terra, tudo o que tinha de fazer era com tal esforço, era terrível; não conseguia fazer grande coisa durante muito tempo, tinha de descansar. Mas aqui sinto-me tão leve, tão diferente, tão cheio de vitalidade; nada era um esforço. E no entanto, na minha mente, ao ver estes degraus enormes, sabes, penso: oh, quantos degraus para subir; era ainda, suponho, a minha mentalidade da minha terra lá.

Mas comecei a perceber que já não era afetado pela doença ou por problemas com o meu corpo; era um corpo diferente, mas eu não o tinha visto, mas senti que era diferente. E estava ansioso por ver como eu era; estágio de quanto pensas que eu disse, a esgotar-se, sinto-me diferente, não tenho esforço, já não; pergunto-me se pareço diferente. E neste estágio, começo a perceber que a grande mudança viria para mim; e conforme chego a estes degraus, subo e subo, pelo menos degrau-a-degrau — como dizes — degraus, e chego a um grande edifício, vejo-o ao longe. À minha frente havia um grande pátio, com uma coisa enorme e grande ali, arco, e eu passo por ele, e sigo em frente para dentro deste edifício.

E era enorme, eu queria mover-me, e o chão era como — eu estava lá — era como pedra bela mas altamente polida, e de muitas cores. E havia quadros belíssimos por todo o lado, de pessoas, e eu olho conforme vou caminhando por aqui, como se devesse ser dirigido, sabem o que me mostram, é onde pareço saber para que lado tinha de ir; e conforme vou ao longo disto, de mim, de toda esta galeria, vejo estes quadros, e pensei: esta pessoa, creio que conheço; e reconheço muita gente destes quadros, por onde tenho passado há muito tempo, sabem, e penso nesta extensão.

Eu ainda não percebia plenamente tudo o que me tinha acontecido, e conforme vou avançando e avançando, e menciono, chego a uma sala de receção

e vejo muitas pessoas, e no fim desta sala havia como que um estrado, no tambor cruzado, dizes tu, ele entra, e eu aprendi, comigo, com alguns pés para cima, e estou a correr, e ele estava a descansar [vestido com] comentários belíssimos [vestes], ouro e manto púrpura. E o seu cabelo era lindo, era negro como azeviche e muito ondulado, e cortado rente ao ombro, e ele tinha olhos castanhos belíssimos, grandes e numerosos. E senti que estava na presença de alguém muito importante, uma pessoa maravilhosa, e aproximei-me disto. Senti como se estivesse a ser recebido por um polo [personagem/autoridade] ou algo assim; e esta pessoa veio em frente, e saudou-me, e acolheu-me, e disse-me que eu tinha sido trazido para esta esfera da música, e que ele seria o meu anfitrião de férias, que me estava a dar as boas-vindas em nome de todas aquelas pessoas, e que me seriam mostrados muitos sítios e seria apresentado a várias pessoas. Seria mostrada a minha casa, a qual seria nos terrenos deste lugar magnífico, e ali eu continuaria a fazer música e a estudar; foi como se eu estivesse a ser iniciado numa grande sociedade, que era de certa forma, ou como era, uma sociedade de artistas e músicos. Conheci todas as grandes pessoas: Michelangelo, ou tantas pessoas que foram grandes, Michelini, muita gente. Como estás? Muito interessante, sim.

Fredrick: Sabes, é extraordinário; não sabemos nada sobre nós próprios, não somos... somos muito profundos, como direi, apenas de passagem por algum lado, tal como é; em particular, não nos é permitido ir demasiado longe, passar é sensato. Sabes, encontro pessoas deste lado que estiveram associadas a mim quando estive lá, numa encarnação anterior. Lembro-me de que, há muito tempo, quando estava do outro lado, costumava discutir a possibilidade da reencarnação; não era uma teoria popular, não era algo que fosse considerado impossível, as pessoas não discutiam isto. As pessoas que conheço são religiosas, ou não religiosas; tinham aceitado o Cristianismo completamente conforme lhes tinha sido ensinado, ou tinham-se tornado não religiosas, ou religiosas; eram comuns, não tu, ou algo assim, mas havia grupos em Paris, sabes, eram muito interessantes, sabes, estes ismos, todas estas coisas estranhas.

E eu estava interessado até certo ponto, mas não tive muito tempo para me aprofundar nisso, sabes, não sabia muito sobre isso, mas os meus amigos em Paris costumavam discutir estas coisas; mas agora sei que, oh sim, não são almas novas. Gostamos talvez, às vezes, de pensar que somos almas novas. Gostamos de pensar que, bem, que nascemos e depois morremos, e que vivemos novamente no plano mais elevado e que estamos com Deus. Isso é também tudo muito simplificado; a vida é muito mais difícil num sentido, mais complexa, o que creio que a torna muito mais interessante. Estivemos cá muitas vezes antes disso, eu descubro; vivi muitas vezes, de formas diferentes. Vês, a minha vida, pessoas, tem sido uma progressão de passo em passo, de passo em passo, de passo em passo; e por vezes tem sido necessário regressar para ter de ganhar mais conhecimento, ou para realizar algum trabalho específico, sabes, ou para encontrar algumas pessoas para as ajudar nisso, pelo movimento.

Sabemos agora mais o quanto contribuímos uns para os outros; é tudo muito importante de perceber: que não vivemos sozinhos, vivemos uns pelos outros. Estamos sozinhos num sentido, sejam os corpos indiferentes, e estamos todos a contribuir com algo, uns para os outros. Na minha vida, na minha última encarnação, cheguei a construir nada na música, mas em outras vidas contribuí de outras formas. Mas não te posso contar tudo isto agora, mas sei que quanto mais velhos, mais espertos, menos se tornaram [egoístas], e é essencial que aprendamos pela rapidez disto; e o mundo é uma escola, na qual é essencial que aprendamos e também contribuamos para a aprendizagem de outras pessoas; e por vezes somos enviados de volta como professores.

E agora eu terminei, com o esforço que vem do ponto de vista de termos tido um corpo físico suficiente; eu ainda mantenho o elo, porque sinto que posso ser de serventia. Tento também ajudar vários músicos no vosso mundo que estão a lutar, que se estão a esforçar, que têm habilidade, que penso que talvez possam ser grandes, e tanto quanto possam contribuir com imenso para a vida, para a beleza da vida. E também, claro, tentamos a música também, para sugerir e dar algumas impressões e ideias que talvez não pudessem ser colocadas em palavras; sabes, a música e às vezes diz mais a uma pessoa do que as palavras.

A religião é algo, que é algo que está profundamente dentro de si próprio; há muitas coisas que não podes colocar em palavras, não podes descrever, não podes ler uma parte, as pessoas não sabem como escrever sobre isso. A verdadeira religião é algo que vem da alma e do homem interior, que não pode ser descrito ou analisado; para algo que tu fazes, que tu expressas, que é a parte de ti que é divina, que partiu, que é eterna, que não pode ser destruída, que é sempre viva através de toda a humanidade, através de um tempo; isto é a verdadeira religião, isto é a verdadeira religião, isto é a verdadeira realização, isto é o verdadeiro desenvolvimento e a alma da compreensão disso. Não é algo que algumas pessoas pensam que se pode colocar num livro, e que esse é o princípio do fim e nada existiu antes ou depois; isso é ignorância, que faz as pessoas dizerem estas coisas. Verdadeira religião, verdadeira compreensão da religião, verdadeira realização de si próprio, verdadeira realização da unidade de alguém com o divino e o propósito do plano; todas estas coisas estão além do espaço e do tempo, além dos livros, além das coisas que o homem pode dizer. Mas estas são coisas que em si mesmas são uma visão profunda, no interior, que pode ser expressa com o tempo, com a experiência, e não podemos fazer tudo numa só vida ou numa só era.

Existe música? Mestre, existe o suficiente para se espalhar por algum lado? Não é? Bem, de alguma não gosto e de outra não desgosto. Acho que há muitos aqui, portanto, a tentar sugerir, a tentar reproduzir coisas que são, propriamente — e em muitos casos — muito o produto deles; a época, sabes, a música, o génio... embora haja um número limitado de notas, é espantoso o que se pode fazer com elas; e pode-se reproduzir muitos sons e muitas experiências da alma

interior. E pode-se reproduzir também muito da adição de uma vida, ou a experiência de uma vida, ou a era.

Não gosto da maioria da vossa música moderna, mas, no entanto, respeito alguns que vejo que se esforçam por reproduzir algo que sentem intensamente, o que representa para eles o seu tempo e a sua época. Mas porque a verdadeira música, a música real, a grande música, é algo que está além do vosso mundo; vem do aspeto espiritual da vida, a realização da grandeza e da unidade dos deuses. A grande música é algo que nasce realmente num espírito; é reproduzida, talvez muito mal, no vosso mundo. Os grandes génios da música, seja de uma era ou de outra, eles são o que chamarias de reprodutores de certos aspetos do plano superior, rígido, em som, a aspiração do homem.

Tu vais ver que falta algo. Sim, estou a perguntar-me o que é diferente da arte; podes vir com mais disso, claro que é muito diferente. Por exemplo, temos muitos instrumentos que vós não possuís. Também nas plantas superiores, nas plantas de nível muito alto, podemos criar música sem instrumentos, pelo mero esforço do pensamento. Não poderia ser imperativo aqui? Um grande músico, por exemplo, pode completar e realizar toda uma obra sem o uso de um instrumento sequer. Ele pode, por assim dizer, e ele próprio criar todos os sons, a partir de si próprio; e em consequência, aqueles que estão sintonizados com os seus pensamentos e com ele próprio ouvirão a reprodução daquilo que o compositor criou. Vês, tu tornaste-te, de forma bastante natural — o que o mundo material te daria — e é difícil para ti passar; caso contrário, tornar-te-ás habituada a que tudo tenha de ser material. Precisas de uma pá para cavar um buraco, precisas de um corpo para tocar um corpo, com o corpo inteiro; portanto estes instrumentos são, em si mesmos, mecânicos; são coisas que foram construídas e cumpridas pelo homem para criar certas coisas para certos propósitos.

Aqui, percebemos que o pensamento é tão predominante e tão forte, que sabemos como usá-lo e como controlá-lo e como torná-lo, por assim dizer, algo que é muito fundamental, real e poderoso; podes criar som sem o auxílio de um instrumento. Podes criar uma forma dentro de ti própria, podes vibrar ali a harmonia e a atmosfera; podes criar música sem instrumento. Afinal de contas, tu pensas antes de falares; o teu pensamento está lá antes da palavra, antes do som. E aqui, os nossos pensamentos são tais que podem ser recebidos por aqueles que estão em harmonia connosco, na nossa vibração.

Afinal, podes fechar os olhos e há escuridão, e no entanto podes ver imagens; podes reconstruir ou construir coisas nas tuas próprias imaginações, ou nesta imaginação. Ninguém respondeu à pergunta: o que é a nossa imaginação? É uma realidade; aquilo que imaginas é por vezes mais real do que aquilo de que estás consciente. O homem no teu mundo, de certa forma — embora tenha uma coroa — em muitos aspetos, tremendamente, continua a ser ignorante do poder do espírito e do poder que é o ser humano. Tem sido dito a ti agora, e deveria

estar aberto para ti, mas poucas pessoas se dão ao trabalho de bater; estão contentes com aquilo que lhes foi dado.

Frequentemente aqueles que estão mais ansiosos por ver e saber são os mais ignorantes, porque não perceberão o poder que está dentro de si mesmos. Estão contentes, em muitos casos, em aceitar aquilo que lhes foi ensinado, ou aquilo que leram, e não procuram por si mesmos; não sabem. Há muitos que não têm de modo algum esse sentido aqui; pessoas muito bondosas, pessoas muito boas, pessoas muito honestas, pessoas muito felizes, mas são muito infantis. Ninguém se dá ao trabalho de se sentar em questão; mas qual é a tua questão de um piano, quando primeiro dizes o que eu nunca disse? A minha impressão de um piano, quando primeiro o digo aqui, foi a de que estava em casa, suponho; porque sem um piano eu era uma pessoa perdida; mas quando encontro um piano aqui e pude tocar, senti-me feliz. Parece exatamente o mesmo, que ao mesmo tempo parece ter um tom mais rico, mais belo, e não parece tão restrito, apenas limitado como parecia com o nosso coração [terreno]; mas porque isto foi contido, e o outro estado em si vem aqui para me fazer sentir feliz e para chegar a casa. Mas gradualmente, conforme comecei a perceber as possibilidades e capacidades aqui, então comecei a emergir, poder-se-ia dizer, e a tornar-me mais apto a fazer coisas maiores.

Vês, nós limitamo-nos por falta de conhecimento; recuperemos conhecimento, tornamo-nos menos vaidosos, e aquilo que começamos a fazer torna-se mais possível e, em consequência, torna-se muito maior. Embora seja maravilhoso, não percebes o quão maravilhoso é? Isto era o quê, onde não há limitações? Apenas as limitações que nós próprios impomos; nada é impossível. Tudo o que é chamado é possível, e pode tornar-se maior por causa dos nossos esforços. A tua palavra é restritiva, mas apenas é restritiva porque o homem a fez assim; na sua ignorância ele não vê, não percebe as capacidades ou possibilidades na tua palavra. Ele limita-se pelo pensamento material e pela ação em consequência; mas não há limite para o que o homem pode alcançar se for visto profunda e secundariamente, e certamente para o que vem no Espírito; o poder do Espírito vai tornar-se o que ele é. Como sabes, através dos milagres de Jesus e de outra forma de pensamentos; estas coisas que parecem restritivas e não o são; não há nada impossível se o homem tiver fé — fé no Criador e fé no poder que Ele nos dá. Estou muito feliz por poder vir aqui falar contigo. Muito obrigado novamente a ti.

Creet: Sim, por favor.

Fredrick: Não estou a tentar temer, embora tenha pensado que não havia dúvida, mas não vou gostar de falar abertamente de algumas destas coisas; mas não estou a tentar dizer-te o meu objetivo, porque não estou a tentar dizer-te o meu objetivo, mas continuo a desfrutar da natureza de algo por todos os meios em que apareço, ou quero sentar-me no caminho e deixar que as pessoas me peçam para o fazer, e olhar para o som que estou a pôr no som, na música, e em

algo como isto, em algo como o ruído; e na verdade gosto da música nessa ponte. O intermédio, sim, que vês, como essas coisas, faz uma bainha. Significa que, primeiro, significa que, no teu mundo, deves ser voltada para onde o diabo... deves conhecer o diabo, ou o piano, que é capaz, e os teus dedos devem estar habituados, devem estar flexíveis, e por aí fora. Isso vês dentro de ti própria, obviamente; esse é o desejo importante de ser criativa, de criar, e de criar; e quando vieres para aqui, longe do confinamento e limitação da carne, então saberás que criarás, e farás música, porque estás limitada no teu mundo por falta de experiência, e porque há uma mudança, tu não estás treinada, e todas estas coisas são limitadas.

Mas sabes, ainda assim, apesar de todas estas limitações, continua a não ser improvável, ou impossível para uma pessoa que nunca tocou piano, que não teve experiência; desde que tenham essa carne [vontade], podem ser usados, e poderiam ser controlados, e disseram a ti onde poderiam construir um piano, como um mestre. Vês, embora todos estes aspetos materiais sejam importantes, não são necessariamente sempre retrocessos, e às vezes as pessoas pensam que nada é impossível e, se alguém tem fé, então pode ser usado; mas não seria exatamente o mesmo, talvez, como ser a partir de ti própria.

Fredrick: Vês, existe esta forma de mediunidade que tu dizes: um médium pode ser controlado e usado, o que frequentemente acontece; tu podes ser controlada, de certa forma, para tocar um piano, mas continuarias a não ser tu própria, percebes o que quero dizer. Quando vieres para aqui, se tiveres este desejo — e parece que o tens —, então ser-te-á ensinada música, música, e serás capaz de tocar, mas ainda terás de passar pelas várias fases. Não há uma regra certa e rápida, como se diz, para o sucesso. Tudo deve ser feito gradualmente. Tudo deve ser feito, sabes. Devemos sofrer para ganhar. De qualquer modo, devo ir, porque tiveste um fim de semana, mas foi uma alegria para mim vir ter contigo. Desejo-te que tenhas um trilho e que tenhas um autocarro... podes ter um fato de preto no céu. N-nunca...

Fredrick: Vês, tens de te lembrar — até perceberes quando vens para aqui — que uma das primeiras coisas que penso que percebes é que, pela primeiríssima vez, podes ser visto completamente como realmente és por toda a gente. Por outras palavras, já não podes manter a fachada falsa ou os padrões; não podes ter de te tornar um relance [aparência] que a terra permite.

Creet: Sim.

Fredrick: Por exemplo, uma pessoa na terra pode fazer tudo com as aparências, ser uma pessoa muito agradável, mas isso pode ser parcialmente falso porque ela pode ser bastante diferente por baixo. Aqui podes fazer isso; aqui és verdadeiramente vista pelo teu verdadeiro eu. E é um grande choque para uma pessoa quando começa a perceber que as pessoas conseguem ver dentro dela e conhecê-la como ela é verdadeiramente e, em consequência, a pessoa média

depressa começa a perceber que há muita necessidade de mudança; começam a ver-se a si mesmas.

Creet: Sim, sim.

Fredrick: E ficam muito conscientes de si mesmas. Ora, uma pessoa pode estar consciente de si própria do ponto de vista de querer ser diferente porque está enojada ou infeliz com o que vê. Ou uma pessoa pode estar bastante feliz com o que vê em si mesma. Por isso, nalgumas esferas, encontras pessoas que não estão de todo perturbadas consigo mesmas. Elas gostam de si mesmas. Sabes, há pessoas no teu mundo que se conhecem, por assim dizer, e estão bastante satisfeitas consigo mesmas e não querem particularmente ser diferentes. Sabem que são más em muitos aspetos, mas não querem necessariamente ser diferentes. Pensam que é uma coisa boa, por vezes, ser como são. Pensam que é uma proteção para si mesmas contra outras pessoas que se aproveitariam delas. Orgulham-se de ser duras, sabes.

Quando encontras pessoas que só chegam aqui e que ainda retêm essa atitude em certas esferas próximas da terra, por vezes não mudam durante muito tempo; leva-lhes muito tempo a perceber que devem mudar se quiserem avançar. As pessoas vivem no tipo de mundo que elas próprias criam; isso aplica-se ao teu mundo em grande medida. É verdade que vives num tipo de mundo que foi criado por gerações de pessoas e, em consequência, sofres por todas as más ações de pessoas que foram injustas ou desleais e assim por diante. Quero dizer, as circunstâncias da tua vida terrena são como são por causa das pessoas que as criaram como tal.

Quem é inocente sofre mais do que o culpado, em consequência, porque quanto mais sincera a pessoa é, quanto mais sensível a pessoa é, quanto mais bondosa a pessoa é, obviamente mais difícil será para ela ser feliz e ser compreendida. Mas aquelas pessoas aqui que são assim, automaticamente — pela sua própria natureza e pelo sentimento intenso que têm dentro de si pelos outros, pelo bem da humanidade — isso em si, poder-se-ia dizer, é a própria essência do início, se preferires, de uma existência mais feliz. Automaticamente elas tornam possível para si mesmas encontrar uma existência mais feliz porque entrarão num estado de ser que é tão parecido com elas próprias, aquilo que elas querem, aquilo que desejam. Elas vêm de um mundo de crueldade, vêm de um mundo de intolerância e vêm de um mundo onde as coisas materiais são consideradas mais importantes do que as coisas da mente, do espírito e do coração; e, em consequência, entrarão automaticamente nas condições que elas próprias teriam desejado que a terra tivesse e não teve, mas entrarão nas condições aqui que elas próprias criaram e desejaram a partir do seu interior; pois tudo depende inteiramente do indivíduo quanto à receção que recebeu e à condição de vida em que entra.

Fredrick: Eu sou o Frederick, não sei. Boa tarde para ti.

Creet: Boa tarde. Boa tarde. É o Frederick. És tu?

Fredrick: Olá, não sei se me consegues ouvir.

Creet: Consigo ouvir-te.

Fredrick: Bem. Consigo ouvir agora. Às vezes sei que deveria saber se é... porque me ouves devidamente, sei que tenho de saber.

Creet: Sim, consigo ouvir-te claramente.

Fredrick: Bem.

Creet: Cada palavra.

Fredrick: Às vezes pareço ser capaz de fazer melhor. Aproximo-me mais, suponho, de alguma forma.

Creet: Sim. Sou sensível e emocional sobre isso, também. Mas posso dizer-te que estás muito claro. Consigo ouvir cada palavra.

Fredrick: Bem. Vamos continuar a nossa conversa?

Creet: Está bem, continuamos a conversa.

Fredrick: Ouve-me. Ouve-me.

Creet: Sim.

Fredrick: Espero que não tenhas nenhuns instrumentos de sopro e tambores aí. Sabes, sinfonia? Tu fazes uma pausa.

Creet: Oh, não os suporto.

Fredrick: Porquê?

Creet: Oh, acho-os horríveis. Não são nada musicais.

Fredrick: Oh céus, agora não vamos ter uma zanga.

Creet: Sim, porquê? Tens de os incluir?

Fredrick: Sabes que por vezes o trabalho precisa que os metais entrem. Ocasionalmente servem para notar ou retratar algo, sabes?

Creet: Sim, talvez, mas apenas por um compasso ou dois.

Fredrick: Está bem, melhor. Às vezes tem de ser mais do que um compasso ou dois. Tens de fazer mais alguma coisa, não é?

Creet: Não, nada disso, melhor.

Fredrick: Sabes, é assim.

Creet: Oh, tu és uma pessoa difícil.

Fredrick: Certo. Agora e se eu não o fizer? Certo. Bem, eu acho que os instrumentos de metal, embora eu não seja assim tão fã, digo que às vezes são essenciais. Se tiveres de retratar algo de natureza marcial, é muito útil.

Creet: Sim, mas não no tipo de música que tu compões.

Fredrick: Oh, às vezes, quando se está a retratar emoções humanas e todos os tipos de pessoas e situações, tem de se retratar as coisas de tal forma que tenham de ser simbolizadas e tudo o mais. E às vezes é necessário estarem nos metais.

Creet: Oh, sim. E isso, sim.

Fredrick: Bem, há pouco disseste que não gostavas. Educação nos meus ouvidos marciais.

Creet: Oh, pensei que tinhas dito que não.

Fredrick: Creio que disse que não. Sim. E nisto estou apenas a brincar. Lamento. Disseste?

Creet: Sim. Não há metais na tua...

Fredrick: Não. Favoritos especiais. O que achas? Não, não sou. Sou um piano. Pacientemente um piano.

Creet: Oh, sim. O que queres fazer? Tornar tudo um piano?

Fredrick: Não.

Creet: Um piano?

Fredrick: Não.

Creet: Um piano? Violinos?

Fredrick: Olá. Dá-me uma lista completa dos instrumentos que devo usar.

Creet: Não, Frederick. Eu não sairia daí. Não. Não me atreveria.

Fredrick: Mas eu não uso a maioria dos instrumentos. Não. Suponho que seja uma essência, de certa forma, que às vezes eu deva usar os címbalos nos dormitórios e no vazio. Pois os címbalos estão bem.

Creet: Bem, tu estás cheia deles.

Fredrick: Bem. Lembrar-me-ei disso na minha próxima obra.

Creet: Tu és um cliente muito difícil.

Fredrick: Hein?

Creet: Queres ser um cliente difícil. Certo. Não vou apenas...

Creet: Não, estou apenas a dar-te a minha opinião.

Fredrick: Sabes até isso. Aprecio a tua opinião de que às vezes devemos lidar com coisas para podermos fazer o meu... Sim. Se eu quiser obter a dissonância, às vezes tenho de usar apenas metais.

Creet: Oh, a tua dissonância. Oh, maravilhosa na tua música. Sei que isso é a vida. E não é tudo fácil, fluido e harmonioso.

Fredrick: Não, eu sei. Deves ter a dissonância para representar as várias naturezas dissonantes na humanidade.

Creet: Ah, sim. Mas tu és tão suave com ela. Às vezes tenho discutido que tu percebeste essa dissonância...

Fredrick: É isso mesmo, sim.

Creet: ...que ocasionalmente têm de ser muito ásperas, mas nem sempre.

Fredrick: Tenho de a elaborar cuidadosamente. Passo por uma peça centenas de vezes até estar satisfeito.

Creet: Sim. Bem, aqui estamos nós. Aqui estamos nós. Ou podes continuar a ensinar-me.

Fredrick: Não te posso ensinar muito.

Creet: O quê? Talvez tu me possas ensinar algo.

Fredrick: Não, não posso dizer nada. Ou podes ensinar-me muitas coisas, tais como o que não fazer na música.

Creet: Oh, não sejas sarcástico, mas tenho de dizer, sabes, estás sempre a pregar-me partidas. Consigo perceber pelo tom da tua voz. Quando perco, dizes que gostavas de ser mais alto. Por isso continuo a tentar pregar-te partidas com isso. Isso tem sido o bordão da minha vida. Se eu não tivesse cerca de mais cinco ou seis polegadas de altura, teria sido muito bom, mas ainda assim adoro-te a ti própria agora. Não sei do que te queixas. Sabes, estou contigo há muito tempo.

Fredrick: Sim, já não me estou a queixar mais por ti. Estás bem como estás.

Creet: Sim. Olha como as pessoas são bondosas e atenciosas. Oh, Mamã, é apenas isto. Sabes, eu abro caminho para ti. Todos te mostram o que tu... sabes, vêm descobrir por ti própria.

Fredrick: Sim, eu sei. Eu venho e passo tudo isto contigo.

Creet: Vens?

Fredrick: Na outra noite, quando te sentaste ao piano e te sentias desesperada, e percorreste as teclas, sabes, como uma maníaca.

Creet: Sim.

Fredrick: Oh, eu acalmo-te com a minha música. É horrível. Sabes, às vezes sobes num vapor [ficas exaltada] e desces como um animal.

Creet: Sim. Não é isso. Foi muito agradável. Na outra noite. Certo. Tu andavas de um lado para o outro, não sabias o que fazer contigo, exceto que estavas tão zangada, mas pensaste que te podias desforrar, sabes.

Fredrick: Sim.

Creet: E ficaste a olhar e pensaste no piano, e murmuraste algo entre dentes, e gradualmente ficaste calma.

Frederick: E então tu pensas: "Ah, isto é uma tolice". Tu sabes melhor. E sentes isso tão profundamente dentro de ti, porque sentes que não devias ter dito o que disseste, e ages de forma diferente, sabes.

Creet: Sim, isso é bem verdade para ti. Eu sei.

Frederick: Oh, tu estavas lá. Eu estava lá. A minha música ajudou-te, eu sei.

Creet: Sim. Mas tu sabes. Fui direta para um dos meus [estudos] e senti-me mais calma. Tu sabes, às vezes...

Frederick: Sim. É melhor não dizer nada, ou então dizer algo que seja útil.

Creet: Ah, mas Frederick, é muito difícil se continuares a não dizer nada e as pessoas simplesmente passarem por cima de ti, não é... Eu soube disso durante tanto tempo, mas tu não percebes tanto as coisas na terra agora.

Frederick: Eu sei. Não vou permitir que a minha personalidade seja completamente apagada. Não, eu sei, não sugiro que mostres isso, ah, não sei. Acho que às vezes, sabes... a vida, ah, embora eu saiba que não podes evitá-lo, mas a vida é muito mais simples do que talvez possas perceber. Não é tão difícil e complexa como às vezes pensas.

Creet: Sim, mas se as pessoas ao menos te permitissem perceber isso; o problema é que estás sempre a bater de frente com as pessoas o tempo todo, não há como evitar.

Frederick: Não gostamos de te ver perturbada.

Creet: Sim. Mas eu sei, certo? Nunca fico perturbada por muito tempo, sabes?

Frederick: Eu sei. Eu sei que és como, sabes, o vapor a subir.

Creet: Sim. Sério? Quem é que acalma rapidamente? Eu faço isso. Lamento que tenhas visto isso.

Frederick: Eu não faria isso. Não, não faria. Lamento, por acaso estava lá na altura, estive presente todo o tempo, lá dentro ao mesmo tempo; os espelhos, sabes, misturados, e então vais direta para mim, e então a música pode ajudar-te.

Creet: Sim. Dá-me uma grande felicidade saber isso.

Frederick: Porque sei que deve haver milhares de pessoas como tu, cujas vidas são difíceis e complexas, mas que são altamente inteligentes na música, e isso ajuda-as.

Creet: Em todo o lado onde vou, a qualquer uma destas lojas de música, qualquer coisa que peça sobre livros de música, eles são todos loucos por ti.

Frederick: Muito obrigado.

Creet: São mesmo. Eles tocam. É maravilhoso de ouvir. E, claro, eu escrevo sobre isto. Tu às vezes ficas tão exaltado, como se diz, excitado?

Frederick: Sim. Bem, a única coisa é, sabes, apenas muito fresco, em choque; eles aumentaram o preço?

Creet: Não, eles não fazem isso. Eles chegam a isso. Não. Eu escrevo sobre o teu livro maravilhoso que saiu no Royal Sword.

Frederick: Um livro? A minha vida?

Creet: Sim. As diferentes vidas que levaste.

Frederick: Oh, não sei sobre isso. São algumas coisas constantes no meu livro. Bem, deve ser muito interessante. Espera-se que esteja no registo. Mas como pode alguém escrever a vida de uma pessoa quando não conheceu a pessoa e não andou com ela o tempo todo? Juntam alguns factos nesta coisa e comemos muitas coisas que não são verdadeiras.

Creet: Sim, eu sei. Mas eu percebo isso. Não me preocupo com o que leio. Foi difícil de implementar anteriormente.

Frederick: Sim. Mas para mim, só havia uma coisa que realmente importava. Essa é a resposta à minha música. Sobre? A minha música era a única coisa que realmente me importava.

Creet: Sim.

Frederick: Tenho momentos, três ou dez momentos de felicidade. Sim. E algumas das minhas melhores músicas foram compostas nessa altura. Mas às vezes penso que as minhas melhores foram compostas quando eu estava mais infeliz. Mas eram memórias passadas. Por que dirias que estou feliz, certo? Porque eu sabia que não poderia ser.

Creet: Fazer o quê?

Frederick: Eu não poderia ser. Como se diz. Eu não poderia viver uma vida normal. Não conseguia encontrar a felicidade. Sabia que não poderia viver assim tanto tempo.

Creet: Tu sabias disso?

Frederick: Eu sabia, mas não podia dizer. Sempre soube que a minha cabeça não tornaria possível eu ter uma vida longa. Estava sempre a sentir a coisa certa, a compor. Sabes?

Creet: Certo.

Frederick: Tinha tanto que queria fazer.

Creet: Sim.

Frederick: E pouco tempo para o fazer. E há muitas distrações. E como é que dou o concerto? Era barato porque eu precisava do dinheiro.

Creet: Sim. Oh, e depois?

Frederick: E depois, muitas vezes, não recebia aquilo pelo qual trabalhava. Não. Alguém tem de ter isso em casa. Tu não tiveste um para seres, como tiveste muitos, em Paris. Tinhas muitos filhos, tinhas muita riqueza.

Creet: Sim, eu sei, mas digo que alguém tem de ter um picles [referindo-se talvez a uma dificuldade ou algo conservado] porque ajuda a assentar na música e ajuda-te a tornar possível, sabes? O futuro daquela época. De qualquer modo, isso já passou, Frederick.

Frederick: Oh, já passou tudo. Eu não me preocupo com Frederick. Tenho-te a ti agora. Falemos de ti, Ty. Porque sei que estás interessada.

Creet: O quê? Sim. Isso não te deixa triste nem nada, pois não?

Frederick: Não. O que pensarias que é isso? Isso é demais. Conta-me sobre ti agora. Fora da minha vida.

Creet: Sim.

Frederick: Oh, diferente. Não há necessidade de preocupação agora. Mas qualquer coisa. Tenho completado os controlos. E tenho visto que um é crucial. E estou no meu próprio caminho. Devo possuir. Sim. E tenho o meu próprio salão. Uso-o. Mas sabes, tenho um grande vestido. Sabes? E muitos músicos reúnem-se. E discutimos música. E compomos. E tocamos as composições. Um para o outro. Comentamos. Aceitamos conselhos, às vezes, uns dos outros. Não serve para interferir no esforço pessoal de cada um, mas para obter novas ideias. E vamos juntos, às vezes em grupos, visitar vários lugares. E ouvir música, composta em campos diferentes.

Creet: Sim.

Frederick: Uma revelação, pois cada esfera tem a sua própria música, de acordo com a sua própria condição. E o que seria correto numa esfera não seria correto noutra. Pois não seria correto. Não soaria bem. Mas é interessante que seja assim.

Creet: Oh, isso deve ser muito interessante.

Frederick: É muito extraordinário como não se pode... a nossa própria música, por exemplo, não pode ser ouvida nem em segundas esferas. Pois está além da compreensão das pessoas que habitam essa condição. Ou está sobre elas, além delas, completamente; para a minha experiência, os princípios estabelecidos na música que eu queria escrever na terra.

Creet: Sim.

Frederick: O que não fui capaz de fazer. Uma razão pela qual me tornava tão impaciente comigo próprio. Porque na minha mente, acredito na minha mente, conseguia ouvir sons que, normalmente, não conseguia ouvir. E tentei trazer coisas no piano que eram impossíveis. E é por vezes que a minha música é talvez demasiado difícil para as pessoas; não só me sentia e pensava de forma diferente, sim, mais diferentemente do que qualquer outro músico, mas eu sei, nenhum do meu trabalho, ou muito pouco do meu trabalho, é comparável a qualquer outro músico. É completamente diferente, e na sua forma e em todos os aspetos.

Creet: Sim.

Frederick: É uma técnica e execução completamente diferente, que ninguém, tanto quanto sei, alguma vez tinha tentado. É completamente único. Embora diga isto para mim próprio, é sem qualquer orgulho.

Creet: Sim. E trouxeste o uso dos pedais. Foste tu, não foste?

Frederick: Bem, usei os pedais talvez mais do que qualquer um imagina. Sim. E vejo a importância dos pedais. Sim. Os pedais, claro, nos outros pianos, não eram bem os mesmos que são no teu piano hoje. E tenho o meu próprio piano lá fora. Sim. Como é que te explico estas coisas? Não sei. Além disso, sabes, é muito importante quando tocas a minha música, obter o tom correto, ter o piano aberto.

Creet: Sim.

Frederick: Isso não te parece viável.

Creet: Oh, sim. Queres dizer, bem aberto, o topo aberto?

Frederick: Sim. Sim. Sabes, o piano, como sabes, o tom, sim. É difícil, às vezes, até para os pianistas surdos do teu lado, que têm expoentes muito experientes e bons, obter o tom correto no piano, o que é a razão pela qual, se uma questão é muito... encontrar palavras para isto. Tudo depende, creio,

principalmente de como tocam, com os dedos. A diferença agora, estou a pensar em algo, não o Rubinstein, que supostamente é um pianista maravilhoso, ele é, mas ouvi-o tocar o teu Scherzo, e aquele em Si bemol. Não sei o que ele lhe faz. Parece usar o pedal o tempo todo, está tudo baralhado, e é rápido demais. É como um tornado. Não gosto nada. Talvez eu tenha dado a sua impressão, o meu trabalho, como devíamos tocar, mas acredito que não está a chegar.

Creet: Sim, Frederick, o trabalho tem de ser muito, muito claro, não é? Cada nota deve ser clara. Não é bom correr as notas, uma para dentro da outra. Cada nota é individual.

Frederick: Bem, acho que o uso do pedal dele ali está errado. Boas notícias, o uso do pedal. É uma má gravação, Dean. Não sei. Não estou tão interessado na envergadura de ninguém, embora saiba que ele foi, o que disseste, um expoente muito grande, pelo menos. Foi concebido como um grande expoente do meu trabalho e foi um bom amigo para mim.

Creet: Quem?

Frederick: Mas nesta necessidade, tentou e fez certas coisas por mim.

Creet: Quem era esse?

Frederick: Estou a falar de coisas por que passo.

Creet: Oh, sim?

Frederick: Desde que passei para aqui. Sim. É interessante, não pela minha música. Ele executava bastante bem às vezes, especialmente nos seus primeiros anos.

Creet: Estás a falar de quem estás a falar?

Frederick: Vou apenas dizer. Oh, não esse Rubinstein. Este é Anton Minion [referindo-se provavelmente a Anton Rubinstein, pianista e compositor russo]. Assim, assim.

Creet: Oh, sim. Oh, sim. Ele era um pianista maravilhoso, não era?

Frederick: Sim. Primeiramente, tu não o conheces.

Creet: Nunca o ouvi. Não me dizes quem? Este é o Arthur.

Fredrick: Não me refiro a ele. De qualquer modo, já que falas dele... Tens tanto para me contar, tenho a certeza. Estou apenas a ouvir os meus ouvidos, não sei. Vês algo disto para ti, Patrick? Somos bons amigos.

Creet: Vocês são.

Fredrick: Mas ele já não é membro da igreja. Não. E, em consequência, a música dele é muito melhor. Sim. Ele não é suficientemente lúgubre. Ele é muito hipnótico e cheio de amor. Ele é uma pessoa maravilhosa. A música dele cresceu. Não é tão confinada. Pelo menos, eu costumava pensar que era tão confinada. Mas eu era preconceituoso. Não quero dizer isso. Não sei. Mas o Minion é um grande amigo, claro. E, Minion...

Creet: Oh, sim.

Fredrick: Ele é um grande amigo meu. Costumava vir ter comigo, um empresário, um amigo meu. Sim. Ele abriu o caminho para mim, como se diz. Sim, abriu. Embora eu estivesse contigo num sentido, eu tinha estado em contacto contigo durante muitos anos. Mas, bem, ele foi capaz de estabelecer o contacto na sua presença. Foi ele quem me abriu a porta. Sim. Se fores ler as tuas notas, verás que é assim.

Creet: Sim, é verdade. Oh, esta mecha de cabelo é o que precisas.

Fredrick: Sim. Quem me dera não ta ter prometido. Não percebi quão diferente... Não me preocupo com isso. Não importa realmente. Mas quero que algo teu seja... Então poderemos ir a Nova Iorque e ver o que podemos fazer. Será a primeira ligação. Sim. No sentido material, se eu o completar assim. Sim. Envia-me um superior. Isso seria maravilhoso. Tenho grandes esperanças. Sim. Sabes, não gosto de prometer de certa forma, e no entanto quero dar-te a convicção. Sei que tens convicção. Quero dar-te de tal forma que possas responder a todos os teus críticos.

Sim. Quando eles estiverem familiarizados contigo, ela interessa-se pela comida dietética e pensa para si mesma: "talvez eu não pense nisso". Dar-te-ei tais provas que ela ficará assustada.

Creet: Quem é essa?

Fredrick: Oh, a senhora, ela é uma mulher muito talentosa, mas a grande... extraordinariamente, ela é teimosa e como se diz... O que dizes, quão ingénuo sou por ter de pensar nisso. Como um dos teus poetas. Não, não, não os teus poemas. Para os dedos de faca. Ah, e os hóspedes. Eu vejo-os. E os hóspedes, não creio que... bem, não os acolho para fazerem isto. Sabes, ela está ali, oh, eu encontro a maneira como o farão. Ela tinha medo de comer. Sim. Ela não deve fazer nada a menos que um juiz diga que o pode fazer. Eu sei. Não é fantástico como se tem tanta pena dela, mas ela não o consegue evitar. E a própria vida dela. Mas ela também. Não estou muito interessado nela.

Creet: A tua mãe?

Fredrick: Bem, quero dizer, gosto de pessoas idosas sobre a mãe dela. E ela está, à sua maneira, em colisão com ela. Não creio que ela compreenda a minha música. Não. Não é para ela. Não, não suporto a dor dela. Tu gostas do exuberante, sabes? Sim. Do óbvio. Sim. E eu estive no exuberante ou no óbvio, mas isto, não creio. Não. Passa adiante. Eu tenho subtileza. Espero. Se gostas disso, não há grande música. Qualquer tolo que consiga compreender algo que fazes, bate neles assim. Não. Não. Mas em muitos dos livros que leio, dizem que eras um mestre completo. Sabes, ninguém era capaz de te tocar nas composições ou na execução.

Fredrick: Eu era um mestre do piano e nunca fui o menos [importante]. Bem, fico tão excitada quando leio esses trechos. Não. Mas vou fazer de ti uma excelente pianista.

Creet: Ah, oh, de novo.

Fredrick: E vais executar a minha obra. E o que é mais importante: vais executar as minhas novas obras.

Creet: Como?

Fredrick: Podes estar [connosco] quando eu for lá. Sim. Oh, o que pensas? Vais fazê-lo do teu lado.

Creet: Oh.

Fredrick: Não, minha criança. Não é possível. Não. Mas em muitas coisas, sou possível. Estou pronto. Dizes para ti mesma: "ah, estou terminada". Sabes, não é assim. Estás apenas a começar.

Creet: Espero que sejas muito rigoroso comigo, não és?

Fredrick: Não. Não sou rigoroso porque nada se obtém [assim]. O esforço que vale a pena é demasiado. Rigor, notícias, sempre. Bondade e simpatia. Afinal de contas, é a tua grande paixão e o teu desejo de ser capaz de tocar música, a minha música. Sim. E se eu não o pudesse alcançar, adoraria. De qualquer outra forma com os desesperados. Sim. Cada criança que foi ensinada com tanto rigor e obrigada a fazer as coisas, pode tornar-se uma boa técnica, mas não tem alma. Pois isso tem de vir de dentro; sem isso não pode haver progresso.

Creet: Sabes, é exatamente como eras quando estavas na terra com os teus alunos. Deve-se ser sempre bondoso.

Fredrick: Sim. E se a inclinação e o amor, o desejo, não estiverem lá, então não os sigo. Está correto?

Creet: Sim, está correto.

Fredrick: Eu afastar-me-ei e direi ao par: não. Não te terei, por muito que precise de ti. É isso mesmo. Pegas no teu filho, deixas que ele se torne um pintor ou algo assim, mas não um músico; o coração dele não é único. Sim, é bem verdade. Oh. Bem, dizes que não estou a receber estas provas. Adoro-as, provas. Isso não era um caminho. Sim, as nossas provas. Sim. É por isso que estou tão ansioso por saber que não vais deixar este médium ir embora e não fazer nada sobre nós. Eu, sabes.

Creet: Não, ele não conta. Ele é ignorante, e Deus...

Fredrick: O quê? Ele é o quê?

Creet: Ele sabe.

Fredrick: Sim. Ele não sabe nada sobre ti. Ele sabe que às vezes é preciso apanhar alguém que é tão ignorante. Mas ele é muito doce, sabes.

Creet: Com certeza, isso é muito doce. Certo.

Fredrick: Tenho querido não saber nada sobre música, especialmente a minha música.

Creet: Não, ele não sabe. Ele não conta nada de todo. E quando ele for a Nova Iorque, será uma nova revelação para ele.

Fredrick: Será. Creio que voltará. Sim. Chegaremos lá. Se isto for o Zoom, estou interessado em saber como o grupo se senta. Sabes, como o grupo trabalhou em conjunto. Oh. É algo de que não posso falar. É algo que espero que deva estar a acontecer no Zoom ali. Sim. Só gostaria que fosses com ele para partilhar. Sim. Que no próximo ano, espero que tenhas oportunidades especiais. E todas estas coisas. Elas virão. Mas devemos ir passo a passo. É como construir uma grande sinfonia. Tens um bocadinho, sabes, importante. Sim. E cada parte tem de criar um todo. Ou vens e falas comigo de novo quando escolheres, apenas como se viesses na segunda-feira. Hein?

Creet: Segunda-feira. Bom. Virias?

Fredrick: Então, claro, eu não seria como tu. Se não pudesse vir, não seria culpa minha. Sim. Mas eu devo vir. Devo ir.

Creet: Oh, agradeço-te muito.

Fredrick: Eu virei. Eu virei. Eu virei. Eu virei. Eu virei. Adeus, Mickey. Marley. Ah. O que seria a velhice? A Marley Rose. Eu sei. O que importa no nome não é chamado. Acho que Marley te assenta mais do que a ele.

Creet: Achas?

Fredrick: Sim, Marley Rose. Bye-bye.

Creet: Bye-bye, querido. Está bem.